

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DANIEL LUCIANO GEVEHR

PELOS CAMINHOS DE JACOBINA:
MEMÓRIAS E SENTIMENTOS (RES)SIGNIFICADOS

SÃO LEOPOLDO/RS

2007

DANIEL LUCIANO GEVEHR

**PELOS CAMINHOS DE JACOBINA:
MEMÓRIAS E SENTIMENTOS (RES)SIGNIFICADOS**

**TESE APRESENTADA À
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
DOUTOR EM HISTÓRIA**

**ORIENTADORA:
PROF^A. DR^A. ELIANE CRISTINA DECKMANN FLECK**

**SÃO LEOPOLDO/RS
2007**

FICHA CATALOGRÁFICA

94(816.5) Gevehr, Daniel Luciano.
G396p Pelos caminhos de Jacobina : memórias e sentimentos (res)significados [manuscrito] / Daniel Luciano Gevehr. – São Leopoldo: 2007.
286 f. , enc.

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2007.

1. RS – História. 2. Sapiranga, RS – História. 3. RS – Imigração alemã. 4. Movimentos messiânicos - Mucker. I. Título.

Catlogação na publicação:
Priscila Fernandes Medeiros – CRB-10/1399

FOLHA DE APROVAÇÃO

DANIEL LUCIANO GEVEHR

**PELOS CAMINHOS DE JACOBINA:
MEMÓRIAS E SENTIMENTOS (RES)SIGNIFICADOS**

**TESE APRESENTADA À
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
DOUTOR EM HISTÓRIA**

APROVADO EM 21 DE SETEMBRO DE 2007.

BANCA EXAMINADORA

DRA. MARIA LUCIA DE SOUZA RANGEL RICCI - UNICAMP

DRA. JOANA MARIA PEDRO - UFSC

DRA. ELIANE C. D. FLECK (ORIENTADORA) - UNISINOS

DRA. ELOÍSA H. C. DA LUZ RAMOS - UNISINOS

DR. MARTIN NORBERTO DREHER - UNISINOS

*Dedico este trabalho aos meus pais
Delmar Egon Gevehr e Iria Roennau Gevehr.
Ensinaram-me as verdadeiras lições da escola da vida!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais pelo dom da vida. Seus exemplos de vida são fonte de inspiração para esta conquista.

À CAPES pela bolsa de estudos que me permitiu realizar esta pesquisa.

Ao Professor Doutor Marcos Justo Tramontini (in memoriam), que incentivou e orientou os primeiros passos desta pesquisa. Sua paixão pela vida e pela história me fez ver que valores como caráter, simplicidade e amor à vida fazem toda a diferença.

De forma muito especial, à minha orientadora, Professora Doutora Eliane Cristina Deckmann Fleck, pela arte de ensinar. Nesta caminhada pelos meandros da história, sua presença constante foi indispensável. Agradeço, de coração, pela sinceridade, pelo carinho, pela compreensão e pela leitura de lupa. Sem isso não teria conseguido viajar pelos caminhos de Jacobina. Sempre carregarei seu exemplo comigo!

À Professora Doutora Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos que me mostrou a paixão pelos estudos das representações sociais. Nesta caminhada, que se iniciou na realização do mestrado, foi com quem sempre pude contar. Obrigado pelo sorriso e pelo diálogo através do qual fizemos Jacobina reviver.

Ao Professor Doutor Martin Norberto Dreher, profundo conhecedor da história da imigração no sul do Brasil. Suas críticas e sugestões me fizeram repensar muitas das verdades que trazia comigo nesta caminhada. Obrigado pelo incentivo dispensado àqueles que ainda se interessam pelas histórias da colônia.

Com imenso carinho, à minha grande e inseparável amiga Adriana – irmã de alma. Sua presença faz toda diferença em minha vida. Mostrou-me, através da sinceridade e da alegria, que a vida só vale a pena se for vivida em sua plenitude. Obrigado por poder fazer parte da sua vida e da sua família.

As pessoas muito especiais em minha vida: a Beth – alma pura e cheia de amor, o Eduardo, o Fábio e o Francisco. Amizades assim são para se guardar dentro do coração!

A Mari - pessoa de rara sensibilidade - pela amizade verdadeira. Tua presença nessa caminhada fez toda diferença. Em muitos momentos foi quem me segurou firme!

Aos meus colegas das Faculdades de Taquara – FACCAT. Agradeço de forma carinhosa aos meus alunos dos Cursos de História e de Turismo, com os quais muitas vezes dialoguei sobre a Tese e que me trouxeram detalhes e informações sobre a história da colônia.

Aos meus colegas e alunos da Instituição Evangélica de Novo Hamburgo – IENH – Unidade Fundação Evangélica pela força e pelo apoio que me fizeram ir adiante.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS que me ensinaram o que é fazer história. De uma forma especial, agradeço aos sábios ensinamentos da Professora Doutora Beatriz Vasconcellos Franzen, cujo exemplo de sabedoria jamais vou esquecer.

Às funcionárias do Museu Municipal de Sapiranga que, sempre gentilmente, me auxiliaram no trabalho com as fontes primárias.

A comunidade sapiranguense, da qual também sou parte, pela ajuda dispensada na coleta dos dados que constituíram parte do corpus documental da Tese. Aos colonos do Ferrabraz, meu obrigado sincero pela receptividade e pelo acolhimento com o “alemão da cidade”. Meu convívio neste ambiente me permitiu melhor compreender a maneira de viver desta gente.

RESUMO

A tese analisa as representações sociais construídas sobre os Mucker, no período compreendido entre o desfecho do conflito, em 1874, e os dias atuais. O conflito Mucker marcou de forma definitiva a história do atual município de Sapiranga - RS no qual ocorreu o conflito. Tendo esta questão como ponto de partida, investigamos como em diferentes épocas e contextos se produziram representações sobre os Mucker, o surgimento de diferentes versões sobre eles, bem como a construção e manipulação dos imaginários sociais sobre o episódio e seus personagens por parte da comunidade sapiranguense. Detemo-nos, especialmente, nas representações construídas e difundidas sobre o cenário do conflito, o *Morro Ferrabraz*, e sobre dois de seus personagens principais, *Jacobina Maurer e Genuíno Sampaio*. Consideramos os diferentes meios de difusão dessas representações, tais como a historiografia, a literatura, a imprensa, o cinema e também a arte, vinculando-as ao seu contexto de produção e aos interesses dos diferentes grupos sociais que as forjaram. Atentamos, ainda, para o processo de (res)significação dessas representações, identificando as transformações significativas de que foram alvo ao longo do período que compreende o final do século XIX até os dias atuais. Destacamos, sobretudo, o processo de manipulação da memória e dos sentimentos coletivos da comunidade, evidenciado na eleição dos *símbolos* e dos *lugares de memória* da cidade de Sapiranga, através dos quais se deu a materialização dessas representações e dos sentimentos coletivos em relação aos Mucker.

PALAVRAS-CHAVE: RS – História. Sapiranga – História. RS – Imigração alemã. Movimentos messiânicos - Mucker.

ABSTRACT

The thesis analyzes the social representations on the Muckers, in the period of time between the outcome of the conflict, in 1874, up to current days. The Mucker conflict definitely marked the history of the current town of Sapiranga/RS, in which the conflict happened. Having this question as a starting point, we investigated how representations on the Muckers have been produced at different times and contexts, the appearance of different versions on them, as well as the construction and manipulation of social imaginary on the episode and its characters by the community of Sapiranga town. We especially focused on the representations which were constructed and spread out on the scene of the conflict, the Ferrabraz Hill, and on two of its main characters, Jacobina Maurer and Genuíno Sampaio. We considered the different diffusion ways of these representations, such as historiography, literature, press, cinema and also art, connecting them to their production context and to the interests of different social groups that forged them. We also gave attention to the process of (re)meaning of these representations, identifying the significant transformations of which were aim throughout the period of time that goes from the end of nineteenth century up to nowadays. Above of all, we highlighted the manipulation process of the memory and the collective feelings of the community, evidenced in the election of important symbols and memory places in Sapiranga town, through which the materialization of these representations and the collective feelings in relation to the Muckers happened.

KEYWORDS: RS – History. Sapiranga – History. RS – Detsch immigration. Messianic movements - Mucker.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O CENÁRIO E O TEMPO: SAPIRANGA E O MORRO FERRABRAZ	37
1.1 UMA INCURSÃO NO TEMPO: RECONSTITUINDO O CONFLITO E SEU CENÁRIO	40
1.1.1 O período logo após o conflito.....	40
1.1.2 O desenvolvimento econômico e social sapiranguense	43
1.1.3 O contexto político e cultural sapiranguense	52
1.1.4 O crescimento industrial e a expansão demográfica sapiranguense	61
1.2 O MORRO FERRABRAZ: O CENÁRIO DO CONFLITO E SUAS REPRESENTAÇÕES	64
1.2.1 O morro na historiografia.....	68
1.2.2 O morro na literatura.....	88
1.2.3 O morro na imprensa sapiranguense	92
1.2.4 O morro no cinema	100
1.3 DIFERENTES OLHARES SOBRE UM MESMO LUGAR	103
2 JACOBINA E GENUÍNO: ANTAGONISMOS E REPRESENTAÇÕES	105
2.1 A LÍDER DOS MUCKER E SEU HERÓICO COMBATENTE	107
2.2 OS PERSONAGENS NA HISTORIOGRAFIA	113
2.3 OS PERSONAGENS NA IMPRENSA SAPIRANGUENSE.....	138
2.4 OS PERSONAGENS NA LITERATURA	154
2.5 OS PERSONAGENS NO CINEMA.....	160
2.6 ALGUMAS APROXIMAÇÕES ENTRE OS PERSONAGENS	170
3 PERSONAGENS E ESPAÇOS: JACOBINA, GENUÍNO E OS LUGARES DE MEMÓRIA	172
3.1 O CEMITÉRIO, A CRUZ E A ESTÁTUA: ESPAÇOS DE CELEBRAÇÃO DA DERROTA	179
3.2 A ESCOLA, O CLUBE E O CTG: ESPAÇOS SOCIAIS DE FORMAÇÃO E DE DIFUSÃO DE UMA MEMÓRIA.....	199
3.3 NOMEANDO LUGARES E INSTITUINDO SÍMBOLOS: PARA NÃO ESQUECER OS MUCKER	218
3.4 A LÍDER DOS MUCKER COMO GUIA DO TURISMO.....	231
3.5 PERCORRENDO OS LUGARES DE MEMÓRIA DOS MUCKER	255
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	259
REFERÊNCIAS	271
FONTES PRIMÁRIAS.....	284
ANEXOS.....	286

INTRODUÇÃO

Correm os dias mais quentes do verão. Quando chega a noite de 19 de julho de 64 d.C., há uma lua cheia nos céus de Roma. Nero será acusado de ter planejado o incêndio que destrói a capital; mas o fato de haver uma lua iluminando a cidade é um indício de sua inocência.¹

O trecho em epígrafe evoca a história de Nero na Roma Antiga e permite-nos refletir não só sobre as condições em que se produzem discursos como também sobre como são socialmente construídos.

É acertado dizer que tanto a memória social quanto a produção dos sentidos interferem na construção das representações do passado que compõem o mosaico sobre o qual o historiador se debruça, tentando fazer, através de suas próprias perguntas e métodos, uma possível leitura do passado.

O vínculo que se estabelece entre as representações e o contexto em que essas são produzidas é fator relevante na análise que pretendemos fazer sobre as representações construídas sobre os Mucker, especialmente pelo fato dessas representações terem servido de instrumento para a justificação de toda uma nova configuração social, surgida no final do século XIX e que se estende até os dias atuais. Essa nova configuração expressou-se, materialmente, através da urbanização (e da construção e nomeação de lugares) e da ereção de monumentos e nomeação de instituições, como também de uma rica produção jornalística, literária e cinematográfica sobre o episódio dos Mucker.

¹ MYERSON, Daniel. *Sangue e esplendor*. A história dos piores tiranos da humanidade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p.39.

As representações sociais construídas sobre o movimento Mucker, bem como a forma como essas se articulam com os conceitos de *memória coletiva* e com a construção dos *lugares de memória* no município de Sapiranga - RS, constituem assim o objeto central de investigação da Tese.

Antes de prosseguirmos a apresentação sobre o tema central da tese e a maneira como entendemos o objeto de estudo, consideramos fundamental reconstituir brevemente a história do próprio movimento Mucker, inserindo-o nas áreas de colonização e nos efeitos do movimento imigrantista direcionado para o Rio Grande do Sul.

O movimento Mucker ocorreu no final do século XIX, mais precisamente entre os anos de 1868 e 1874, na Antiga Colônia de São Leopoldo, atual município de Sapiranga, Rio Grande do Sul, envolvendo um grupo de colonos, formado por imigrantes e descendentes de imigrantes alemães. Esse grupo, supostamente, estaria formando uma nova seita religiosa², de caráter messiânico, liderada por Jacobina Mentz Maurer e por seu marido João Jorge Maurer. O conflito acaba com o extermínio desses colonos, em nome *da ordem e do progresso*³, pelas forças oficiais, lideradas pelo Coronel Genuíno Olympio de Sampaio, no ano de 1874.

Jacobina Mentz Maurer foi considerada a líder religiosa⁴ dos Mucker e, juntamente com seu marido, João Jorge Maurer, conhecido como “o curandeiro”, liderava o grupo de

² O termo seita provém do grego *hairesis*, o que significa partido. No Brasil, o termo geralmente esteve associado aos protestantes, demonstrando a visão católica do império brasileiro. De acordo com o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o termo seita pode significar doutrina ou sistema que diverge da opinião geral e é seguido por muitos. Pode significar também um conjunto de indivíduos que professam uma mesma doutrina ou uma comunidade fechada de cunho radical. Pode ainda significar teoria de um mestre seguida por numerosos prosélitos. Esse termo aparece com frequência nas narrativas construídas sobre os Mucker, tanto na época do conflito como após o conflito, em especial até a primeira metade do século XX. Observamos que o termo seita religiosa era, frequentemente, empregado para detratar o grupo localizado no Ferrabraz. Na historiografia brasileira, o termo seita é comumente empregado para identificar os movimentos de caráter messiânicos, como é o caso do conflito de Canudos e Contestado, enfatizando, assim, seu caráter religioso.

³ Na década de 1870, havia vários aspectos presentes no Rio Grande do Sul que apontavam para a preocupação, tanto por parte dos políticos quanto dos intelectuais, em relação ao progresso. Exemplo disso era Carlos Von Koseritz, que representava o pensamento de Charles Darwin, o materialismo e diversas correntes progressistas. Também atentamos para a idéia de ordem e progresso, que aparece a partir de 1889, com frequência nas narrativas sobre o movimento e seu desfecho, bem como no próprio monumento construído em sua homenagem no ano de 1931, localizado junto ao pé do morro Ferrabraz, em Sapiranga. Esse lema ganhou expressão a partir de 1889, quando se deu a instalação do governo republicano, que tinha como princípio filosófico o positivismo comtiano.

⁴ Era atribuído à Jacobina o caráter fanático do grupo. Segundo as várias testemunhas da época, ela era responsável pelas pregações religiosas e pelo atendimento espiritual realizados em sua residência ao pé do morro Ferrabraz.

colonos denominados Mucker⁵, constituído, talvez, por cerca de 150 pessoas⁶. A denominação foi difundida na região, ao que tudo indica, pelo pastor evangélico Frederico Boeber, que teria utilizado esse termo para se referir em seus cultos ao grupo organizado no morro Ferrabraz.

Jacobina teria conferido ao grupo um caráter de fanatismo, já que, segundo relatos da época, era acometida de desmaios, desaparecimentos e visões, que não eram explicados. Segundo a versão oficial, esses eram intencionais e teatralizados, com o objetivo de enganar os colonos que compareciam aos cultos por ela ministrados.

Um terceiro personagem de destaque nesse movimento teria sido João Jorge Klein, cunhado de Jacobina Maurer. Klein seria conhecido como o mentor intelectual do grupo. Por sua condição de pastor-colono e professor-colono na região, possuía maior grau de instrução dentre os seguidores e, por isso, era conhecido como a pessoa que orientava as práticas religiosas de Jacobina e João Maurer.

O contexto em que se desenrolaram os acontecimentos foi marcado por grandes dificuldades, tanto de caráter econômico quanto social e religioso. Janaína Amado⁷ defende a tese de que os Mucker foram, antes de tudo, o resultado das transformações econômicas que romperam de forma definitiva com a estrutura vivenciada na região de São Leopoldo, a partir de 1845. De acordo com Amado, antes dessa data, os imigrantes alemães viviam numa sociedade onde as diferenças sociais não eram tão acentuadas. Mesmo reconhecendo as diferenças existentes entre ricos e pobres, a autora destaca que, ao final do século XIX, teria se dado um aumento significativo das desigualdades sociais na área de imigração do Vale do Sinos.

⁵ O termo Mucker apresenta diferentes significados, podendo significar santarrão, embusteiro ou fanático religioso. O termo pode ainda ser associado ao zumbido das abelhas, quando estão trabalhando na colméia. Essa última tinha como intenção a identificação dos Mucker como um grupo que, quando reunido em culto, demonstrava todo seu fervor e fanatismo religioso.

⁶ Não podemos oferecer dados precisos quanto ao número de colonos participantes do grupo denominado Mucker, uma vez que não existem documentos que refiram com exatidão estes dados. O que conhecemos são estimativas, que consideram dados aproximados, com base em famílias que participaram do conflito e em estudos realizados sobre o tema.

⁷ AMADO, Janaína. *Conflito Social no Brasil: A Revolta dos "Mucker"*. São Paulo: Símbolo, 1978. (Originalmente apresentado como tese de doutoramento na Universidade de São Paulo, 1976).

Esse desenvolvimento econômico de São Leopoldo deu-se entre 1845 e 1874 e decorreu de sua maior ligação com Porto Alegre, promovendo a dinamização e a conseqüente estratificação social, que acabaria criando grandes desigualdades sociais entre os colonos. Constituíam-se, naquele momento, uma sociedade local marcadamente desigual do ponto de vista socioeconômico, na qual se encontravam, de um lado, os ricos e, de outro, os pobres. O primeiro grupo era formado de proprietários de terra, comerciantes e proprietários de estabelecimentos manufatureiros, enquanto o segundo grupo era constituído por pequenos proprietários e pequenos artesãos.

Conforme os dados apresentados pela historiadora, em São Leopoldo houve um progressivo aumento das exportações, constatado no crescimento de mais de 80% em 1870 se comparados aos resultados alcançados no ano de 1842. Além disso, percebe-se uma maior diversificação das atividades desenvolvidas em São Leopoldo, como, por exemplo, a construção de atafonas, engenhos de cana, moinhos de moer grãos, fábricas de charutos e louças, entre várias outras atividades que dinamizaram consideravelmente a economia de São Leopoldo.

Esse cenário demonstra a progressiva importância de São Leopoldo para a economia do Rio Grande do Sul, visto que se tornava não apenas um consumidor de produtos, mas também um fornecedor. Os tempos eram de mudança na Colônia Alemã de São Leopoldo, e o movimento Mucker vinculou-se diretamente às mudanças em curso.

Selecionamos um trecho da obra de Amado que, para nosso propósito, melhor explica a situação colonial que levaria à eclosão do conflito Mucker.

Empobrecidos e inteiramente à mercê dos poderosos, afastados da cidade e do resto do mundo, desprezados por parentes e amigos agora ricos, cercados em suas manifestações e criações mais espontâneas; marginalizados dos benefícios da nova ordem vigente em São Leopoldo, os colonos se apegaram tanto e tão forte a sua religião rústica como meio de preservar o que lhe restava de seu: “com a minha religião eu sou forte”, escreveu em 1864 um velho colono. Era o último meio de resistir a uma mudança geral que os transformara, de homens livres e iguais que conseguiram se tornar na colônia, em ocupantes do último degrau da sociedade de São Leopoldo.⁸

⁸ AMADO, Janaína. *Conflito Social no Brasil: a revolta dos “Mucker”*. São Paulo: Símbolo, 1978. p. 103.

O movimento Mucker (1868 a 1874) é explicado pela autora a partir de uma análise marxista, na qual se sobressai o plano econômico (a estrutura) que provoca as transformações no plano social, político e também religioso (a superestrutura). Do seu ponto de vista, os Mucker seriam o resultado de uma tentativa de negação, não aceitação das mudanças que São Leopoldo estava passando naquele momento. Eles formariam um bloco de resistência, cujo ponto de convergência seria a religião, comandado pelo casal Maurer e pelo cunhado de Jacobina, João Jorge Klein.

Soma-se a esses fatores predisponentes o desamparo religioso em que se encontravam os colonos. Entregues aos pastores-colonos e padres-colonos que atuavam devido à inexistência de clérigos formados e ao desleixo em que se encontravam as instituições religiosas tanto católicas quanto protestantes, esses colonos voltaram-se para a religião pregada pelos Maurer, aderindo às novas formas de espiritualidade.

A análise desenvolvida por Maria Amélia Schmidt Dickie⁹ amplia a discussão em torno dos fatores responsáveis e das condições em que se deu o movimento, como também ressalta a construção dos discursos que pretenderam justificar o massacre ocorrido no Ferrabraz ao final do século XIX.

Dickie, através de uma longa análise da documentação, que se constitui principalmente de Autos do Inquérito, Registros de Terras, Correspondências e Relatórios Provinciais, levanta novas questões e propõe outras explicações para o conflito ocorrido em uma área típica de imigração alemã no sul do Brasil.

Caracterizando-o como um movimento sócio-religioso, Dickie ressalta que ele se deu em uma área de identidade étnica homogênea, isto é, composta de habitantes formados de uma mesma etnia, e provenientes da mesma “pátria-mãe”, a Alemanha. Dickie revela-nos ainda as diferentes formas de detração dos Mucker, formuladas pelos colonos moradores da região.

Segundo sua análise, a maioria desses colonos alemães (ou descendentes de alemães) tinha como objetivo desqualificar o grupo Mucker, desvinculando-o dos demais colonos e

⁹ DICKIE, Maria Amélia Schmidt. *Afetos e Circunstâncias*. Um Estudo Sobre os Mucker e Seu Tempo. São Paulo, 1996. Tese de Doutorado em Antropologia Social. USP.

atribuindo-lhe uma origem não germânica. Isso os levava a reforçarem que o verdadeiro alemão era pacífico, ordeiro e trabalhador, cumpridor das leis e das suas obrigações e que essas qualidades não poderiam ser encontradas entre os Mucker do Ferrabraz.

Um segundo aspecto relevante considerado por Dickie foi a atuação da Igreja em defesa da boa fé, da moral e da união entre os colonos alemães. Tanto os padres como os pastores eram a fonte da verdade e somente a eles competia proferirem palavras sagradas e a interpretação da Bíblia. São exatamente as leituras e interpretação da Bíblia realizadas por Jacobina que conferem aos Mucker seu caráter mais desqualificador. Segundo os colonos de seu tempo, como poderia uma mulher semi-analfabeta ter a capacidade de interpretar as Escrituras Sagradas, papel destinado apenas aos religiosos com formação?

Esse nos parece ser um aspecto fundamental a ser considerado em relação à construção das representações sociais sobre os Mucker, que apontam para a intenção de desqualificar Jacobina exatamente pelo fato de ela ser mulher. Jacobina estava inserida numa sociedade sulina do final do século XIX, na qual havia uma significativa dominação masculina. Além disso, o surgimento de uma nova religião poderia provocar o enfraquecimento das duas Igrejas, tanto da Católica quanto da Evangélica, o que acarretaria o fracasso de suas missões religiosas na região de colonização alemã no Rio Grande do Sul.

Segundo Dickie, a construção da representação dos Mucker como fanáticos, ocorreu especialmente por não serem portadores e defensores da cultura¹⁰ trazida pelos imigrantes alemães, por sua desclassificação e falta de erudição¹¹. A autora destaca a edição publicada em 17 de maio de 1873 do *Deutsche Zeitung*, na qual Karl Von Koseritz¹² aponta para esse processo de desqualificação dos Mucker, apresentando-os como “não alemães”.

¹⁰ Neste caso, a cultura trazida pelos imigrantes refere-se, especialmente, aos valores como família, convívio em sociedade, participação nos cultos e missas das Igrejas, bem como a valorização do trabalho, elemento essencial em suas vidas.

¹¹ Os Mucker são identificados como responsáveis pela desorganização social de toda Colônia. Dessa forma, eles são identificados como não portadores de erudição, como sujeitos nudes, cujas qualidades não se assemelham àquelas dos demais moradores da Colônia que continuam frequentando as festas, os cultos e missas, e todas as outras atividades sociais.

¹² Karl Von Koseritz teve grande atuação no cenário político do Rio Grande do Sul da segunda metade do século XIX, em especial ao lado dos liberais. Na década de 1860 foi chamado para dirigir o *Deutsche Zeitung*, através do qual publicava seus pensamentos e posicionamentos políticos.

A desqualificação tinha duas matrizes que reiteraram a retórica de Koseritz: por um lado, a racionalista/evolucionista, pela qual mucker é sinônimo de “natureza não civilizada”, “selvageria”, “falta de esclarecimento” e “embuste religioso”; por outro, a matriz étnica, através da qual efetuou a exclusão pública dos mucker, ao equiparar as atividades de Maurer às de um “índio velho” e às da feitiçaria africana, chamando-o de “negro branco”. Maurer era, portanto, um não alemão.¹³

O caráter depreciativo com que a imprensa da época referia-se aos Mucker torna clara a intenção de tentar imprimir na população uma determinada visão acerca desse grupo, representando-os de forma bastante parcial. Os artigos veiculados pela imprensa permitem-nos observar como não havia preocupação em esclarecer os condicionantes envolvidos no conflito Mucker. Em relação a essa questão, Dickie afirma que:

Os mucker personificavam um inimigo muito poderoso, na retórica da cidadania étnica por que definiram uma gramática de existência alicerçada sobre valores que Koseritz não podia reconhecer como pertencendo à comunidade étnica. Os Mucker eram a antítese da idéia que faziam dos colonos como elementos realizadores do futuro que ele almejava para aquela comunidade, o futuro de realizações da cidadania brasileira reservado à “civilizada e religiosa raça alemã”.¹⁴

A antítese mencionada pela autora revela que os Mucker representavam, acima de tudo, um perigo para a continuidade do desenvolvimento da região colonial alemã, uma ameaça tanto para sua segurança quanto para sua integridade religiosa.

Os alemães civilizados, isto é, os não mucker, representavam, assim, o seu oposto, pois, como referido no discurso de Koseritz, seriam os responsáveis pela prosperidade econômica, social, política e religiosa da colônia. Evidencia-se aqui a força e a manipulação das representações sociais, visando a imprimir no imaginário social coletivo uma determinada visão dos fatos através da imprensa.

O mesmo processo dava-se entre os Mucker, ao formularem representações de seus inimigos. Dickie chega à conclusão de que havia um sentimento de autodefesa por parte dos Mucker, que se evidenciou nas situações em que estes não mais confiaram nas autoridades

¹³ DICKIE, Maria Amélia Schmidt. *Afetos e Circunstâncias*. Um Estudo Sobre os Mucker e Seu Tempo. São Paulo, 1996. Tese de Doutorado em Antropologia Social. USP. p.317.

¹⁴ *Ibidem*, p.322-323.

locais, indo buscar ajuda fora da região, inclusive no Rio de Janeiro, como quando se dirigiram ao Imperador D. Pedro II¹⁵.

Porém, ao não terem obtido resposta aos seus pedidos de ajuda, e surpreendidos com a notícia de sua possível deportação¹⁶, concluíram que não havia outra saída para eles a não ser responder aos ataques sofridos. É nesse momento que começaram a se intensificar as notícias de ataques às casas dos colonos, de assassinatos e de emboscadas promovidas pelos Mucker, e que podem ser entendidos como forma de reação às ofensas e às humilhações públicas sofridas.

Merece destaque, ainda, a forma como foram encaminhados os inquéritos e julgamentos, que mais pareceram a legitimação de sua condenação. Isso pode ser verificado através das próprias testemunhas arroladas¹⁷, em sua maioria, pessoas em busca de vingança, pois eram parentes de “vítimas” ou estavam envolvidas no caso de uma forma ou de outra. Esses aspectos evidenciam as limitações da Justiça no final do século XIX e as arbitrariedades possivelmente praticadas pelos seus representantes.

Dickie constatou que se construiu uma determinada representação social, um rótulo que inseriu os Mucker no imaginário coletivo como o *não civilizado*, como aquele que, ao ocupar o banco dos réus, foi também alvo de condenação moral.

O movimento chegou ao final, oficialmente, em 02 de agosto de 1874, quando Jacobina Mentz Maurer e mais dezesseis adeptos foram assassinados nas matas de Ferrabraz¹⁸. Sobre a morte de seu marido João Jorge Maurer pouco sabemos, uma vez que seu

¹⁵ Não temos informações precisas a respeito dessa viagem ao Rio de Janeiro. Sabemos que o documento oficial entregue ao imperador está assinado por 31 integrantes ao grupo e está datado em 10 de dezembro de 1873. Teria sido entregue possivelmente por uma pequena delegação formada por no máximo quatro pessoas, entre elas possivelmente João Jorge Maurer como líder do grupo. O documento encontra-se atualmente no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

¹⁶ Em 28 de novembro de 1873, foi encaminhada à Presidência da Província uma representação assinada por diversas pessoas da região (entre elas o próprio pastor evangélico, o pastor Boeber) pedindo a deportação dos Mucker, em virtude dos últimos acontecimentos da região.

¹⁷ O processo de investigação e julgamento dos Mucker correu entre 17 de fevereiro de 1876 (quase dois anos depois do final do conflito) e 1º de março do mesmo ano. Nesse processo, que contou com diversas testemunhas contrárias aos Mucker foram condenados João Jorge Klein, Carlos Luppá e seu filho e mais 07 denunciados. Os outros acusados foram todos absolvidos pela justiça.

corpo teria sido encontrado, após o final do conflito, enforcado nas matas do Ferrabraz. Porém, como o corpo estaria em estado adiantado de decomposição, o seu reconhecimento foi prejudicado, cabendo apenas a versão apresentada pelo alfaiate, que teria confirmado ser de Maurer a roupa usada pelo cadáver. Concretamente, nada sabemos sobre seu paradeiro após o conflito.

Em linhas gerais, podemos afirmar que existem dúvidas sobre os acontecimentos que envolvem o movimento Mucker. Essas dúvidas referem-se tanto à atuação das pessoas envolvidas quanto aos próprios acontecimentos, sobre os quais não temos comprovações documentais, já que não dispomos de testemunhos orais dos integrantes do movimento Mucker.

As representações construídas sobre os Mucker, no final do século XIX, apontam-nos como os únicos responsáveis pelos acontecimentos. As interpretações feitas sobre o movimento, desde o final do século XIX até os dias atuais, podem ser mais bem compreendidas se considerarmos o processo de construção das diferentes representações sobre os Mucker, identificando interesses e contextos.

A região onde ocorreu o movimento Mucker era conhecida, desde o século XVIII, como Fazenda do Padre Eterno, área adquirida, oficialmente e pela primeira vez, por Inocêncio Alvez Pedrozo, por volta de 1777, tendo sido mais tarde, em 1798, adquirida por Carlos da Costa Soares e pelo Tenente Luis Ferreira da Fonseca.

No ano de 1816, o Tenente Manoel José de Leão adquiriu as terras e instalou a Fazenda Padre Eterno, constituindo-se naquele momento numa estrutura de latifúndio escravista. Foi apenas em 1842 que a fazenda foi leiloada em hasta pública e comprada por João Pedro Schmidt, comerciante de Hamburgerberg (atual município de Novo Hamburgo), que, através da Sociedade Schmidt&Krämer, vendeu os lotes de terra aos colonos alemães entre 1845 e 1869.

Nesse período, iniciou-se a colonização alemã, com a distribuição de pequenos lotes (minifúndios) na região do atual município de Sapiranga. Entre os colonos que adquiriram

¹⁸ Esses colonos viveram escondidos nas matas do Ferrabraz desde o dia 19 de julho de 1874, quando naquela noite as tropas oficiais saquearam e destruíram a casa de Jacobina e João Jorge Maurer no Ferrabraz.

terras na Fazenda Padre Eterno¹⁹ (Leonerhof, como era denominada por estes colonos) estava o casal Maurer, que fixou residência ao pé do morro Ferrabraz no ano de 1867, um ano após o seu casamento, ocorrido na Igreja Evangélica de Hamburgerberg.

Partindo da noção desenvolvida por Bourdieu²⁰ de que *as produções simbólicas devem suas propriedades mais específicas às condições sociais de sua produção*, entendemos os efeitos provocados pelo conflito e as transformações de que a localidade será alvo.

Após o final do conflito, os colonos que habitavam a região tentaram esquecer aquilo que havia acontecido entre os anos de 1868 e 1874²¹. E, nessa tentativa de esquecimento e silenciamento, procuraram se voltar para o trabalho, buscando reorganizar suas vidas, ainda abaladas pelo conflito. Suas memórias traziam ainda vivas imagens e lembranças dos acontecimentos que abalaram suas famílias e ocasionaram mudanças significativas na comunidade local.

Importantes transformações ocorreram em Sapiranga após 1874, com o desfecho do conflito, dentre as quais destacamos as mudanças do nome *Fazenda do Padre Eterno* para outras denominações como *Fazenda Leão*, *Linha Ferrabraz*, *Linha do Verão*, *Linha da Bica*, *Terras do Sapiranga*, *Picada Hartz* e *Porto Palmeira*. Estas novas denominações parecem demonstrar uma tentativa de apagamento do nome Padre Eterno, muito identificado com os Mucker.

Os anos de 1890 a 1903 caracterizaram-se por um expressivo marco do desenvolvimento econômico alcançado – a inauguração da Estação do Trem – em 1903, que, além de trazer consigo a concretização do *progresso*, ofereceu a Sapiranga a possibilidade de maior comunicação e de trocas econômicas com as demais regiões da colônia. Essa integração se deu, especialmente, com São Leopoldo, então sede do município, bem como com Porto Alegre, cujo acesso foi facilitado pelo transporte ferroviário²². Cabe lembrar que o período da

¹⁹ A Fazenda Padre Eterno abrange atualmente uma pequena parte das terras do município de Sapiranga, sendo que a maior parte pertence ao município de Morro Reuter.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand. 2001.

²¹ Foi especialmente nos anos de 1873 e 1874 que se sucederam os fatos mais importantes do conflito e que se caracterizaram pela violência e pelos assassinatos.

passagem do século XIX para o século XX diferenciou-se do contexto agitado do século XIX, marcado pela Revolução Farroupilha (1835-1845). A esse contexto de transformações somou-se um ato político, que foi a criação do 5º Distrito de Sapiranga, pelo Ato Municipal de São Leopoldo nº 154, de 28 de março de 1890, que reconheceu o crescimento da localidade. Já em maio do mesmo ano, Sapiranga foi elevada à categoria de Freguesia. Mudanças ocorreriam anos mais tarde, dado o desenvolvimento econômico e social da Freguesia. Em 1938, Sapiranga seria elevada à condição de Vila, através do Decreto Municipal nº 7109, de 31 de março do mesmo ano.

A chegada do trem a Sapiranga, no início do século XX, significou, primeiramente, o início de uma nova fase no desenvolvimento da comunidade. A inauguração da Estação Sapyranga²³, em 1903, representou simbolicamente a superação do passado Mucker, alcançada através da prosperidade e a civilidade, que distanciava os sapiranguenses do passado conflituoso e do tempo dos Mucker.

Os Mucker, nesse momento, eram a representação do passado não glorioso e de desregramento. O momento que inaugura o século XX para Sapiranga – com a chegada do trem – provoca uma maior dinamização da economia sapiranguense, com a facilitação do escoamento da produção, especialmente para Porto Alegre, o que levaria, na década de 1930, à elevação à condição de Vila.

Os Mucker, porém, não poderiam e não deveriam ser simplesmente esquecidos. Era fundamental, absolutamente necessário, que o passado fosse *lembrado*, com o propósito de definir e estimular o modelo do bom cidadão, respeitador das leis, seguidor da religião (católica ou protestante) e dado à vida em comunidade, modelo que deveria ser compartilhado coletivamente por se contraporem aos Mucker.

²² Anteriormente à inauguração da estrada de ferro, a ligação entre a área colonial de São Leopoldo e Porto Alegre era feita basicamente através da navegação pelo Rio dos Sinos, que servia de meio de escoamento da produção colonial. A importância da navegação no Rio Grande do Sul e, de forma especial na área de imigração alemã, é analisada por Dalva Reinheimer. REINHEIMER, Dalva Neraci. Colônias alemãs, rios e Porto Alegre: um processo de integração e desenvolvimento no século XIX. *Anais do IV Seminário Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-brasileiras* e *Anais do V Seminário Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-brasileiras*. Lajeado: Associação Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-brasileiras, 2002.

²³ Esta é a grafia que aparece escrita na Estação no monumento de sua inauguração, em 1903, até o momento do final de suas atividades, em 1964.

Consideramos oportuno aqui retomar a epígrafe com que abrimos esta Introdução e que narra o incêndio ordenado por Nero, em Roma, no dia 19 de julho de 64 d.C. Chamou-nos a atenção que Roma – a da Antigüidade Clássica – e Sapiranga – a da Contemporaneidade – tiveram o 19 de julho como data marcante para seus processos históricos. Na história romana, o dia 19 de julho foi marcado pelo pânico e destruição coletiva, uma vez que a cidade foi quase totalmente devorada pelas chamas. Da mesma forma, este mesmo dia do mês de julho, porém no ano 1874, igualmente marcado pela violência e pelas chamas, representaria o início de uma nova etapa na vida da Colônia Alemã de São Leopoldo.

Foi em 19 de julho de 1874 que as tropas oficiais do Império brasileiro destruíram, com fogo, a casa de Jacobina e João Jorge Maurer, cenário do desregramento social e de divulgação das falsas idéias. A data será entendida como um marco representativo para a comunidade de Sapiranga, como um divisor de águas entre o passado da Colônia e o futuro que será projetado a partir de então.

A destruição da casa do casal Maurer, tal qual fora consumida pelas chamas a cidade de Roma no século I d.C., parece apontar para uma suposta insatisfação da sociedade local e provincial em relação aos cultos e práticas de curandeirismo realizadas no Ferrabraz²⁴. O fogo, nesses dois contextos, apresenta-se como um *símbolo*²⁵ que purifica e demarca o início de uma nova fase. No caso de Roma, a reconstrução da cidade; no da Colônia Alemã, a superação de um período de atraso (especialmente no sentido econômico), de uma mancha que marcou de forma significativa a história da imigração no sul do Brasil.

²⁴ Além das orientações religiosas e das práticas de curandeirismo, outros vários elementos podem ser utilizados para justificar a reação dos moradores e das autoridades contra os Mucker. Dentre esses motivos, podemos apontar a questão da terra, na qual a posse legal das propriedades foi questionada judicialmente, o que levou muitas famílias a perderem seu único bem material, que era a terra. Também não podem ser esquecidos os condicionantes políticos, que envolveram as eleições de 1873 e na qual Lúcio Schreiner, delegado de São Leopoldo e primo de Jacobina, não conseguiu a adesão de Maurer para convencer os colonos a votarem nele para o cargo de vereador de São Leopoldo. Poderíamos, ainda, citar a questão econômica, na qual os farmacêuticos de São Leopoldo viram seus negócios ameaçados pelas práticas de Maurer no Ferrabraz. Enfim, todos esses condicionantes contribuíram para a construção da imagem dos Mucker como desordeiros e desafiadores da ordem vigente na Colônia.

²⁵ Empregamos o conceito de símbolo na acepção de Sandra Jovchelovitch, para quem *o espaço potencial, portanto, é o espaço dos símbolos. Símbolos, ou o complexo material dos sentidos do sentido pressupõem a capacidade de evocar a presença apesar da ausência, uma vez que o aspecto fundamental de todo o símbolo é que eles representam uma outra coisa que não está lá. Nesse sentido eles criam o objeto representado, construindo uma realidade nova a partir da realidade que já existe. Símbolos fundem o sujeito e o objeto porque são expressões da realidade da realidade entre o sujeito e o objeto.* JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil.* Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-74.

O morro Ferrabraz era o ponto de referência para as pessoas que se dirigiam até a região, bem como para os próprios colonos que moravam na região colonial. Com isso, a denominação Ferrabraz era utilizada também para referir a região em que se encontravam as terras de Jacobina e João Jorge Maurer. A partir da segunda metade do século XIX, a região foi desmembrada em pequenos lotes (prazos coloniais) comprados pelos imigrantes alemães e seus descendentes.

As chamas que colocaram abaixo a *Fortaleza do Ferrabraz*, como ficou conhecida a casa de Jacobina, representaram para aquela sociedade o início de uma nova fase em suas vidas, na qual o lema da *ordem e progresso*²⁶ orientaria seus pensamentos e suas práticas sociais. O simbolismo de que se reveste essa data acena ainda para as *lutas simbólicas*²⁷ que caracterizaram o período que a ela se seguiu, estabelecendo uma determinada visão das coisas que se pretendia hegemônica.

Considerando que a História é o estudo do *homem no tempo*²⁸ e que há uma relação íntima entre as noções de *tempo* e *espaço*, propomos um olhar sobre a relação existente entre a História e a Geografia²⁹, tomada aqui como uma grade de leitura, devido à sua dinâmica e à sua relação direta com as transformações provocadas pelo homem.

Nesta Tese, dedicamo-nos a desvendar os diferentes momentos da construção de representações sociais³⁰ sobre os Mucker, contemplando o período compreendido entre o final

²⁶ Encontramos vários elementos que demonstram a presença deste ideal difundido no Brasil durante a República Velha (1889-1930) e que se faziam presentes na localidade após o desfecho do conflito em 1874. Como exemplo, podemos observar a super valorização do trabalho entre os colonos, bem como a necessidade de fazer progredir a economia e a sociedade de Sapiranga, como forma de superar o atraso vivenciado durante os anos de conflito (1868-1874), em que suas vidas se resumiram a uma economia de subsistência e preocupações diárias com o conflito presente na região do Ferrabraz. A chegada do trem, em 1903, insere-se nesse contexto como parte deste ideal progressista da cidade que se organiza em torno da estação férrea.

²⁷ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. A história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p.170.

²⁸ BARROS, José D'assunção. Espaço e tempo. Territórios do historiador. In: SANTOS, Cláudia Andrade dos. Et ali. (org). *Espacialidades. Espaço e cultura na história*. Vassouras: Universidade de Severino Sombra, 2004. p.13.

²⁹ Ibidem, p.17.

³⁰ Não desconhecemos a diversidade de abordagens sobre as representações sociais, contudo, valemo-nos, especialmente, dos estudos realizados por Pierre Bourdieu, Roger Chartier e Bronislaw Baczko. Consideramos também extremamente válida a observação feita pela historiadora francesa Denise Jodelet de que *elas* [as representações sociais] *expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. Estas definições partilhadas pelos membros de um grupo constroem uma visão*

do conflito em 1874 e os dias atuais. Valendo-nos das categorias de *tempo* e de *espaço*, procuramos, também, compreender como se deu o processo de (res)significação³¹ de diferentes espaços localizados na área urbana e rural de Sapiranga.

Assim, o local em torno do morro Ferrabraz e o espaço geográfico urbano³², especialmente a partir de 1903, momento da inauguração da Estação do Trem, apresentam-se, em nosso entendimento, como dois *loci* centrais para a análise pretendida nesta Tese, por se constituírem elementos chave para a construção das representações sociais que identificam o movimento Mucker como uma mancha do passado.

A construção do espaço urbano, no início do século XX, apresenta-se em oposição ao rural, identificado com o passado Mucker. Creio que se possa pensar Sapiranga, no início do século XX, a partir dessa relação antagônica estabelecida entre os espaços rural e urbano, relação na qual o morro Ferrabraz era efetivamente a representação do universo rural e do tempo dos Mucker.

Nessa perspectiva, podemos pensar a história de Sapiranga através da construção de seu espaço urbano, percebendo-o como uma resposta ao morro Ferrabraz, o símbolo mais representativo do passado Mucker. Acreditamos que o morro Ferrabraz e o espaço urbano devam ser percebidos como duas categorias antagônicas, porque o primeiro se constitui em antítese do novo ideal de sociedade sapiranguense. Assim, o urbano passa a ser a representação do novo, da modernidade que se quer alcançar através do trabalho, enquanto o rural passa a ser a imagem coletivamente construída do passado Mucker, associada ao regresso e ao atraso econômico.

consensual da realidade para esse grupo. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e da dinâmica sociais das representações. JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 03.

³¹ Entendemos que o processo de construção das representações sociais sobre os Mucker relaciona-se diretamente com o processo de significação (dar sentido, valor e qualidades) dos espaços sociais. Neste processo, o significado dos objetos materiais que cercam a sociedade pode ser transformado ou ressignificado, de acordo com o contexto e os interesses presentes nesta sociedade ao longo do tempo.

³² Partimos da concepção de cidade e espaços urbanos proposta por Sandra Jatahy Pesavento, para quem *a cidade é, antes de tudo, uma materialidade de espaços construídos e vazios, assim como é um tecido de relações sociais, mas o que importa, na produção do seu imaginário social, é a atribuição de sentido, que lhe é dado, de forma individual e coletiva, pelos indivíduos que nela habitam.* PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*. Visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p.32.

Considerando como a historiadora francesa Denise Jodelet, que as representações são *uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social*³³, podemos constatar que as representações sociais construídas sobre os Mucker foram, em sua maioria, resultantes de uma visão detratada compartilhada e difundida na e pela comunidade sapiranguense.

As representações sociais sobre os Mucker podem ser tomadas como *sistema de interpretação que rege nossa relação com o mundo e com os outros – orienta e organiza as condutas e as comunicações sociais*³⁴ que resultam na *definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais*³⁵. Dessa forma, as representações construídas ao longo de mais de um século (1874-2007) revelam a capacidade de apropriação da realidade exterior e de elaboração psicológica e social dessa realidade. De acordo com a autora, esta elaboração psicológica e social se traduz na criação de objetos, que não necessariamente precisam ser materiais, mas que também podem ser imateriais, quanto uma idéia ou uma teoria.³⁶

Concordamos com Jean-Claude Abric, ao afirmar que uma representação *não é um simples reflexo da realidade, ela é uma organização significativa*³⁷, ao ter uma relação direta com o contexto físico e social no qual é produzida. Considerando esse pressuposto, constatamos que o período após o conflito Mucker caracterizou-se por uma profunda reorganização da comunidade local, e que nele evidenciamos o funcionamento das representações *como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com seu meio físico e social, determinando seus comportamentos e suas práticas*³⁸.

³³ JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p.04.

³⁴ Ibidem, p. 04.

³⁵ Ibidem, p. 04.

³⁶ Neste processo de constituição de representações sociais sobre os Mucker, observamos que a comunidade sapiranguense representou os Mucker tanto de forma material (nomeação dos espaços da cidade, de monumentos, de instituições e da imprensa) como imaterial (de idéias e das práticas sociais).

³⁷ ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia S. P. e OLIVEIRA, Denise C. de. *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB Editora, 1998. p.28.

³⁸ Ibidem, p.28.

Nessa perspectiva, a constituição do espaço urbano sapiranguense, ao longo do período analisado, não se apresenta como inocente e ocasional. Pelo contrário, a cidade é, neste caso, o resultado das necessidades e aspirações de seus moradores, que estabelecem as condutas e as práticas sociais, instituindo simbolismos e definindo o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.³⁹ Neste campo de produção e difusão de representações sociais, constata-se a importância dos registros de memória sobre o conflito, que serviram para a legitimação de uma versão dos acontecimentos.

Num primeiro momento, os colonos do Ferrabraz⁴⁰ foram alvos de estigmatização e detração por parte de seus inimigos, que os associaram ao desregramento e à perversidade, o que pode ser constatado através e nos tantos *lugares de memória*⁴¹ que celebraram o desfecho do conflito.

Para Pierre Nora, a *memória pendura-se em lugares como a história em acontecimentos*⁴², logo os lugares de memória, além de serem socialmente construídos, consistem em mecanismos de perpetuação da memória coletiva. Sendo assim, os monumentos, as instituições, e tantas outras formas materiais de representação do passado são, muitas vezes, as únicas formas que temos de observar esse passado longínquo.

³⁹ A definição deste espaço temporal compreendido entre 1874, ano do desfecho do conflito, e o ano de 1990, ano da publicação da obra Videiras de Cristal, de Antônio de Assis Brasil, justifica-se na medida em que se constituem em dois marcos definidores das representações sobre os Mucker. O ano de 1874 simbolizaria, em nosso entendimento, a detração, enquanto o ano de 1990, uma espécie de consagração dos Mucker. Isso é reforçado pela constatação de que, a partir da obra de Assis Brasil, os Mucker deixaram de ser assunto tabu pela e na comunidade local, observando-se uma desmistificação do conflito e de seus personagens. Reforçamos, no entanto, que nossa análise abrange o período que se inicia em 1874 e se estende até os dias atuais, uma vez que pretendemos analisar o processo que envolve a (res)significação dos Mucker por parte da comunidade até nossos dias e que teve, a partir de 1990, a difusão de novas representações sobre os Mucker.

⁴⁰ Sempre que fizermos referência aos “colonos do Ferrabraz”, estaremos tratando dos colonos Mucker.

⁴¹ Entendemos e empregamos o conceito de *lugares de memória* na acepção de Pierre Nora, para quem *são lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual.* NORA, Pierre Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto história*. São Paulo, n. 10, dez. 1993. [Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História PUCSP]. p.21.

⁴² NORA, Pierre Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto história*. São Paulo, n. 10, dez. 1993. [Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História PUCSP]. p. 25.

No caso de Sapiranga, as representações sociais sobre os Mucker materializaram-se na ereção de monumentos e na nomeação de logradouros públicos e de instituições, com o objetivo de manter viva a memória do episódio, exaltando seus heróis e desqualificando o grupo liderado por Jacobina Mentz Maurer. Essas iniciativas – que marcam o primeiro momento das representações sobre os Mucker – estiveram ao encargo do grupo que detinha poder econômico e reconhecimento social e pretendia “apagar” o passado Mucker da memória coletiva, projetando um futuro orientado pela idéia do trabalho e de prosperidade econômica. Acompanhando essas aspirações, observou-se uma significativa *mudança no espaço*⁴³ do nascente núcleo urbano de Sapiranga, que pretendia se impor como um centro de poder, riqueza e prosperidade.

Se, gradativamente, o urbano sobrepunha-se ao rural, concomitantemente, dava-se a consagração da representação negativa dos Mucker no imaginário social coletivo e sua associação ao espaço rural de Sapiranga. Cabe aqui lembrar que a campanha de emancipação de Sapiranga, ocorrida em 1955, se baseou exatamente nesta idéia de negação do ruralismo e do passado Mucker⁴⁴.

De acordo com Georg Leindenberger⁴⁵, uma investigação sobre a história urbana deve considerar basicamente três elementos: o primeiro considera a cidade como espaço *físico e social*, com seus prédios, casas, obras públicas, comércios, produção, pessoas e grupos sociais, bem como as instituições particulares; o segundo considera a cidade em relação a sua *capacidade discursiva*, contemplando a sua forma de comunicação lingüística e simbólica, como também as representações individuais e coletivas, que por sua vez constituem os imaginários; o terceiro elemento se refere à *cidade política*, através das negociações políticas formais e suas instituições.

⁴³ KANAREK, Célia Berkstein. La concepción simbólica de poder: el Palácio Legislativo Federal porfiriano. In: *Historia y grafía. Espacios e historia*. Huixquilucan: Universidad Iberoamericana, julio, 2004, p.82.

⁴⁴ Quando nos referimos à negação do passado Mucker, não estamos afirmando que esse passado é simplesmente esquecido. Ao contrário: percebemos, através das representações sociais elaboradas coletivamente, como este passado é reelaborado cotidianamente, num exercício de reinterpretação deste passado, que nomeia espaços e denomina instituições, referendando exatamente datas, fatos e personagens envolvidos no movimento mucker. Vale destacar ainda que as idéias de negação do passado Mucker neste momento em questão podem ser mais bem avaliadas quando tratarmos da imprensa nas décadas de 1950 e 1960.

⁴⁵ LEIDENBERGER, Georg. Proximidad y diferenciación: el manejo del concepto del espacio en la historiografía urbana. In: *Historia y grafía. Espacios e historia*. Huixquilucan: Universidad Iberoamericana, julio, 2004, p.72.

Essas três categorias definidas por Leindenberger nos dão a dimensão da complexidade de que se reveste a proposta de análise da constituição dos espaços urbanos de Saporanga, que apresenta uma conformação espacial ímpar em relação às demais cidades do Vale do Sinos. As marcas do passado, do conflito Mucker, estão visíveis nesse amplo processo de criação e significação dos espaços urbanos. Assim, o espaço urbano é apresentado como o lugar do novo, enquanto o rural é identificado – até o início da década de 1990 - como o espaço do antigo, do ultrapassado e também como “lugar dos Mucker”. A cidade de Saporanga será, em razão disso, entendida como o sujeito dos discursos que são produzidos sobre ela, e que, neste caso, chamamos de representações sociais⁴⁶.

Nesse amplo processo de significação da cidade, as manifestações arquitetônicas e urbanísticas também são produtoras de discursos. As ruas, as praças, os prédios e as moradias revelam, conseqüentemente, as formas de pensar e a organização social que as produziu. Entendemos a cidade de Saporanga como uma *cidade discursiva*⁴⁷, na qual as representações sociais se traduzem nas formas de sentir, pensar e ver a realidade, como um lugar que, por ser alvo da transformação e da manipulação dos anseios individuais e coletivos, produz discursos que podem ser lidos pelo historiador.

O primeiro momento do processo de construção de uma memória social sobre os Mucker se concretizará na construção do monumento em homenagem ao Coronel Genuíno Sampaio, no local onde antes se localizava a casa de João Jorge Maurer e Jacobina Maurer. Erguido para celebrar o triunfo do progresso sobre o atraso e a ignorância, o monumento pretendia também agir no campo da sensibilidade coletiva, forçando o não esquecimento e a valorização dos atos heróicos do coronel que havia livrado os colonos das atrocidades praticadas pelos Mucker.

O colono que havia combatido os Mucker será, no contexto pós-conflito, identificado como aquele que construiu a *nova sociedade*, em contraposição aos Mucker, associados à *velha sociedade*. Assim, teremos uma nova sociedade, assentada na valorização do trabalho

⁴⁶ Entendemos que os discursos produzidos sobre a cidade e todas suas manifestações culturais são dotados de significados. Os processos de construção são também processos de significação, uma vez que essas construções são também carregadas de valores e interesse coletivos.

⁴⁷ O conceito de *cidade discursiva* é apresentado por Sandra Pesavento, que afirma que *a cidade é portadora de discursos que falam dela própria e que se tornam perceptíveis nas formas de organização da sociedade e nas suas próprias manifestações*. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*. Visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p.162.

coletivo e na busca da superação do atraso associado à época dos Mucker. O colono *não-Mucker* será, neste caso, eleito para representar a ordem e o progresso, tanto os almejados como aqueles que serão conquistados na passagem do século XIX para o século XX, período de intensas transformações no plano econômico, que permitirão a estruturação do espaço urbano sapiranguense⁴⁸, incipiente até então.

São essas representações, ligadas ao ideário de ordem e progresso, que desencadearão um amplo processo de (re)significação dessa identidade local, através da valorização de elementos como a família, o trabalho, a religiosidade, e a civilidade – em contraponto ao passado Mucker – e produzirão uma *memória social*⁴⁹ sobre o conflito.

O *imaginário social*⁵⁰ sapiranguense, do início do século XX, orientava-se especialmente para a valorização das qualidades de seus moradores urbanos e para a desqualificação dos Mucker. A “reconstrução” de Sapiranga basear-se-á, portanto, na condenação do passado para legitimação das ações a serem praticadas no presente. A ordem se justificava pela associação à desordem que os Mucker haviam provocado.

Essa imagem negativa dos Mucker pode ser observada também no decorrer do século XX, período no qual a comunidade irá consagrar os Mucker como a representação daquilo que *não se queria ser*. Nesse contexto, a difusão de representações sobre os Mucker

⁴⁸ O espaço urbano sapiranguense desenvolveu-se, de fato, a partir da primeira década do século XX, em consequência da inauguração da Estação de Trem. Assim, quando nos referimos ao núcleo urbano de Sapiranga, estamos identificando-o como o espaço geográfico localizado nas imediações da Estação do Trem e que deu origem ao centro do atual município de Sapiranga. Nesse espaço, instalaram-se as primeiras residências e as primeiras casas comerciais.

⁴⁹ De acordo com Charles Monteiro, a memória produzida socialmente (memória social) nos chega através de sua expressão material, como textos literários, jornais, monumentos ou instituição. MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas. Histórias e memórias (1940 e 1972)*. São Paulo: 2001. Tese de Doutorado em História. PUCSP. p.125. Ainda sobre essa questão que envolve o conceito de memória, destacamos a afirmação de Fernando Catroga, para quem os termos memória social e memória coletiva são sinônimos e possuem o mesmo significado, ou seja, *a proto-memória e a memória propriamente dita têm uma atualização mais subjetiva e subconsciente, enquanto que esta última e a metamemória se expressam como rememoração; por sua vez, à metamemória cabe, sobretudo, o papel de acentuar as características inerentes à chamada memória social ou coletiva e às modalidades de sua construção e reprodução*. CATROGA, Fernando. *Memória e História*. In: PESAVENTO, Sandra J. (org.) *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p.44.

⁵⁰ Para Baczko *os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percebe, divide e elabora seus objetivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa suas identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e expõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de bom comportamento*. BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: *Enciclopedia Einaudi (Anthropos-Homem)*. Portugal: Imprensa nacional/Casa da Moeda, s/d. v.5. p.309-310.

na imprensa e a construção e nomeação dos lugares da cidade pode ser compreendida como exemplos da materialização do sentimento contrário aos Mucker presente na comunidade.

Consideramos ainda nesse processo que envolveu a construção e difusão de representações sobre os Mucker em Sapiranga as transformações ocorridas na passagem do século XX para o século XXI. Nessa última fase das representações, os Mucker serão, mais uma vez, alvo de (res)significação por parte da comunidade. Nesse processo, a história dos Mucker foi empregada para desenvolver a economia e projetar Sapiranga no cenário nacional.

Estruturamos a Tese em três capítulos. O primeiro se intitula *O cenário e o tempo: Sapiranga e o morro Ferrabraz*; o segundo, *Jacobina e Genuíno: antagonismos e representações*, e o terceiro, *Personagens e espaços: Jacobina, Genuíno e os lugares de memória*. No primeiro capítulo, tratamos das primeiras representações construídas sobre os Mucker, logo após o desfecho do conflito, em 1874. Priorizamos, em especial, as representações de que foi alvo o cenário no qual ocorreu o conflito, o morro Ferrabraz, resgatando as diferentes visões e perspectivas de abordagem que sobre ele recaíram.

No segundo capítulo, pretendemos investigar como se deu a construção e difusão das representações sobre dois personagens envolvidos no conflito. De um lado, temos Jacobina Mentz Maurer, tida como a líder dos Mucker; de outro, o Coronel Genuíno Olympio de Sampaio, representando as forças imperiais que lutaram contra os Mucker.

Situados em lados opostos, Jacobina e Genuíno tiveram sua imagem construída e difundida através da historiografia, da literatura, da imprensa e do cinema. Esses dois personagens simbolizam a existência de dois lados no conflito: Genuíno personifica o lado vitorioso, e Jacobina, o lado derrotado e perseguido por suas práticas religiosas e morais condenáveis no Ferrabraz.

Conforme veremos ao longo da Tese, tanto Jacobina quanto Genuíno foram alvos de manipulação simbólica pela comunidade sapiranguense, prevalecendo a perspectiva do antagonismo que fica evidenciada no estabelecimento de *lugares de memória*, cujo objetivo era a celebração de uma determinada memória sobre o conflito.

A construção desses *lugares de memória dos Mucker* em Sapiranga será o tema do terceiro capítulo da Tese. Iniciamos a abordagem com o túmulo construído, em 1874, em homenagem a quatro colonos falecidos durante o conflito, que se encontra no cemitério do bairro Amaral Ribeiro. Consideramos importante resgatar, para a historicização dessas representações, a publicação de uma obra essencial para o entendimento da difusão de um pensamento claramente contrário aos Mucker, produzida pelo padre Ambrósio Schupp⁵¹ e que terá grande relevância para a construção do imaginário social após o conflito. O *livro Mucker*⁵² tentou imprimir na população sapiranguense uma única versão – e detratora – sobre os fatos narrados, tendo sido a primeira a circular na região e a narrar os acontecimentos a partir de uma interpretação marcada pela forte influência católica. Ambrósio Schupp contribuiu decisivamente para uma interpretação depreciativa acerca dos Mucker, sendo um dos responsáveis pela criação e difusão de representações sobre o Mucker no início do século XX.

Ao se posicionar publicamente como contrário aos Mucker e ao apresentar os acontecimentos como resultados da ignorância e do despreparo dos colonos do Ferrabraz, Schupp não descuidou de afirmar que *colonos do Ferrabraz* constituíam um grupo majoritariamente evangélico-luterano. Nesse sentido, Ambrósio Schupp fazia uma dupla crítica: questionava a ignorância dos colonos e a própria Igreja Evangélica Luterana, acirrando a discórdia entre católicos e evangélico-luteranos⁵³.

A obra selecionada, em nosso entendimento, constitui parte do processo de construção do imaginário social sobre os Mucker, que foi reelaborado constantemente pelas representações que se construíram sobre o movimento através da imprensa da tradição oral, como também através dos monumentos e das instituições. A comunidade sapiranguense dedicou-se, tão logo finalizado o conflito, a criar espaços para lembrar o passado, definindo coletivamente quais seriam os vilões e quais seriam os heróis, na tentativa, talvez, de justificar o massacre de 1874. No ano de 1932, será inaugurada a estátua em homenagem àquele que foi

⁵¹ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2. ed. Porto Alegre: Selbach. s/d.

⁵² A expressão “livro Mucker” era comumente utilizada pelos colonos da região para se referirem ao livro publicado por Schupp. Sabe-se que na maioria das residências era a única obra de referência a que os colonos tinham acesso. Isso explica, em parte, porque essas pessoas tinham uma opinião tão negativa em relação aos Mucker.

⁵³ Schupp valeu-se apenas de relatos de sobreviventes que combateram os Mucker na elaboração da sua obra, apresentando, conseqüentemente, uma visão bastante parcial do conflito.

considerado o verdadeiro herói do conflito, o Coronel Genuíno Olympio de Sampaio, que havia morrido em nome da *ordem e do progresso*, conforme inscrição na própria estátua. O local escolhido para a construção da estátua reveste-se de profundo simbolismo, já que foi erguida onde antes se situava a casa do casal Maurer, incendiada no dia 19 de julho de 1874.

Cerca de vinte anos antes da inauguração dessa estátua em homenagem a Genuíno Sampaio, havia sido erguida uma cruz de madeira⁵⁴ no local onde Jacobina, juntamente com outros dezesseis Mucker, foi assassinada no dia 02 de agosto de 1874, demarcando o local onde os “fanáticos do Ferrabraz” haviam sido vencidos. Assim, a colocação desses dois marcos simbólicos, a estátua e a cruz, serviram para mostrar uma etapa da história local que se encerrava, e que outra se iniciava, a da *ordem e progresso*⁵⁵.

A denominação dada, em 1937, à principal escola pública do então 5º distrito, de Coronel Genuíno Sampaio, hoje Instituto Estadual Coronel Genuíno Sampaio, a denominação de Pedro Serrano dada ao CTG⁵⁶ e a de Clube 19 de Julho⁵⁷ à antiga Sociedade de Canto apontam para a atualização dessa versão sobre o conflito, ao prestar homenagem aos heróis do episódio do Ferrabraz.

Agregam-se ao esforço da comunidade sapiranguense em definir o que deveria ser *lembrado* e o que deveria ser *silenciado*, o papel desempenhado pela imprensa local e o movimento pró-emancipação política. Sapiranga evocou seu passado Mucker, através da fundação do Jornal *O Ferrabraz*, em 1949, e na própria campanha pró-emancipação durante a

⁵⁴ De acordo com relatos orais, a primeira cruz de madeira foi colocada no local na década de 1910 para demarcar o local onde Jacobina foi assassinada. Não temos informações sobre quem teria colocado esta cruz. A primeira cruz colocada pela municipalidade ocorreu apenas na década de 1980, na administração Waldomiro dos Santos.

⁵⁵ De acordo com Nestor Canclini: *Las ciudades no son solo um fenómeno físico, un modo de ocupar el espacio, de aglomerarse, sino también lugares donde ocurren fenómenos expresivos que entran en tensión con la racionalización, con las pretensiones de raciocinar la vida social.* CANCLINI, Nestor Garcia. *Imaginários Urbanos*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1997. p.72. Neste caso, entendemos que o lema da ordem e do progresso representava a superação da época dos Mucker, que era compreendida pela maioria da comunidade como sinônimo de desordem e regresso. A construção dos símbolos que se associavam aos Mucker pode ser entendida como essa necessidade de “racionalizar” o espaço e no qual esses símbolos serviram para representar a superação do passado e o início de uma nova fase de desenvolvimento da comunidade.

⁵⁶ Pedro Serrano é, na verdade, Pedro Schmidt, morador de Sapiranga e guia dos soldados do Coronel Genuíno Sampaio.

⁵⁷ A data de fundação do Clube é 19 de julho de 1901. Inicialmente o clube chamava-se Sängerkranz e passou a denominar-se Clube 19 de Julho a partir do final da década de 1930, em razão do período de nacionalização, imposto por Getúlio Vargas durante o Estado Novo – 1937-1945.

década de 1950. A emancipação se dará em 1954, através do Decreto Estadual número 2592, que criou o município de Sapiranga e determinou sua instalação em 28 de fevereiro de 1955, data em que se comemora atualmente o aniversário da cidade.⁵⁸ Na imprensa sapiranguense, por sua vez, se destacarão os artigos de Leopoldo Sefrin, tido como um homem de conduta severa e com participação ativa na comunidade católica local, nos quais se destaca uma visão bastante depreciativa dos Mucker⁵⁹.

A partir dos anos 1950, desenvolver-se-á na comunidade sapiranguense um grande sentimento de pertencimento à cultura germânica⁶⁰ e um desprezo em relação àquilo que era tido como cultura dos “brasileiros”, ou seja, dos não descendentes de alemães. Esse sentimento culminará na construção de um monumento, em 1976, em homenagem aos primeiros imigrantes alemães chegados à região. Registra-se, também, o empenho da municipalidade com a preservação da língua alemã, falada diariamente entre seus habitantes e ensinada na escola, como uma forma de preservação das origens e como meio de distinção dos demais habitantes que não possuem a mesma ascendência, a alemã.

A publicação da obra de Leopoldo Petry⁶¹, em 1957, oferecer-nos-á uma outra versão do conflito, contrapondo-se às visões difundidas por Schupp e por Sefrin. De acordo com Petry, a formação do grupo do Ferrabraz deu-se como consequência do desamparo em que viviam esses colonos que, carentes de uma orientação religiosa adequada, encontraram nas palavras acolhedoras de Jacobina um conforto e uma esperança de que dias melhores

⁵⁸ Sobre a questão de relembrar os acontecimentos do passado, Jacques Le Goff aponta para o fato de que a memória requer um exercício constante de atualização. Acerca disso, o autor afirma que a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Le GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003. p.419.

⁵⁹ Sefrin, através de seus artigos publicados na imprensa, exercia um papel de educador e orientador de seus leitores, através dos quais expunha suas próprias opiniões sobre os mucker e ao que tudo indica, recebia o reconhecimento de grande parte de seus leitores. Sefrin, no contexto apresentado, tinha o poder de falar, uma vez que era visto pela sociedade local como alguém de reconhecimento, assim sendo legitimado pela população sapiranguense.

⁶⁰ Mesmo com o período da nacionalização e das transformações sócio-econômicas, a comunidade de descendência alemã continuou preservando suas tradições culturais. Neste período há claramente uma distinção social, especialmente em termos sócio-econômicos, uma vez que este grupo possuía uma posição privilegiada em relação aos demais.

⁶¹ Utilizamos para a análise, a obra de PETRY, em sua 2ª edição, cuja referência bibliográfica é: PETRY, Leopoldo. *O Episódio do Ferrabraz: os mucker*. 2. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966. (A primeira edição da sua obra ocorreu em 1957).

deveriam se seguir. O autor buscou entender as dificuldades⁶² enfrentadas pelos colonos ressaltando que, além do desamparo religioso, precisavam lutar pela sobrevivência em meio a um ambiente hostil. Petry aponta também para a necessidade de a história do conflito ser reavaliada, questionando as afirmações de Schupp, em especial, em relação à autoria dos crimes praticados na região que antecederam propriamente o conflito.

Na década de 1960, apesar de Sapiranga ter conquistado e consolidado sua emancipação política, ocorrida em 1955, e do desenvolvimento econômico e social, representado através das inúmeras fábricas (especialmente de calçado), ainda se faziam muito presentes as representações detratadoras sobre os Mucker no meio social sapiranguense. Na década de 1970, com a realização do filme *Os Mucker*, de Jorge Bodansky e Wolf Gauer (1978), que levará Sapiranga para as telas de cinema, consagrar-se-ia a representação de Jacobina como a fanática responsável pelo conflito, contribuindo para a difusão dessas representações sobre os Mucker.

O início da década de 1990, no entanto, será marcado pela grande transformação na forma como essas representações irão se apresentar. É nesse contexto que se insere a obra *Videiras de Cristal*⁶³, de Luis Antônio de Assis Brasil. Publicada em 1990, a obra consiste num romance cujo cenário e personagens referem-se aos Mucker. Ao apresentar uma versão diferente dos fatos ao público, a obra acaba repercutindo de forma decisiva e positiva na criação de um novo imaginário social sobre o movimento Mucker. Se antes os Mucker eram apresentados como desordeiros e fanáticos, a partir de *Videiras de Cristal*, os Mucker deixam de ser rotulados negativamente e detratados⁶⁴.

A obra desempenhou, nesse sentido, importante papel na divulgação de uma nova interpretação e forma de representar socialmente estes Mucker, descritos, até então, praticamente como únicos culpados no conflito (com exceção da obra de Leopoldo Petry). É, em razão disso, que a consideramos como um dos marcos na construção de novas

⁶² Leopoldo Petry aponta que entre as principais dificuldades enfrentadas pelos colonos do Ferrabraz estavam a falta de apoio por parte das autoridades da época, bem como pelo isolamento e falta de assistência médica e orientação religiosa.

⁶³ BRASIL, Luis Antônio de Assis. *Videiras de Cristal: o romance dos Muckers*. 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. (a primeira edição foi publicada em 1990).

⁶⁴ Encontramos em sua obra vários aspectos expostos por Leopoldo Petry na obra publicada em 1957, que tentava abordar as Mucker de forma menos negativa e categórica.

representações que incidiram sobre o imaginário social⁶⁵ sobre os Mucker. Tanto a publicação da obra de Assis Brasil como o lançamento do filme a *Paixão de Jacobina*, em 2002, podem ser tomados como responsáveis por esta mudança.

Cabe lembrar a execução de um painel na fachada do atual Instituto Estadual Coronel Genuíno Sampaio, realizado por artistas locais e apresentado à comunidade sapiranguense uma releitura do movimento Mucker. O título do painel – *O Episódio do Ferrabraz* – remete-nos à obra homônima de Leopoldo Petry. Essa iniciativa aponta para um esforço de parte dos professores e de artistas locais de reavaliar o episódio Mucker.

Vale lembrar também o ato da administração municipal, que, na década de 1990, nomeou de Jacobina uma rua e uma praça⁶⁶. Essas nomeações demonstram uma importante transformação nas representações sociais sobre os Mucker. Se antes Jacobina era alvo não somente de críticas severas como do silêncio por parte da comunidade local, ao final do século XX, ela passa a ser homenageada pela comunidade e pela administração municipal, que acaba, assim, instituindo dois novos *lugares de memória*⁶⁷. Na mesma perspectiva, destacamos o incentivo dado ao turismo local por parte da administração municipal, com a criação *d’Os caminhos de Jacobina* e o empenho em resgatar a história local, desvinculando-a da visão detratora do século XIX.

Nosso maior objetivo nessa Tese foi o de analisar o complexo e dinâmico processo de construção das representações sociais sobre os Mucker, levando em consideração o conceito de *subjetividade*⁶⁸ proposto por David Lowenthal.

⁶⁵ Sobre a produção literária e as relações que se estabelecem entre o texto e os leitores, baseamo-nos nos estudos culturais de Roger Chartier, autor que estabelece importantes debates sobre a relação entre a produção discursiva e o público leitor, em especial, sobre as práticas da leitura.

⁶⁶ Encontramos a Rua Jacobina Maurer no Bairro Amaral Ribeiro, nas proximidades do morro Ferrabraz e a Praça Jacobina, localizada na Avenida 20 de Setembro (antiga estrada de Ferro que ligava Sapiranga a São Leopoldo).

⁶⁷ Entendemos essas duas construções como *lugares de memória* na acepção de Pierre Nora, para quem estes lugares são materiais, simbólicos e também funcionais em que a memória é constantemente reelaborada. NORA, Pierre Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto história*. São Paulo, n. 10, dez. 1993. [Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História PUCSP].

⁶⁸ O estudo realizado por David Lowenthal aborda o conhecimento histórico como algo invariavelmente subjetivo, ou seja, interagindo diretamente com o sujeito e seu objeto de estudo. Neste sentido, o autor defende que o passado que conhecemos ou vivenciamos está sempre dependente de nossas próprias opiniões, perspectivas e, acima de tudo, de nosso próprio presente. LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto história*. São Paulo, v.17, p.63-201, nov.1998, p.113.

Os três capítulos evidenciam nossa intenção, ao contemplarem o contexto, o cenário, os personagens e a construção dos lugares de memória sobre os Mucker, inserindo-os no processo de construção de representações de que foram alvos, visando à compreensão de sua “atualização” ou contestação a partir das últimas décadas do século XX.

Entendemos que o estudo que realizamos possa contribuir para uma nova compreensão do movimento Mucker, na medida em que analisa a construção narrativa e simbólica produzida sobre o cenário e seus mais destacados personagens, avaliando sua projeção sobre os espaços urbano e rural do atual município de Sapiranga.

Contemplando o período que se estende do desfecho do conflito, em 1874, até os dias atuais, pudemos perceber que os Mucker, condenados e silenciados no século XIX, transformaram-se, no início do século XXI, em estratégia de marketing para o desenvolvimento do turismo histórico-cultural de Sapiranga.

Tema controverso, polêmico e motivo de calorosa discussão e divisão de opiniões. Morador de Sapiranga, o tema Mucker despertou minha atenção e, sobretudo, minha curiosidade, ainda nos tempos de criança. Recordo-me de que contavam histórias sobre uma “mulher perigosa” que havia espalhado a morte no Ferrabraz há muito tempo. E, eu, aterrorizado, ficava imaginando como teria sido viver naquela época.

Quando criança, visitava o morro Ferrabraz e observava o monumento do Coronel Genuíno Sampaio, compartilhando com familiares e turistas, a representação construída sobre o herói que havia devolvido o sossego para as pessoas que ali moraram no passado. O passeio, no entanto, não previa me mostrar (muito menos, falar sobre) a cruz erguida nas matas que cobrem o morro, e que identifica o local onde Jacobina teria sido assassinada. Já adulto, tomei conhecimento da cruz, tendo sido inevitável a pergunta: *por que não tinha ouvido falar nela?* Transcorridos muitos anos, aquele garoto que era levado para passear no Ferrabraz e, mais tarde, para ver as asas-delta colorindo o céu de Sapiranga, fez, com este estudo, uma tentativa de responder à pergunta.

1 O CENÁRIO E O TEMPO: SAPIRANGA E O MORRO FERRABRAZ

A memória cívica, mesmo que trabalhe com personagens, lugares e fatos do passado e que sejam do conhecimento dos habitantes de uma cidade, é, deliberadamente, apresentada como patrimônio da comunidade e exposta segundo determinadas intenções, determinadas segundo as diretrizes do poder político ou regime que estabelece a celebração memorialística. Assim, certos atos, características e valores são postos em destaque, enquanto que outros tantos atributos são, deliberadamente, desconsiderados, como se não tivessem importância ou se jamais tivessem existido. A memória social tornada coletiva é o momento ápice do processo de *anamnese*, determinado pela vontade de lembrar, pela intenção de reter no presente o que se passou no passado e transmiti-lo ao futuro⁶⁹.

No primeiro capítulo, procuraremos identificar o espaço geográfico e a trajetória percorrida por Sapiiranga, desde o tempo do conflito Mucker até os nossos dias. Consideramos de fundamental importância realizar esta contextualização histórica, para que possamos compreender o meio no qual se produziram as representações sociais sobre os Mucker.

Chamamos este primeiro capítulo de *o cenário e o tempo*, procurando compreender como o morro Ferrabraz, cenário central do conflito Mucker, foi representado ao longo do período compreendido entre o final do século XIX e início do século XXI. Nesse sentido, buscamos compreender como ocorreu a construção das representações que procuraram recriar, através de descrições do espaço físico e de seus moradores, o local onde ocorreu o conflito Mucker.

Esta contextualização se faz necessária, uma vez que consideramos que as representações sociais não estão desvinculadas do meio no qual são produzidas. Ao contrário, como explica a historiadora Sandra Pesavento, as representações sociais estão diretamente

⁶⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. Número 6. 2006, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/document1499.html>. p. 4. Acesso em: 14 ago. 2006.

ligadas ao contexto socioeconômico, cultural e político no qual elas são produzidas. Tendo essa questão como ponto de partida, procuramos compreender quais os fatores que estiveram envolvidos na construção das representações sociais sobre os Mucker e de que forma essas representações estiveram relacionadas à memória coletiva da população de Sapiroanga.

A memória coletiva, construída pela comunidade sapiranguense, estava diretamente ligada ao processo de construção das representações sociais sobre os Mucker, na medida em que uma determinada versão sobre o conflito, presente na memória coletiva dos sapiranguenses, foi responsável pela construção das representações sobre os Mucker.

Na perspectiva apresentada por Sandra Pesavento, para quem a memória é um elemento indispensável para se compreender a construção de representações sociais, é que iniciamos nossa descrição dos contextos nos quais se produziram diferentes representações sobre os Mucker. Interessa-nos entender como a memória dos sobreviventes⁷⁰ do conflito Mucker e os discursos produzidos por eles contribuíram de forma decisiva para a construção dos imaginários sociais sobre os Mucker. Assim, procuramos analisar os diferentes discursos construídos sobre o conflito e presentes nos diferentes veículos de representação.

Entendidas como resultados de interesses coletivos, as representações sociais sobre os Mucker materializam, de diferentes formas (historiografia, literatura, imprensa e cinema), a memória trazida pelas pessoas que estiveram envolvidas com o conflito, bem como por aquelas que não estiveram diretamente envolvidas, mas que se preocuparam em analisar e interpretar o conflito Mucker a partir de diferentes pontos de vista. Mesmo passados vários anos do desfecho do conflito, a população trouxe as lembranças daquele tempo e acabou transmitindo suas versões, que serviram de base para a publicação de obras sobre o tema. Em alguns casos, essas visões do tempo dos Mucker foram interpretadas como verdades absolutas e, com isso, acabaram imprimindo no imaginário social coletivo uma imagem que identifica os Mucker como únicos culpados pelo conflito.

É, portanto, através desses questionamentos que procuramos analisar o significado da produção dessas representações sociais, compreendendo-as dentro do contexto no qual elas se

⁷⁰ Quando tratamos dos *sobreviventes do conflito*, estamos nos referindo àquelas pessoas que viveram no tempo do conflito e que, após o seu desfecho, acabaram contribuindo para a construção da memória coletiva sobre os Mucker. A forma como essas pessoas interpretaram o conflito contribuiu, em grande parte, para a construção da memória coletiva sobre os Mucker, que na maioria das vezes apontou-os como culpados pelos acontecimentos.

encontram. Destacamos esse aspecto contextual, uma vez que analisamos um período que se iniciou logo após o conflito em 1874 e que se estende até os nossos dias. As transformações ocorridas nesse período devem ser consideradas como elemento fundamental no processo de construção das representações sociais sobre os Mucker.

Estruturamos o primeiro capítulo em duas partes. Na primeira parte, realizamos uma análise mais aprofundada do processo histórico percorrido por Saporanga desde o final do conflito em 1874, considerando as principais mudanças ocorridas no período e como essas mudanças articularam-se com as transformações ocorridas no âmbito estadual, nacional e mundial.

Na segunda parte, concentramos nossa investigação no morro Ferrabraz. Consideramos o Ferrabraz um lugar de fundamental importância para o desenrolar do conflito Mucker. O morro, assim como seus arredores, foi o lugar de moradia de muitas famílias envolvidas no conflito, bem como de batalha, que culminou na derrota dos Mucker. O fato de ter sido o lugar de maior importância na história do conflito fez dele alvo da construção de um imaginário social em que surgiram várias interpretações e imagens que acabaram se difundindo, de forma especial, através da documentação referente ao conflito, da historiografia, da literatura, da imprensa e do cinema.

Dessa forma, neste capítulo, nossa preocupação concentrou-se em identificar e caracterizar o espaço onde ocorreu o conflito e também a produção de suas representações sociais. Inseridas no “espaço e no tempo”, as construções das diferentes representações sociais sobre os Mucker podem ser melhor compreendidas se considerarmos o seu campo de produção e a dinâmica que envolve as mudanças desse tempo, que se inicia no final do século XIX e percorre até os nossos dias.

Conhecendo a trajetória percorrida por Saporanga da segunda metade do século XIX até os dias atuais, poderemos compreender o ambiente no qual se produziram as representações sociais sobre os Mucker.

1.1 UMA INCURSÃO NO TEMPO: RECONSTITUINDO O CONFLITO E SEU CENÁRIO

Acreditamos que as transformações sofridas por Sapiranga não podem ser entendidas de forma isolada⁷¹. Ao contrário, devem ser diretamente vinculadas aos fatos ocorridos tanto no Rio Grande do Sul quanto no Brasil, que, por sua vez, estão inseridos no contexto das transformações mundiais.

Com isso, entendemos que se torna fundamental compreender o contexto das transformações ocorridas em São Leopoldo⁷² (e especialmente na localidade de Sapiranga) desde o final do século XIX, vinculando-as à construção de representações sociais sobre os Mucker.

Esta contextualização evita repetições desnecessárias do contexto ao longo dos capítulos seguintes. Isso torna compreensível a discussão realizada sobre a construção das representações sociais sobre os Mucker, uma vez que essas representações vinculam-se diretamente ao contexto e ao período em que foram construídas.

1.1.1 O período logo após o conflito

Nossa análise parte do ano de 1874, quando se deu o desfecho do conflito Mucker⁷³, e muitos colonos Mucker venderam suas terras e migraram para regiões vizinhas⁷⁴, como Três Coroas, Igrejinha e Gramado, entre outras localidades. Outros permaneceram em Sapiranga.

⁷¹ Concordamos com Vainfas quando este defende que, na análise historiográfica, o recorte espacial em nada diminui a importância da investigação, desde que a mesma tenha a preocupação de vinculá-la aos acontecimentos que cercam o espaço de investigação do historiador. Nessa mesma perspectiva, entendemos que o processo histórico sapiranguense esteve inserido no contexto de mudanças ocorridas após o desfecho do conflito em 1874. VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história. Os Protagonistas Anônimos da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

⁷² Destacamos a importância de vincular o contexto da construção das representações sociais sobre os Mucker em Sapiranga com São Leopoldo, uma vez que Sapiranga tornou-se município somente em 1955. Até então, Sapiranga estava politicamente vinculada a São Leopoldo.

⁷³ O conflito armado acabou oficialmente em agosto de 1874. Porém, após seu desfecho, ocorreram os inquéritos policiais. O processo contra os Mucker encerrou-se em 1880, quando foi dado o último veredicto do processo. Contando com 13 volumes e mais de 6.000 páginas redigidas, o processo contou basicamente com os testemunhos de pessoas da comunidade de São Leopoldo que eram contrárias aos Mucker. Nenhuma testemunha

Após o conflito, os moradores das imediações do Ferrabraz sentiram-se abalados com os acontecimentos, o que os levou a retraírem-se e a dedicarem-se ao trabalho, na tentativa de esquecer o passado⁷⁵. Como exemplo da tentativa de esquecimento⁷⁶, encontramos a mudança do nome da localidade em que ocorreu o conflito⁷⁷. Logo após o desfecho do conflito, em 1874, a denominação *Fazenda Padre Eterno* passou a designar uma pequena região do planalto atrás do Morro Ferrabraz⁷⁸.

do lado dos Mucker foi ouvida ao longo do processo, se não os próprios acusados. A pena maior recaiu sobre João Jorge Klein, considerado o mentor intelectual do grupo. Foi condenado a 23 anos e 4 meses de prisão. Porém, apelando da sentença, todos foram absolvidos em 1883.

⁷⁴ Os moradores de Sapiranga ainda trazem na memória, transmitida pelos seus pais e avós, a história de sobreviventes do conflito que passaram a viver escondidos durante muitos anos nas matas do morro Ferrabraz. Estes viveram escondidos com medo de se entregar às autoridades policiais, mesmo findado o conflito em 1874.

⁷⁵ Embora o conflito tenha seu desfecho em 1874, algumas conseqüências ainda foram sentidas nos anos posteriores, não apenas através dos inquéritos policiais, mas também através de dois acontecimentos em especial. Referimo-nos aos episódios ocorridos na Linha Pirajá, em Nova Petrópolis, e na Terra dos Bastos, atual município de Marques de Souza. Nessas duas localidades, nas quais algumas famílias adeptas dos Mucker haviam fixado residência, ocorreram alguns assassinatos de familiares relacionados aos Mucker, praticados por seus vizinhos, que estavam preocupados com a possível reorganização do grupo. Em razão dessas desconfianças por parte dos vizinhos nessas localidades, ocorreram, sucessivamente, os assassinatos de três homens na Linha Pirajá, em 1898, e de mais cinco homens na Terra dos Bastos em 1903. Esses atos cometidos demonstravam o medo que havia entre a população da área de imigração alemã, que se viu novamente ameaçada pela presença de dissidentes do grupo do Ferrabraz. Como forma de eliminação dessa ameaça, os moradores resolveram fazer justiça com as suas próprias mãos, exteriorizando um sentimento de ressentimento em relação aos Mucker. Refletindo sobre a questão que envolve o ressentimento, Pierre Ansart afirmou que é preciso considerar os rancores, as invejas, os desejos de vingança e os fantasmas da morte, pois são exatamente esses sentimentos e representações que envolvem aquilo que ele chama de ressentimento. ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 28.

⁷⁶ Para Jacques Le Goff, a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, seja ela individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais das pessoas e da própria sociedade. Nesse sentido, a memória não é apenas conquista, mas também um instrumento de poder. Existe uma luta pela dominação da recordação e da tradição, estabelecendo aquilo que deve ser lembrado e aquilo que deve ser esquecido. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

⁷⁷ Na história do Brasil, foram vários os exemplos dessa tentativa de construir uma nova denominação para as localidades que presenciaram conflitos marcantes e que abalaram a vida de seus moradores. Um desses exemplos pode ser encontrado no estudo realizado por Janice Theodoro em relação a Canudos, na Bahia. A autora aponta para a importância do “apagamento” do local em que ocorreu o conflito em 1897. Numa tentativa de apagar da memória coletiva o passado de Canudos, o território ocupado pelo arraial foi coberto pelas águas do açude de Cocorobó em 1968, em pleno regime militar. Frequentemente no período das secas, podem ser vistas na área cruces, ossadas e crânios, muros, e peças de artilharia. THEODORO, Janice. *Canudos 100 anos depois: da vida comunitária ao surgimento dos movimentos fundamentalistas*. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin e ALEXANDRE, Isabel (orgs.). *Canudos: palavra de Deus sonho da terra*. São Paulo: SENAC; São Paulo/Boitempo Editorial, 1997.

⁷⁸ A localidade de Padre Eterno atualmente abrange uma pequena parte das terras do município de Sapiranga, sendo que a maior parte pertence ao município de Morro Reuter. Nos dias atuais, a localidade está desmembrada em Padre Eterno, Padre Eterno Alto e Padre Eterno Baixo. Para essas localidades migraram muitos dos colonos envolvidos no conflito de 1874 e que eram adeptos dos mucker.

Com isso, o lugar passou a ter diversas denominações, como Fazenda Leão (Leonerhof), Linha Ferrabraz, Linha do Verão, Linha da Bica, Terras do Sapyranga, Picada Hartz e Porto Palmeira. Já a denominação de Sapyranga apareceu somente no final do século XIX⁷⁹. Essas mudanças na denominação das localidades faziam parte de uma estratégia que tinha como finalidade dar uma nova identidade para o lugar, que não estivesse mais diretamente ligado aos Mucker.

Percebemos, assim, que a população tentava apagar da memória coletiva⁸⁰ o passado Mucker, que a identificava como descendente dos Mucker, contrariando a imagem do colono ordeiro, descendente de alemães⁸¹. Essa atitude revela que a população acreditava que, através do trabalho, poderia recuperar a dignidade e os anos de atraso provocados pelo conflito⁸².

Com as transformações ocorridas na política nacional a partir de 1889, ano da Proclamação da República, instalou-se um governo autoritário, com inspiração no positivismo de Augusto Comte, matriz que orientava os passos do governo.

No caso do Rio Grande do Sul, o governo buscou incentivar o desenvolvimento econômico de forma global, privilegiando a dinamização do setor industrial e o

⁷⁹ Encontramos no Arquivo da Comunidade Evangélica de Sapyranga uma ata de casamento de 1891 identificando a localidade como Sapyranga. Este é o primeiro documento em que a denominação Sapyranga aparece. Porém essa denominação passa a ser empregada de forma recorrente somente a partir de 1903, com a inauguração da estação do trem.

⁸⁰ Devemos lembrar que, neste caso, a noção de memória coletiva não deve ser entendida como homogênea, ou seja, devemos perceber que nem todos os indivíduos da sociedade lembram dos fatos da mesma maneira, sendo portadores também de memórias individuais, construídas a partir de suas próprias vivências no meio social.

⁸¹ Moacyr Domingues apresentou, na década de 1970, um dos mais importantes estudos sobre os Mucker, no qual realizou um importante levantamento documental. Nele, o autor apontou para o clima de tensão que ainda havia em Sapyranga na primeira década do século XX. Como exemplo dessa tensão existente entre os colonos, podemos acompanhar a descrição de um fato ocorrido em 1905, entre João Jorge Klein, que nesta época já contava com 83 anos de idade, e um morador da localidade que se chamava Teodoro Oldenburg. Segundo a versão apresentada por Domingues, Klein teria alertado Oldenburg do fato de este estar desmatando sua propriedade. Este, sentindo-se ofendido, teria agredido verbal e fisicamente o velho Klein, levando-o quase à morte. Porém, Klein, ao registrar o fato na polícia, não teve ouvida sua reclamação, sendo o caso arquivado em seguida. DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermund, 1977. p. 377-378.

⁸² Logo após o desfecho do conflito Mucker, os sapiranguenses teriam abaladas mais uma vez as suas vidas. Com a Revolução Federalista (1893-1895) as casas de muitos colonos seriam atacadas e seus pertences muitas vezes saqueados pelos federalistas vindos dos Campos de Cima da Serra, os quais invadiam a região em busca de cavalos e alimentos. Conforme nos mostram os escritos do pastor evangélico-luterano Wilhelm Bartel, na *Crônica da Comunidade Evangélica de Sapyranga. 1924-1926*, esses acontecimentos marcaram profundamente a vida da comunidade do final do século XIX, que presenciou dois conflitos importantes de nossa história: o Conflito Mucker e a Revolução Federalista.

desenvolvimento urbano, que deveria se contrapor ao Estado predominantemente voltado para o setor agropecuário e a uma população que predominantemente vivia na zona rural.

Atentamos para o fato de que essas transformações faziam parte do programa de governo implementado ao longo da República Velha no Brasil (1889-1930) e no qual serão bastante visíveis as preocupações com a urbanização e a modernização⁸³ dos espaços – até então considerados atrasados –, especialmente do ponto de vista econômico⁸⁴.

1.1.2 O desenvolvimento econômico e social sapiranguense

Quanto ao desenvolvimento econômico que se verificou em Sapiranga, então 5º Distrito de São Leopoldo⁸⁵, percebemos que, desde o final do século XIX, a agricultura era a atividade predominante, destacando-se de forma especial o cultivo da mandioca.

⁸³ Inserida nesse contexto de urbanização e modernização ocorrida no Brasil durante a República Velha no Brasil, destacamos a promulgação da Lei nº 3 de 24 de março de 1897, que estabeleceu o *Código de Posturas Municipais de São Leopoldo*. Essa lei, promulgada pelo então Intendente Municipal Major Epifânio Orlando de Paula Fogaça, procurava estabelecer medidas para o controle social da população do município, em especial da população urbana. Os artigos tratavam de diversas questões, como a correta utilização dos animais como meio de transportes nas vias públicas, a construção e disposição das residências e estabelecimentos comerciais, a manutenção da limpeza pública. O rio dos Sinos recebeu especial atenção na lei de 1897, permitindo-se a utilização do rio para se lavar roupa, embora a população necessitasse respeitar algumas normas. Entre as normas apresentadas, encontrava-se a proibição de expressões injuriosas ou indecentes, motins ou qualquer ato que ofendesse a paz e a moralidade pública, sob pena de multa de 5\$000 e 2 dias de prisão. Deveriam ainda ser observadas as condições em que os moradores de São Leopoldo poderiam se banhar nas águas do rio dos Sinos. Segundo a lei, era permitido o banho em suas águas, desde que as pessoas vestissem calções ou peças semelhantes que cobrissem as partes do corpo. Ficava terminantemente proibido proferir palavras ou gestos obscenos no local, sob pena de prisão durante 24 horas além de multa de 20\$000.

⁸⁴ Não desconhecemos o fato de que já durante o período final do Império, em especial na sua última década, havia no Brasil uma preocupação, por parte do governo, de modernizar a economia do país, favorecendo a implantação industrial. Como exemplo desse desenvolvimento, sabemos que a indústria brasileira teve *seu primeiro surto apreciável no último decênio do Império (1880-1889), coincidindo com esta fase já assinalada de geral recrudescimento das atividades do país. O número de estabelecimentos industriais, de pouco mais de 200 em 1881, escende no último ano da monarquia para mais de 600. O capital invertido sobe então a 4000.000 contos (cerca de 25 milhões de libras), sendo 60% na indústria têxtil, 15% na de alimentação, 10% na de produtos químicos e análogos, 4% na indústria de madeira, 3,5% da de vestuário e objetos de tocador, 3% na metalurgia*. PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 259. Essa fase de desenvolvimento industrial no Brasil iria se prolongar na República, especialmente nos primeiros anos do novo regime político, no qual ele identifica uma verdadeira “febre de iniciativas” em relação modernização da economia nacional.

⁸⁵ Sapiranga foi o 5º Distrito de São Leopoldo no período compreendido entre 28 de março de 1890 e 15 de dezembro de 1954, quando o então governador do Estado, Ernesto Dornelles, sancionou a lei que criava o município de Sapiranga. A posse do primeiro prefeito e vice-prefeito realizou-se em 28 de fevereiro de 1955, data em que se comemora atualmente a emancipação política do município.

O progresso experimentado pelo setor primário logo abriu caminho para o desenvolvimento de outras atividades que diversificaram de forma bastante expressiva a economia local. Saporanga tornava-se, cada vez mais, dinâmica e integrada a São Leopoldo e Porto Alegre, centros econômicos importantes desse período⁸⁶.

Nesse contexto de transformações em Saporanga, a indústria calçadista teve espaço para progredir cada vez mais, atendendo aos pedidos não apenas da comunidade, mas também de outras regiões que compravam seu produto⁸⁷. As primeiras décadas do século XX acompanharam uma mudança considerável na economia saporanguense, que apresentava um setor industrial cada vez mais desenvolvido, o que também provocou o aumento de sua população urbana.

Nessa dinâmica do desenvolvimento industrial em Saporanga - em que a agricultura dava sinais de regresso e a indústria prosperava - mereceu destaque Jakob Biehl, um alemão que chegou ao Brasil em 1866, estabelecendo-se como ferreiro em Saporanga. Logo transformou sua ferraria numa pequena indústria metalúrgica que, em 1920, empregava cerca de quinze funcionários, sendo então a principal indústria local. Seu pioneirismo no setor industrial fez com que Jacob Biehl fosse chamado de “pai da indústria” de Saporanga.

⁸⁶ Para Cláudia Wasserman, no caso do Rio Grande do Sul, a República Velha caracterizou-se como *uma fase de grande prosperidade econômica, baseada no desenvolvimento das atividades primárias ligadas à pecuária, no crescimento da agricultura colonial e do cultivo do arroz no litoral, marcadas por crises pontuais, mas que basicamente proporcionaram o incremento da implantação do capitalismo no Rio Grande do Sul, com a instalação das primeiras unidades fabris e consolidação de qual seria o perfil industrial do estado, a expansão do mercado e o crescimento da urbanização*. Ainda de acordo com a análise proposta por Wasserman, o Rio Grande do Sul, ao longo da República Velha, foi marcado por sua posição singular na estrutura da nação. Não estava no mesmo patamar de desenvolvimento dos centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro, mas ao mesmo tempo não se alinhava com estados do Nordeste e Norte do país. Dentro dessa conjuntura econômica, a política do PRR encontrou campo fértil para se desenvolver e nos quais veremos seus dois maiores símbolos: Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. Todavia, esse sistema político precisou enfrentar os conflitos que marcaram o período no estado, como são os exemplos da Revolução Federalista de 1893 e da Revolução de 1923 entre “legalistas” e libertadores. WASSERMAN, Cláudia. O Rio Grande do Sul e as elites gaúchas na Primeira República: guerra civil e crise no bloco do poder. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et al (orgs). *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 273.

⁸⁷ Podemos entender o desenvolvimento do setor industrial em Saporanga a partir de sua inserção na política nacional de desenvolvimento da República Velha. De acordo com o *Censo Geral e Completo das Indústrias*, realizado em 1907, o Brasil no início do século XX alcançava bons resultados na sua produção industrial. Encontramos neste ano 3.258 estabelecimentos industriais com um capital empregado de 665.663\$000 e empregando 150.841 funcionários. Deste total, 40% encontrava-se no Rio de Janeiro, 16% em São Paulo e 15% no Rio Grande do Sul, sendo que nenhum outro estado alcançou o mínimo de 5% de participação. Já no censo realizado em 1920, o número de estabelecimentos cresceu para 13.336 com um capital total de 1.815.156 contos e 275.512 funcionários. Merece destaque nesse período a indústria de beneficiamento de carnes no Rio Grande do Sul, que em razão da Primeira Guerra Mundial se transformou em grande exportador de carnes.

Para termos uma noção desse desenvolvimento, observamos que, na década de 1920, existiam em Sapiranga 121 atafonas que fabricavam farinha de mandioca⁸⁸, vendida especialmente para São Paulo e Rio de Janeiro⁸⁹. A economia sapiranguense articulava-se cada vez mais com o mercado nacional e também com o internacional⁹⁰.

Observamos que, na década de 1940, a agricultura regredia consideravelmente em Sapiranga, principalmente em razão do desenvolvimento da indústria calçadista, que prosperava desde a década de 1930, provocando cada vez mais a saída das pessoas do campo para a cidade, contribuindo, assim, para o declínio da produção agrícola. Nesse contexto, a indústria ocupava, progressivamente, não apenas destaque na produção, como também ocupava cada vez mais a mão-de-obra, antes agrícola.

O processo de desenvolvimento industrial que vinha ocorrendo no Vale dos Sinos já na década de 1920 implicava uma nova realidade social, com o surgimento do trabalhador assalariado. Esse novo elemento da dinâmica social permitia não só o aumento da produção industrial como também ampliava o mercado consumidor, agora assalariado⁹¹.

Como parte das transformações que se deram em nível local, cabe destacar a ampliação da oficina de Adolfo Kautzmann em 1922, o que o levou a empregar mais funcionários e inaugurar oficialmente a primeira fábrica de calçados de Sapiranga. As atividades que mais se destacavam na década de 1920 eram as 121 atafonas, as 22 casas comerciais e os 14

⁸⁸ Observamos que, embora a atividade industrial tenha se desenvolvido consideravelmente nas primeiras décadas do século XX, a atividade agrícola não encerrou suas atividades. Especialmente o cultivo de mandioca continuou se desenvolvendo, tendo em vista a fabricação de farinha. Nesse contexto, aliava-se a produção agrícola com a atividade industrial crescente em Sapiranga.

⁸⁹ O setor calçadista, naquele ano, alcançou uma produção total de 96.998 pares de calçados, perfazendo 24,8% do total de impostos recolhidos no município.

⁹⁰ As transformações ocorridas no cenário sapiranguense fazem parte de uma série de mudanças ocorridas no âmbito do estado do Rio Grande do Sul. Durante as primeiras décadas do século XX, o PRR foi o grande responsável pela modernização dos meios de transportes e das comunicações. A capital do estado viveu os encantos da *Belle Epòque*, demonstrando sua modernização e novidades, como o bonde elétrico, o teatro e o cinema, as partidas de futebol (sendo que o próprio PRR incentivava as partidas de futebol como meio de disciplinamento e de integração do estado) que culminaram com a criação de dois importantes clubes de futebol, o Grêmio (1903) e o Internacional (1909). A Exposição Estadual de 1901 mostrou aos gaúchos o crescimento e a diversificação das atividades econômicas. Eram mais de 300 fábricas participantes, entre elas fábricas de móveis, banha, charutos, vinho, cerveja, tecidos, couros, vidros, chapéus, conservas e outros tantos bens de consumo, sendo que a maioria destes estabelecimentos localizava-se em Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, considerados então centros de difusão industrial.

⁹¹ Em 1920, a população de Sapiranga era de 2.856 habitantes. No início dos anos 20, existiam 539 prédios construídos em Sapiranga, dentre os quais estavam residências e estabelecimentos industriais e comerciais.

estabelecimentos de preparo e comércio de couros e seus derivados, que fabricavam também tamancos, sapatos e botas.

Essa iniciativa, embora individual, revela que a economia sapiranguense dava claros sinais de mudanças. Cada vez mais o setor secundário se sobrepunha ao primário, à medida que a indústria se afirmava na economia e a agricultura dava sinais de regressão⁹².

Muitos colonos, que antes se ocupavam apenas com as lidas do campo, passaram a se estabelecer na zona urbana⁹³, passando a trabalhar, principalmente, nas fábricas de calçados. Isso pôde ser observado especialmente a partir da década de 1930, período em que a indústria de calçados começou a se desenvolver consideravelmente.

Essas transformações socioeconômicas, sem dúvida, alteraram significativamente os hábitos e os costumes da sociedade do início do século XX. A chegada da luz elétrica, na década de 1920, transformou a vida da localidade, ao mudar os hábitos de seus moradores e ao incentivar ainda mais a produção industrial, contribuindo para o progresso do então chamado 5º Distrito de São Leopoldo⁹⁴.

⁹² Sobre o período anterior à emancipação política não possuímos dados concretos acerca da proporção da população rural e urbana. Todavia, acreditamos que a maioria ainda habitava a zona rural, sendo o êxodo rural uma constante a partir das primeiras décadas do século XX, em razão da diversificação econômica de Sapiranga. Enfatizamos que até o censo de 1940 não se encontram estatísticas precisas sobre a distribuição da população brasileira, especialmente no que se refere à divisão entre rural e urbano. Mesmo após o censo de 1940 é muito difícil fazer tal distinção, uma vez que os censos consideravam como população urbana aquela que vivia em sedes de municípios. Os números apresentados nos dão um total de 68,6% de moradores na zona rural em 1940 e de 63,8% em 1950. A população urbana no Brasil em 1940 totalizava 12.945.641 habitantes já em 1950 esses números se elevam para 18.782.891 habitantes.

⁹³ Analisando a questão do desenvolvimento econômico da região centro-sul, observamos que as áreas de imigração européia, em especial nesta região do Brasil, conheceram uma maior dinamização econômica, uma vez que procuraram diversificar suas atividades e favoreceram o surgimento de um mercado consumidor de seus próprios produtos, além de não sofrerem a concorrência direta de grandes lavouras tropicais, como ocorreu nas demais regiões do Brasil.

⁹⁴ Na década de 1920, Sapiranga contava com uma população de 2856 habitantes, a grande maioria formada por descendentes de imigrantes alemães. A partir do Recenseamento Geral de 1950 podemos estabelecer algumas comparações entre Sapiranga e o Rio Grande do Sul em termos de população. Em 1900, a população do Rio Grande do Sul era de 1.149.070 habitantes, dos quais 21.159 eram alemães ou naturalizados. Em 1920, os números apresentam sensível crescimento, totalizando 2.182.713 habitantes no estado, dos quais 21.165 eram alemães ou naturalizados. Já em 1950, temos uma população de 4.164.821 habitantes no Rio Grande do Sul, sendo apenas 13.516 alemães ou naturalizados. Enfatizamos que o número de alemães ou naturalizados diminuiu gradativamente, ao mesmo tempo em que o número de descendentes de alemães aumentava consideravelmente no estado. Portanto o número de habitantes que se considerava portador da cultura alemã era bastante considerável, especialmente na região do Vale dos Sinos. Como comprovação desta afirmação temos as elevadas taxas de crescimento natural em São Leopoldo. Em, 1900 era 23%, em 1920 era 22,9%, em 1940 era 14,4% e em 1950 aumentou novamente para 21,4%.

O “progresso econômico”, experimentado desde o final do século XIX e início do século XX, fez com que a integração entre Sapiranga e o centro urbano de São Leopoldo, às margens do Rio dos Sinos, então sede do município, tornasse-se uma realidade.

Um aspecto importante que deve ser lembrado foi o fato de que o intendente de São Leopoldo, no período de 1902 a 1916, Guilherme Gaezler Neto, era nascido em Sapiranga. Gaezler Neto era filho de Henrique Guilherme Gaezler e Maria Sehn Gaezler, adeptos dos Mucker. Naquele ano de 1874, tinha apenas seis meses de vida, tendo sido salvo do campo de batalha contra os Mucker.

No período em que administrou o município de São Leopoldo, realizou várias benfeitorias, como a construção de uma ponte sobre o Rio dos Sinos e outras pontes e estradas na região, o que fez com que conquistasse a simpatia de seus moradores, tendo, ainda, favorecido consideravelmente a localidade de Sapiranga.⁹⁵

Em função do progresso econômico experimentado por Sapiranga desde o período da administração de Gaezler Neto, fez-se necessário integrar de forma mais eficiente Sapiranga e a cidade de São Leopoldo⁹⁶, às margens do Rio dos Sinos, então sede do município. Com essa finalidade, foi inaugurado, em 15 de agosto de 1903, mais um trecho da estrada de ferro, unindo, dessa vez, Novo Hamburgo a Taquara, com uma extensão de 43 quilômetros. Estava, portanto, interligada a economia da região com Porto Alegre⁹⁷.

⁹⁵ Guilherme Gaezler Neto recebeu o apelido de “Pequeno Kaiser”, em função da sua semelhança física com o imperador alemão Guilherme II.

⁹⁶ Hamilton de Mattos Monteiro mostrou que na primeira metade do século XX encontramos fatores excepcionais para o desenvolvimento industrial do país. Para ele, capital, mão-de-obra, mercado relativamente concentrado, matéria-prima disponível e barata, além da capacidade geradora de energia e um sistema de transportes ligado aos portos favoreceram imensamente a difusão das atividades industriais no Brasil. MONTEIRO, Hamilton de Mattos. Da república Velha ao Estado Novo. Parte A: O aprofundamento do regionalismo e a crise do modelo liberal. In: LINHARES, Maria Yedda (org). *História Geral do Brasil*. 9 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p. 312. Esta mesma situação encontramos em Sapiranga no início do século XX e em toda região do Vale dos Sinos. Estes elementos, tomados em sua totalidade, devem ser considerados para explicar o florescimento das atividades tipicamente urbanas na região do Vale dos Sinos, ao mesmo tempo em que acompanhamos a êxodo rural gradativo e o aumento dos centros urbanos com sua conseqüente diversificação de atividades no setor terciário.

⁹⁷ Em 1959, o governo do Estado do Rio Grande do Sul transferiu toda a rede ferroviária para a responsabilidade do governo federal e este acabou desativando toda a rede que ligava as povoações do Vale do Rio dos Sinos, em fins de 1963.

A partir dessa data, com a inauguração da *Estação Sapyranga*, era possível transportar os produtos até a sede do município, estimulando consideravelmente o incremento da produção, já que o escoamento tornava-se muito mais ágil, rápido e barato.

O trem será, portanto, um grande fator para o progresso da localidade⁹⁸, representando uma nova etapa de desenvolvimento na história de Sapyranga, que se contrapunha ao passado Mucker, identificado como uma mancha do passado por parte da população. As primeiras décadas do século XX foram marcadas em Sapyranga por um grande desenvolvimento na economia e no processo de urbanização.

Para demonstrar parte do desenvolvimento vivenciado por Sapyranga nas primeiras décadas do século XX, destacamos um artigo do jornal *Correio de São Leopoldo*, do dia 20 de janeiro de 1940, intitulado “SAPYRANGA”:

SAPYRANGA

Lá, no coração de São Leopoldo, projeta-se **um grande distrito**. É a força do braço agrícola. É a força da pecuária, da indústria e do comércio leopoldense que crescem, que progridem no coração de São Leopoldo.

Dos seus 10 distritos, São Leopoldo não envergonha-se de nenhum deles.

São 10 carros seguros, puchados pela locomotiva sadia de uma administração grandíloqua.

São 10 estrelas luzidas que foram uma constelação vibrante de força e energia.

(...)

Sapyranga é o 5º Distrito de São Leopoldo. É um dos distritos que mais tem feito pela valorização da comuna leopoldense.

(...)

Cortada por inúmeros afluentes do Rio dos Sinos, **Sapyranga é um pedaço de terra brasileira sobejamente fértil. A sua agricultura é das mais variadas**. E ao lado desta, a indústria que se multiplica, dia a dia, prometendo cada vez mais o **progresso calcado pelo braço dinâmico de seu povo**.

Ligada à sede do município pela estrada de ferro (VFRGS) que por sua vez vai até Porto Alegre, e por estradas de rodagem, Sapyranga vai tomando vulto para demonstrar a sua **pujança entre todos os distritos co-irmãos**.

Servida pela luz e força municipal, cujo desdobramento e utilização são, cada vez mais, apreciáveis, esse distrito avança pari passu com seu município que é um dos maiores do Rio Grande⁹⁹.

⁹⁸ Lembramos que, além da estrada de ferro, Sapyranga passou a contar com a estrada de rodagem a partir da primeira década do século XX. Essa obra foi realizada por Guilherme Gaelzer Neto, intendente de São Leopoldo. Todavia, o melhoramento das estradas não acompanhou o progresso tecnológico dos meios de transportes, restringindo inicialmente o emprego à utilização de caminhões e automóveis, que tiveram sua entrada em Sapyranga ainda na década de 1920. Em razão da larga utilização do trem na região, o meio fluvial de transporte sentiu séria queda em seu uso. Após a década de 1930, o barco a vapor já deixava de ser utilizado. Porém no período da Segunda Guerra Mundial as carroças foram novamente amplamente utilizadas, em razão da escassez de combustível.

⁹⁹ *Correio de São Leopoldo*, 20 jan. 1940, n. 382, Capa (grifos nossos).

As informações trazidas pelo jornal *O Correio de São Leopoldo* descreveram a situação de Sapiranga no início da década de 1940. Destacou-se a posição privilegiada de Sapiranga, dentre os demais distritos do município de São Leopoldo, além do seu grande potencial econômico, representado especialmente pelo progresso da indústria.

O espaço urbano de Sapiranga sofreu grandes transformações nas primeiras décadas do século XX. As origens desse processo vinculavam-se à inauguração da Estação do Trem, ocorrida em 1903. Esse ato favoreceu, em grande parte, a urbanização de Sapiranga e ao fazer da Estação o ponto de encontro das atividades econômicas e sociais¹⁰⁰.

Nas primeiras décadas do século XX, foram perceptíveis o crescimento e a diversificação das atividades comerciais nas redondezas da estação férrea, comprovando o aumento de circulação de pessoas neste núcleo urbano¹⁰¹ em expansão.

A esse contexto de urbanização e de desenvolvimento da vida social dos sapiranguenses¹⁰² somaram-se as repercussões das transformações políticas de âmbito

¹⁰⁰ Em 1909 foi estendida a linha telefônica até Sapiranga. O aumento da circulação da produção e da circulação de pessoas e mercadorias provocou a instalação de um meio mais rápido e eficaz de comunicação de Sapiranga com as demais localidades. As décadas de 1920 e 1930 conheceram um expressivo crescimento de residências e estabelecimentos comerciais na área urbana, especialmente nas imediações da Estação do Trem.

¹⁰¹ Embora possamos identificar um considerável crescimento industrial e urbano em Sapiranga já nas primeiras décadas do século XX, não desconhecemos a realidade vivida pelos moradores dos vales dos Sinos e Caí. De acordo com Jean Roche, essas áreas, que compreendiam os municípios de Montenegro, Caí, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Taquara e os municípios recentemente criados Canela, Gramado, Nova Petrópolis e Rolante totalizavam uma área total de 5059 hectares quadrados de terra e possuíam, em 1950, uma população de 264.145 habitantes. Nessa área, 16,4% da superfície é cultivada, sendo que a população rural atinge a densidade de 33,2 hab/Km², totalizando 62,9% da população total da região. Ainda segundo Roche cada município possuía várias pequenas vilas (sedes de distritos) que somavam muitas vezes 1000 ou 2000 habitantes e que nas estatísticas eram classificadas como urbanas ou suburbanas, mas que de acordo com sua análise deveriam ser consideradas como rurais. ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. vol.1. p 181-184.

¹⁰² Um dos aspectos curiosos da sociedade sapiranguense das primeiras décadas do século XX é o fato de que, em razão do progresso econômico experimentado neste período, os seus hábitos também se modificaram, aumentando gradativamente o poder de consumo de artigos até então considerados supérfluos. Como parte das mudanças em seus hábitos, aparece também a preocupação com o lazer. Isso pode ser percebido, especialmente a partir da década de 1930, com as diversas famílias que começam a passar suas férias no litoral norte do estado, especialmente em Tramandaí, onde muitas famílias passam inclusive a adquirir seus próprios imóveis a partir das décadas de 1950. É este também o período de urbanização do litoral norte do Rio Grande do Sul.

nacional¹⁰³. Os valores nacionais, entendidos como “valores dos brasileiros”¹⁰⁴ foram rejeitados por muitos de seus moradores.

Isso não impediu, no entanto, que se observasse em Sapiranga uma mudança significativa na denominação de instituições, bem como um controle sobre as manifestações culturais e sobre os próprios hábitos cotidianos da população, que seria exercido pelas autoridades policiais.

Inserida no contexto nacional de transformações políticas (em especial, dos efeitos da campanha da nacionalização de Getúlio Vargas) da década de 1930, a comunidade sapiranguense elegeu o Coronel Genuíno Sampaio como símbolo de manifestação de seu patriotismo.

Acreditamos que isso se deu, em parte, devido à situação política do Estado brasileiro e de seu empenho para a nacionalização da cultura, em especial nas áreas de imigração, como foi o caso de Sapiranga. Entendidos como uma “ameaça” à cultura nacional, os descendentes de imigrantes alemães de Sapiranga, assim como nas demais áreas do país, foram obrigados a assimilar em suas tradições a cultura entendida como nacional. Com isso, procuraram valorizar os símbolos da nação, em detrimento da cultura germânica, herdada de seus antepassados.

Como exemplos das repercussões dessa política em nível local, tivemos a proibição da fala da língua alemã, bem como a incineração dos livros em alemão, que foram encontrados

¹⁰³ As décadas de 1930 e 1940 foram marcadas por várias transformações em nível nacional. Com a Revolução de 1930 e a subida de Getúlio Vargas ao poder presidencial, uma série de mudanças ocorreram. Dentro desse processo, destacamos a nacionalização instituída pelo Estado Novo (1937-1945), através do qual se deu início a um forte controle sobre as populações imigrantes no Brasil. Mais precisamente no sul do Brasil, na área de imigração alemã observamos o rígido controle sobre as pessoas que falavam a língua alemã e que cultivavam suas tradições culturais imigrantes.

¹⁰⁴ Empregamos essa expressão para identificar a forma como muitos moradores de Sapiranga, com ascendência alemã, referiam-se à cultura nacional. Para estes, sua cultura estava diretamente relacionada com a cultura trazida pelos imigrantes alemães. Suas manifestações culturais englobavam desde as danças, músicas, comidas típicas e também a fala da língua alemã. Sobre esta questão da nacionalidade, Lúcia Lippi Oliveira afirma que: *No Brasil as mudanças acontecidas na chamada Era Vargas cuidaram de organizar os trabalhadores e procuraram fazê-los participar da sociedade a partir do mundo do trabalho, da carteira profissional, da organização sindical, do Ministério do Trabalho. Por outro lado, foi nesse tempo eu se criou uma identidade simbólica/cultural através de festas cívicas, de feriados, assim como do rádio, do cinema, da propaganda e de biografias do líder maior, Getúlio Vargas.* OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e hoje. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy (org.). *História cultural. Experiências de Pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 67-68.

na Biblioteca da Sociedade de Canto¹⁰⁵ à época. Dada a necessidade de construção de uma nova identidade cultural para Sapiranga, a comunidade empenhou-se em procurar exemplos de cidadania e patriotismo.

No período que se estendeu de 1874 até meados do século XX, identificamos muitas transformações e observamos a lenta organização da vida social. No entanto, a formação de sociedades e associações em Sapiranga foi muito mais lenta do que a ocorrida em outras áreas da região do Vale dos Sinos. Esse caráter tardio deveu-se, em parte, ao conflito Mucker, que provocou sentimentos de ódio e de medo entre a comunidade sapiranguense.

Este quadro foi revertido, em parte, através do trabalho desenvolvido por Wilhelm Rotermond, que, através da publicação dos seus *Kalender* (almanaques), estimulou o desenvolvimento da vida cultural no Vale dos Sinos¹⁰⁶ no início do século XX. Imbuídos de novos ideais e influenciados pelo clima de prosperidade econômica, os moradores de Sapiranga aderiram à organização de sociedades de cunho sociocultural¹⁰⁷.

Chamou-nos atenção a data em que foi fundado o *Gesangverein Sängerkranz*, dia 19 de julho de 1901, dia e mês em que a casa de Jacobina foi destruída no Ferrabraz. Cremos ser bastante pertinente a associação que pretendemos estabelecer, na medida em que a data era bastante significativa para a comunidade e representava a data em que um episódio da maior

¹⁰⁵ *Gesangverein Sängerkranz* era a denominação original da Sociedade de Canto. Porém com a instalação do Estado Novo, em 1937, e a proibição da utilização do nome estrangeiro para o clube, este passou a se chamar Clube 19 de Julho, em alusão à data de sua inauguração. O nome encontrado na fachada do prédio, localizado na avenida João Corrêa, a principal de Sapiranga, teve que ser trocado pelo nome em português. Iremos discutir de forma mais aprofundada a história e a atuação do clube na sociedade sapiranguense no capítulo 3.

¹⁰⁶ Destacamos a importância destes almanaques que eram vendidos por preços módicos nas comunidades e assim se transformaram num veículo de cultura entre as populações da região colonial alemã. Estes almanaques circulavam nas casas da população, sendo constantemente emprestados entre os vizinhos, entre os quais também eram motivo de longas conversas. Destacamos o estudo realizado por Imgart Grützmann sobre o papel desempenhado pelos almanaques nas áreas de imigração alemã na América do Sul. GRÜTZMANN, Imgart. O almanaque (*Kalender*) na imigração alemã na Argentina, no Brasil e no Chile. In: DREHER, Martin et al. (orgs.) *Imigração e imprensa*. Porto Alegre: EST/ São Leopoldo: IHSL, 2004.

¹⁰⁷ Inserida neste espírito, ocorreu, em 1894, a criação das sociedades de canto *Gesangverein Bruderbund*, no Ratzenberg (atual bairro Amaral Ribeiro) e *Gesangverein Liedertafel*, no Jakobstal (atual Picada São Jacó)¹⁰⁷. Anos mais tarde, em 1901 foi fundado o *Gesangverein Sängerkranz* (Sociedade de Canto “Coroa de Cantores”). Sobre esta questão Jean Roche destaca a importância da criação das Sociedades nas áreas coloniais alemãs. De acordo com seu levantamento, encontramos, em 1924, 66 sociedades no município de São Leopoldo, das quais somente 8 localizavam-se na cidade de São Leopoldo. Das outras, 11 estavam distribuídas no segundo distrito (Novo Hamburgo) e 47 nos demais distritos do município. ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. vol 2. p. 646-647.

relevância para a história do conflito havia acontecido. O simbolismo parece-nos evidente, assim como a intenção de reverenciar a data.

Embora não tenhamos a explicitação dessa intenção nas fontes documentais, impõe-se a forte vinculação entre essas duas datas, a do dia 19 de julho de 1874 e a de 1901. Não seria essa segunda data uma forma simbólica de rememorar a primeira? Acreditamos que sim, já que a idéia de “refundação” da comunidade se fazia muito presente neste momento, e a ocasião serviu para marcá-la simbolicamente.

1.1.3 O contexto político e cultural sapiranguense

No período do final do século XIX, observamos transformações no cenário político regional, cujos desdobramentos foram sentidos pela população de Sapiranga. Um exemplo disso foi o Ato Municipal de São Leopoldo nº 154, de 28 de março de 1890, que elevou Sapiranga à condição de 5º Distrito do município de São Leopoldo.

Já em 02 de maio do mesmo ano, Sapiranga foi elevada à categoria de Freguesia¹⁰⁸, o que demonstrou que Sapiranga estava num contínuo processo de desenvolvimento econômico, o que muito agradou a São Leopoldo. Anos mais tarde, em 1938, Sapiranga foi elevada à condição de Vila, através do Decreto Municipal nº 7109 de 31 de março de 1938.

Essas mudanças de caráter político comprovam aquilo que já havíamos apontado anteriormente. Sapiranga diversificava progressivamente suas atividades econômicas, uma vez que na década de 1940 Sapiranga possuía não apenas a produção de calçados, mas também de móveis, massas, sabão, farinha de mandioca, carimbos, artigos de metalurgia, aguardente, vinho e roupas¹⁰⁹.

¹⁰⁸ Logo após a implantação da República, ocorreram diversas transformações na estrutura política do Brasil. Exemplo destas transformações pode ser percebido em Sapiranga, que foi elevada à condição de Freguesia, em substituição à sua condição anterior de Distrito.

¹⁰⁹ O desenvolvimento de Sapiranga torna-se visível se considerarmos os dados presentes nas Estatísticas do município de São Leopoldo, que nos permitem avaliar os números relativos a produção de Sapiranga.

Comprovando a diversificada produção industrial sapiranguense na década de 1940, a cidade possuía 148 estabelecimentos industriais, 76 estabelecimentos comerciais, 40 prestadoras de serviços industriais e 52 prestadoras de serviços comerciais, totalizando 316 estabelecimentos¹¹⁰.

Em relação ao sistema de ensino, podemos apontar as cinco escolas primárias estaduais (das quais três eram rurais), as 15 escolas primárias municipais, as cinco escolas primárias particulares¹¹¹ (vinculadas às Igrejas) e uma escola de corte e costura mantida pelo SESI.

O desenvolvimento econômico de Sapiranga, especialmente da sua produção agro-industrial, e o empenho pelo progresso¹¹² levou seus habitantes a proporem a emancipação política¹¹³.

A prosperidade continuava visível em Sapiranga. Na década de 1950, foram realizadas várias melhorias nas condições de vida da população, como a inauguração do hospital, em 1950, e as aulas das escolas católica e luterana, em 1952¹¹⁴.

¹¹⁰ Buscando a ampliação do setor industrial no Brasil, o governo federal aprova a Lei nº 262 de 23 de fevereiro de 1948, que estabelece o sistema de licença prévia para as importações. Com isso, ampliam-se ainda mais as possibilidades de produção nacional, visando não apenas ao abastecimento de mercados regionais, mas também à ampliação do volume das exportações. Neste caso, o Vale dos Sinos, e conseqüentemente Sapiranga, tem seus negócios incentivados pela possibilidade das exportações. Como parte importante deste programa nacional de fomento à indústria, Getúlio Vargas, empossado em 31 de janeiro de 1951, lançou um programa de fomento às atividades industriais, matérias-primas e semi-processadas. Percebemos que o mercado consumidor externo transformou o Vale dos Sinos em um dos principais centros exportadores mundiais de calçado na segunda metade do século XX.

¹¹¹ Neste contexto educacional, merece ser comentado o surgimento da escola evangélica, cuja origem ocorreu em 1850. Segundo o relatório de 1º de janeiro de 1850, do diretor da Colônia Alemã de São Leopoldo, Dr. Johann Daniel Hillebrand, funcionava, então, em Sapiranga, uma escola que contava com apenas um professor e 31 alunos. A escola, que antes se chamava “Deutsche Evangelische Vereinsschule Sapyranga”, passou, em virtude da implantação do Estado Novo, no governo Vargas, a se chamar “Escola Duque de Caxias”.

¹¹² Neste estudo, o termo progresso é utilizado para caracterizar o desenvolvimento econômico e social alcançado por Sapiranga. Destacamos que esse termo é freqüentemente empregado no jornal bcal para descrever o desenvolvimento econômico e social. Portanto, quando fizermos menção ao progresso de Sapiranga, estamos nos referindo ao desenvolvimento econômico e social, no sentido de expressar o avanço, a civilidade alcançada pela comunidade.

¹¹³ Nos anos de 1940, Bertholdo José Seibel e Alfredo Sperb, conversando sobre os problemas da Vila e sobre a falta de investimentos por parte de São Leopoldo, resolveram fazer um abaixo-assinado no qual pediam a emancipação de Sapiranga. Tal gesto teve adesão de um número espantoso de pessoas, o que os levou a pensar mais e levar a idéia adiante, realizando um pedido oficial ao governo do Estado, o que foi recusado.

¹¹⁴ Lembramos que a escola evangélica existia desde 1850.

Já as artes e os esportes se destacaram através dos grupos de teatro, corais, ginastas, remadores, times de ping-pong, de futebol, de bolão, Centro Cívico, bandas e orquestras, escola de música e jornal¹¹⁵. Além disso, não podemos deixar de fazer referência às Assembléias Churrasqueiras¹¹⁶, nas quais começaram a tomar forma as idéias sobre a emancipação.

A década de 1950 caracterizou-se pelas idéias de emancipação. No dia 26 de dezembro de 1952, foi realizado o primeiro comício defendendo os ideais de autonomia política, o qual foi aberto por José Lopes Nogueira, presidente da Comissão de Emancipação. Esse comício foi seguido por estratégias de convencimento da população em relação aos benefícios que a autonomia política traria para a comunidade local.

Assim, abriu-se, oficialmente, uma campanha pró-emancipação, que se utilizou, inclusive, do jornal local, *O FERRABRAZ*, para publicar informações e as justificativas para a emancipação da Vila. Uma das formas de divulgação foram os panfletos, distribuídos entre a população com o intuito de convencer os eleitores a votarem a favor da separação de São Leopoldo.

Em alguns desses folhetos,¹¹⁷ encontramos dizeres de forte significado, ao mesmo tempo em que convocavam toda a população a dizer sim no dia do plebiscito. Os trechos

¹¹⁵ Estes grupos eram formados, em sua grande maioria, por moradores do núcleo urbano de Sapiranga, que nas horas vagas dedicavam-se às atividades culturais.

¹¹⁶ As Assembléias Churrasqueiras ocorriam no chamado “Matinho dos Dresch”, próximo à Curva do “S”. Neste local, promoviam-se churrascos, nos quais se encontravam várias pessoas da Vila para se divertirem, ao mesmo tempo em que começaram as primeiras conversas informais sobre a emancipação política de Sapiranga. A partir destes encontros é que se organizaram as primeiras comissões pró-emancipação. As Assembléias Churrasqueiras, além de serem espaços de sociabilidade, tornavam-se também espaços políticos por excelência, em que, junto com o divertimento e o lazer, se discutia sobre a vida no distrito.

¹¹⁷ No Museu Municipal de Sapiranga, encontramos um rico material sobre a campanha pró-emancipação, doado por Leopoldo Luiz Sefrin (filho de Leopoldo Sefrin). Lembremos que Leopoldo Sefrin teve participação atuante neste processo, sendo, inclusive, eleito vereador para a primeira Câmara Municipal. Também tivemos acesso à documentação referente ao processo legal referente à emancipação de Sapiranga, possibilitando assim uma maior compreensão da realidade sócio-econômica da localidade no momento da emancipação política. Em um folheto intitulado “PROCLAMAÇÃO”, estava impresso um pequeno texto que trazia consigo o seguinte conteúdo: “Não permitas que mais tarde tenhas remorsos quando teus filhos te acusarem por não terem querido, por comodismo dar o teu voto que lhes garantia o direito de governar-se a si mesmos e dirigir os seus próprios destinos. Lembra-te que, como distrito fomos abandonados e esquecidos, mas como município ergueremos a frente e marcharemos avante, pois ninguém se entrega sem lutar e ninguém se abandona nem se esquece de si mesmo. Venha votar com tua esposa e teus filhos para que em futuro próximo possas com orgulho e satisfação exclamar vitorioso. Eu e minha família ajudamos a criar este município, dando-lhe o nosso voto”. (PROCLAMAÇÃO, 28 nov., 1953). Em um outro folheto, que convidava a população para um comício da comissão pró-emancipação, encontramos, no

desses folhetos evidenciavam a exaltação cívica que envolveu os cidadãos locais e a disseminação da idéia de que a emancipação representava o progresso, enquanto que a atual situação somente poderia trazer o regresso e a falta de perspectivas.

Dando prosseguimento à campanha de emancipação política, foi realizado o plebiscito no dia 20 de dezembro de 1953, sendo que 1381 eleitores votaram a favor e apenas 96 eleitores votaram contra a emancipação. Assim, encaminhou-se à Comissão de Divisão Territorial do Estado a documentação necessária para a emancipação.

Após a aprovação dos resultados do plebiscito e pela lei estadual nº 2529 de 15 de dezembro de 1954, foi criado o município de Sapiranga, o qual determinava sua instalação para o dia 28 de fevereiro de 1955. Ficava estabelecido, ainda, que as eleições seriam realizadas em 20 de fevereiro de 1955 e que o mandato do prefeito e do vice-prefeito encerraria em 31 de dezembro de 1959¹¹⁸. No dia 28 de fevereiro de 1955, o sonho da emancipação¹¹⁹ realizou-se para os moradores de Sapiranga numa caminhada festiva para a posse. Eleitos pela comunidade, o prefeito e o vice foram conduzidos ao governo¹²⁰.

final do mesmo, a frase que convocava a população a votar a favor da emancipação: ‘SAPIRANGUENSES! Lembra-te que a luta é pela emancipação de tua terra, **estar com a emancipação é estar com Sapiranga, ser contra emancipação é ser contra Sapiranga.** (CONVITE, 24 mar. 1953 [grifo nosso]).

¹¹⁸ Também se definiu que o primeiro mandato da Câmara dos Vereadores se encerraria em 31 de dezembro de 1955, sendo formada por sete vereadores que teriam a função de organizar a legislação do município recém criado. Como prefeito, foi eleito Edwin Kuwer, através da coligação do PSD, PL, UDN, PRP, PSP e dissidentes do PTB. O vice-prefeito eleito foi Waldemar Carlos Jaeger, do PRP. Entre os vereadores eleitos, destacamos o nome de Leopoldo Sefrin (PSD), que havia exercido o cargo de assessor jurídico da Comissão de Emancipação e personagem de destaque na vida pública local, sobre quem iremos falar de forma mais detalhada no terceiro capítulo de nosso trabalho. Tomando posse de seus cargos, precisaram enfrentar os primeiros problemas como a falta de verbas, a falta de uma sede para a prefeitura, funcionários e até mesmo móveis para trabalhar, o que foi solucionado com a ajuda de grande parte da população, através de doações e empréstimos em dinheiro.

¹¹⁹ Na memória de alguns moradores de Sapiranga, ainda se encontram imagens de momentos da década de 1940, em que iam para a campanha de jipe e sofriam com atoleiros, tentando convencer moradores a se unirem para formam o novo município. Em alguns lugares foram recebidos a tiros, palavrões ou então ovacionados.

¹²⁰ No dia 28 de fevereiro de 1955, logo ao amanhecer, a população dirigiu-se até a casa do prefeito eleito, Edwin Kuwer, para assim conduzi-lo até o local da posse do cargo. Realizou-se uma caminhada pelas principais ruas do novo município para representar, simbolicamente, a entrega do cargo ao prefeito, o que se faz através das mãos da própria população que o conduz. Poderíamos pensar este ato a partir da idéia apresentada por Pierre Bourdieu, quando analisa a questão do sujeito que detém o poder através do reconhecimento do grupo, o qual lhe institui um direito próprio, através do recebimento do cetro do poder. Agora, com o município emancipado, fazia-se necessário trabalhar para continuar com o progresso vivenciado antes da emancipação. Neste sentido, na década de 1960 a cidade se caracterizou por seus ares de cidade pequena, onde, praticamente todas as pessoas se conheciam.

Desde a década de 1940, as festas e bailes da comunidade haviam se transformado em espaços de distinção social¹²¹, especialmente verificada com o crescimento da produção de calçados e da metalurgia¹²². Esse desenvolvimento provocou a acentuada diferenciação entre aqueles que detinham o poder econômico e aqueles que estavam subordinados aos meios de produção. Esses espaços sociais – bairros residenciais, cafés, restaurantes, clubes - eram lugares nos quais “ver e ser visto” era algo que fazia parte da dinâmica social sapiranguense.

Nesse meio social, não foram esquecidas as tradições¹²³ herdadas da descendência alemã. Pelo contrário, o que observamos a partir de meados do século XX foi o convívio de seus moradores com tradições e costumes herdados, tanto por parte da população de origem alemã quanto lusa¹²⁴.

Essas tradições podiam ser percebidas através da comemoração do Kerb da cidade, das festas promovidas pelo Clube 19 de Julho e pelas festas religiosas. Os bailes de Kerb, o culto em alemão celebrado na Igreja Evangélica e até mesmo o ensino da língua alemã na escola

¹²¹ Foi a partir da década de 1940 que ocorreu uma notável transformação da estrutura da sociedade sapiranguense. Com a ascensão da indústria, muitas famílias enriqueceram, enquanto que outras se transformaram em fornecedoras de mão-de-obra para essas indústrias. A estratificação social tornava-se um elemento cada vez mais visível na sociedade sapiranguense, algo que nas décadas anteriores não se percebia de forma tão evidente. Como exemplo desse crescimento, constatamos, em 1960, a presença de 163 indústrias, 139 casas comerciais e 88 estabelecimentos de prestação de serviços. Além disso, já em 1960, Sapiranga contava com 29 Sociedades e 29 escolas.

¹²² Uma mostra do desenvolvimento do município de São Leopoldo ainda na década de 1930 pode ser observado na Exposição do Centenário Farroupilha, em 1935. Participaram 739 expositores, entre os quais identificamos 168 de Porto Alegre, 13 de Rio Grande, 23 de Pelotas, 14 de Santa Maria e 51 de São Leopoldo (considerando o distrito de Novo Hamburgo que levou 28 expositores).

¹²³ Como parte dessas tradições, observamos nas casas de seus moradores o cultivo de uma planta que se destacava. Era a roseira que coloria os jardins da cidade, tanto nas praças, canteiros das calçadas ou nos jardins particulares. Desse gosto pelas roseiras nasceu a denominação “Cidade das Rosas”, como é conhecida Sapiranga até nossos dias. Sobre essa questão que envolve o cultivo de roseiras na cidade e a escolha dessa flor como um dos símbolos da cidade, sabemos que, em 1960, o jornalista Moniz Pacheco sugeriu tal denominação para a cidade, em um artigo publicado no jornal *O FERRABRAZ*. Em 1964, o diretor do Serviço Estadual de Turismo, Osvaldo Goidanich, fez a mesma sugestão de Pacheco. Com isso, abriu-se a Festa das Rosas, que visava mostrar não apenas a flor preferida dos sapiranguenses, mas também a sua produção industrial cada vez mais incrementada, demonstrando as condições favoráveis que se apresentavam naquele momento na cidade, que, na década de 1970, contava com cerca de 20 mil habitantes.

¹²⁴ Percebemos importantes transformações na constituição étnica da população do município de São Leopoldo no início do século XX. Um exemplo disso pode ser percebido através dos casamentos realizados, entre os quais se observava um aumento expressivo do número de matrimônios entre pessoas de famílias de origem lusa e alemã. Também percebemos que o número de moradores que falavam a língua alemã diminuiu a partir da segunda metade do século XX, em parte pela constituição de famílias não mais apenas de origem alemã e também pelas escolas que ensinavam desde cedo a língua portuguesa aos alunos. De acordo com as pesquisas realizadas por Jean Roche, a sociedade do Vale dos Sinos, formada em sua maioria por imigrantes e descendentes de imigrantes alemães, sofreu consideráveis transformações ao longo do século XX, especialmente em relação à sua formação étnica.

evangélica faziam parte do conjunto de tradições mantidas pelos sapiranguenses até os dias atuais.

Na perspectiva de análise das tradições culturais herdadas pelos sapiranguenses de seus antepassados, não podemos deixar de analisar um capítulo quase esquecido da história de Sapiranga, que foi construída basicamente a partir da contribuição da imigração alemã. Referimo-nos à presença do afro-descendente¹²⁵ em Sapiranga.

Com o propósito de nomear o local ocupado por pessoas de etnia distinta daquela maioria da população (alemã), em especial por aqueles que constituíam a elite local, o bairro África caracterizou-se por concentrar pessoas de origem africana, descendentes de escravos que ali se estabeleceram após a abolição da escravidão. Assim, o grupo étnico negro teve definido o seu espaço no bairro “África”, afastado do centro das decisões econômicas, que se desenvolvia nos arredores da Estação do Trem.

Entendemos, portanto, que ao “criar e nomear” espaços e lugares na cidade de Sapiranga prevaleceram os interesses que correspondiam aos anseios e valores do grupo dominante local¹²⁶. A reconstrução do bairro África a partir de meados do século XX com a denominação de bairro Centenário fazia parte desse processo de construção de Sapiranga como cidade de descendência germânica¹²⁷.

¹²⁵ Além dos estudos realizados por Sandra Pesavento sobre a construção dos lugares dos excluídos na cidade de Porto Alegre, destacamos os estudos realizados por Paulo R. Staudt Moreira. O autor preocupa-se em analisar a construção dos espaços urbanos em Porto Alegre no final do Império e dentro da conjuntura de crise do modelo escravista brasileiro. Moreira preocupa-se em entender não apenas a construção dos espaços da comunidade étnica negra, mas também como essas comunidades são representadas pelas autoridades policiais, pela imprensa e pela própria sociedade. Esses lugares habitados por ex-escravos e negros livres são entendidos pelo autor como lugares de exclusão social, ao mesmo tempo em que recriam o espaço da formação de lideranças representativas da comunidade étnica negra, que são interpretados pelas autoridades policiais como possíveis ameaças à ordem estabelecida. MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Feiticeiros, venenos e batuques: religiosidade negra no espaço urbano (Porto Alegre – século XIX)*. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et ali (orgs). *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

¹²⁶ Retomamos aqui a relevância dos estudos realizados por Sandra Pesavento e Paulo Moreira em relação à população negra em Porto Alegre. De forma semelhante a Porto Alegre, em Sapiranga se construíram estes espaços dos excluídos, que eram assim identificados pela população branca por se tratar de ex-escravos e libertos.

¹²⁷ É necessário destacar o fato de que, na maior parte das vezes, as palavras utilizadas para nomear e fazer referência a certo espaço ou grupo, que é veiculado por jornais, crônicas ou até mesmo memórias individuais ou coletivas são endossadas pelos documentos oficiais, após o uso recorrente pelos seus moradores. Nesse sentido, o termo “África” empregado para referir o bairro de população negra em Sapiranga era recorrente entre seus moradores e até mesmo em documentos oficiais e na imprensa, até meados do século XX, quando ocorrerá um crescimento populacional expressivo e estas terras passam a ser valorizadas do ponto de vista imobiliário. Em

Neste ambiente sócio-cultural tão diverso, que continuava a sofrer transformações, destacamos a importância do jornal *O FERRABRAZ*. Através de suas propagandas e anúncios como também de alguns artigos redigidos por pessoas destacadas do meio social sapiranguense, podemos observar o posicionamento da imprensa diante dos acontecimentos que envolviam a vida pública de Sapiranga.

Como exemplo disso que afirmamos temos:

“CAFÉ BAR IMPERIAL, de Walter B. Klein. **Ambiente distinto, recomendado as distintas famílias de Sapiranga e aos visitantes desta vila.** Bomboniere, cigarraria, frios, bebidas geladas e sorvetes”¹²⁸.

“**A distinta freguesia** e aos nossos amigos desejamos um Feliz Natal e um próspero Ano Novo. Walter Muller e Cia. Sapiranga, natal de 1954”¹²⁹.

“Churrascaria AO MATIAS” de Edwino Mattes. O melhor e tradicional churrasco a moda da casa, galeto, além do prato especial, todas as sextas-feiras. **Ambiente selete e agradável**”¹³⁰.

Também em relação aos assuntos que envolviam a política sapiranguense, foram publicados artigos como esse:

“AS ELEIÇÕES DE SAPIRANGA. Num **ambiente de verdadeiro civismo e de alta educação política**, realizaram-se neste município as eleições para o Executivo e Legislativo Municipais.(...) Conquanto fosse renhida a disputa, não se verificaram excessos de espécie alguma, **não houve a imprensa atacante, não se verificou discursaria impudica, ninguém ouviu alto-falantes usar termos (sic) perversos, deturpadores da verdade, dichotes difamatórios. Não!** Nada disso. Foi, portanto, uma **campanha cívica, dirigida com altruísmo, para elucidar o povo**, para apresentar candidatos...”¹³¹.

Já no artigo escrito pelo sapiranguense Ítalo de Oliveira, percebemos a presença de pensamentos divergentes na própria imprensa:

razão disso, a população negra é deslocada e dispersa para outras áreas. A maioria deixou Sapiranga e buscou moradia em outras regiões do Vale dos Sinos. Atualmente o Bairro Centenário (antigo bairro África) é uma região bastante valorizada no município e caracteriza-se por residências de classe média.

¹²⁸ O FERRABRAZ, 31 jul. 1951, n.21, Capa (grifo nosso).

¹²⁹ O FERRABRAZ, dez. 1954. n.62. Capa (grifo nosso).

¹³⁰ O FERRABRAZ, 30 set. 1965, n.240, p.5 (grifo nosso).

¹³¹ O FERRABRAZ, 1 dez. 1959, n.126, Capa (grifos nossos).

“UM HOMEM EM FOCO. Em minhas crônicas, tenho sempre revelado o lado promissor de cada homem na minha cidade, e tenho convicção daquilo que **escrevo e digo, não faço de minha crônica uma bajulação como venho sendo atacado dentro de Sapiranga, mais para quem o silêncio é minha resposta, tomadas as vezes em que eu escrever estes espaços dentro de O FERRABRAZ, será para encontrar virtudes e não achar defeitos**, porque todo homem que tiver virtudes e nos a enaltecermos, mais virtudes esses elogiado(sic) terá, mais (sic) se nós achar-nos defeitos ele (sic) ficará tocado e sentirá algo na carne que nós sentimos também, então ganharemos um inimigo e não corrigiremos aquele defeito. Mais para governo (sic) ainda daqueles que falam, eu não consigo achar defeitos em ninguém dentro de Sapiranga, mais (sic) garanto se deichares (sic) o anonimato e escreveres para mim aí sim está o defeito número um de Sapiranga atacar de tocais, vilesa (sic) baixesa (sic), e falta de hombridade. **Eis em (sic) homem em foco de hoje, não sei que é nunca vi mais gordo, e acredito, não gosta de mim e sente talvés (sic) ainda não ter saído** (sic) nessa coluna”¹³².

Como podemos acompanhar acima, a imprensa mostrava-se também como um espaço de divulgação dos pensamentos de seus leitores, constituindo-se como um espaço de debate e de expressão das diferentes opiniões da população.

Em sintonia com o projeto educacional do período, a imprensa sapiranguense publicava, repetidamente, matérias sobre grandes personagens da história e suas façanhas, destacando o exemplo de suas qualidades.

Como exemplo disso, temos a homenagem prestada a Duque de Caxias, na qual foram evidenciadas suas qualidades e atitudes: “DUQUE DE CAXIAS ... despretensioso, homem de raros dotes de espírito, pacificador, valoroso soldado do Paraguai”¹³³.

Outro exemplo desse papel desempenhado pelo jornal pode ser encontrado na publicação de 15 de abril de 1964¹³⁴. Nessa edição, o prefeito municipal Oscar Balduino Petry escreveu o artigo *Pronunciamento do Sr. Prefeito Municipal*. Informando a população sapiranguense a respeito do governo militar que havia se instado no Brasil naquele ano, o prefeito enfatizava que as transformações no cenário nacional em nada abalavam o desenvolvimento de Sapiranga.

É nesse contexto de construção dos “heróis” pela imprensa que encontramos os artigos sobre os Mucker. Nesse caso, os Mucker foram empregados para a construção da figura do

¹³² O FERRABRAZ, 30 set. 1965, n.240, p.3 (grifos nossos).

¹³³ O FERRABRAZ, 31 ago. 1950, n.10, Capa.

¹³⁴ O FERRABRAZ, 15 mar. 1964. n. 216. Capa.

anti-herói. Essas idéias estavam em sintonia com o pensamento de parte da comunidade sapiranguense, que procurava evidenciar o desenvolvimento sócio-econômico de Sapiranga, que se contrapunha ao passado Mucker.

Na década de 1950, ocorreram várias transformações na vida da população sapiranguense¹³⁵. Como exemplo disso, tivemos a inauguração das escolas das comunidades católica e luterana.¹³⁶ A construção dos novos prédios dessas escolas e igrejas fizeram parte dessa nova fase do desenvolvimento da vida social dos sapiranguenses. Em 1950, a área da saúde recebeu investimentos, com a inauguração do hospital. No campo cultural, a Sociedade de Canto¹³⁷ exerceu um importante papel na comunidade, representando um espaço de encontro dos moradores de Sapiranga.

Notamos que a década de 1960 foi um período em que as atividades urbanas se desenvolveram consideravelmente.¹³⁸ Em 1965, o município completou 10 anos de emancipação política e, em decorrência disso, foram organizadas várias atividades comemorativas¹³⁹ no mês de fevereiro daquele ano. Nessa década, merecem destaque as obras de melhoramento do centro urbano de Sapiranga, tais como o calçamento das ruas e a construção das praças e das avenidas da cidade¹⁴⁰. Essas melhorias realizadas na cidade teriam

¹³⁵ Em 1953, a população de Sapiranga era de 12.574 (considerando-se também as localidades de Araricá, Picada Hartz e Campo Vicente).

¹³⁶ A escola evangélica já estava em funcionamento desde 1850, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães. Foi na escola evangélica que estudaram os filhos dos participantes do grupo denominado pelo pastor Boeber de Mucker.

¹³⁷ Paralelamente às atividades da Sociedade funcionava o Núcleo Filatélico-Orquidófilo e Enxadrístico, fundado em 1951. Ainda como parte dessas inovações, foi criado em agosto de 1954 o Centro Cívico Senador Alberto Pasqualini, para discutir a cidadania sapiranguense, num momento em que a emancipação tornava-se cada vez mais real.

¹³⁸ Em 1965, Sapiranga contava com 15.000 habitantes, sendo que 1/3 deste número se concentrava na zona urbana.

¹³⁹ As festividades contaram com diferentes atrações. Para o dia 20 de fevereiro estava prevista a grande festa municipal, que se encerraria às 18 horas, com soar dos sinos das igrejas e das sirenes das fábricas. Este último representando o progresso econômico de Sapiranga. Encontramos na edição no jornal *O Ferrabraz* um artigo publicado em comemoração aos 10 anos de emancipação política de Sapiranga. Um dos subtítulos do artigo nos chama a atenção: *O episódio dos "Muckers"*. Neste artigo, redigido por Virgílio Ullmann, encontramos seu posicionamento que aponta para a desqualificação dos Mucker, ao identificá-los como responsáveis pelos crimes e assassinatos ocorridos no final do século XIX em Sapiranga, bem como destacando a atuação de Jacobina como responsável pelo fanatismo religioso. SAPIRANGA COMPLETA 10 ANOS – PARABÉNS. (O FERRABRAZ, 12 MAR. 1965. n° 234).

continuidade na década de 1970, período em que se observou um crescimento expressivo da indústria de calçados.

Até o início da década de 1980, havia em Sapiranga ainda uma relativa concentração da produção e de bens nas mãos das famílias de origem alemã¹⁴¹, tanto na agropecuária quanto na indústria. Na mesma proporção, percebemos que tanto os meios de produção quanto o poder político¹⁴² encontravam-se bastante concentrados nas mãos dessas famílias.

1.1.4 O crescimento industrial e a expansão demográfica sapiranguense

Os anos entre 1960 e 1990 experimentaram um expressivo crescimento industrial¹⁴³ vinculado ao aumento da oferta de trabalho no município. Considerado como um município de crescimento expressivo no Rio Grande do Sul, Sapiranga atraiu muitas pessoas de outras regiões do estado, especialmente a partir da década de 1970. Arelado a esse contexto de progresso econômico, ocorreu um expressivo aumento da população e conseqüentemente, o aumento das atividades desenvolvidas no meio urbano¹⁴⁴. Porém, à medida que a população sapiranguense aumentava e desenvolvia sua economia, novos problemas sociais surgiram, como a violência e a segurança pública.

¹⁴⁰ Neste processo de modernização do espaço urbano de Sapiranga, iremos acompanhar a construção de diversas ruas, avenidas e praças que serão identificadas com o nome de personagens envolvidos no conflito Mucker. O processo de construção e nomeação destes lugares serão analisados no capítulo 3, quando discutiremos a associação destes lugares com o passado Mucker.

¹⁴¹ O mesmo pode ser observado na trajetória política de Sapiranga, já que apenas em 1982 teremos o primeiro prefeito de origem lusa.

¹⁴² Após a administração do primeiro prefeito Edwin Kuwer, assumiram a prefeitura municipal de Sapiranga Helmuth Alfredo Graebin (1959-1963), Oscar Balduino Petry (1936-1969), Carlos Gilberto Weis (1969-1973), Nelson Nadler (1973-1977), Remi Jorge Zimer (1977-1982), Waldomiro dos Santos (1982-1989), Marlene dos Santos Wingert (1989-1993), novamente Waldomiro dos Santos (1993-1997), Renato Delmar Molling (1997-2004) e Joaquim Portal dos Santos (2004-2006) e Nelson Espolaor (2006-2008).

¹⁴³ Em 1966 ocorreu a 1ª Exposição Industrial de Sapiranga, que procurava mostrar aos visitantes o desenvolvimento econômico do município. Por ocasião da segunda exposição industrial e da 4ª Festa das Rosas, ocorrida em 1967, Dante de Laytano escreveu no *Jornal do Comércio* sobre o desenvolvimento do município. Num trecho de seu artigo, ele afirma: *Quanta coisa tem Sapiranga. Seu colégio, seus colégios, suas professoras (sic), seus alunos. A paisagem de vales sempre verdes, como era verde meu vale. E as ruas de Sapiranga que tem canteiros de rosas. Oh! Cidade das rosas.* *Jornal do Comércio*, 23 de novembro de 1967. Capa.

¹⁴⁴ Em razão do novo contexto de grande desenvolvimento econômico do Vale do Sinos e do aumento da população nesse período, Sapiranga sofreu três grandes reduções do seu território. Isso se deu em função da emancipação de três novos municípios como Parobé, em 1988, Nova Hartz, em 1992 e Araricá, em 1997.

Nessa fase de progresso econômico, teve início a festa mais popular de Sapiranga, que homenageava a flor mais cultivada nos canteiros dos jardins sapiranguenses. Era a “Festa das Rosas”, criada oficialmente através do Decreto Municipal nº 604 de 04 de novembro de 1964¹⁴⁵.

A falta de planejamento e infra-estrutura urbana provocou o surgimento de áreas periféricas¹⁴⁶, desprovidas de qualquer infra-estrutura e nas quais surgiram favelas. Devido a esse crescimento industrial e à falta de planejamento das décadas de 1970¹⁴⁷ e 1980, a sociedade sapiranguense enfrentava sérios problemas¹⁴⁸, relacionados à moradia, à alimentação, à saúde pública e à falta de escolas para a população migrante.

No final do século XX, a sociedade sapiranguense era formada não mais por uma população majoritariamente de descendência alemã. Incorporou novos costumes, que não mais apenas aqueles herdados pelos imigrantes alemães. A nova realidade social em Sapiranga

¹⁴⁵ O Decreto Municipal estabelecia que a festa deveria ocorrer todos os anos no segundo domingo do mês de outubro. Como parte importante da programação festiva, realizava-se o concurso da rosa em bouquet e da rosa em jardim, o que estimulava o plantio das roseiras pelos moradores do município. Já a partir de 1967, a festa passou a ocorrer a cada dois anos até o ano de 1985. Por vários motivos, a festa não ocorreu mais no período entre 1986 e 1997. A partir dessa data, a festa ocorre anualmente no Parque do Imigrante, sendo realizada sempre no mês de novembro.

¹⁴⁶ Esse mesmo crescimento econômico pode ser observado nos demais municípios do Vale do Sinos, em especial em Novo Hamburgo e Campo Bom. Essas áreas conheceram um crescimento muito acelerado de sua economia ao mesmo tempo em que assistiram ao aumento da concentração da renda e ao inchamento de áreas periféricas sem nenhuma infra-estrutura urbana para essas populações recém-chegadas de outros municípios do Rio Grande do Sul, em especial de Frederico Westphalen, Seberí, Vicente Dutra, Mata e Palmeira das Missões.

¹⁴⁷ Nesse mesmo período, é lançado nacionalmente o filme “Os Mucker”, de Wolf Gauer e Jorge Bodanski, os quais receberam o prêmio de melhor direção no VII Festival do Cinema Brasileiro de Gramado de 1979. O filme contou com a participação de artistas locais, entre os quais destacamos Marlise Saueressig, que ganhou o kikito de melhor atriz. Dorlay Schumacher foi premiado como a melhor cenografia. Através do cinema, Sapiranga tornava-se conhecida nacionalmente. O passado Mucker era, naquele momento, o motivo pelo qual Sapiranga notabilizava-se nas telas dos cinemas brasileiros.

¹⁴⁸ Através da imprensa sapiranguense, podemos acompanhar os problemas que surgiam com o crescimento industrial do município. Manchetes evidenciavam os problemas relacionados à falta de moradia e à pobreza que assolava essas novas famílias que se estabeleciam diariamente no município. A partir da década de 1970, torna-se impressionante a quantidade de edições nas quais foram publicadas as fotografias de pessoas identificadas como “bandidas” e “assassinas” e autoras de diversos tipos de delitos. As manchetes retratando crimes e atos de vandalismo são uma constante na imprensa a partir desse momento. Também o movimento migratório intenso para Sapiranga assustava os moradores antigos além de causar preocupação nas autoridades municipais. Exemplo dessa afirmação pode ser encontrado na manchete publicada no dia 05 de novembro de 1982 cujo título em letras com destaque chamava a atenção do leitor: MIGRAÇÃO CONTINUA SENDO PROBLEMA EM SAPIRANGA. Nessa mesma edição, ainda foi publicada uma matéria intitulada O CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO, que alertava o leitor para o controle da taxa de natalidade e os problemas de crescimento desordenado nos países subdesenvolvidos. (O FERRABRAZ, 05 nov. 1982. ano XXXII).

demonstrava o processo de assimilação dos costumes trazidos pelos novos moradores de descendência lusa, que haviam migrado nas décadas de 1970 e 1980¹⁴⁹.

No início do século XXI, a cidade de Saporanga apresentava uma economia que merecia destaque nacional, por sua condição de produtora de calçados de destaque e por uma população essencialmente urbana¹⁵⁰.

Atualmente, especialmente por iniciativa da prefeitura municipal, Saporanga procura inserir-se no roteiro histórico-cultural do Vale do Sinos. Para tanto, a administração municipal procura destacar de forma bastante expressiva seu passado Mucker, como observado na criação d' *Os caminhos de Jacobina*¹⁵¹, durante a administração do prefeito Renato Molling.

Se no passado os Mucker eram interpretados como uma mancha que deveria ser apagada da memória da população sapiranguense, atualmente eles são resgatados para o desenvolvimento do setor do turismo, angariador de recursos financeiros e facilitador da projeção da cidade no cenário nacional.

¹⁴⁹ Isso pode ser percebido através de diferentes aspectos da vida social dos moradores do município, tais como a diversificação de suas práticas religiosas (com a fundação de novas congregações no município), a criação de novas associações de bairros e suas festas anuais, o declínio da fala da língua alemã, bem como a participação cada vez maior de sobrenomes lusos nas atividades políticas e também econômicas, mostrando que muitos daqueles migrantes também conquistaram riqueza no novo município. O vôo livre e a prática do *para-glider* transformaram-se em esportes bastante conhecidos na cidade, levando Saporanga inclusive a sediar campeonatos nacionais desses esportes no morro Ferrabraz. Ainda como elementos novos que fizeram parte da realidade dos moradores de Saporanga na década de 1980, podemos citar a inauguração do Loteamento COHAB, que criou 293 casas populares para a população de baixa renda do município. Ainda nessa década, em 21 de fevereiro de 1984, seria inaugurado o Parque do Imigrante, que, através da sua denominação, homenageou os imigrantes alemães, os quais iniciaram ainda no século XIX o povoamento de Saporanga.

¹⁵⁰ De acordo com os dados do IBGE, Saporanga possui uma área total de 137,5 Km² e uma população de 80.607 habitantes (2005). Sua densidade demográfica é de 586,2 hab/km² (2005). Outros dados revelam o índice de desenvolvimento e sua população, tais como a taxa de analfabetismo, que em 2000 era de 5,85% , e a expectativa de vida ao nascer no município era nesse mesmo ano de 73,82 anos. A taxa de mortalidade infantil em 2005 era de 11.24 por mil nascidos vivos. Em termos socioeconômicos, temos para Saporanga um PIB per capita de R\$ 10.798 (2003). As exportações (essencialmente de calçados) totalizaram US\$ 194.456.197 em 2005. Segundo o Cadastro Central de Empresas do IBGE de 2003, Saporanga empregava 20.172 trabalhadores em 1.122 unidades industriais e 10.928 pessoas envolvidas em atividades diversas do setor de prestação de serviços no município, que totalizavam neste mesmo ano 2.827 estabelecimentos.

¹⁵¹ *Os Caminhos de Jacobina* compreende um roteiro turístico que se inicia no centro da cidade, passando por diversos lugares da cidade até chegar à zona rural, onde os visitantes podem conhecer os locais das batalhas, cemitério, monumentos e a Colônia Jacobina, onde foram realizadas as gravações de parte do filme *A paixão de Jacobina*. Todos os locais compreendidos nesse roteiro estão devidamente identificados por placas indicativas que têm no alto a imagem estilizada de Jacobina. Recentemente, no ano de 2006, foi inaugurado o último ponto turístico desse roteiro. Trata-se do monumento em homenagem à Jacobina Maurer, situada logo na entrada da cidade. Discutiremos esses elementos de forma aprofundada no terceiro capítulo da Tese.

1.2 O MORRO FERRABRAZ: O CENÁRIO DO CONFLITO E SUAS REPRESENTAÇÕES

Na segunda parte deste capítulo, procuraremos analisar as representações sociais construídas sobre o cenário principal em que o conflito Mucker ocorreu. Local de moradia e de realização dos cultos de Jacobina e das práticas de curandeirismo de João Jorge Maurer, o morro Ferrabraz foi alvo de várias interpretações feitas por diferentes autores.

Em nossa análise, consideramos que as representações sociais construídas sobre o morro Ferrabraz não se encontravam apenas em textos historiográficos¹⁵², mas também em diferentes formas narrativas¹⁵³. Tendo a concepção de que as representações sociais sobre os Mucker apresentavam-se de diferentes formas, procuramos analisar como diferentes veículos de representação – textos historiográficos e literários, imprensa e cinema - acabaram difundindo determinadas concepções e pontos de vista sobre o conflito.

A análise das representações construídas sobre o cenário e também sobre os personagens centrais do conflito nos fez refletir sobre o contexto em que cada autor se inseria. Da mesma forma, tornou-se evidente, em alguns casos, a preocupação por parte dos autores em legitimar sua versão sobre os fatos narrados, recorrendo a testemunhos orais e assinaturas de seus depoentes.

¹⁵² Como nos ensina Antonio Celso Ferreira, que por sua vez se valeu dos estudos realizados por Stephan Bann, a caracterização e análise das formas e conteúdos presentes nas representações sociais podem ser realizadas a partir da investigação das mais variadas fontes. Entre elas, Ferreira destaca a análise realizada a partir de textos historiográficos, os diversos tipos de discursos (jurídicos, médicos, filosóficos, teológicos), os textos literários e as pinturas, os museus, as narrativas cinematográficas, entre outras. FERREIRA, Antonio Celso. Heróis e vanguardas, romance e história: os intelectuais modernistas de São Paulo e a construção de uma identidade regional. In: PESAVENTO, Sandra J. (org). *Escrita, linguagem, objetos: leituras de História Cultural*. Bauru: EDUSC, 2004.

¹⁵³ Quando nos referimos aos diferentes tipos de narrativa sobre os Mucker, estamos tratando das diferentes formas com que elas se apresentam. Nesse caso, consideramos como narrativas as representações sociais construídas sobre os Mucker e perceptíveis tanto nos textos historiográficos e literários quanto na imprensa e no cinema. Essas narrativas serão alvo de nossa investigação nos capítulos 1 e 2 da Tese.

Isso nos faz pensar naquilo que Michael Pollack chamou de *trabalho de constituição e de formalização das memórias*¹⁵⁴. Segundo ele, para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que ela nos traga apenas o testemunho, mas sim que esta encontre muitos pontos de convergência entre aquilo que queremos afirmar e as memórias de nossos testemunhos. Somente a partir do encontro dessas memórias é que podemos reconstruir as lembranças do passado sobre uma base comum. Em nossa investigação, procuramos compreender como os autores analisados procuraram respaldar seus discursos a partir desses testemunhos, que procuravam dar veracidade às suas narrativas.

As representações sociais construídas sobre o conflito permitem-nos ainda pensar naquilo que Pollack denominou de *trabalho especializado de enquadramento*¹⁵⁵. De acordo com o autor, a memória é alvo de manipulações e defesa de interesses pessoais e coletivos, estando necessariamente relacionada com o contexto e com a época em que foi produzida.

Quanto a essa questão, observamos que as representações construídas sobre os Mucker inseriam-se precisamente nesse contexto, no qual a memória foi manipulada de forma que a imagem produzida sobre os Mucker foi *enquadrada* segundo os objetivos de cada autor e de acordo com sua época. Com isso, na segunda parte do capítulo, interessa-nos analisar os diferentes veículos de representação sobre os Mucker, observando em cada um deles a forma como retrataram o morro Ferrabraz, identificado como cenário do conflito.

Considerando as afirmações de Michael Pollack, podemos ainda analisar as representações sociais ligadas àquilo que Jacy Alves de Seixas descreveu como um conjunto de interesses coletivos, no *qual lembramos menos para conhecer do que para agir*¹⁵⁶. Segundo a autora, a memória está menos ligada ao processo de entendimento do passado, mas sim diretamente identificada com os interesses que fazem as pessoas lembrarem de um determinado fato. Nesse sentido, a memória pode ser manipulada de acordo com os interesses de determinados grupos e de determinadas épocas.

¹⁵⁴ POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, 1989. p. 4.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 11.

¹⁵⁶ SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 53.

De acordo com Seixas, não existe uma memória desinteressada. Ao contrário, a memória teria um destino prático, realizando a síntese do passado e do presente visando ao futuro, buscando os momentos passados para deles se servir. Dessa forma, *a memória carregaria, assim, um atributo fortemente ético, incidindo sobre as condutas dos indivíduos e dos grupos sociais*¹⁵⁷, procurando com isso induzir as condutas dos indivíduos¹⁵⁸ na sociedade. Sem dúvida, essa teoria defendida pela autora ajuda-nos a entender a dinâmica que envolveu a construção e a difusão das representações sociais sobre os Mucker no meio social.

Relacionado com essa questão que envolve a memória coletiva e a construção das representações sobre o conflito Mucker, devemos atentar para o estudo realizado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, que nos mostra como a produção de discursos está diretamente ligada ao contexto no qual estes se fazem presentes. Inseridos no campo das relações de poder, os discursos procuram estabelecer uma determinada ordem das coisas, seguindo interesses de ordem política, econômica, social e cultural.

Para Bourdieu, a produção dos discursos não ocorre de forma *inocente nem inconsciente*, mas sim como resultado de interesses de determinados grupos, detentores de um poder simbólico¹⁵⁹. Segundo ele, esse poder age sobre as estruturas sociais, impondo uma determinada visão dos fatos, transformando-os em *verdades absolutas*.

Outro elemento de fundamental importância para nosso estudo é a compreensão de como se tornou possível a difusão das representações sociais sobre os Mucker, produzidas pelos diferentes autores. Sobre essa questão, Bourdieu defende que é somente através do

¹⁵⁷ Ibidem, p. 53.

¹⁵⁸ Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu, uma narrativa consegue se difundir no meio social no momento em que ela é aceita como verdadeira, e seu autor é reconhecido pela coletividade. Assim, segundo o autor, *a ciência de um discurso em sua forma atual só pode existir na medida em que seja não apenas gramaticalmente correta, ma, sobretudo socialmente aceitável, quer dizer, ouvida, acreditada e., por conseguinte, eficiente num determinado estado das relações de produção e de circulação*. BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1998. p. 64.

¹⁵⁹ Para Pierre Bourdieu, o poder simbólico é *um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo(e, em particular, do mundo social)supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências*. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 9.

reconhecimento e da crença na legitimidade do autor¹⁶⁰ que se torna aceitável a difusão de suas idéias.

Valendo-nos do pensamento de Bourdieu, podemos entender como a publicação das diferentes obras sobre os Mucker tornou-se possível. Seus autores, dotados de reconhecimento no meio social de atuação, foram *autorizados* a publicar suas versões sobre os Mucker, contribuindo dessa forma para a veiculação de diferentes representações sobre o conflito.

Dessa forma, acreditamos que as representações sociais sobre os Mucker vinculavam-se a esse campo de poder, no qual determinadas idéias podiam ser *ditas* e outras precisam ser *silenciadas*, de acordo com a realidade do momento em que se encontrava o autor das narrativas.

Ainda em relação às representações e seu campo de produção, valemo-nos dos estudos realizados por Peter Burke, para quem uma paisagem (ou, neste caso, a sua descrição) evoca associações políticas ou até mesmo uma ideologia¹⁶¹, recurso bastante utilizado ao longo da história para identificar, por exemplo, paisagens com nacionalidade, especialmente na pintura.

Analisando o morro Ferrabraz, localizado em Sapiranga, a partir da teoria proposta por Burke, pensamos o cenário do conflito Mucker como um símbolo da maior importância. O local onde se desenrolaram os acontecimentos que marcaram os anos compreendidos entre 1868 e 1874 vinculava-se de forma preponderante na construção das representações sociais sobre os personagens do conflito. As descrições do morro Ferrabraz, enquanto espaço hostil e distante da civilização, serviram, em alguns casos, para justificar o surgimento do conflito.

Com sua geografia recortada, o morro Ferrabraz sugeria aos tropeiros de gado que por ali passavam, ainda no século XVIII, a imagem de um monstro sarraceno *Fier-à-bras*, que

¹⁶⁰ Para Bourdieu, *o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras*. Ibidem, p. 15.

¹⁶¹ Como exemplo disso, o autor apresenta o caso do príncipe Eugênio da Suécia, um dos artistas que, por volta de 1900, escolheu pintar aquilo que ele denominou de *a natureza nórdica, com seu ar límpido, sólidos contornos e cores fortes*. Outro exemplo trazido por Peter Burke é o caso da Inglaterra do século XX, período em que a terra foi associada com a maneira inglesa de ser, com a cidadania, com a *sociedade orgânica* do povoado, ameaçada pela modernidade, a indústria e a cidade. BURKE, Peter. *Testemunha ocular. História e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004. p. 54-55.

mais lembrava a imagem distante do gigante sarraceno que aparecia nas canções de gesta da Europa medieval. Atualmente, o morro é um dos cartões postais da cidade e atrai muitos turistas em função da prática do vôo-livre, conferindo à cidade o título de capital do vôo-livre.

Espaço físico e local das práticas de Jacobina e João Jorge Maurer e, ainda, de residência de muitos Mucker, o morro Ferrabraz pode ser interpretado como um importante símbolo identificado com o passado Mucker.

O morro Ferrabraz conta com 634 metros de altitude e impõe-se soberano sobre os moradores de Sapiranga, que de qualquer lugar da cidade podem observá-lo com facilidade.

Nessa etapa do estudo, concentramo-nos em analisar de forma mais aprofundada as diferentes representações construídas sobre o cenário do conflito Mucker, ou seja, o morro Ferrabraz. Nessa perspectiva, procuramos realizar um levantamento dos diferentes meios de difusão dessas representações, que acabaram por difundir diferentes visões sobre o cenário do conflito Mucker.

1.2.1 O morro na historiografia

Dentre a rica produção de representações sobre o conflito Mucker, encontramos o relatório¹⁶² redigido em 1877 pelo chefe das operações militares contra os Mucker, Francisco C. de Santiago Dantas¹⁶³. Através das páginas redigidas por Dantas, tivemos acesso ao imaginário de um homem do final do século XIX que, ao caracterizar o cenário e os

¹⁶² AHRs. Ligeira Notícia sobre as Operações Militares contra os Muckers na Província do Rio Grande do Sul. Francisco C. de Santiago Dantas. Rio de Janeiro, 1877. Maço 152.

¹⁶³ Francisco Santiago Dantas nasceu em Itaguaí, estado do Rio de Janeiro no dia 19 de maio de 1844. Desde cedo, recebeu formação militar, tornando-se soldado do 1º Batalhão de Artilharia a pé aos 19 anos de idade. Atuou como soldado nas ações brasileiras no Uruguai e Paraguai. Formado em matemática e ciências físicas e naturais, Dantas foi também engenheiro militar. Na política, exerceu o mandato de deputado na Assembléia Provincial do Rio Grande do Sul entre 1879 e 1880. Era casado com Justa de Azambuja, com quem teve duas filhas, ambas casadas com militares. Em razão da morte do Cel. Genuíno Sampaio, Dantas acompanhou de perto as operações que resultaram no desfecho do conflito e no assassinato de Jacobina. Em seu extenso relatório de 17 páginas, Dantas expõe seu posicionamento em relação ao conflito, que segundo sua versão, era resultado da ignorância e do fanatismo religioso. Dantas faleceu em 11 de junho de 1889 em Cuiabá, onde desempenhava a atividade de assistente na montagem de um laboratório pirotécnico.

personagens envolvidos no conflito Mucker, o fez a partir de suas vivências como militar no campo de batalha.

Consideramos a versão apresentada por Dantas de fundamental importância para a compreensão das representações construídas e difundidas na historiografia sobre o tema, que, conforme veremos, se valeu das informações registradas pelo oficial do exército. Daí a necessidade de considerarmos esta narrativa como responsável, em grande parte, pela difusão de determinadas imagens sobre os Mucker.

É, portanto, a partir do relatório de Dantas que iniciaremos a análise das diferentes representações construídas sobre o morro Ferrabraz. Em sua narrativa sobre o cenário do conflito, Dantas afirmou:

Acontecimento singular nos fatos da historia pátria, a questão muckers, talvez não houvesse atingido a taes proporções se outro fosse, em princípio, o proceder da autoridade, mas depois de haver tomado tanto vulto, bem poderia ainda tornar mais importantes, se não tivesse sido de uma vez terminada. Quem sabe... **O fanatismo de parceria com os anelos vingativos,** bem poderia renovar em mais ampla **escala os incêndios, devastações e assassinatos,** que se realizam antes do emprego da força publica. **Os antros e cavernas do Ferrabraz seriam, talvez por muito tempo ainda a guarida infernal de perturbadores da ordem e tranqüilidade de uma população pacifica e laboriosa.** Hoje o colono tranqüilo e prazanteiro sulca com o arado a terra, onde ha pouco sob o punhal do assassino vira correr o sangue dos seus irmãos os acontecimentos passados foram condenados ao alvido. Apenas uma ou outra vez a mai venturosa, entre sorrisos, relata ao filhinho inocente a lúgubre historia de Jacobina. Os pais sorriam-se da **tímida de criança que se apavora com o conto, supondo ver surgir silenciosa floresta o mucker malfazejo,** tudo é paz entre os vivos. Faz também aos manes dauçêles que ingloriamente se imolaram cumprindo um dever¹⁶⁴.

A partir de uma análise mais atenta do relatório, podemos extrair vários e importantes elementos que acabaram sendo responsáveis pela construção e posterior difusão das representações sociais sobre os Mucker, na medida em que os apresenta como fanáticos liderados por Jacobina, a “raiz” de todo mal disseminado pela Colônia Alemã de São Leopoldo no final do século XIX.

Inicialmente, cabe ressaltar que o discurso construído por Dantas é um discurso oficial. Na medida em que o autor foi um militar, responsável pelas operações no campo de batalha

¹⁶⁴ AHRS. Ligeira Noticia sobre as Operações Militares contra os Muckers na Província do Rio Grande do Sul. Francisco C. de Santiago Dantas. Rio de Janeiro, 1877. Maço 152. p.17. (grifos nossos)

contra os Mucker, a sua versão dos fatos foi tomada pelas autoridades da época como “verdade absoluta”. Se a sua versão dos fatos não foi questionada pelas autoridades que encomendaram o relatório de Dantas, muito menos seria questionada pelas demais pessoas da sociedade que, anos mais tarde, teriam acesso a esse documento. Nesse caso, seu discurso foi considerado legítimo pela população, que o reconhecia como alguém autorizado a falar em nome da coletividade.

O relatório revela a preocupação em descrever, de forma minuciosa, não apenas o ambiente em que ocorreu o conflito, mas também em identificar os principais envolvidos bem como os momentos decisivos que resultaram na derrota dos Mucker. Para tal exercício, Dantas empregou termos de forte significado, que acabaram por identificar os Mucker como os verdadeiros culpados dos acontecimentos.

Dantas descreveu o Ferrabraz como um ambiente que apresentava *antros e cavernas*, que teriam servido de *guarida infernal de perturbadores*, das práticas religiosas e de curandeirismo de Jacobina e João Jorge Maurer. Além disso, o militar descreveu o ambiente físico no qual se localizava a casa dos Maurer:

A casa de Maurer estava situada na parte sul da serra Ferrabraz, bem na base da montanha. Ao norte a encosta se estendia ondulada e despovoada de matas até cerca de um quilometro. A oeste, em pequeno vale acidentado, o bosque principiava 200 metros distante para terminar 2 quilometros depois em uma dirribada. Ao sul e sudoeste colinas cobertas de mata, distavam da casa de 100 a 150 metros e eram atravessadas por imperceptíveis picadas que comunicavam o lugar com a estrada do Mundo Novo. A leste a encosta, ingrime e acidentada da serra, estancia-se sem bosques, mas atravessada por troncos de madeira derribada, elevando-se com afastamento para norte e para nordeste. As depressões do terreno e rápidas elevações sucediam-se até próximo ao logar em que a mata, no sul, saía a picada que explorei para reconhecer si a artilharia podia chegar por ela ao descampado¹⁶⁵.

No discurso de Dantas, o Ferrabraz é apresentado como um lugar de difícil acesso, com uma topografia acidentada, que confere à região um certo grau de isolamento geográfico. Foi precisamente nesse ambiente de terreno acidentado, de vegetação densa e fechada que o autor inseriu os personagens do conflito, relacionando o ambiente de hostilidade natural com seu moradores.

¹⁶⁵ AHRS. Ligeira Noticia sobre as Operações Militares contra os Muckers na Província do Rio Grande do Sul. Francisco C. de Santiago Dantas. Rio de Janeiro, 1877. Maço 152. p. 5. (grifos nossos)

Analisando a primeira transcrição apresentada por Dantas, podemos identificar diversos elementos que procuram reconstituir a história do conflito Mucker. Um primeiro elemento que nos chama a atenção foi a sua preocupação em vincular o episódio envolvendo imigrantes e descendentes de imigrantes alemães do extremo sul do Brasil com a história do Brasil. Ele procurou destacar que o conflito foi um acontecimento que envolveu não apenas colonos alemães¹⁶⁶ e que se tratou de um evento marcante da história nacional, apesar de ter sido promovido por um pequeno grupo de revoltosos.

O clima de tensão existente na região do Ferrabraz à época do conflito foi enfatizado inúmeras vezes no relatório, já que seu autor procurou relacionar as ações dos Mucker no Ferrabraz a suas conseqüências desastrosas. Para justificar as ações militares no Ferrabraz, Dantas explicou que havia naquele local um verdadeiro clima de fanatismo religioso. Para ele, a ignorância e a falta de esclarecimento, bem como os desentendimentos entre os adeptos de Jacobina e as Igrejas, foram responsáveis pelas animosidades entre um lado e o outro. *Incêndios, devastações e assassinatos* foram fatos recorrentes naquela comunidade instalada no Ferrabraz, na qual a desordem e o sentimento de vingança estavam despertados.

Para destacar a existência de dois lados opostos na sociedade de São Leopoldo durante o conflito, Dantas enfatiza as dificuldades enfrentadas pelas forças oficiais e a ajuda que receberam dos colonos de São Leopoldo, que teriam se solidarizado com os soldados do exército. Assim, naquele momento, a sociedade dividia-se entre os Mucker e os não-Mucker.

Ao finalizar seu relatório, Dantas afirma que na *silenciosa floresta o mucker malfazejo* ainda fazia sentir suas conseqüências, mesmo após seu desfecho. Os Mucker são, em seu discurso, a representação do inimigo, que, mesmo depois de derrotado, produzia conseqüências nefastas, agindo sobre a memória dos mais velhos e para impor medo às crianças.

É, sobretudo, no imaginário infantil que as memórias dos Mucker faziam-se notar de forma mais evidente. Dantas informa-nos, em seu relatório, que entre as famílias que

¹⁶⁶ Não devemos esquecer os diversos problemas encontrados pelo Império para administrar a imigração européia para o Brasil, como a falta de assistência e de cumprimento das promessas feitas na Europa, antes da chegada dos imigrantes em território brasileiro. Nesse contexto, o conflito Mucker era compreendido por muitos como “uma mancha” na história da imigração, mas que demonstrou parte das reais dificuldades dos colonos em enfrentar as dificuldades.

permaneceram nas imediações do Ferrabraz, os Mucker – e, em especial, Jacobina – tornaram-se personagens das histórias inventadas para as crianças, sobretudo quando se desejava despertar o medo.

Utilizado pelos pais como recurso na sua educação ou punição das crianças, o morro Ferrabraz acabou se transformando num cenário que despertava o medo; suas matas, em campo fértil para a imaginação, assim como os Mucker, que acabaram se transformando em personagens temidos e aterrorizantes.

Essas representações sobre os Mucker, construídas e difundidas pelo chefe de operações militares Francisco C. de Santiago Dantas, foram responsáveis, em grande parte, pela construção estereotipada do Ferrabraz enquanto local de mistério e barbárie, da mesma forma como os Mucker tiveram sua imagem construída enquanto fanáticos e violentos. Essas representações fizeram-se bastante presentes no imaginário social do final do século XIX.

A construção desse imaginário hostil em relação aos Mucker foi reproduzida ao longo das gerações do século XX, contribuindo para a elaboração coletiva de um sentimento¹⁶⁷ que evocava a memória do passado Mucker. O discurso apresentado por Dantas pode ser interpretado como um importante depoimento, que contribuiu para reforçar a versão que apontava os Mucker como únicos responsáveis pelo conflito e associados ao ambiente de fanatismo existente no Ferrabraz.

Nesse contexto de construção das representações sociais sobre os Mucker após o desfecho do conflito, encontramos a publicação da obra *Os Muckers*, do padre jesuíta

¹⁶⁷ Sobre essa questão, Pierre Ansart afirma que: *Se somos vítimas de indivíduos que nos prejudicam e ferem nossas liberdades, experimentamos e estimamos que estes indivíduos sejam malévolos, enquanto nós seríamos os bons. As forças que me são hostis são nefastas e perversas, enquanto eu próprio sou justo e inocente do mal que me é feito. Portanto, os ressentimentos, os sentimentos compartilhados de hostilidade, são um fator eminente de cumplicidade e solidariedade no interior de um grupo, e suas expressões, as manifestações (as “explosões de sentimentos”, como diz Nietzsche) podem ser gratificantes.* ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 21-22. Apontamos ainda Jacy Alves de Seixas, para quem a memória é ativada visando, de alguma forma, ao controle do passado (e, portanto, do presente). *Reformar o passado em função do presente via gestão das memórias significa, antes de mais nada, controlar a materialidade em que a memória se expressa (das relíquias aos monumentos, aos arquivos, símbolos, rituais, datas, comemorações...).* Noção de que a memória torna poderoso(s) aquele(s) que gere(m) e controla(m). SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 42.

Ambrósio Schupp¹⁶⁸. Sua obra contribuiu de forma decisiva para a construção de outras narrativas sobre o conflito Mucker¹⁶⁹. Através dela, temos acesso à compreensão de Schupp sobre o movimento que em muitos momentos confunde-se com aquela descrita por Dantas em seu relatório militar.

Destacamos a atuação do jesuíta na coleta de importantes informações sobre os acontecimentos que envolveram os Mucker e os demais moradores da colônia. Esse importante trabalho de pesquisa de campo¹⁷⁰ realizado por Schupp ocorreu logo após o desfecho do conflito, ainda no ano de 1874. Schupp procurou ouvir os moradores da região que estiveram envolvidos de forma direta no combate aos Mucker, com a finalidade de publicar uma obra¹⁷¹ que contasse a história do conflito e que, ao mesmo tempo, servisse de registro histórico dos depoimentos de seus sobreviventes. Cabe considerar que Schupp ouviu apenas os sobreviventes que se opuseram aos Mucker, ou seja, em sua narrativa, sobressaem as versões contadas pelos inimigos dos Mucker.

¹⁶⁸ Ambrósio Schupp nasceu em Montabaur, Alemanha em 26 de maio de 1840. cursou filosofia e teologia na Universidade de Würzburg. Chegou ao Brasil em 10 de outubro de 1874, um pouco após o término do conflito Mucker. Nos primeiros 16 anos no Brasil, exerceu o cargo de Prefeito de Estudos no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo. Concomitante a essa função, exerceu o cargo de padre nas capelas de São Leopoldo, Hamburgerberg, Lomba Grande, Sapiranga e Mundo Novo. Em 1901, assumiu a direção do Seminário Episcopal e, em 1904, transferiu-se para Rio Grande, para dirigir o colégio da ordem jesuíta daquela cidade. Após essas atividades, finalmente atuou como professor no Ginásio São Luís, em Pelotas, vindo a falecer em 1914.

¹⁶⁹ Consideramos relevante para o nosso estudo a análise realizada por Edgar Salvador de Decca, sobre as representações sociais veiculadas através das narrativas de Euclides da Cunha sobre o conflito de Canudos. Nela o autor destaca o papel desempenhado por Euclides da Cunha na difusão de imagens sobre o conflito de Canudos. Nesse sentido, a análise literária realizada por Decca contribuiu para nossa investigação, na medida em que nos forneceu subsídios para compreendermos as narrativas construídas por Schupp sobre o conflito Mucker. DECCA, Edgar Salvador de. *Literatura em Ruínas ou as Ruínas na Literatura?* In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004.

¹⁷⁰ Na acepção criada por Peter Burke, uma obra de referência pode ser definida como *um livro que não se destina a ser lido “de fio a pavio”, mas a ser “consultado” por alguém que “passa os olhos” ou “se refere” a ele em busca de uma peça específica de informação, um atalho para o conhecimento*. BURKE, Peter. *Uma História Social do Conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 164. Acreditamos que este é o caso da obra de Ambrósio Schupp, que até os dias atuais serviu de referência para o estudo do conflito Mucker, além de ter sido a narrativa historiográfica de maior repercussão no meio social. A obra foi reeditada inúmeras vezes, o que comprovou sua grande circulação entre o público leitor. Vale ainda destacar o fato de que a narrativa de Schupp serviu também de base para estudos posteriores sobre os Mucker, como foi o caso de Leopoldo Petry e Moacyr Domingues, entre outros. Schupp serviu ainda de fonte de referência para as narrativas construídas por Leopoldo Sefrin, veiculadas na imprensa sapiranguense.

¹⁷¹ Sua obra foi publicada primeiramente em 1900, em língua alemã, em Paderborn, na Alemanha. A tradução para o português e a conseqüente publicação no Brasil ocorreu apenas em 1906, pela editora Selbach & Mayer, de Porto Alegre. A tradução para a língua portuguesa foi realizada por Alfredo Clemente Pinto.

No momento em que anuncia como fontes de seu estudo os depoimentos de sobreviventes do conflito (19 sobreviventes no total), o autor demonstra parcialidade em suas narrativas, uma vez que essas se constituem em narrativas que apontam para a desqualificação dos Mucker. Em nenhum momento de sua obra encontramos depoimentos de sobreviventes ligados ao grupo de Jacobina.

Uma análise mais atenta de sua obra revelou-nos importantes aspectos que apontaram para a intenção de inocentar os moradores de Sapiranga, apresentados por Schupp como *vítimas dos Mucker*. A obra, cujos capítulos apresentam títulos que contêm expressões de forte significado, levou-nos a pensar sobre os objetivos de sua publicação¹⁷².

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi as assinaturas de seus entrevistados, que constam ao final da obra. Apesar de não terem seus nomes publicados, segundo o autor, esses declararam confirmar tudo aquilo que ele havia afirmado:

Nós abaixo assinados, moradores no Sapiranga, acompanhamos o desenvolvimento da seita dos **Muckers** do Ferrabraz, desde o seu começo até o fim, e **confirmamos que tudo quanto o Rev. Pe. Ambrósio Schupp narra em seu livro sob o título – Os Muckers – é conforme a verdade** em todos os pormenores.
Sapiranga, 22 de janeiro de 1904.
Seguem-se 19 assinaturas reconhecidas pelo escrivão distrital.¹⁷³

Schupp procurou atribuir fidedignidade a sua narrativa através da assinatura de seus depoentes, tornando-a legítima perante o público leitor. Considerando que Schupp gozava de prestígio no contexto local, especialmente pela sua atuação religiosa e formação intelectual, o autor colocava-se como alguém autorizado a falar em nome da comunidade, embora para isso buscasse a autorização através das assinaturas dos seus depoentes.

No prólogo da primeira edição alemã, o autor enfatizou, numa breve introdução, que oferecia uma versão verdadeira respaldada nos depoimentos dos envolvidos no conflito:

O que **ele vai narrar neste livro é também a verdade, realidade pura**. É a história verdadeira da origem e desenvolvimento inexplicável, dos **excessos sangrentos e do fim trágico de uma seita de fanáticos**, tal qual ela se desenrolou,

¹⁷² Como exemplos, destacamos alguns títulos dos capítulos e subcapítulos da sua obra: *Os fanáticos*, *Assassinos incendiários*, *Os rebeldes*, *Jacobina na polícia – cena grotesca* e *Novas cenas de sangue*.

¹⁷³ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3. ed. Porto Alegre: Selbach e Mayer, s/d. p. 317. (grifos nossos)

quase no último quartel do século XIX, entre os colonos alemães estabelecidos no Rio Grande, província então do extinto império do Brasil.

Muitas testemunhas oculares e muitas outras pessoas que tiveram parte nos acontecimentos, ainda vivem, e da boca destas pôde o autor colher grande cópia das suas informações.¹⁷⁴

Considerando a descrição do cenário do conflito pelo autor¹⁷⁵, destacamos a maneira como Schupp caracterizou o contexto no qual se desenvolveu o conflito. Nesse momento, nosso objetivo concentrou-se em analisar a forma como Schupp construiu a sua própria forma de descrever o Ferrabraz. Assim, de acordo com suas palavras:

O teatro principal, porém, ainda não o apresentamos ao leitor. Fica este situado no prolongamento da serra de que acima falamos. Se, com a vista, acompanhamos esta cadeia, na direção leste, descortinamos um ponto onde a mesma parece quebrar-se abruptamente; uma como **muralha de rocha alcantilada** ergue-se o pino da planície, para onde está voltada com a sua **fronte carrancuda, mal-assombrada e coberta de escuro mato**.

É o Ferrabrás que, dentre os morros do Rio Grande do Sul, granjeou, embora efêmera, a maior celebridade.¹⁷⁶

A descrição física do Ferrabraz como um lugar de *fronte carrancuda, mal-assombrado* e coberto por *mato escuro* remetia o leitor a uma interpretação única em relação ao local. Com essas características pouco atrativas, devemos pensar na recepção desse texto, por parte dos leitores de sua obra, que receberam informações sobre o cenário do conflito e, em especial, sobre seus moradores.

Nesse momento, Schupp exerceu um papel importante de formador de opinião em relação ao conflito Mucker¹⁷⁷, contribuindo para a construção do imaginário do leitor. Destacamos ainda o pensamento do autor, que procurou atribuir ao espaço físico uma das

¹⁷⁴ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3. ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d. p. 19 (grifos nossos).

¹⁷⁵ Em relação à influência exercida pela literatura na formação da opinião do público leitor, Márcio Seligmann-Silva afirma que *a literatura não transmite seus testemunhos apenas na materialidade do seu suporte. Na qualidade de produto do intelecto, seu testemunho está inscrito na própria linguagem, no uso que faz dela, no modo como através de uma intrincada techedura ela amarra o real, a imaginação, os conceitos e o simbólico*. SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005. p. 76.

¹⁷⁶ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3. ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d p. 36 (grifos nossos).

¹⁷⁷ Baseamo-nos principalmente nos estudos realizados por Roger Chartier para compreendermos as questões que envolvem a receptividade do texto e a forma como as idéias de um autor influenciam na construção do imaginário social. Em suas pesquisas, o autor dedicou-se em compreender a dinâmica que envolve o exercício da leitura e a receptividade dos discursos. CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

causas do conflito, a afirmação de que se tratava de um lugar bastante árido para a vida em comunidade.

Na segunda edição, o autor incluiu um mapa em que procurou localizar a *cidadella dos Muckers e seus arredores*¹⁷⁸. Esse mapa foi mais uma forma de representar o cenário no qual o conflito se desenvolveu, tentando talvez traçar alguma relação entre o espaço geográfico e sua influência no conflito, uma vez que se tratava de uma área de difícil acesso.

Descrito como uma região de vegetação densa e de difícil acesso, a *cidadella dos Mucker* representava a resistência aos valores defendidos pelos demais moradores da localidade. Ao mesmo tempo, a *cidadella* representava uma ameaça à segurança dos moradores, que passaram a ver a casa do casal Maurer como uma espécie de “fortaleza” armada no Ferrabraz.



SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d. p. 373.

Foi nesse ambiente de mistério descrito por Schupp que o *casal misterioso do Ferrabrás se deixou penetrar e possuir dessa convicção*¹⁷⁹, aliando cura de doenças à prática religiosa. De acordo com Schupp, o Ferrabrás era um local caracterizado por uma vegetação

¹⁷⁸ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d. p. 373.

¹⁷⁹ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d p. 42.

densa, que facilmente poderia encobrir as práticas de Jacobina e João Jorge Maurer, ao mesmo tempo em que dificultava a chegada de pessoas de fora, em especial das autoridades e inimigos, que poderiam ser facilmente avistados pelos Mucker, quando se aproximavam do local onde ficava a *fortaleza*.

No entendimento de Schupp, os Mucker eram os representantes da religiosidade não oficial, não identificada com os rituais e crenças defendidos pela Igreja oficial, tanto a Católica quanto a Evangélica. Ilustrando esse olhar religioso sobre o movimento, encontramos uma imagem que retrata São Leopoldo ao tempo do conflito e na qual foi destacado o Colégio dos Jesuítas na cidade¹⁸⁰.

Outra leitura possível dessa imagem seria a de representar a posição contrária aos Mucker. Enquanto as representações do Ferrabraz procuravam evidenciar o caráter obscuro e fanático dos Mucker, a representação do colégio dos jesuítas procurava mostrar o lado “civilizado” de São Leopoldo, com a presença dos jesuítas na região.



SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d, p. 25.

¹⁸⁰ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d, p. 25.

No capítulo intitulado *Entre Ferro e Fogo*, Schupp procurou descrever as ações dos Mucker, ressaltando seus objetivos *fanatizados* e referindo-se aos *instintos perversos dos canibais*¹⁸¹, numa clara associação feita aos envolvidos. Chamamos a atenção para o fato de Schupp freqüentemente referir-se aos seus entrevistados, chamando-os de *testemunhas presenciais*. Esse parece ser um aspecto importante em nossa investigação, uma vez que Schupp tornou-se o porta-voz dos testemunhos de seus entrevistados.

Agregaram-se às percepções anteriores as referências à *festa de sangue*¹⁸² e à *orgia de sangue nas picadas*¹⁸³ as quais Jacobina estaria promovendo no Ferrabraz. Segundo Schupp, Jacobina estaria espalhando a morte e a desgraça entre os moradores da Colônia. É possível imaginar o impacto que essas idéias, sobretudo da expressão *festa de sangue*, causaram nos leitores da obra.

Nesse momento, o Ferrabraz passou a ser qualificado como espaço onde se praticavam *festas e orgias de sangue*, recriando um ambiente marcado pelo medo e pela morte, que teria se espalhado entre os moradores.

O medo e a insegurança na Colônia, até mesmo após a ação das forças oficiais do Império, teria causado entre os colonos a necessidade de se afastar o mais rápido possível das imediações do morro Ferrabraz. A vida em comunidade havia, naquele momento, dado espaço para o conflito, a morte e o medo. Na passagem que transcrevemos, Schupp descreve o momento:

Os últimos moradores do Sapiranga, que até ali não se tinham podido resolver e abandonar os seus haveres, trataram de juntar, à pressa, tudo o que puderam, e, aos magotes, fugiram para São Leopoldo ou para outros pontos, onde estivessem a salvo. **Nas roças, na frente das casas, no campo, no mato e até nas estradas, outrora tão animadas, reinava um silêncio sepulcral**¹⁸⁴.

Como já mencionado, a segunda edição da sua obra destacou-se pelo uso de imagens¹⁸⁵. Dentre elas, destacamos a do acampamento do Coronel Genuíno Sampaio e a do

¹⁸¹ Ibidem, p. 201.

¹⁸² SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3. ed. Porto Alegre: Selbach e Mayer, s/d. p. 216.

¹⁸³ Ibidem, p. 221.

¹⁸⁴ Ibidem, p. 255 (grifos nossos).

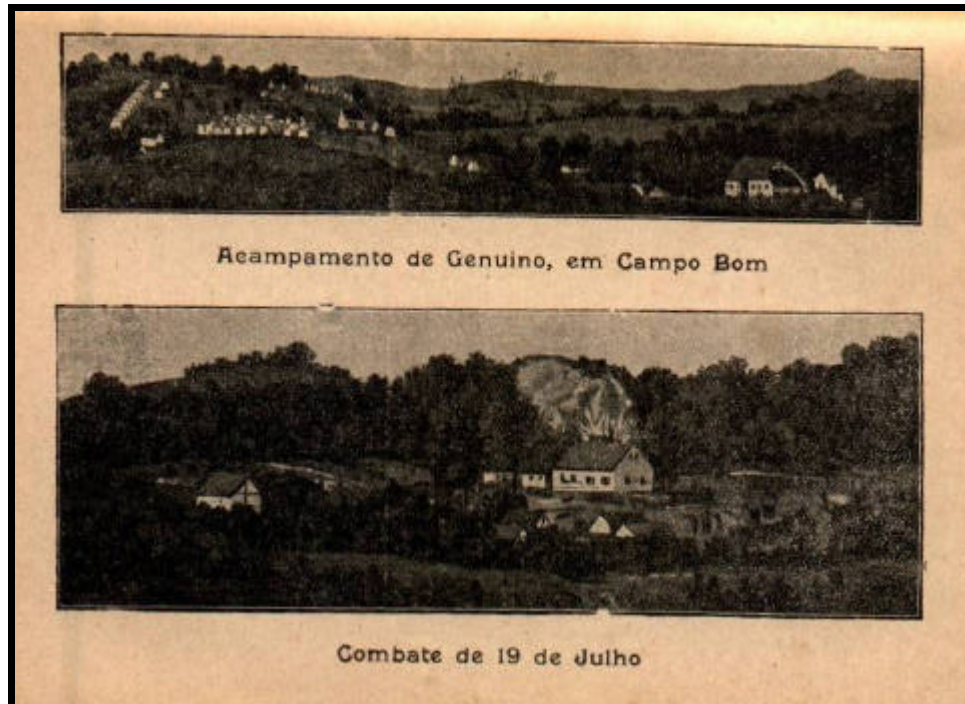
Combate de 19 de julho¹⁸⁶. Na imagem do combate, fica evidente a utilização do fogo para destruir a casa do casal Maurer. O fogo foi empregado, nitidamente, como símbolo da destruição do chamado *covil dos Mucker*.

A imagem que mostra o ataque à casa do casal Maurer em 19 de julho revelou o sucesso que obtiveram as forças oficiais. A casa em chamas representava, naquele contexto, a destruição da *fortaleza do Ferrabraz*, a superação de mais um obstáculo que impedia o progresso da Colônia. A destruição da casa, pelo fogo¹⁸⁷, foi a representação do início de uma nova fase para a comunidade, na qual o local dos cultos ministrados por Jacobina não existia mais. Destruído, o local no qual se praticavam as “atrocidades” apontadas pelos inimigos dos Mucker não representava mais ameaça aos moradores da Colônia.

¹⁸⁵ Sobre essa questão que envolve a utilização de imagens na história, Peter Burke afirma que *se a paisagem física é uma imagem que pode ser lida, então a paisagem reproduzida numa pintura é a imagem de uma imagem. No caso das paisagens pintadas, parece óbvio o ponto fraco do enfoque iconográfico. Parece não ser mais do que senso comum sugerir que pintores de paisagens desejam oferecer aos espectadores prazer mais do que comunicar uma mensagem. (...) No caso da paisagem, árvores e campos, rochas e rios, todos esses elementos comportam associações conscientes ou inconscientes para os espectadores.* BURKE, Peter. *Testemunha ocular. História e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004. p. 53.

¹⁸⁶ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d, 329.

¹⁸⁷ Notamos que, neste caso, o fogo é a simbologia utilizada para representar o ritual de renovação pelo qual passava o Ferrabraz. Com a destruição da casa de Jacobina Maurer, punha-se fim ao espaço em que eram celebrados os cultos e as práticas de curandeirismo de João Jorge Maurer. Através do fogo e, conseqüentemente, com a destruição da casa do casal Maurer, o autor procurou evidenciar o início de uma nova fase, na qual os Mucker não representariam mais uma ameaça. Ao mesmo tempo em que o fogo significava a destruição, ele significava também o início da reconstrução da vida da comunidade que se viu ameaçada pelos Mucker.



SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d, 329.

Peter Burke¹⁸⁸ lembra-nos de que as imagens exercem um papel fundamental na construção dos imaginários sociais, na medida em que apresentam ao público um determinado ponto de vista, um ângulo, a partir do qual a imagem procura mostrar uma determinada realidade.

Nesse sentido, as imagens pintadas com bico de pena e difundidas por Schupp em sua obra exerceram um importante papel na formação dos imaginários sociais sobre os Mucker e reforçaram a construção de uma narrativa que buscava justificar o massacre dos Mucker, ao mesmo tempo em que glorificava a ação das forças oficiais, como pudemos observar na imagem das autoridades policiais.

Num contexto de formação dos imaginários sociais sobre os Mucker, ambas as imagens são representativas, uma vez que procuraram ressaltar a atuação das forças oficiais no combate aos Mucker instalados no Ferrabraz.

As representações identificáveis na obra de Schupp fundamentaram de forma definitiva a construção de uma memória coletiva sobre os Mucker e que os apresentava como os

¹⁸⁸ BURKE, Peter. *Testemunha ocular. História e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004. p. 156.

responsáveis pelas atrocidades cometidas no Ferrabraz¹⁸⁹. Ao mesmo tempo, sua versão dos fatos procurou inocentar os demais moradores da Colônia, absolvendo-os de qualquer crime cometido, uma vez que esses estariam defendendo-se dos ataques dos Mucker.

Ainda segundo Schupp, em 1874 teria se iniciado uma nova fase na vida dos moradores de Saporanga. Após a morte de muitos Mucker e da própria Jacobina, em 02 de agosto, e após a prisão de outros tantos de seus sobreviventes, teve início o momento de reconstrução da vida em comunidade. Schupp procurou representar: em *uma palavra: a colônia semelhava uma criança, em cujo rosto, pouco antes orvalhado pelas lágrimas, assoma a alegria e se espraia, afinal o sorriso*¹⁹⁰.

Duas temporalidades ficam evidentes nessa afirmação. Enquanto o passado foi identificado como um tempo de conflito, de tristeza e, conseqüentemente, como *tempo dos Mucker*, o presente foi apresentado como de tempo de recomeço de suas vidas. O passado Mucker era algo não só superado como também negado pela coletividade.

O fim do conflito Mucker representou, dessa forma, para a comunidade da Colônia, o começo de uma nova etapa, sob o lema do trabalho e da prosperidade acompanhada da forte presença religiosa nas práticas sociais de seus moradores. Novos elementos foram apresentados como construtores dessa “nova ordem” para a Colônia, como podemos observar na afirmação de Schupp:

E quando aos domingos, o bimbalar alegre dos sinos convidava os fiéis ao templo, estes, de todos os pontos, ali acudiam, numerosos, para **dar graças ao Senhor pelos benefícios recebidos e implorarem o seu amparo e a sua proteção** para o futuro. Também, nas casas de negócio, notava-se agora **nova vida**: homens mulheres, rapazes e raparigas apeavam à porta das vendas; uns para se sortirem de mantimentos, de roupas, ou de outros artigos; outros para venderem ao negociante os sobejos de suas colheitas; outros para procurarem abrigo contra os raios abrasadores do sol; outros, finalmente, lá apareciam, aos domingos à tarde, para, **em companhia de vizinhos e conhecidos, passar algumas horas distraídos numa partida de cartas**¹⁹¹.

¹⁸⁹ A obra de Schupp será responsável, em grande parte, pela construção e difusão de representações sociais associadas ao caráter negativo dos Mucker. Essas representações podem ser observadas tanto em obras que tratam da história do Rio Grande do Sul, em especial às referentes à imigração alemã.

¹⁹⁰ Ibidem, p. 307. (grifos nossos).

¹⁹¹ Ibidem, p. 307 (grifos nossos).

Compreendidas pelo público leitor e pela comunidade na qual suas idéias foram transmitidas como verdadeiras, essas narrativas acabaram sendo absolutizadas e tornadas como a única versão dos fatos.

A obra de Schupp serviu de obra de referência para estudos posteriores sobre a imigração alemã no sul do Brasil e também para diversos estudos sobre o conflito Mucker. Tratou-se, sem dúvida, de uma obra de grande impacto na sociedade do início do século XX, na medida em que foi através dela que o público letrado teve acesso às primeiras informações sobre o conflito Mucker.

Ao contrário das representações presentes na obra de Schupp e que associavam o Ferrabraz a um espaço de obscuridade e fanatismo, Leopoldo Petry¹⁹² apresentou uma nova visão sobre o morro Ferrabraz.

Em sua obra, Petry procurou enfatizar de forma bastante visível o desenrolar dos acontecimentos atrelado ao local, o morro Ferrabraz. Podemos perceber isso não apenas na leitura de sua obra, mas até mesmo no próprio título dado à sua obra *O episódio do Ferrabraz. Os Mucker*.

Ainda nas páginas iniciais da obra, o autor fez a seguinte pergunta: *O que foi a “fortaleza” dos “mucker”?*¹⁹³ Sua resposta a esse questionamento foi bastante enfática, afirmando que se tratava de uma simples casa de colono, assim como as demais existentes na área colonial alemã. Para comprovar sua idéia, fez referência às ruínas dos alicerces existentes no local onde ficava a casa do casal Maurer, ao pé do Ferrabraz. Segundo Petry, o pequeno

¹⁹² Leopoldo Petry nasceu em 15 de julho de 1882, em Novo Hamburgo. Estudou como interno por dois anos no Colégio dos jesuítas em São Sebastião do Caí, quando então foi transferido para o Seminário Episcopal de Porto Alegre. Após seus estudos, exerceu a função de professor na Aula Pública para meninos em Lomba Grande, atual município de Novo Hamburgo. Casou-se duas vezes, em razão da morte de sua primeira esposa. Petry foi pai de seis filhos e, após abandonar o magistério, exerceu a profissão de oleiro. Foi secretário da Intendência Municipal de São Leopoldo e coletor estadual de Novo Hamburgo. Em 1927, com a emancipação política de Novo Hamburgo, passou a exercer a função de intendente daquele município até 1930. Neste ano Petry foi preso por não aderir à Frente Única, sendo logo solto. No ano seguinte, assumiu o Cartório de Registros de Imóveis de Novo Hamburgo até sua aposentadoria em 1947. Petry foi sócio do IHGRS – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e foi homenageado em 1955 com a medalha Imperatriz Leopoldina, concedida pelo IHGSP – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Faleceu em 29 de novembro de 1966. A publicação da obra de Leopoldo Petry ocorreu pela primeira vez em 1957, sendo reeditada em 1966. Sua obra foi traduzida para o alemão por Theophilo Dietschi. Sua obra sobre os Mucker foi alvo de inúmeras críticas, que a identificaram como sendo uma tentativa de inocentar os Mucker, recorrendo inclusive à omissão de muitas informações que associavam os Mucker aos ataques praticados na época do conflito.

¹⁹³ PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz*. 2ª ed. *Os Mucker*. São Leopoldo: Rotermund, 1966. p. 16.

tamanho dessas ruínas derrubava a teoria de que naquele local havia uma fortaleza de grandes dimensões.

Petry nos oferece uma visão bastante romântica da área de imigração e, conseqüentemente, do local onde ocorreu o conflito Mucker. Para ele:

Basta viajar pela nossa zona rural, para se poder admirar, em cada núcleo colonial, as igrejas e os templos que uns e outros levantaram como **prova de sua profunda fé**, e quem estuda a vida religiosa de nosso Estado, verificará o grande número de padres e pastores oriundos da zona povoada pelo elemento germânico.

Ora, muitas vezes o espírito de religiosidade tradicional do **povo germânico não encontrou, nas colônias, condições de expandir-se, devido ao abandono não apenas material, mas, sobretudo, espiritual** em que viviam os colonos em toda a zona do interior, principalmente, na que hoje se constitui o município de Sapiranga, em que fica situada a **Linha Ferrabraz**, porquanto esta zona **não estava ligada diretamente à colônia propriamente dita**, de maneira que a influência de certos fatores morais, que embora em reduzida escala, se faziam sentir naquela, só podiam produzir resultados diminutos entre os moradores desta¹⁹⁴.

Como se pode constatar, a imagem dos colonos enquanto trabalhadores e praticantes de sua religião tornou-se evidente na obra de Petry, que procurou identificar a origem do conflito Mucker na falta de atendimento religioso por parte das Igrejas oficiais da época. Segundo o autor, os moradores da Colônia Alemã de São Leopoldo foram abandonados espiritualmente, tornaram-se crentes nas curas realizadas por Maurer e nas palavras santas de Jacobina. Para ele, houve estes condicionantes:

Esses quatro fatôres (religiosidade, falta de instrução, espírito observador de um lado, obstinação em seguir novos rumos, por outro lado, e amor à justiça) se reúnem na evolução do caso dos adeptos de Jacobina Maurer: a religiosidade os impeliu a freqüentar as pregações da pseudo-profetisa, sua pouca instrução fez com que não lhes fôsse possível distingüir entre o que existia de bom ou de mau, na doutrina ministrada; **aparecendo as críticas e os deboches dos adversários conservadores...**¹⁹⁵

Também as fofocas e boatos espalhados pela região afirmavam que a *seita* do Ferrabraz pregava a destruição dos laços familiares. Além disso, seus asseclas¹⁹⁶ tiveram sua

¹⁹⁴ Ibidem, p. 21. (grifos nossos)

¹⁹⁵ Ibidem, p. 25 (grifos nossos)

¹⁹⁶ Termo empregado por Leopoldo Petry para se referir aos membros do grupo Mucker.

atuação associada ao comunismo, de tal forma que a população os considerou como um perigo, já que pregavam um desvio das regras de boa conduta social.

A situação no morro Ferrabraz era marcada pelas constantes rivalidades entre os dois lados, o que ocasionou, por parte dos Mucker, a retirada das crianças da escola e a não mais participarem da vida em comunidade. No discurso de Petry, o Ferrabraz agora aparecia como o cenário de uma triste história, marcado por dois lados inimigos, rivais entre si.

Uma leitura mais atenta da obra em questão torna evidente o claro objetivo de “inocentar” os Mucker. Seu posicionamento pode ser melhor evidenciado se tomarmos como exemplo a idéia de que :

Tôda vez que me ocupo com o estudo da história dos “mucker”, **sinto profunda compaixão por essas pobres vítimas da ignorância e da boa fé**, bem como da revoltante injustiça de seus inimigos e não posso deixar de admirar a coragem desses modestos colonos, os quais, no encontro final, não se entregaram, lutando até a última gota de sangue pelas suas convicções.¹⁹⁷

Dessa forma, a obra de Petry tornou-se o primeiro estudo que buscou levantar algumas questões referentes à atuação das autoridades, contrapondo-se às idéias de Schupp, para quem os Mucker seriam realmente “culpados”, ou seja, fanáticos e perigosos.

Mesmo preocupado em “inocentar” os Mucker e em descrever o cenário do conflito, Petry não deixou de descrever a situação em que se encontravam os colonos do Ferrabraz à época do conflito. De acordo com sua análise, o Ferrabraz, que era um lugar pacífico e tranqüilo, havia se transformado num *local de conflito* e de *guerra*, no qual teria ocorrido uma verdadeira *feita de sangue*, em razão dos ataques cometidos contra os Mucker. Portanto, naquele momento, o Ferrabraz passava a ser um local de conflito e não mais de tranqüilidade, como era antes do conflito.

Tanto o morro Ferrabraz quanto a casa que serviu de moradia e de local de prática dos cultos ministrados por Jacobina foram objeto de inúmeros estudos, que procuraram descrever esse cenário, a partir de diferentes olhares sobre o espaço em questão.

¹⁹⁷ Ibidem, p. 108. (grifo nosso)

Moacyr Domingues, após exaustivo levantamento documental e bibliográfico, publicou *A nova face dos Muckers*¹⁹⁸, na qual apresentou não só os principais aspectos do conflito, mas também desvendou as origens familiares dos principais envolvidos no conflito. Domingues concentrou-se na identificação e descrição dos principais momentos que envolveram os Mucker no conflito que resultou no assassinato de Jacobina, apontada como líder do grupo, em 02 de agosto de 1874.

Para tanto, valeu-se, em vários momentos, das versões apresentadas por Karl Von Koseritz¹⁹⁹ e Miguel Noé²⁰⁰. Nossa intenção ao apresentá-las e discuti-las é tentar compreender por que o autor recorreu a esses dois autores para fundamentar sua análise.

Encontramos, logo nas primeiras páginas da obra, uma descrição do Ferrabraz à época dos acontecimentos. Para fazê-lo, Domingues valeu-se da descrição feita por Koseritz e publicada no jornal *Rio Grandense* do ano de 1874. Ao convidar o leitor para que *brindemos com uma página de Carlos Von Koseritz, jornalista brilhante e prosador inspirado*, Domingues posiciona-se favoravelmente à versão de Koseritz, importante divulgador de idéias contrárias aos Mucker.

A imagem construída do Ferrabraz por Koseritz e apresentada por Domingues ressalta o caráter depreciativo e até polêmico com que descreveu o cenário do conflito. Seu texto intitulado *O palco da tragédia* procura informar o leitor sobre o local, descrito como uma

¹⁹⁸ DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermund, 1977.

¹⁹⁹ Karl Von Koseritz nasceu em 03 de fevereiro de 1834, em Dessau, na Alemanha. Lutou na revolução de 1848 na Alemanha ao lado das forças liberais contra os reacionários defensores do feudalismo decadente. Chegou pela primeira vez ao Brasil em 1850, regressando logo em seguida à Alemanha. Chega pela segunda vez ao Brasil e acaba participando do grupo formado para lutar contra Rosas na Argentina, conhecido como os *Brummer*. Antes mesmo de começar o combate acaba desistindo da atividade, passando a desempenhar várias atividades profissionais. Em 1855 casou-se com Zeferina Maria de Vasconcelos, filha de um rico fazendeiro da Campanha. Num primeiro momento, Koseritz trabalhou como jornalista em Pelotas e Rio Grande, sendo que em 1864 assumia a direção do *Deutsche Zeitung*, de Porto Alegre. Concomitante a essa função, escrevia artigos para *O Mercantil*, *O Jornal do Comércio*, *A Reforma*, *O Rio Grandense* e *a Gazeta de Porto Alegre*. Além disso, Koseritz teve grande participação na política do Rio Grande do Sul, ao lado dos liberais, onde desempenhou forte atuação na defesa dos interesses do partido. Faleceu em 1890.

²⁰⁰ Miguel Noé era filho de João Daniel Noé. Sobre João Daniel Noé sabemos que nasceu em 04 de dezembro de 1835 em Capela de Santana e foi casado com Catarina Hofstätter, com quem teve 11 filhos. Exerceu a atividade de Juiz de Paz em Linha Nova em 1870. Já o filho Miguel Noé foi casado com Aurélia Maurer, filha de Jacobina e João Jorge Maurer. Tendo as memórias do pai como fonte de sua narrativa, Miguel procura destacar os principais fatos que marcaram o conflito Mucker. Nela, dá destaque a como seu pai João Daniel foi envolvido na trama e porque teve, após o desfecho do conflito, que viver escondido no mato durante anos, até poder voltar ao convívio de seus parentes. A narrativa escrita, provavelmente em 1930, procura ainda evidenciar o caráter violento e desleal com que as autoridades reagiram contra o grupo liderado por Jacobina.

*região de incrível uberdade, mas montanhosa e ainda coberta de espessas matas, cujas árvores seculares servem de abrigo a animais ferozes, e são ainda, não raras vezes, visitadas por errantes tribos de indígenas*²⁰¹.

Embora Koseritz tenha chegado a afirmar que a paisagem da região era das *mais lindas e pacíficas*, habitada por um *alegre e bem disposto povo*, não deixa de enfatizar a selvageria inerente do lugar:

Confessamos que quando em 1868 (com o então presidente da província Dr. Marcondes) estivemos a primeira vez no Padre Eterno, causou-nos uma espécie de **constrangimento do coração aquela negra massa montanhosa e coberta de espessas matas**, que tão singularmente contrastava com as **densamente povoadas e bem cultivadas terras** da antiga fazenda do finado Leão(...).

E razão tivemos para contemplar aquela **medonha montanha, com seus não menos selvagens arrabaldes, com certo terror**.

Era ali o covil em que então se preparava a horrível tragédia, que daí a anos devia fazer **estremecer de horror a província, reproduzindo as cenas da média idade** e dando lúgubre nomeada ao morro do Ferrabrás e suas adjacências.

Recostado sobre a mata virgem que cobre as fraldas da Serra Geral, desde as nascentes do Jacuí até campos de São Francisco de Paula, **é o Ferrabrás o maior morro daquela região, e esta como que preparado pela própria natureza para servir de covil a bandidos e salteadores**.

Há apenas duas picadas que dão acesso às imediações do morro, onde demora a **casa de Maurer, que tão funesta nomeada** adquiriu, e onde fumega hoje o sangue de quarenta bravos que jogaram a vida na defesa dos colonos do Padre Eterno e Campo Bom²⁰².

Para Koseritz, a paisagem do Ferrabraz causava medo nas pessoas, por sua altitude e vegetação densa, e também por seu estado de *selvageria* e de *incivilização*, ao ser habitado por animais ferozes e por indígenas. Segundo sua interpretação, a própria geografia acidentada do Ferrabraz havia propiciado o surgimento de um grupo de revoltosos, já que a densa floresta servia muitas vezes de esconderijo.

As representações presentes na obra de Domingues, de 1977, reatualizam as de Koseritz, que foram publicadas no jornal *Rio Grandense* em 1874. Por ter sido uma obra de grande circulação, ela contribuiu de forma significativa para a construção de uma imagem do Ferrabraz, ligada à hostilidade e ao crime, vinculando seus moradores às características próprias da natureza da região.

²⁰¹ Ibidem, p. 24. (grifos nossos)

²⁰² Ibidem, p. 24-25. (grifos nossos)

De acordo com esses dois autores – Koseritz e Domingues -, o Ferrabraz representava um espaço *preparado pela própria natureza* para servir de refúgio a bandidos e pessoas de má índole. Nesse caso, essas pessoas seriam os Mucker que, na interpretação de Koseritz, eram o exemplo de mau comportamento e desregramento social.

No final da obra, Domingues publicou a tradução do alemão dos escritos de Miguel Noé, autor que procurou contar com suas próprias palavras aquilo que seu pai, João Daniel Noé, lembrava sobre o conflito Mucker. Também esse autor nos oferece uma descrição do cenário do conflito, na qual enfatiza a casa construída por Maurer e seus adeptos.

Na narrativa de Miguel Noé, sobressai-se o caráter comunitário do grupo, sendo que, segundo ele, a casa teria sido construída com a participação de todos:

Assim vinham diversas famílias ou pessoas que queriam aderir, as quais anteriormente eram inimigas de Maurer. Eles deixaram-se fazer perder a cabeça e não havia mais paz.

A família Maurer resolveu com seus adeptos fiéis construir uma casa grande com a ajuda dos adeptos. Pois Maurer não tinha meios de custear. **Cada um dava o que podia e queria.** Uns davam dinheiro, outros cooperavam com trabalho, para que ficasse pronta logo. Pois **a sentina antiga já se havia tornado pequena** para as pessoas que avultavam²⁰³.

Segundo Noé, a casa dos Maurer no Ferrabraz foi resultado do trabalho comunitário voluntário, já que cada um contribuía espontaneamente e de acordo com suas posses. Além disso, o autor salienta que a obra de ampliação da casa ocorreu em razão do aumento do número de adeptos, que cada vez mais procuravam o Ferrabraz para buscar auxílio médico e espiritual.

Porém, o clima vivenciado no Ferrabraz não era de paz e tranquilidade. Ao contrário, as práticas do casal Maurer e a obra de ampliação da casa despertaram na população e também nas autoridades a curiosidade e a desconfiança em relação ao que acontecia no local. Mais uma vez, o Ferrabraz passou a ser observado com desconfiança e medo pela população que vivia nos seus arredores e também pela população residente no centro de São Leopoldo, como aponta Noé:

²⁰³ História do ano de 1874. O que meu pai João Daniel Noé gravou do ano de 1874 e do que em mesmo ainda me lembro – Apontamentos de Miguel Noé. Tradução do alemão por Eleonore Erika Weber. In: DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermund, 1977. p. 383. (grifos nossos)

Enquanto trabalhavam na obra, o inspetor **Lehn procurou seguir seu desejo de espionar para agradar aos clérigos de São Leopoldo e se fazer de importante**. Como administrador do distrito, que deveria manter a ordem, ele colecionou os maiores escritos caluniosos e espalhou entre o povo: **“A casa vai ser uma fortaleza, um castelo dos muckers!”** Contra Maurer, sua mulher e seus adeptos, ele levantou as suspeitas mais descabidas, tudo fruto de **sua infame fantasia**. Um cidadão foi duas vezes lá onde ele havia escondido para poder espionar e de arma em punho o ameaçou: “Se tu, como inspetor, não podes deixar de insuflar o povo, eu te mostro teu lugar!”²⁰⁴

Como podemos constatar, o Ferrabraz havia se tornado um espaço de tensão, no qual dois grupos rivalizavam. De um lado, estavam aqueles que freqüentavam a casa dos Maurer e, do outro, estavam os que não concordavam com a forma como o casal Maurer conduzia seu grupo no Ferrabraz. De acordo com Noé, essas rivalidades eram fruto, em grande parte, *da infame fantasia* do inspetor João Lehn, que instigava a população contra os adeptos de Jacobina.

1.2.2 O morro na literatura

Para Jacques Leenhardt²⁰⁵, a literatura exerce um papel fundamental na formação dos imaginários sociais, na medida em que expõe a opinião do autor, ao mesmo tempo em que se apresenta descompromissada com a “verdade” dos fatos históricos. Para ele, a literatura se mostra de forma explícita, podendo realizar afirmações sem grandes conseqüências, uma vez que não tem a pretensão de desempenhar o mesmo papel da história.

Isso não impede, segundo sua análise, que a literatura acabe por desempenhar um papel de fundamental relevância, na medida em que veicula idéias e versões sobre um determinado tema da história. É precisamente esse o caso da obra publicada por Assis Brasil, que desempenhou papel de difusora de determinadas versões sobre o conflito Mucker,

²⁰⁴ Ibidem, p. 387. (grifos nossos)

²⁰⁵ De acordo com o autor, *a literatura apresenta, neste aspecto, a vantagem de ser explícita, legítima, e, ao mesmo tempo, de pouca conseqüência, pois é claro para cada um que não se poderia conceder fé às ficções! A literatura é, assim, a boa filha do historiador, sempre a servir, se for preciso, ou silenciosa, se necessário. Ela é, então, um objeto particularmente útil no momento de pensar ou de não pensar os movimentos que agitam, ainda que implicitamente, as calmas águas da História*. LEENHARDT, Jacques. As Luzes da Cidade. Notas sobre uma metáfora urbana em Jorge Amado. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Escrita, linguagem, objetos: leituras de História Cultural*. Bauru: EDUSC, 2004. p.151.

contribuindo de forma decisiva na construção das representações sociais sobre os Mucker e, especialmente, sobre Jacobina Maurer.

A publicação de *Videiras de Cristal*²⁰⁶, de Luiz Antonio de Assis Brasil²⁰⁷, em 1990, desempenhou papel de fundamental importância, por ter sido a obra²⁰⁸ de maior circulação entre o público leitor desde a primeira publicada sobre o tema, a de Ambrósio Schupp, editada pela primeira vez em português no ano de 1906. Acreditamos, também, que sua obra contribuiu para a retomada da discussão e para o fomento de novos estudos sobre o tema por, diferentes áreas do conhecimento²⁰⁹.

No romance de Assis Brasil²¹⁰, encontramos o morro Ferrabraz com múltiplas faces. A representação construída por Assis Brasil²¹¹ não nos leva a pensar num espaço apenas físico, mas também no Ferrabraz como espaço de conflito, de devoção e de fervor religioso. Inicialmente, o Ferrabraz é apresentado como um lugar:

... **escuro** e coberto de **mata espessa**, crescia em meio à paisagem como uma **advertência de mistério**. Era **povoado por bugios e seus roncões enchem o vale com presságios de outro mundo**. Na Picada **anoitecia mais cedo**, e a **manhã**

²⁰⁶ ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Videiras de cristal*. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

²⁰⁷ Luiz Antonio de Assis Brasil nasceu em 1945, em Porto Alegre. Viveu parte de sua infância no município de Estrela – RS, onde conheceu a cultura da população teuto-brasileira. Retornando à Porto Alegre, Assis Brasil estudou com os padres jesuítas, vindo a se formar em Direito em 1970. É Doutor em Letras e, atualmente, exerce a função de professor titular do Programa de Pós-graduação em Letras na PUCRS. O autor possui uma vasta produção literária, que já lhe conferiu várias premiações.

²⁰⁸ Para Márcio Seligmann-Silva, a literatura exerce um papel significativo na difusão do conhecimento, passando às vezes a noção de realidade daquilo que está sendo narrado na obra. Segundo o autor, a literatura encena a criação do real, buscando caminhos que levem à realidade, procurando estabelecer aquilo que ele chama de *vasos comunicantes*. SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005. p. 74.

²⁰⁹ Consideramos relevante a contribuição dos estudos acadêmicos realizados por historiadores como Janaina Amado, Maria Amélia Dickie e João Guilherme Biehl. Destacamos, sobretudo, a tese de doutorado de Janaina Amado, publicada em forma de livro em 1978, que alcançou um público leitor considerável, fazendo com que sua obra logo se esgotasse, sendo reeditada apenas em 2002 pela Editora UNISINOS.

²¹⁰ Chamamos a atenção para o fato de que a obra de Assis Brasil teve seu título alterado, a partir de 2002, para *Paixão de Jacobina*, em decorrência da produção do filme com mesmo nome, que por sua vez teve a história baseada no romance.

²¹¹ Um fato interessante na obra de Assis Brasil é que o narrador, desde o início da obra, é um dos personagens criados pelo autor. Christiano Fischer é o narrador da história e é através de seu personagem que foram apresentados o cenário e os demais personagens envolvidos no romance. Com esse recurso, Assis Brasil se isenta da versão apresentada, passando essa responsabilidade para o próprio personagem narrador.

custava a chegar. Mesmo no verão a selva adjacente mantinha-se úmida, recendente a folhas podres²¹².

A descrição feita por Assis Brasil torna evidente a associação do morro Ferrabraz com um lugar de mistério e escuridão, vinculando-o a um ambiente propenso a fatos sobrenaturais. Nesse momento, o romance leva o leitor a um mundo de fantasias, já que a descrição física do morro confunde-se com fatos de *outro mundo*.

Percebemos, ainda, a preocupação do autor em descrever o clima de devoção religiosa existente no Ferrabraz, caracterizando o morro como um verdadeiro espaço *sagrado*, de intensa devoção e fervor religioso. Para enfatizar o caráter religioso do Ferrabraz, Assis Brasil reconstituiu uma fala atribuída à personagem Jacobina, que teria sido proferida a seus fiéis:

- Meus filhos – ela disse. – Meu coração se enche de alegria neste dia tão feliz. Mais uma vez as forças do Mal nada puderam contra nós. Os ímpios tramam, com toda sua malícia, com toda sua ferocidade. Mal sabem eles que logo se aproxima o **Dia do Juízo**, quando tremerão de pavor. **Só nós ficaremos vivos, nós os eleitos do Espírito Natural**. Só nós brilharemos e cantaremos hinos de louvor ao Altíssimo, aqui ao **pé do nosso Morro Sagrado**, onde os pássaros entoarão conosco a vinda de um novo tempo, sem miséria, sem ódios, sem guerras. Será um tempo em que os **rios se transformarão em torrentes de leite e das árvores nascerá o pão para o nosso sustento**. Aí nos contemplaremos e nos beijaremos e cada mulher e cada homem procurará o seu par, livre do peso das leis humanas. Por enquanto devemos aguardar, confiantes e sábios, mas não amortecidos para a vida. (...) ²¹³

Enfatizando a devoção e o fervor decorrente das pregações feitas por Jacobina, Assis Brasil destaca também a atuação de João Jorge Klein, cunhado de Jacobina. É interessante observar a forma como o ambiente do Ferrabraz é usado para explicar a conversão de Klein à nova religião. Num diálogo travado entre Klein e o pastor Boeber, a *selva* do Ferrabraz é utilizada por este último para justificar a decadência moral de Klein:

- Você foi **subvertido pela selva**, Klein. Este **clima quente e úmido, a vizinhança desses brasileiros desregrados e bebedores de cachaça** tudo isso colaborou para que você perdesse a noção do que é certo e do que é errado. Até que lhe atribuo uma inteligência regular, mas atualmente você é um **homem de outra época**. A colônia vive uma nova ordem, agora, **restabelecimento da verdadeira disciplina germânica**. **Jacobina é um resquício dos tempos antigos**, onde cada um se defendia como podia. **Agora há leis, há hierarquia, há respeito** ²¹⁴.

²¹² ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Videiras de Cristal*. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. p. 20. (grifos nossos)

²¹³ Ibidem, p. 311-312. (grifos nossos)

²¹⁴ Ibidem, p. 181. (grifos nossos)

A vegetação, o clima e o contato com os não alemães aparecem como motivadores da conversão de Klein à religião de Jacobina. O isolamento que o Ferrabraz impunha a Klein e a Jacobina transformava-os em atores vinculados a uma outra época, que se opunha à vivenciada pela *colônia, que ingressava na civilização*.

No romance, é enfatizada a condição de refúgio do morro para os adeptos de Jacobina. Para demonstrar a dinâmica que caracterizou o conflito, o autor recorre à descrição da geografia acidentada, que teria dificultado inúmeras vezes a movimentação das tropas oficiais:

Na encosta do morro a **floresta era tão espessa que os diferentes pontos de vigia não se enxergavam uns aos outros**. A comunicação com a choupana de Jacobina dava-se através de **trilhas a facão e serrote**. O chão úmido não era firme o suficiente, e era preciso agarrar-se aos troncos das árvores para vencer a **forte inclinação** do terreno²¹⁵.

Assis Brasil enfatiza também as dificuldades enfrentadas pelos Mucker face ao avanço dos soldados. Nesse contexto de luta pela sobrevivência, o Ferrabraz mostrava-se hostil para os seus moradores, como evidenciado na história de luta do personagem Jacó-Mula:

E Jacó-Mula sai correndo, passa pela cascata, **galga com agilidade felina o paredão de pedra** Um **cacto rasga sua calça**. Hesita um momento e o despega da pedra, guardando-o no bolso. E, sem olhar para trás, **ultrapassa os barços do mato e com o peito em fogo e pleno de Graça atinge a eminência do morro**, onde o sol brilha com todas as cores do arco-íris²¹⁶.

Local de natureza selvagem que se converte em espaço de devoção e fervor religioso: é essa a representação do morro Ferrabraz no romance de Assis Brasil. Valendo-se do recurso da criação entre os personagens, a história contada pelo autor articula o espaço e a dinâmica do conflito.

A obra literária de Assis Brasil teve como fontes bibliográficas as obras escritas por Schupp, Petry, Amado, Domingues, Maria Isaura de Queirós, Klaus Becker e Carlos Hunsche. Nela, o autor procurou analisar os Mucker como “vítimas” e não como “culpados”, tendência bastante recorrente nas representações construídas até o início da década de 1990.

²¹⁵ Ibidem, p. 518. (grifos nossos)

²¹⁶ Ibidem, p. 529. (grifos nossos)

O romance de Assis Brasil foi interpretado por muitos leitores como uma obra que “conta” a história do conflito Mucker. Com isso, a obra de Assis Brasil não é compreendida como ficção, mas sim como “verdade”, desconsiderando a criação de personagens e acontecimentos criados pelo romancista. Podemos acrescentar ainda que essa constatação é oriunda de inúmeras aulas, palestras e cursos proferidos ao longo desses anos de pesquisa sobre o tema, nos quais me deparei com muitas pessoas que realizavam tal questionamento sobre a obra de Assis Brasil.

1.2.3 O morro na imprensa sapiranguense

O morro Ferrabraz também foi alvo da atenção das variadas representações construídas e difundidas pela equipe responsável pelo jornal, que elegeu o morro como símbolo para denominar o jornal de Sapiranga, fundado em 1949.

O nome escolhido para o jornal dos sapiranguenses - *O Ferrabraz* – foi uma forma de identificar a imprensa local com a comunidade, na medida em que o morro era conhecido dos sapiranguenses e fazia parte da paisagem local. Em relação à denominação, entendemos que a equipe responsável pela imprensa sapiranguense recorreu a uma simbologia curiosa, se considerarmos a relação que a comunidade mantinha com o espaço geográfico e com a memória herdada do final do século XIX sobre o conflito Mucker.

Quanto às origens do jornal, sabemos que foi fundado em 1º de dezembro de 1949, por Guilherme José Powolny, nascido na Alemanha, no ano de 1904. Chegando ao Brasil, Powolny viveu grande parte de sua juventude em Porto Alegre, onde seu pai era proprietário de uma tipografia. Chegando em Sapiranga, Powolny fundou a Gráfica Sapiranga ao mesmo tempo em que foi diretor do jornal.

O fato de ser estrangeiro obrigou-o, por motivos legais, a colocar – oficialmente – outra pessoa como proprietário de seu jornal. Para essa função, foi escolhido Leopoldo Luiz

Sefrin²¹⁷, que exerceu o papel fictício de proprietário do jornal. Trabalhavam de forma mais direta com Powolny Bertoldo Nordhausen, na função de gerente, e Tito Lima, como gráfico. Além desses, havia outros funcionários encarregados de diferentes funções dentro do jornal e formavam a equipe responsável pelas edições do jornal *O Ferrabraz*.

Nos dez anos que se seguiram à sua fundação, Powolny, Nordhausen e Tito Lima foram os responsáveis pelas edições mensais do jornal, que contava ainda com a participação de colaboradores sapiranguenses nas publicações. O jornal procurava se mostrar como um veículo que procurava *publicar as notícias de interesse coletivo da população de São Leopoldo*²¹⁸. Nessa fase, a tiragem do jornal alcançava entre 1500 e 2000 exemplares²¹⁹, a grande maioria com destino certo, uma vez que a grande maioria de seus leitores eram assinantes.

Não temos informações precisas sobre o número de leitores do jornal. Todavia, sabemos que o número de exemplares ficava em torno de 1500, levando-nos a acreditar que o número de leitores não chegava a 5000 pessoas. Essas edições eram, em sua maioria, vendidas por assinatura e eram de circulação local para uma população que chegava a pouco mais de 12000 habitantes²²⁰.

Com o falecimento de Powolny, uma nova fase se iniciou no jornal, quando este foi doado por seu filho em 1961, para Olival Monteiro, que o recebeu gratuitamente, com a tarefa

²¹⁷ Leopoldo Luiz Sefrin, que emprestou seu nome como proprietário oficial do jornal, era filho de Leopoldo Sefrin, autor dos artigos publicados na imprensa sobre os Mucker e sobre os quais trataremos mais adiante. Chamamos a atenção para essa questão, evitando possíveis confusões, em razão da semelhança dos nomes.

²¹⁸ O jornal identifica-se como pertencente a São Leopoldo até fevereiro de 1955, quando ocorre a emancipação de Sapiranga. A filosofia do jornal – de publicar notícias de interesse coletivo dos sapiranguenses - aparece de forma destacada na capa, logo abaixo do logotipo com o nome do jornal.

²¹⁹ As edições do jornal eram confeccionadas de forma precária. Inicialmente as edições contavam com cerca de 6 páginas, estando praticamente ausente a utilização de imagens. Já nas edições especiais, como no Natal, as edições contavam com até 30 páginas. Observamos ainda a grande presença de propagandas de diferentes estabelecimentos comerciais e indústrias de Sapiranga, que realizavam seus comerciais através da imprensa.

²²⁰ Sabemos que, de acordo com as Agências de Estatística de São Leopoldo e Taquara, o número de eleitores em 1953, na localidade de Sapiranga somava 1534 (se somarmos Campo Vicente e Picada Hartz totalizamos 1776 eleitores). Se considerarmos o fato de que naquele momento somente eram eleitores aqueles que sabiam ler e escrever, aventamos a possibilidade de a população alfabetizada em língua portuguesa e que tinha idade para votar se aproximava ao número de exemplares impressos pelo jornal. Independente do número de pessoas que sabiam ler, acreditamos que as notícias veiculadas pelo jornal alcançavam boa parte dos moradores de Sapiranga, que recebiam as notícias através de familiares e vizinhos que liam as notícias e que as transmitiam durante as conversas diárias.

de continuar as publicações. A partir de então, o jornal passou a ser quinzenal, tendo sido editado apenas até 1969, devido às dificuldades financeiras atravessadas pela empresa e a problemas relacionados à censura durante o período militar. Sua reabertura só ocorreria anos mais tarde, em 1975, tendo encerrado definitivamente suas atividades no início da década de 1980.

Embora nossa intenção em descrever a trajetória do jornal concentre-se na compreensão do papel desempenhado pela imprensa na veiculação de representações construídas sobre os Mucker, não podemos deixar de referir o perfil desse veículo de notícias.

Alguns trechos do jornal revelam a forma como a imprensa sapiranguense, através dos artigos redigidos por diversos colaboradores da comunidade, posicionava-se diante dos acontecimentos. Na transcrição abaixo, a história clássica é invocada para justificar as ações políticas dos sapiranguenses, que, segundo o jornal, possuíam grande *cultura cívica*:

Os **gregos antigos**, para receber os seus heróis ou seus dirigentes máximos, abriam largas brechas nas muralhas de suas cidades, afim de que a recepção tomasse um aspecto excepcional e significativo, onde reuniam seu povo para retribuírem sua gratidão e homenagem os habitantes desta cidade – **SAPIRANGA – por intermédio de “O Ferrabraz”** também abre seus corações, afeitos ao **sossêgo peculiar de seu povo**, para receber festivamente as **autoridades e ilustres homens, portadores de altas culturas cívicas como os heróis gregos...**²²¹

Em outra edição, o jornal faz referência ao *império da verdade*, apresentando-se como seu arauto no momento em que Sapiranga vivia as prévias das eleições. A imprensa coloca-se numa posição de destaque, valendo-se do respaldo de seus leitores e de sua missão, afirma não estar em sintonia com os leitores. Nesse momento, a imprensa apresentava-se como um “espelho” da sociedade sapiranguense, pretensamente refletindo seus pensamentos e interesses coletivos, como pode ser comprovado na seguinte transcrição:

Não acreditamos que se consiga conceito e crédito junto à opinião pública, se não noticiarmos **“escrevendo, sempre a verdade.** Agora completada com grau máximo dez, com a realização por nós da levada a efeito com a maior lisura e honestidade, à PRÉVIA ELEITORAL em nossa cidade.
Temos uma doutrina perfeitamente delineada e diretrizes de ação sempre perfeitamente definidas, determinando com acerto, nosso ponto de vista para a implantação do **império da VERDADE** em nossos escritos.

²²¹ O FERRABRAZ, 12 mar. 1965. n. 234, p.7. (Grifo nosso)

E como nos é confortador verificar a **sintonia de nossos pensamentos com o nosso povo**²²².

Em um outro episódio, que envolveu a inauguração do monumento em homenagem ao ex-presidente Getúlio Vargas, *O Ferrabraz* informa seus leitores que a obra de construção do monumento já havia sido concluída, embora os preparativos para sua inauguração ainda não tivessem sido providenciados pelas autoridades municipais, autoras da obra. O jornal responsabiliza a municipalidade pelo descaso e “fala” em nome da população sapiranguense, manifestando a expectativa em torno da inauguração do monumento:

O busto de ex-presidente Getúlio Vargas que será inaugurado numa das praças de nossa cidade, apesar de pronto, conforme temos informações concretas, **AINDA NÃO FOI PROCEDIDA as solenidades que nós todos esperávamos**²²³.

Valendo-se, portanto, do respaldo de seus leitores, o jornal afirmava-se como o meio oficial de divulgação de notícias da cidade, representando o pensamento de seus cidadãos. Nesse sentido, mais um artigo, publicado em 1960, merece ser mencionado, tal foi sua relevância para a compreensão do ambiente ideológico vivido em Sapiranga em meados do século XX. Tratava-se de um artigo escrito pelo pastor da comunidade da Igreja Evangélica Luterana (IELB) de Sapiranga, no qual ele faz uma reflexão sobre o ambiente religioso que caracterizava a cidade naquele período. Para tanto, o pastor valeu-se do conflito Mucker, associando-o ao fanatismo religioso que, segundo ele, havia causado a destruição da região no passado:

Na segunda metade do século passado, **há cerca de 86 anos**, desenrolaram-se na Antiga Fazenda Leão, hoje Sapiranga, **acontecimentos deploráveis** sob todos os pontos de vista. **Homens fanatizados espalharam por toda a parte da Colônia o terror, o incêndio, a morte e desolação, escrevendo na história desta localidade uma página negra que não favorece a honra e a glória de sua população.**

Hoje Sapiranga é uma próspera cidade industrial, graças a conjugação harmoniosa de dois fatores: a atividade incansável de sua **laboriosa população e o dinamismo de seu governo municipal.**

Segundo a sua confissão religiosa, pertence a grande maioria da população à Igreja Evangélica e a Igreja Católica Romana. Ao que consta, **é mito reduzido o número de passos que não pertencem, ao menos, exteriormente a uma igreja,** se bem que muitos não são praticantes de sua religião²²⁴.

²²² O FERRABRAZ, 15 out. 1962. n. 167, p.3. (Grifo nosso)

²²³ O FERRABRAZ, 15 nov. 1962. n. 169. p.5. (Grifo nosso)

²²⁴ O FERRABRAZ, p.16. n.129, 01 mar. 1960. (grifos nossos)

Ao analisarmos as edições do Ferrabraz, constatamos que, na década de 1960, tornaram-se freqüentes as referências ao conflito Mucker. Sobretudo, os artigos escritos por Leopoldo Sefrin²²⁵ serviram como instrumento de crítica e de referência ao passado da cidade, política associada a um período obscuro da história de Saporanga.

Oitenta anos após o desfecho do conflito, Sefrin reproduzia e atualizava as representações depreciativas presentes no pensamento do jesuíta Ambrósio Schupp, obra na qual Sefrin baseava-se para escrever seus artigos²²⁶.

O jornal sapiranguense procurava, através da publicação dos artigos sobre os Mucker, lembrar a população sobre a história do conflito. Isso, contudo, era feito a partir de um único ponto de vista, que apontava os Mucker como únicos culpados, enquanto procurava inocentar os colonos, apresentados como vítimas dos ataques dos Mucker. Os artigos divulgados no período compreendido entre 1949 e 1960 foram marcados pela veiculação de representações que se originaram especialmente dos testemunhos de sobreviventes do conflito.

O apelo emocional dos artigos deixava clara sua intenção de agir nos sentimentos e emoções²²⁷ de seus leitores. Daí a ênfase dada, no discurso, a termos exaltados e irônicos nas referências feitas aos Mucker.

²²⁵ Leopoldo Sefrin nasceu em 19 de abril de 1919, em São Leopoldo. Iniciou sua carreira como professor primário municipal na mesma cidade. Exerceu o cargo de Secretário Geral e neste mesmo período cursou Direito em Porto Alegre, tornando-se advogado em 1936. Logo em seguida, foi nomeado Juiz de Direito no município de São Francisco de Paula, na serra gaúcha. Porém, em 1941, transferiu-se com sua família para Saporanga, para administrar o Cartório de Saporanga. Sefrin faleceu em 21 de abril de 1987, aos 68 anos de idade, em Saporanga.

²²⁶ Na biblioteca particular de Sefrin (atualmente doada ao Museu Municipal de Saporanga) a única obra encontrada referente ao tema foi a de Ambrósio Schupp. Sefrin era considerado um homem culto e possuía uma considerável coletânea de obras sobre temas variados, como história, geografia, ciências naturais, direito, psicologia e uma diversidade de obras de literatura, além de livros em alemão e francês.

²²⁷ Michael Pollack chama a atenção em seu estudo para a importância das testemunhas oculares. Estas, quando já em idade adiantada, sentem-se no compromisso de deixar o seu depoimento sobre o fato vivido. Em nosso caso, os sobreviventes do conflito que moravam em Saporanga nas décadas de 1940 e 1950 sentiram-se comprometidas em dar seu testemunho, contando ao jornal suas memórias do tempo dos Mucker. Em decorrência disso, Pollack afirma que *elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento*, contribuindo, dessa forma, para a solidificação de suas memórias e trazendo como consequência a construção de uma versão sobre os fatos narrados. Nesse aspecto, percebemos que a imprensa sapiranguense se valeu desses testemunhos em vários momentos, na tentativa de legitimar seu discurso e dar maior ênfase às lembranças e sentimentos de seus entrevistados. Memória, esquecimento, silêncio. In: POLLACK, Michael. *Estudos históricos*, vol. 2, n. 3, 1989. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989. p. 7.

Em sua primeira edição, o jornal trazia um breve resumo da história de Sapiroanga intitulado *O Ferrabraz*, no qual é enfatizada a descrição do morro Ferrabraz e os fatos nele ocorridos no passado. O artigo tinha como objetivo informar e justificar ao leitor as razões da denominação dada ao jornal. Na primeira edição, o morro Ferrabraz foi descrito da seguinte maneira:

Como um dos últimos contrafortes da Serra do Mar, debruça-se, por assim dizer, **num recanto do espaço**, o Ferrabraz.

Conquanto não seja um dos pontos mais elevados dessa Serra, é, entretanto, uma **elegante saliência**, do solo, que ali está, como que espreitando o desenvolvimento de uma **risonha povoação**; como que defendendo uma **laboriosa Vila** contra possíveis ataques de hordas maléfica; como que, encorajando um povo para sempre e mais se elevar para os ideais alevantados e sublimes do progresso quer material, quer espiritual²²⁸.

À descrição da paisagem, seguiu-se uma apreciação do autor sobre o conflito, que conduzia o leitor à interpretação de que os Mucker foram os responsáveis pelo fanatismo religioso na região:

Prende-se a sua história um **fato danoso, uma lacuna, uma mancha mesmo**, que entristeceu os contemporâneos de então e ainda abala o coração dos que, remanescentes daquela época, narram fatos que presenciaram, ou dos que, por tradição, tem conhecimento das atrocidades então praticadas, de uns visionários, cujo ideal era a criação de uma espécie de governo ditatorial (...). Referimo -nos **aos Muckers, que tanto deram que fazer ao Governo e em consequência de sua extinção enlutaram tantos lares de boas famílias**²²⁹.

A denominação do jornal foi justificada pela pujança natural do morro e endossada pela história que ali ocorreu no final do século XIX. Os Mucker foram identificados como seguidores de falsas ideologias e, portanto, serviram para o jornal de contraponto. Na medida em que, no passado, o MORRO Ferrabraz foi o espaço dos Mucker, anos mais tarde o JORNAL de mesmo nome, O Ferrabraz, orientaria para a crítica dos fatos do passado, posicionando-se contrário aos ideais defendidos pelos Mucker. Com isso, a imprensa sapiranguense procurava construir uma nova identidade para o morro Ferrabraz, ligada ao novo tempo que se iniciava em meados do século XX. Essa idéia se tornou perceptível no momento em que o jornal afirmou:

²²⁸ O FERRABRAZ, Capa. 01 dez. 1949. n. 1. (grifos nossos)

²²⁹ Ibidem, Capa. (grifos nossos)

Dando ao nosso jornal o nome de “O Ferrabraz” foi porque nos inspiramos nas duas premissas acima lançadas: **a da posição do morro que leva este nome e a da existência, nele, de uma ideologia, falsa, embora, para os Muckers, norteadora de uma iniciativa, a qual fora orientada por outro prisma, teria, possivelmente, contribuído para o nosso progresso**²³⁰.

O jornal pretendia, ainda, constituir-se como o veículo oficial de informação, desempenhando seu papel de “educador” da comunidade:

Assim como o Ferrabraz se ergue invito para os Céus, a bradar a todos que está firme sobre a sua base, assim queremos nós, os do jornal, nos levantar e bradar que estamos anciosos por cooperar de qualquer forma pelo progresso desta terra. **Assim como está coberto de vasta vegetação e risonhas vivendas, queremos nós, os do jornal, cobrir as páginas do “O Ferrabraz” de colaborações** de todo o gênero de leitura, edificante, instrutiva, recreativa: porém **livre de combates nos terrenos religioso e político**²³¹.

No dia de Natal do ano de 1949, foi publicada a segunda edição do jornal *O FERRABRAZ*, trazendo mais uma vez na primeira página um artigo que tratava dos Mucker. Dessa vez, o tema abordado foi a atuação de Jacobina junto aos Mucker e os supostos tesouros por eles enterrados no Ferrabraz. Além do caráter de mistério que envolvia o Ferrabraz já enfatizado na primeira edição, naquele momento o morro passou a representar um lugar de riquezas escondidas, para onde muitos aventureiros se dirigiram. O artigo destacou que muitas eram *as lendas que gravitam em torno da tão famigerada campanha contra os Muckers*. Mas entre tantas:

Sobressaem-se as dos **tesouros escondidos**. E tão arraigada ficou essa lenda que se converteu em tradição e tão profunda se enraizou esta que, por diversas vezes **vieram verdadeiras caravanas à cata dos tesouros encantados**²³².

Ao finalizar o artigo, o autor questionou a ação dos Mucker, que, em seu entendimento, não teriam sabido aproveitar a natureza do Ferrabraz e a *situação topográfica privilegiada para praticar o bem e servir de vigia para a grandeza da pátria*. Pelo contrário, segundo o autor do artigo, os Mucker haviam denegrado a imagem do morro com *a mancha negra da morte, da devastação e do despotismo*. Mais uma vez, a representação do Ferrabraz

²³⁰ Ibidem, Capa. (grifos nossos)

²³¹ Ibidem, Capa. (grifos nossos)

²³² O FERRABRAZ, Capa. 25 dez. 1949. n. 02. (grifos nossos)

– como espaço do medo e da morte – era reafirmada e difundida entre a população sapiranguense.

Na edição de julho de 1953²³³, encontramos o artigo intitulado *Combate Infrutífero*, cujo objetivo foi, sem dúvida, exaltar a atuação dos colonos contrários aos Mucker, apresentando-os como honestos, pacíficos e respeitadores da lei.

Para termos uma maior compreensão dessa visão, destacamos um trecho do artigo:

Como é de domínio geral, **foi a Guerra dos Mucker, uma campanha inglória, baseada em falsas ideologias, e animada por sórdidos propósitos.**

Sabe-se, através de **obras que tratam do assunto, como também pela tradição oral, que ali no Ferrabraz se praticavam as mais exóticas cenas, mescladas de devoção e de corrupção.**

O povo que então ainda se mantinha fiel aos princípios da Moral, e era a maioria, não podiam ver de bons olhos o que se passava no **píncaro da montanha**²³⁴.

O artigo enfatiza a desordem causada pelos Mucker, que haviam negado os valores defendidos pelos “bons colonos”. Deixava bem claro, ainda, que os colonos envolvidos pela “seita” eram, dentre o total da população, uma pequena minoria. Sendo assim, aqueles que acreditavam em “falsas ideologias” eram os desregrados e encontravam-se em meio a uma população ordeira, que preservava os bons costumes.

Salienta, também, as conseqüências drásticas e nefastas do deflagrar do conflito. A população se viu prejudicada com a quase paralisação das transações comerciais em toda Província, com a falta de trabalho, de comunicação entre as localidades e, somando-se a tudo isso, uma total insegurança e desconfiança entre seus habitantes.

A iniciativa do sub-delegado de Dois Irmãos, Daniel Kollin, foi retratada como um ato de bravura. Este, percebendo que a situação não se resolvia, nem mesmo com a atuação das forças militares, tomou a iniciativa de recrutar colonos que se dispusessem a formar uma frente ofensiva para combater, juntamente com as forças oficiais, os colonos rebelados no Ferrabraz.

²³³ O FERRABRAZ, jul. 1953. n. 45. Capa.

²³⁴ O FERRABRAZ, jul. 1953. n. 45. Capa. (grifos nossos)

Essa frente, no entanto, não teve os resultados esperados, sendo que muitos colonos morreram vitimados por tiros em combate. O artigo, então, encerra-se, constatando que *mais uma tentativa frustrada, para os pacatos colonos de Sapiranga*²³⁵.

1.2.4 O morro no cinema

O conflito Mucker não despertou apenas os olhares atentos de estudiosos interessados em analisar as fontes documentais para nelas e através delas desvendar o conflito. Duas produções recentes do cinema brasileiro procuraram retratar o conflito Mucker nas telas do cinema.

O primeiro filme produzido sobre o tema, *Os Mucker: o massacre da seita do Ferrabrás*, foi lançado no Festival de Cinema de Gramado, em 1979, e teve à sua frente Wolf Gauer e Jorge Bodansky como diretores. Resultado de uma co-produção entre Alemanha e Brasil, o filme foi alvo de inúmeros elogios dos críticos de cinema de sua época, o que fez com que recebesse prêmios como de melhor direção, melhor cenografia e de melhor atriz, para sua personagem central Jacobina, interpretada pela sapiranguense Marlise Saueressig.

Não podemos deixar de referir e descrever o contexto no qual ocorreu a estréia do filme de Gauer e de Bodansky. Após quatro anos de intensas pesquisas, em 1976, a historiadora Janaína Amado havia defendido sua Tese de Doutorado em História na Universidade de São Paulo, lançando um novo olhar sobre o conflito Mucker, a partir de uma perspectiva acadêmica inédita até então. Sua tese foi publicada em 1978 e alcançou grande repercussão.

Os anos finais da década de 1970, que contaram com a publicação da obra de Janaína Amado e com o lançamento oficial do primeiro filme sobre os Mucker, foram decisivos para uma mudança na compreensão do conflito bem como sobre a imagem construída até então sobre seus principais personagens. Ao mesmo tempo, a transposição dos Mucker para as telas

²³⁵ O FERRABRAZ, jul. 1953. n. 45. Capa.

do cinema fez com que o tema se tornasse cada vez mais conhecido, especialmente pelos habitantes do Rio Grande do Sul.

Essa primeira produção cinematográfica foi bastante simples, não contando com efeitos visuais sofisticados, dada a época em que foi produzido. Também em função dos recursos financeiros limitados, o filme contou com a participação de atores amadores, sendo a grande maioria deles de moradores de Sapiranga.

A grande novidade que a produção cinematográfica representou foi que, se antes o público conhecia os Mucker através apenas da produção escrita, o filme oferecia aos espectadores o desenrolar da ação. A paisagem natural, o cenário com suas casas e os personagens em movimento tornavam a história do conflito mais atraente, ao mesmo tempo em que transformava a versão apresentada pelo cinema como a verdadeira em relação aos fatos.

Enquanto um “produto” que procurava um mercado consumidor, o filme sobre os Mucker precisava se tornar atrativos aos espectadores. Para tanto, Gauer e Bodansky recorreram, em vários momentos, à criação de personagens e de fatos cuja veracidade não encontra respaldo na documentação.

Por outro lado, o filme de 1979 procurou recriar o ambiente vivido pelos colonos à época dos acontecimentos. A paisagem, as casas, a iluminação, as vestimentas e a língua falada, o alemão, procuraram recriar o cenário do conflito e da região. As gravações foram realizadas nas proximidades do local onde, de fato, ocorreu o conflito, assemelhando-se em muitos momentos ao ambiente no qual os Mucker viveram.

O morro Ferrabraz, por sua vez, apareceu de forma natural, com sua geografia acidentada e sua vegetação densa, como um lugar de difícil acesso, dadas às condições das picadas abertas em meio ao mato e na referência à demora em se chegar até o centro de São Leopoldo.

Lugar de natureza exuberante, marcado pelas plantações e pelas casas dispersas dos colonos: foi essa a representação do Ferrabraz na primeira produção cinematográfica sobre o conflito dos Mucker e como o espaço da luta entre Mucker e seus inimigos. O morro de onde

brotou a discórdia na região aparece, ainda, como lugar de derramamento de sangue e de fonte de luto para muitas famílias.

Entre a primeira produção cinematográfica e a segunda, passaram-se 23 anos, período em que se alteraram, significativamente, contexto e tecnologia. Dotados de melhores condições técnicas e recursos de mídia, Luís Carlos e Lucy Barreto lançaram, em 2002, um novo filme sobre o conflito Mucker.

Distinguindo-se em vários aspectos da primeira produção, o filme foi lançado no Festival de Cinema de Gramado em 2002, sob o título *A paixão de Jacobina*²³⁶. Utilizando técnicas de montagem e filmagem mais aprimoradas, a equipe responsável pelo filme se propôs a realizar uma grande produção cinematográfica. Em razão disso, foram contratadas várias equipes especiais, responsáveis por todos os detalhes da produção, foram construídos cenários, contratados atores e atrizes profissionais, sendo que, dessa oportunidade, os moradores da região participaram apenas como figurantes.

Como sugere o título, o filme explorou a sensualidade e o fanatismo de sua personagem central, Jacobina Maurer. A “paixão”, neste caso, definia-se como o fanatismo religioso de Jacobina, cuja figura misturava sensualidade e nudez como expressão de sua entrega a Deus. Foi em meio a esse ritual que misturava fanatismo e sensualidade que Jacobina surge como personagem central do filme.

Não podemos esquecer que se tratava de colonos que levavam uma vida bastante simples, assim como também eram suas casas, suas roupas e sua própria forma de falar, que não se comparava com as mostradas nas cenas de *A paixão de Jacobina*. Isso nos leva a crer que não houve preocupação com uma caracterização fiel do ambiente de época, mas sim a criação de um cenário que pudesse agradar os espectadores.

Neste caso, o Ferrabraz apresentado no filme dos Barreto não foi o morro Ferrabraz “real”, natural, com sua geografia recortada, com sua vegetação densa e de difícil acesso. Pelo contrário, o morro Ferrabraz de *A paixão de Jacobina* foi o construído cenograficamente pelas

²³⁶ Em consulta diversas locadoras de vídeo de Sapiroanga, constatamos que o filme continua sendo um dos mais locados na cidade. Isso nos leva a acreditar que atualmente o tema Mucker e, principalmente, sua personagem central Jacobina Maurer, ainda despertam o interesse da população de Sapiroanga.

mãos dos encarregados da montagem dos cenários. Com casas perfeitamente pintadas e com tratamento paisagístico, agricultores alinhados e com roupas feitas de tecidos finos, cujas características em nada se assemelhavam às dos colonos da zona rural de São Leopoldo. O filme, por isso, construiu uma imagem ficcional²³⁷ do Ferrabraz e de seus moradores, que em nada se associava ao ambiente vivido pelos Mucker.

1.3 DIFERENTES OLHARES SOBRE UM MESMO LUGAR

Apresentamos as variadas representações produzidas sobre o Ferrabraz a partir de diferentes contextos e de diferentes observadores. Desde os primeiros olhares, que datam do final do século XIX, até os mais recentes, do início do século XXI, percebemos que a forma de compreensão do conflito e de seu cenário apresenta-se a partir de diferentes maneiras.

O morro Ferrabraz foi, simultaneamente, espaço de contemplação da natureza, de fervor e devoção religiosa, de conflito e derramamento de sangue, de harmonia e encontro com Deus e também espaço de construção de um cenário ficcional e irreal.

Em diferentes contextos e sob pontos de vista diferentes, o morro foi, sem dúvida, o espaço dos Mucker, como se tornou evidente na investigação realizada. Lugar de memória, o Ferrabraz consagrou-se na história do conflito como o “palco dos acontecimentos”, o centro do combate entre os dois lados do conflito. Não foi apenas lugar de moradia dos Mucker: foi o símbolo da resistência de um grupo que procurou viver de forma distinta dos demais moradores da colônia.

²³⁷ Consideramos as diferenças existentes entre a linguagem fílmica e as demais que se debruçaram sobre o conflito Mucker, embora tenhamos que reconhecer que o cinema, ao construir determinadas representações sobre lugares e personagens, acaba exercendo grande papel na formação do imaginário do espectador. Dessa forma, aquilo que é ficção muitas vezes é interpretado pelo espectador como uma verdade histórica, absolutizada, como se de fato aquilo “tivesse acontecido”. A partir desse momento é que determinadas imagens sobre coisas, personagens ou acontecimentos se transformam em verdades que se solidificam e são transmitidas através das gerações pela força da tradição.

Atualmente o Ferrabraz²³⁸ chama a atenção dos turistas através dos *Caminhos de Jacobina* e também dos esportistas praticantes do vôo-livre, que sobrevoam a *densa vegetação* do morro que foi *campo de batalha* e de extermínio dos Mucker.

Se no passado, o Ferrabraz encarnava a representação do medo e do mistério, que vinculava natureza a fanatismo religioso, atualmente esse espaço é alvo de ressignificação. Na medida em que os Mucker tornaram-se algo distante, que ficou no passado, o morro acabou se transformando em lugar de descanso, de passeios e caminhadas em meio à sua rica vegetação, vista com admiração – e não mais com medo – pelos seus frequentadores. O “gigante verde” que no passado causava medo naqueles que o observavam, hoje é percebido como espaço de interesse histórico-natural.

As questões que envolvem o Ferrabraz enquanto lugar de memória e toda e sua importância para o desenvolvimento do turismo histórico-cultural de Sapiranga serão melhor abordados no terceiro capítulo.

²³⁸ Consultando o endereço eletrônico da Prefeitura Municipal de Sapiranga (www.sapiranga.rs.gov.br), encontramos um *link* onde são disponibilizadas algumas informações sobre o morro Ferrabraz, conforme citamos a seguir: *Localizado ao norte de Sapiranga, o Morro Ferrabraz é formado por rochas de origem vulcânica e sedimentar. O terreno constitui-se de uma grande elevação, onde predomina a erosão. Sua altitude varia de 581 metros a 634 metros. Com a necessidade de preservação do Morro Ferrabraz, a lei municipal número 1400/87 colocou-o como patrimônio natural, área especial de interesse histórico e turístico. Hoje em dia, o Morro é um centro turístico com prática de Vôo Livre. Asas-deltas e parapilgers decolam das rampas em busca de emoção. Além disso, o local é propício para a prática de mountain bike. Também no sopé do Ferrabraz foi demarcado o sítio histórico dos Mucker.*

2 JACOBINA E GENUÍNO: ANTAGONISMOS E REPRESENTAÇÕES

As batalhas simbólicas para a construção de heróis envolvem tanto a memória histórica quanto o apelo a lendas e mitos. A memória lança mão de uma narrativa tradicional sobre o passado, explica a origem, os feitos e as glórias dos heróis. As lendas e os mitos, por outro lado, narram eventos acontecidos em um tempo indefinido, por isso chamado “tempos imemoriais”, falam de personagens sobre os quais não há dados históricos; mencionam viagens sem dados geográficos precisos²³⁹.

No capítulo anterior, analisamos as representações sociais construídas sobre o cenário do conflito Mucker, o morro Ferrabraz. Sobre ele, identificamos diferentes narrativas, que, em diferentes momentos, procuraram caracterizar o espaço geográfico onde se desenvolveu o conflito Mucker.

A partir dessa análise, constatamos que o Ferrabraz foi representado através de diferentes veículos de representação, tais como a documentação relativa ao conflito, os textos historiográficos e literários, a imprensa e, ainda, o cinema. Contudo, vários outros elementos podem ser percebidos nestas fontes, entre os quais destacamos os dois personagens centrais do conflito, Jacobina Maurer e Genuíno Sampaio.

Neste capítulo, procuraremos analisar as diferentes representações construídas e difundidas sobre esses dois personagens centrais do conflito. Encontrados em lados opostos, Jacobina e Genuíno tiveram seu perfil e suas ações interpretadas a partir de diferentes ângulos, que acabaram contribuindo, na maioria das vezes, para a construção de uma imagem detratora da primeira, enquanto se construiu uma imagem heróica para o segundo.

²³⁹ OLIVEIRA, Lucia Lippi. A construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e de hoje. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). *História Cultural: Experiências de Pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 68.

Nesse caso, consideramos Jacobina e Genuíno como personagens antagônicos, em que a narração das virtudes de um serviu de desqualificação para o outro, já que se encontravam “de lados opostos” no conflito. Tanto Jacobina quanto Genuíno tiveram suas representações construídas a partir do contraponto que foi estabelecido entre ambos os personagens.

Para compreender o processo de construção dessas representações, consideramos fundamental resgatar a análise feita por Lúcia Lippi Oliveira. Para ela, a origem das representações dos heróis da história nacional encontra-se precisamente na descrição “heroicizada” dos personagens, inscritas num campo de *batalha simbólica*. Para ela, neste campo de batalha, para se impor determinadas versões sobre os personagens, muitas vezes se recorre às narrativas de época e aos testemunhos orais, que, em alguns casos, confundem-se com versões lendárias e imaginárias²⁴⁰ em relação aos fatos e personagens do passado.

Assim como Lippi Oliveira, opinião expressa na epígrafe de abertura do capítulo, entendemos que houve um processo de construção de representações sociais dos personagens emblemáticos do conflito Mucker. Embora o conflito tenha envolvido uma grande quantidade de pessoas, tanto do lado dos Mucker quanto do lado de seus combatentes, priorizamos a análise das representações de Jacobina e Genuíno²⁴¹.

Conforme veremos, parte das narrativas²⁴² construídas sobre os Mucker procuraram incutir no imaginário do leitor a noção de “verdade”, fazendo com que o discurso do autor parecesse e assumisse a condição de descrição fiel dos seus personagens e fatos.

Como nos ensina o historiador José Murilo de Carvalho, baseado nos estudos de Joshua C. Taylor, *os traços de heroísmo, de virtudes cívicas, oferecidos aos olhos do povo*,

²⁴⁰ Quanto a essa questão que envolve o entendimento da construção dos heróis e mitos na história, destacamos os artigos publicados na obra: FÉLIX, Loiva Otero e ELMIR, Cláudio P. *Mitos e heróis: a construção de imaginários*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

²⁴¹ Acreditamos que assim se torna possível entender como essas representações construídas sobre Jacobina e Genuíno e, conseqüentemente sobre o conflito, foram se transformando ao longo do tempo, na medida em que novos estudos foram realizados sobre o tema e novas versões foram sendo apresentadas. Nossa investigação se concentrará principalmente na análise das transformações ocorridas no conteúdo das narrativas apresentadas sobre os dois personagens, observando como estas mudaram de acordo com o contexto e a época em que se inseriram.

²⁴² O termo *narrativa* é aqui empregado para referendar as representações perceptíveis nos textos históricos, literários e fílmicos. Nesse sentido, utilizamos o conceito de narrativa enquanto discurso, como uma dada versão sobre os fatos.

*eletrificam suas almas e fazem surgir as paixões da glória, da devoção à felicidade de seu país*²⁴³. A construção das representações sobre Jacobina e Genuíno como heróis em determinados veículos de representação²⁴⁴ acabaram solidificando a visão de uma história construída principalmente a partir das suas ações.

Ainda de acordo com Carvalho, essas são manipulações que operam no sentido de se construir uma versão alinhada com os interesses de quem constrói o discurso e que devem levar em conta o contexto de um determinado período histórico. Essa afirmação de José Murilo de Carvalho vem ao encontro de nossa análise, na medida em que consideramos a dinâmica que envolveu a construção de representações de Jacobina e Genuíno.

Essas transformações nas representações dos personagens centrais são o objetivo da discussão que realizaremos neste capítulo. Ressaltamos, contudo, que não desconsideramos os demais personagens envolvidos na história do conflito. Estes nos permitem compreender o contexto de inserção dos dois personagens centrais da história, ao mesmo tempo em que tornam compreensível a projeção desses dois personagens como responsáveis pela liderança dos grupos rivais.

2.1 A LÍDER DOS MUCKER E SEU HERÓICO COMBATENTE

Em nossa análise, apresentamos Jacobina Maurer e Genuíno Sampaio como personagens antagônicos, situados em lados opostos do conflito. Daí, considerarmos fundamental desvendar como se deu a construção de representações sobre esses dois personagens, considerados os principais no episódio, e que representavam, de um lado, os Mucker, e de outro, seus combatentes.

²⁴³ TAYLOR, Joshua C. apud CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: 1990, p.11.

²⁴⁴ Consideramos veículos de representação toda e qualquer forma de publicação de representações sobre os Mucker. Em nosso estudo, optamos pela análise das representações veiculadas através de textos históricos e literários, da imprensa e também do cinema. Esses, em nosso entendimento, contribuíram de forma decisiva no processo de construção dos imaginários sociais sobre os Mucker.

Iniciamos nossa análise sobre os personagens centrais do conflito apresentando, de forma abrangente, a biografia de Jacobina Mentz Maurer. Em relação a ela, sabe-se que nasceu em data desconhecida do mês de junho de 1842, na localidade de Hamburgo Velho, atual município de Novo Hamburgo – RS. Era filha do casal de imigrantes alemães, André Mentz e Maria Elisabeth Muller, que, além de Jacobina, possuíam mais 7 filhos. Jacobina foi confirmada em 04 de abril de 1854 na Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil de Hamburgo Velho, onde viria a se casar com João Jorge Maurer. Foi assassinada em 02 de agosto de 1874, quando foi descoberta, pelas forças oficiais, em seu esconderijo na mata fechada, ao pé do morro Ferrabraz.

Sobre suas características físicas pouco sabemos, em razão de não termos qualquer retrato²⁴⁵ seu, o que torna sua personagem ainda mais enigmática, despertando o imaginário da população acerca de como seria a imagem real de Jacobina. Como seria seu rosto, seus cabelos, seu corpo? São perguntas para as quais até o momento não temos respostas confiáveis, tendo em vista que as descrições feitas sobre ela são bastante distintas.



Fotografia atribuída ao casal Maurer no dia de seu casamento (original do Museu Histórico "Visconde de São Leopoldo").

DOMINGUES, Moacyr. *A Nova Face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermund, 1977. p. 7.

²⁴⁵ A única fotografia que representaria Jacobina é aquela atribuída ao casal Maurer, cuja autenticidade é amplamente questionada. Acredita-se que a fotografia não retrate Jacobina e seu marido João Jorge Maurer. A não existência de uma imagem concreta de Jacobina Mentz Maurer torna sua personagem ainda mais misteriosa. A fotografia, contudo, é constantemente empregada, especialmente pela imprensa, para conferir um rosto à personagem.

A Jacobina criança teve sérias dificuldades na escola, não tendo conseguido aprender a ler e escrever²⁴⁶. Segundo os diagnósticos do Dr. João Daniel Hillebrand, Jacobina apresentava, desde criança, sinais de transtornos nervosos que haviam se agravado em sua fase adulta, quando iniciou a leitura e interpretação da Bíblia²⁴⁷. Segundo o médico, esses transtornos teriam provocado uma *verdadeira mania religiosa e sonambulismo espontâneo*.

Hillebrand apontava seu marido, João Jorge Maurer²⁴⁸, como o responsável pela doença da mulher, já que, segundo seu entendimento, ele a obrigava a praticar charlatanismo. Além disso, João Jorge Maurer era descrito pela maioria das pessoas de sua época como alguém que não gostava de trabalhar.

Agricultor e marceneiro de profissão, Maurer tinha aprendido a manipular ervas medicinais, que eram empregadas no preparo de chás e remédios para a cura de várias doenças que assolavam os colonos. A denominação de “Doutor Maravilhoso” surgiu entre as pessoas que nele procuravam ajuda e acabou se tornando bastante conhecida na colônia.

Foi, portanto, em torno de Jacobina e João Jorge Maurer que se deu a organização do grupo dos Mucker. Há, no entanto, inúmeros outros personagens envolvidos, dentre os quais um nos chama a atenção. Referimo-nos a João Jorge Klein²⁴⁹, cunhado de Jacobina, casado

²⁴⁶ Jacobina aprendeu a ler em alemão já adulta, com o professor Hades Fleck, sobre quem pouco sabemos. Jacobina nunca aprendeu a escrever, nem a falar em português.

²⁴⁷ Embora Jacobina seja apresentada na historiografia como analfabeta, devemos repensar essa afirmação, tendo em vista o fato de que lia a Bíblia e cantava os hinos em alemão.

²⁴⁸ João Jorge Maurer nasceu em 28 de fevereiro (mesma data em que se comemora o aniversário de Sapiroanga) de 1841, em Picada de São José do Hortênsio. Era filho de João Carlos Maurer e Maria Bárbara Voltz, ambos imigrantes alemães. De acordo com as descrições realizadas por Carlos Von Koseritz, Maurer era um homem de *estatura mediana, boas cores, cabelo e barba louros, olhos azuis, órgão agradável e modos insinuantes*. Sobre sua morte não temos informações precisas, uma vez que após o desfecho do conflito seu corpo teria sido encontrado em adiantado estado de decomposição, enforcado na mata do Ferrabraz. Seu corpo foi identificado apenas pelas roupas que usava e reconhecidas pelo seu alfaiate. Outra versão afirma que Maurer teria fugido e passado a viver na região da fronteira noroeste do estado.

²⁴⁹ João Jorge Klein nasceu no Hunsrück, Alemanha, no dia 14 de maio de 1820. Era filho de João Jorge Klein e Maria Ana Klein. Teria chegado ao Brasil em 1854, vindo a exercer a atividade de pastor na Comunidade Evangélica de Sapiroanga no período entre 1858 e 1859, quando em seguida assumiu a Comunidade de Picada 48, onde permaneceu entre 1859 a 1864, quando foi sucedido por pastores com formação religiosa. Klein faleceu em 06 de outubro de 1915, com 95 anos de idade.

com sua irmã Catarina Mentz. Sobre a atuação de Klein, restam muitas dúvidas, já que ora é apontado como “mentor intelectual” do grupo, ora - como embora em seus escritos²⁵⁰ - tenha essa atuação desacreditada.

Contrapondo-se às representações construídas e difundidas sobre Jacobina, encontramos aquelas que retratam o coronel Genuíno Sampaio. Em nossa investigação, procuraremos analisar as diferentes representações construídas sobre o personagem Genuíno Sampaio e que foram veiculadas tanto nos textos históricos, na literatura, quanto na imprensa e no cinema. Procuramos ainda desvendar o contexto no qual essas representações foram construídas.

Genuíno Olympio de Sampaio nasceu em 1822, na Bahia. Iniciou cedo sua carreira militar, sendo que aos quinze anos de idade já havia participado, como cadete, no combate realizado contra os revoltosos no episódio da Sabinada, revolta que havia se iniciado em 1837, na Bahia. Pelos atos de bravura demonstrados naquela ação, Genuíno foi promovido a Alferes de Comissão.

Em 1838, Genuíno Sampaio chegou ao Rio Grande do Sul para lutar ao lado das forças imperiais na Revolução Farroupilha, que eclodiu na Província em 1835 e que se estendeu até 1845. Terminada a revolução, Genuíno foi elevado a Tenente em 1847 e, em 1849, dirigiu-se à Província de Pernambuco para lutar na Revolução Praieira, que ocorria naquela Província. Saindo do campo de batalha em Pernambuco, marchou até Montevidéu, no Uruguai, para lutar contra Rosas, ao lado do Conde de Porto Alegre. Em 1855, tornou-se Capitão de 2ª classe do Estado-maior.

Entre 1860 e 1863, Genuíno trabalhou junto à Comissão Exploradora do Alto-Uruguai, e, no ano seguinte, foi nomeado ajudante do diretor da Escola Militar do Rio Grande do Sul. Genuíno participou da Guerra do Paraguai, o que lhe valeu a promoção a Tenente-coronel efetivo devido aos seus atos de bravura. Mais tarde, já coronel, Genuíno voltou ao Rio Grande do Sul, vindo a comandar a guarnição de uma parte da fronteira e, depois, fixando residência em Porto Alegre, onde comandava seu batalhão.

²⁵⁰ Em seus escritos *Sobre a história dos “Mucker”, nos anos de 1872 a 1874*, João Jorge Klein procura se inocentar das acusações de que ele teria sido o mentor intelectual dos Mucker. Em seus escritos, procura responsabilizar Jacobina e João Jorge Maurer, assim como as autoridades corruptas pelo conflito.

Com a eclosão do conflito na colônia alemã de São Leopoldo, o coronel foi chamado para apaziguar e acabar com o conflito entre os colonos do Ferrabraz. Foi durante essa ação que Genuíno morreu, no dia 21 de julho de 1874.

A causa de sua morte é bastante discutida, havendo diferentes versões. Alguns apontam a possibilidade do coronel ter sido atingido na perna por uma bala lançada por um Mucker, enquanto outros afirmam que a bala foi propositalmente lançada em sua direção por um soldado descontente. Já uma terceira versão aponta para a possibilidade de ter sido um de seus soldados o responsável pelo disparo, que sem querer teria atingido a perna de Genuíno. Independentemente da origem do disparo, o fato foi que Genuíno veio a falecer em decorrência de uma forte hemorragia que não pôde ser controlada. A distância do Ferrabraz e os precários meios de transporte existentes na época impediram que o coronel fosse levado a tempo até o centro de São Leopoldo.

O coronel do exército brasileiro, que havia lutado em tantos outros combates, nos quais havia conquistado tantos títulos de bravura, tombou no Ferrabraz, vitimado por uma bala que o atingiu de forma fatal. Em função de sua morte, entrou no cenário do conflito o Major Francisco Santiago Dantas, que levaria o conflito até o final, com a derrota dos Mucker.

Tanto as representações construídas sobre Genuíno quanto aquelas construídas sobre Jacobina são compreendidas na Tese como expressão de diferentes visões e interpretações que, por sua vez, foram difundidas pelos mais variados veículos de divulgação ao longo do período de estudo abrangido na Tese.

Diferentemente da personagem Jacobina, identificada como responsável pelo conflito, Genuíno Sampaio foi apontado pelas autoridades e consagrado à época dos acontecimentos como o herói do conflito, que deu sua vida para proteger a população da colônia alemã de São Leopoldo contra os Mucker. A representação construída sobre Genuíno Sampaio e que se consagrou no imaginário da população de São Leopoldo foi a do militar que tombou em nome da civilização contra a barbárie. Nesse caso, Genuíno representava a lança da civilização, enquanto os Mucker representavam o universo bárbaro, não civilizado.

Essa mesma representação sofreu manipulações, especialmente a partir de 1889, na medida em que o personagem é alvo de interpretação dos republicanos²⁵¹. A eleição desse personagem como figura heróica e de reputação inabalável foi indispensável para a condenação moral de Jacobina, que desempenhava a função de anti-heroína.

Tendo essas questões como ponto de partida, procuramos investigar as ênfases dadas aos personagens nas diferentes fontes consultadas, que, conforme pudemos constatar, sofreram sensíveis transformações. Produzidas em épocas e em contextos diferentes, as representações construídas sobre Genuíno passaram por um processo que, inevitavelmente, apresentaram o personagem sob diferentes pontos de vista.

Cabe ressaltar que não encontramos um processo de construção de representações sobre Genuíno da forma densa como encontramos sobre Jacobina. Isso reforça nossa percepção de que foi Jacobina quem mais chamou a atenção dos estudiosos do conflito Mucker. Sobre Genuíno, o que encontramos nas fontes são breves descrições acerca de suas operações militares e alguns comentários sobre sua ação em combate.

Para os objetivos deste estudo, no entanto, se impõe uma análise das representações de Genuíno Sampaio para contrapô-las às de Jacobina Mentz Maurer. Concentramos nossa investigação na compreensão das diferentes versões apresentadas para sua Jacobina Mentz Maurer²⁵², assim como sobre Genuíno Sampaio e nas quais se enfatizaram diferentes olhares, como suas origens familiares, suas descrições físico-psicológicas, seus caracteres e suas atuações durante o conflito.

²⁵¹ Em 1889, com a implantação da República no Brasil, o princípio que orientava as ações do novo governo era o lema positivista, de ordem e de progresso, corrente defendida por Augusto Comte. Sobre essa questão que envolve a implantação da República no Brasil e a manipulação dos imaginários sociais durante a consolidação do novo regime político, apontamos a obra *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*, de José Murilo de Carvalho. Na obra, o autor discute a forma como os imaginários serviram de elemento fundamental para a consolidação da República e como a veiculação de representações sobre Tiradentes exerceu um papel indispensável na construção de uma nova identidade para a novo regime político.

²⁵² Consideramos o estudo realizado por Joana Maria Pedro bastante esclarecedor quanto às condições em que viviam as mulheres no sul do Brasil durante o século XIX. Em sua pesquisa, a autora analisa como se produziram imagens sobre as mulheres no sul do Brasil e quais os condicionantes que envolveram estas representações. É também à luz deste estudo de Joana Maria Pedro que procuramos compreender a construção das representações sobre a personagem Jacobina Mentz Maurer, que se encontrava inserida no contexto das mulheres do sul do Brasil. Como exemplo de sua exposição temos a afirmação de que: *Os jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram os modelos ideais de mulher como boas mães, virtuosas esposas e dedicadas filhas. Esses modelos já faziam parte do imaginário ocidental, podiam ser encontrados na literatura, no sermão das missas, nos textos escolares, nas tradições locais.* PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary Del. (org). *História das mulheres no Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 281.

2.2 OS PERSONAGENS NA HISTORIOGRAFIA

Na publicação do artigo *A Fraude Mucker na Colônia Alemã. Uma Contribuição para a história da cultura da germanidade daqui*, de 1875, encontramos a primeira imagem idealizada de Jacobina. Publicado por Carlos Von Koseritz em seu *Koseritz Kalender*, o artigo procurava alertar as pessoas para os fatos que ocorriam, consistindo num “ato de denúncia” em relação ao grupo que se organizava no Ferrabraz.

Para Koseritz, o movimento não se enquadrava na realidade da colônia alemã de São Leopoldo, o que justificava a denúncia: *estes fatos lançam luz terrível sobre nosso progresso e que são motivo das mais sérias preocupações para o futuro*²⁵³.

Apresentando os Mucker como fanáticos religiosos e avessos aos avanços da ciência, Koseritz tece críticas severas a eles, na medida em que não praticavam os valores da verdadeira germanidade²⁵⁴. Em sua exposição, o autor também aproveita para atacar de forma direta a ação da Companhia de Jesus, por ele denominada de *agourenta Ordem de Jesus*, o que expõe a rivalidade entre católicos e protestantes existente à época.

O alvo preferido por Koseritz, no entanto, foi Jacobina Mentz Maurer. Para ele, Jacobina representava a demência religiosa que havia se instaurado na colônia, devido à *indigestão crônica de passagens bíblicas, aliada a temor cuidadosamente nutrido ante inferno e diabo e crença demente em revelação, vocação divina e milagres de toda a espécie*.

Para Koseritz, Jacobina era a responsável pelos acontecimentos que assolavam a colônia:

²⁵³ VON KOSERITZ, Carlos. *A Fraude Mucker na Colônia Alemã. Uma contribuição para a história da cultura da germanidade daqui*. *Koseritz Kalender*. p. 1. (Tradução de Martin Norberto Dreher).

²⁵⁴ Lembramos que esta publicação ocorreu em meio às comemorações do 50º Jubileu da Cidade de São Leopoldo, que, segundo Koseritz, eram alusivas à *coragem alemã e pelo trabalho alemão*. Ainda como exemplo da exaltação da germanidade, Koseritz refere-se aos imigrantes e seus descendentes como portadores do *cerne operoso da natureza alemã* e de *natureza sadia da raça alemã*.

Uma **mulherzinha doida, histérica** como Jacobina Maurer teria sido simplesmente ridicularizada, sem jamais encontrar adeptos que se deixassem inflamar a tais **atos macabros**.

Sabemos de sobejo que com a publicação desta nossa opinião, baseada na mais íntima convicção, haveremos de chocar novamente os mais amplos círculos. O **agourento “S.v.K.” será novamente o alvo da baba piedosa que espirra do alto dos púlpitos de ambas as confissões;** não de tropejar contra o almanaque popular e proibir a aquisição do mesmo, - isso, contudo, pouco importa, pois cumprimos nosso dever, **dizemos a verdade e esclarecemos os leitores a respeito das verdadeiras causas da fraude Mucker nas colônias**²⁵⁵.

A desqualificação de Jacobina no texto de Koseritz fica bem evidente no emprego do diminutivo *mulherzinha*. Jacobina é descrita como uma desajustada socialmente e responsável por *atos macabros*. Para ele, se a população da colônia não tivesse vívido no desamparo religioso, Jacobina jamais teria alcançado o prestígio e a credibilidade que teve entre seus adeptos.

Koseritz ressaltou, de forma irônica, sua inconformidade com o pensamento das autoridades religiosas que, segundo ele, logo iriam criticar suas opiniões. Koseritz procurou, ainda, tornar pública a origem familiar da líder dos Mucker:

Todas as mulheres da família Mentz eram mais ou menos levadas ao excesso e propensas ao entusiasmo religioso; pois sua fantasia fora abarrotada desde a juventude com leitura da Bíblia, e exercícios religiosos permanentes – **uma espécie de epidemia de reza – as forçavam a permanecer, por horas, ajoelhadas**²⁵⁶.

Interessante observar que, ao colocá-la inserida no seio de uma família, suas características psicológicas foram atribuídas a uma certa tradição das mulheres Mentz. A leitura e a interpretação da Bíblia teriam sido as causas do fanatismo e do seu excesso de devoção, que somados à sua compleição física e atributos, teriam a tornado uma desequilibrada:

Às conseqüências dessa educação pode ter sido acrescida em Jacobina Maurer **predisposição física a casos de histeria que, mais tarde, degenerou em sobreexcitação nervosa ligada a sintomas de sonambulismo,** no entanto e por outro lado, hoje está comprovado que Jacobina Maurer tinha uma **natureza desmesuradamente sensual** que, afinal, degenerou em **ninfomania formal;** pois só assim pode ser explicada a curiosa mistura de **excessos sensuais e terríveis**

²⁵⁵ VON KOSERITZ, Carlos. A Fraude Mucker na Colônia Alemã. Uma contribuição para a história da cultura da germanidade daqui. *Koseritz Kalender*. p. 5. (Tradução de Martin Norberto Dreher). (grifos nossos)

²⁵⁶ Ibidem, p. 6. (grifos nossos)

crueldades que conquistaram esta mulher no último estágio de sua vida notoriedade tão detestável²⁵⁷.

Vale ressaltar que a questão de gênero aparece como um elemento desqualificador de Jacobina, ao ser apontada como *mulherzinha*, de quem eram esperadas determinadas características psicológicas. A conduta da família Mentz e a educação familiar que recebia os filhos, sobretudo as filhas, aparecem como elementos que procuram justificar o estado de *histeria* de Jacobina.

Koseritz destacou também a atuação conjunta de Jacobina e João Jorge Maurer. Na versão de Koseritz, João Jorge era um *charlatão*, que ganhava dinheiro com a ignorância das pessoas que se dirigiam ao Ferrabraz em busca de cura e salvação. Para ele, apesar das tentativas dos mais esclarecidos de impedir que muitos se dirigissem à casa do casal Maurer: *De nada adiantou; charlatões jamais lutam em vão contra a burrice e Hansjörg breve se tornou médico muito procurado*²⁵⁸.

A prática do curandeirismo, segundo Koseritz, trouxe prosperidade financeira, já que muitos dos que se dirigiam à casa de Maurer levavam dinheiro como forma de pagamento pelo atendimento. Koseritz chegou a acusar Maurer de não ter curado ninguém, reforçando a representação de João Jorge Maurer como *charlatão*, que enganava as pessoas.

No artigo de Koseritz, Jacobina desempenhava o papel de guia espiritual e *acorrentava* as pessoas através da leitura e interpretação da Bíblia:

As **onças choviam** em sua casa, que em pouco tempo se tornou ponto de reunião de muitos doentes, aos quais prescrevia toda a sorte de decoções de ervas. **Não curou ninguém**, mas que importa, os doentes acorriam como antes a ele que buscou acorrentá-los de outra maneira. Para tanto, a **pretensa inspiração divina de Jacobina proporcionou-lhe a algema necessária**. Como Deus se dignasse nomear-lhe medicamentos e interferir no ofício dos médicos, **nada foi mais natural para Maurer do que explorar a propensão à credice**²⁵⁹.

²⁵⁷ Ibidem, p. 6. (grifos nossos)

²⁵⁸ Ibidem, p. 6. (grifos nossos)

²⁵⁹ Ibidem, p. 6. (grifos nossos)

Na versão publicada em 1880, sob o título *Marpingen*²⁶⁰ *und der Ferrabraz*, Jacobina é descrita como mensageira da palavra de Cristo. Para o autor, contudo, Jacobina não passava de uma enganadora, que se dizia proferir palavras divinas aos seus adeptos do Ferrabraz. A atitude de Jacobina foi associada ao ambiente rude e hostil - de pouca formação intelectual – e à ausência de amparo científico, que a privavam do conhecimento mínimo das *leis que regem o universo*.

João Jorge Maurer, por sua vez, foi descrito neste artigo como *trapaceiro e vadio que, apesar de ignorante, provocara viver à custa da ignorância e estupidez de seus semelhantes*²⁶¹.

Assim como Jacobina, João Jorge Maurer também foi alvo de críticas severas, tendo sido identificado como responsável pelos atos cometidos pelos Mucker. Koseritz comparou a ação de curandeiro de Maurer a outras tantas existentes na história mundial, interpretando-a como produto da ignorância.

Koseritz concluiu seu artigo enumerando os motivos que teriam levado à formação dos Mucker no Ferrabraz. Para ele, a personagem Jacobina surgiu num contexto de fanatismo religioso, em decorrência de uma educação deficiente que transformou todos os crédulos em potencial:

Superirritação de uma mulher sonâmbula;
 Exploração sistemática de seu estado por **trapaceiros movidos por interesses particulares;**
Fanatismo religioso que se desenvolvia entre os frequentadores da casa da sonâmbula, como **doença contagiosa;**
 Receptividade verificada nos espíritos desses frequentadores em virtude de sua **educação deficiente**²⁶².

No século XIX, as narrativas de Carlos Von Koseritz exerceram um papel de fundamental importância no processo de construção das representações de Jacobina, na

²⁶⁰ VON KOSERITZ, Carlos. Marpingen und der Ferrabraz. In: PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz: os mucker*. 2ª ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966. p. 170-173 (Marpingen é traduzido por Leopoldo Petry como sendo um lugarejo da Alemanha).

²⁶¹ Ibidem, p. 172. (grifos nossos)

²⁶² Ibidem, p. 173. (grifos nossos)

medida em que, ao tornar pública sua interpretação sobre o conflito, Koseritz não somente a apresentou como “a” versão dos fatos como inspirou os trabalhos de Petry e Domingues.

É preciso considerar que Koseritz era tido como um intelectual em sua época e, portanto, autor respeitado por grande parte de seus leitores. Com isso, suas idéias acabaram se sedimentando no imaginário social da população, especialmente por ter sido o primeiro a escrever sobre o conflito Mucker, influenciando vários outros estudos realizados a partir do final do século XIX²⁶³.

Como já mencionado no capítulo anterior, consideramos necessária a análise do relatório escrito por Dantas em 1877, uma vez que a versão apresentada por ele influenciou de forma decisiva o processo de construção e difusão de representações sobre o conflito. Na narrativa²⁶⁴ de Dantas, prevalece o ponto de vista de um militar preocupado com a descrição do cenário e das ações militares que envolveram o combate dos Mucker. A ênfase dada a essas descrições fez com que Dantas não se preocupasse em evidenciar o papel desempenhado por Jacobina, sendo que, na maioria das vezes, foi destacada a atuação de seu marido João Jorge Maurer. Ele teria sido, segundo a versão apresentada por Dantas, o grande responsável pela organização do grupo.

²⁶³ Como exemplo dessa afirmação, encontramos nos *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo (1846-1946)*, uma versão que se assemelhava àquela apresentada por Koseritz. De autoria de Olyntho Sanmartin, o artigo *O Capitão Dantas e o Episódio dos Muckers* enfatizava o fanatismo e a violência presente na colônia à época dos Mucker. Segundo sua interpretação, a evolução do conflito foi marcada por motivos fundamentalmente religiosos, grotescos, ingênuos, místicos e sanguinários. Da mesma forma, Jacobina foi retratada como uma líder religiosa que se valia de suas deficiências mentais para fanatizar os colonos da região. Ao lado dela se encontrava o marido João Jorge Maurer, que foi identificado pelo autor como *um tipo original de débil mental*, que teria se aproveitado da doença da mulher. SANMARTIN, Olyntho. *O Capitão Dantas e o Episódio dos Muckers. Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo (1846-1946)*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947. Outro exemplo disso pode ser observado anos mais tarde, quando foram publicados os *Anais do Primeiro Simpósio de História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul*. Selecionamos dois trabalhos que demonstram a visão bastante negativa dos autores em relação aos Mucker e em especial à personagem Jacobina Maurer. O primeiro foi o trabalho de Ramiro Frota Barcelos, intitulado *Breves considerações psico-analíticas em torno da personalidade de Jacobina Maurer*, no qual a personagem foi representada como responsável pela prática de charlatanismo e qualificada pelo autor como *embora mãe de seis filhos, a múltipara era como um animal freqüentemente em cio. Desejosa de procriar. Talvez frustrada sexualmente (tudo leva a admitir que o marido fosse um homem frio), procurava intrigar os casais, separando-os. Aos machos atraía para suas prédicas e para seus beijos de alcova*. Já na versão apresentada pelo Dr. Carlos H. Hunsche, em seu artigo *Dez novas fontes, desconhecidas e inéditas, sobre o episódio e o epílogo dos Mucker no Rio Grande do Sul*, o conflito foi denominado como *movimento muckeriano* e Jacobina, sua personagem central, foi representada como *a megera sanguinária*, responsável pelo ambiente de *fanatismo e loucura* que havia se instalado no Ferrabraz. *Anais do I Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Rotermund, 1974.

²⁶⁴ AHRS. Ligeira Notícia sobre as Operações Militares contra os Muckers na Província do Rio Grande do Sul. Francisco C. de Santiago Dantas. Rio de Janeiro, 1877. Maço 152.

Como exemplo disso que afirmamos, apresentamos o único trecho, ainda na introdução, em que Jacobina foi citada nominalmente, sendo que no decorrer de sua narrativa seu nome se torna ausente:

João Jorge Maurer e sua mulher Jacobina haviam organizado no município de S. Leopoldo uma seita religiosa que se baseava em arbitrárias interpretações dos Livros Santos. Discutiam os teólogos a questão da crença; debaixo do ponto de vista em que escrevo pouco importa²⁶⁵.

A ausência nominal de Jacobina, no entanto, não diminui a sua participação na organização do grupo, sendo que Dantas, ao referir-se à casa do casal, denominou-a de *casa Maurer*, numa referência a João Jorge e Jacobina. A casa Maurer, no entanto, é apresentada ao leitor como um símbolo da destruição dos Mucker, devido à ação militar bem sucedida.

Comparada a uma pira gigante, a casa incendiada pelos soldados era motivo de comemoração de mais uma etapa na luta contra os Mucker:

A casa Maurer se transformara em pira gigantesca, onde se imolavam vítimas os adeptos da nova crença. Depois que a casa começou a arder, não julgando, à vista das providencias tomadas para o completo cerco, que se evadisse um só mucker, o coronel **Genuíno enviou um oficial a Porto Alegre para anunciar a completa extinção dos revoltosos**²⁶⁶.

O cenário, mais uma vez, é enfatizado e é associado ao terror, já que as vítimas teriam morrido queimadas pelo fogo, pondo fim à seita do Ferrabraz. Um aspecto, no entanto, chamou-nos a atenção: se os personagens envolvidos no conflito não mereceram atenção especial por parte de Dantas, a atuação do Coronel Genuíno Sampaio será enaltecida.

Os tempos muito difíceis, marcados pelo fanatismo e pelo fervor religioso, haviam tomado tais proporções que a ação militar se fez necessária. Além disso, segundo Dantas, a conduta assumida por Maurer teria provocado o massacre de seus adeptos:

Assim foi – **Maurer e seus adeptos,** quiseram e, em nome de Deus, **innocentes creaturas se imolaram,** sem que ao menos na hora do sacrificio vissem a seu lado, falso apostolo que as conduzira ao abismo. **Miserável!... nem sequer**

²⁶⁵ Ibidem, p. 2. (grifo nosso)

²⁶⁶ Ibidem, p. 8. (grifos nossos)

teve coragem vulgar do bandido, que no derradeiro transe faz-se voar na explosão de barril de pólvora com toda a sua tropa. **Fugiu e, sem remorsos**, deixou entregue ao vencedor quase todos os que o seguiam²⁶⁷.

Nota-se que, nessa narrativa, Jacobina esteve praticamente só, tendo sido apresentada ao exercer um papel de líder religiosa ao lado do marido João Jorge Maurer, que teve ação destacada.

Na análise da narrativa de Francisco Dantas, percebemos, ainda, sua preocupação em evidenciar a existência de dois grupos rivais. De um lado os Mucker, identificados por ele como fanáticos que resistiram à determinação da lei e, de outro lado, as forças oficiais que procuraram defender os interesses do governo e dos colonos que se viam atacados pelos Mucker.

Nesse contexto recriado por Dantas, o Coronel Genuíno Sampaio aparece como personagem de destaque, dada a sua atuação em combate, que acabou levando-o à morte. Genuíno Sampaio foi apresentado como *distinto coronel Genuíno*²⁶⁸, demonstrando a intenção de Dantas de enfatizar o caráter de Genuíno, que se perfilava entre os mais destacados militares brasileiros.

As ações militares de Genuíno foram ressaltadas na narrativa de Dantas, em que se sobressai a bravura do coronel destemido e determinado que combateu os Mucker. Dantas compartilhava com os leitores o momento em que Genuíno será atingido:

Mandei que se abaixassem junto aos armões e fora da linha dos tiros que se faziam. Fui ter como o coronel e disse-lhe assim como a diversos oficiais de infantaria, que, se fizessem avançar a tropa uns 50 metros e colocassem-na de joelho em terra e baionetas calada, sem disparar um tiro, não havia possibilidade de termos a menor perda. **O coronel estava junto ao flanco direito e compreendendo o juicioso da minha observação, ordenou a esse flanco que avançasse.** Pedi-lhe também que fizesse cessar as descargas inúteis que só serviam para com os clarões mostrar ao inimigo o lugar em que estamos. **A voz do coronel a direita avançou (não tanto quanto convinha)**, mas fogo continuou ainda com a mesma intensidade. Dirigi-me para o centro e daí para a esquerda, onde estavam os artilheiros. Falei com tenente Carlos Teles que, de pé, sereno, com sua companhia de joelho em terra, só mandava disparar quando via o clarão dos tiros inimigos. Ele estava no centro, não podia avançar até a base do morro sob pena de ser fusilado por nossa própria gente. **Disseram-me daí a alguns minutos que o coronel fora ferido na perna**

²⁶⁷ Ibidem, p. 4. (grifos nossos)

²⁶⁸ AHRS. Ligeira Notícia sobre as Operações Militares contra os Muckers na Província do Rio Grande do Sul. Francisco C. de Santiago Dantas. Rio de Janeiro, 1877. Maço 152. p. 6.

levemente. Eram distintamente nessa ocasião só dois homens que atiravam da serra. **Antes de clarear o dia já nem esses dois tiros se ouviam. Participaram-me haver morrido o coronel**²⁶⁹.

No trecho acima, tornam-se evidentes as recomendações de cautela dadas por Dantas a Genuíno. Esse, segundo Dantas, não teria se preocupado com os perigos, o que teria resultado no ferimento na perna, que o levou à morte ainda naquela madrugada do dia 20 de julho de 1874. Logo em seguida, Dantas refere a pouca importância estratégica daquele ataque noturno para o desfecho do conflito, se não fosse por ter causado a morte do coronel. As mortes de soldados e dos próprios Mucker foram entendidas por Dantas como necessárias, o que tornava a morte do Coronel mais incompreensível e inaceitável:

À medicina compete explicar o fenômeno, só sei que perdeu grande quantidade de sangue e que não havia médico presente por haver na véspera se retirado com os nossos feridos o que acompanhara e expedição. **O ataque da madrugada seria completamente sem importância se o destino não houvesse marcada com seu selo inexorável o termo dos dias do bravo coronel**²⁷⁰.

A morte de Genuíno foi utilizada por Dantas para incentivar as ações dos soldados que, abalados com a morte do coronel, se viram numa situação difícil. Dantas afirmou que a morte de Genuíno deveria servir-lhes de exemplo de bravura e que estes não deveriam se deixar abalar. Ao contrário, deveriam tomar esse fato como lição e com isso *salvar a dignidade do uniforme nacional*²⁷¹.

Apesar de identificado pelo narrador como *malaventurado*, as incursões de Genuíno Sampaio deveriam servir de incentivo moral para todos prosseguirem no combate aos Mucker. O discurso de Dantas tornou a morte de Genuíno em mais um elemento justificador da ação militar no Ferrabraz. Enquanto os Mucker eram apresentados em sua narrativa como fanáticos e assassinos, a imagem de Genuíno Sampaio construiu-se como contraponto a essa descrição.

Genuíno era, na interpretação de Francisco Dantas, o exemplo de herói, que havia dado sua vida no combate aos Mucker, defendendo os interesses do Estado e da população da

²⁶⁹ Ibidem, p. 9. (grifos nossos)

²⁷⁰ Ibidem, p. 9. (grifos nossos)

²⁷¹ Ibidem, p. 11.

colônia alemã de São Leopoldo. Ao evidenciar o caráter cívico da atuação de Genuíno, Dantas ressaltou a defesa dos interesses da pátria, contribuindo para a construção da imagem do coronel como um herói, cujas características ímpares o tornaram vulto na história local, regional e nacional.

Concordando com a visão detratora dos Mucker apresentada por Dantas, o padre jesuíta Ambrósio Schupp afirmou que Jacobina e João Jorge Maurer eram os principais responsáveis pela formação do grupo, apresentando-os como o *casal misterioso do Ferrabrás [que] se deixou penetrar e possuir dessa convicção*²⁷², ao aliar a cura de doenças à prática religiosa.

Para o autor, o mistério envolvia os personagens João Jorge Maurer e Jacobina Mentz Maurer²⁷³, que não teriam outra pretensão senão a de enganar os colonos, com supostas curas milagrosas realizadas por Maurer através de palavras da Bíblia, proferidas por Jacobina.

De forma semelhante a Koseritz, Schupp apresentou Jacobina como a principal responsável pelos acontecimentos do Ferrabraz que, segundo ele, teriam resultado do desamparo e da ignorância dos moradores da localidade. Nesse contexto de dificuldades, Jacobina desempenhou seu papel de líder religiosa, ao presidir cultos e ao ditar regras de convívio do grupo. Procurou também apresentar Jacobina como uma pessoa dotada de capacidades limitadas e praticante de atos criminosos, como ficou evidenciado na seguinte passagem:

Jacobina mandara degolar o próprio filho, criança de peito, para que o choro desta não descobrisse o seu esconderijo; ordenado mais que, em dia determinado, se fizesse o mesmo a todas as crianças menores de cinco anos; pois assim como o Salvador fora salvo pelo sangue dos recém-nascidos, assim também **ela devia ser salva pelo sangue das crianças** de tenra idade²⁷⁴.

Schupp manteve a versão detratora iniciada com os artigos de Koseritz, ao ressaltar que Jacobina, ao final do conflito, teria sido descoberta ao lado de seu suposto amante. Na

²⁷² SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d p. 42.

²⁷³ Uma análise atenta de sua obra aponta para o entendimento do “lugar de enunciação”. Isto é, Schupp é padre da ordem dos jesuítas e, portanto, realiza sua investigação, a partir do olhar de religioso, representante da Igreja.

²⁷⁴ *Ibidem*, p. 277 (grifos nossos).

descrição de uma Jacobina totalmente fora de si, percebe-se a intenção do autor de “explorar” o horror e o medo dos leitores:

Jacobina, toda escabelada, o olhar desvairado, precipita-se para fora da choupana. De um salto acha-se a seu lado Rodolfo, pronto a sacrificar a vida por ela. Com **olhar de louco**, bramindo **como um tigre**, parecia querer defendê-la de todos os lados, a um tempo²⁷⁵.

De forma muito semelhante, Schupp referiu-se a João Jorge Klein. Para o autor, esse era um *personagem misterioso*²⁷⁶, apontado pela opinião pública como autor dos boatos, planos e manobras que envolviam o grupo²⁷⁷. Apesar de esses personagens terem sido destacados por Schupp, ele considerou que João Jorge Klein havia sido o mentor intelectual do grupo, enquanto Jacobina havia sido seu maior símbolo.

Para Schupp, a população, outrora tão pacífica e sensata, estava sob a ameaça dos desatinos praticados por Jacobina, que teria aguçado seus sentimentos, provocando a reação dos colonos que, imediatamente, perceberam o *ridículo do conciliábulo fanático do Ferrabrás*²⁷⁸.

Em sua descrição do movimento, o autor identificou a existência de dois grupos na área colonial: os *Mucker* e os *Ímpios*. Os *Mucker* eram os representantes das idéias fanatizadas de Jacobina e os *Ímpios* eram os representantes dos bons costumes e da sensatez.

Além dessa referência à existência de dois grupos rivais, constatou-se a plena identificação com as do autor com as das autoridades policiais. Isso fica evidenciado no uso da expressão *nosso delegado*, evidenciando a posição favorável a um dos grupos envolvidos, o da repressão aos Mucker.

Reforçando essa posição, percebe-se que Schupp ressaltou a atuação policial em especial, na segunda edição de sua obra, na qual insere imagens das autoridades policiais, tais

²⁷⁵ Ibidem, p. 299 (grifos nossos).

²⁷⁶ Ibidem, p. 51.

²⁷⁷ Acredita-se que Schupp tenha utilizado a expressão “personagem misterioso” porque João Jorge Klein ainda estava vivo na época em que publicou sua obra.

²⁷⁸ Ibidem, p.75.

como o delegado Lúcio Schreiner, o chefe de polícia Capitão Dantas e o subdelegado Cristiano Spindler²⁷⁹.



SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d. p. 147.

Ao ter se referido ao *nosso delegado*, Schupp se colocou do lado do delegado Lúcio Schreiner e daqueles que combateram os Mucker, valorizando a versão do grupo dos ímpios, integrado por muitos de seus entrevistados:

(...) as coisas lá no Ferrabrás tinham chegado ao extremo: ali **imperava a mais infrene devassidão**, e a pena recusava-se a reproduzir aqui o que a população de colônia contava dos **Muckers**. Para eles, **não havia vínculo algum sagrado**, e até as relações entre pais e filhos estavam entregues ao sabor e **capricho das paixões**.

Teriam compreendido, porventura, os corifeus da seita que não há meio mais eficaz de fazer dos seus prosélitos instrumentos dóceis, ainda na prática dos **crimes mais hediondos**, do que tirando todo freio ao mais sórdido e mais indômito dos vícios?

O que é certo é que Jacobina lograra, de um modo cabal, o seu intento: **dia a dia, os seus adeptos iam perdendo, cada vez mais, todo sentimento de pudor, prestando-se, com uma submissão cega, incondicional, fanática, à execução de suas ordens**.²⁸⁰

²⁷⁹ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d. p. 147.

²⁸⁰ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d, p. 155 (grifos nossos).

Na passagem, Schupp apresenta o grupo Mucker vivendo em desacordo com as regras aceitáveis de convívio social adotadas pelos demais moradores da Colônia Alemã de São Leopoldo, ao viverem em total desregramento familiar e ao praticarem rituais próprios de fanatismo religioso.

Segundo o autor, o fanatismo religioso e o desregramento das relações familiares foram conseqüências da doutrina imposta aos colonos do Ferrabraz por Jacobina. A falta de orientação e de esclarecimento tinha favorecido a adesão de alguns colonos, e Jacobina havia se aproveitado disso. Para fundamentar essa percepção, Schupp descreve a relação conturbada entre Jacobina e João Jorge Maurer.

De acordo com o jesuíta, João Jorge Maurer há muito não desempenhava o papel de marido, estando relegado a um segundo plano pela esposa. Como fator desencadeador da desunião do casal, o autor apresentou Rodolfo Sehn como um *obcecado pela paixão*²⁸¹ que nutria por Jacobina. O autor destacou ainda que Rodolfo Sehn havia deixado sua esposa para viver ao lado de Jacobina, sua verdadeira paixão. A partir dessa descrição, Schupp ampliou sua avaliação a todos que viviam no Ferrabraz.

Também o assassinato da Família Kassel, ocorrido na noite do dia 14 de junho de 1874, foi mencionado pelo autor para reforçar a construção de uma representação detratora de Jacobina. Para Schupp, os Mucker, por ordem de Jacobina, eliminavam todos seus inimigos e dissidentes²⁸², atribuindo um comportamento belicoso e agressivo ao grupo. Esse caráter pode ser melhor compreendido na passagem abaixo:

Na colônia, **o pânico foi ainda maior** do que na cidade: ali como as casas, na sua maior parte, estão afastadas umas das outras, cada qual não pensava senão na possibilidade de lhe cair em casa o raio da desgraça que fulminara a família Kassel. **De todos os pontos acudiram colonos ao teatro do negro atentado, para averiguarem, por seus próprios olhos, as ocorrências**²⁸³.

Os esforços (narrativos) feitos por Schupp para identificar Jacobina como a líder espiritual do grupo e responsável pelos atos criminosos praticados pelos Mucker tornaram-se

²⁸¹ Ibidem, p. 168.

²⁸² Vale lembrar que Schupp baseou-se apenas nas informações de Nicolau Kassel (filho do casal e sobrevivente da chacina) encontradas nos autos do processo e em outros entrevistados, aos quais não refere nominalmente.

²⁸³ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3. ed. Porto Alegre: Selbach e Mayer, s/d. p. 180 (grifos nossos).

perceptíveis no uso que faz de palavras e de frases de forte impacto, como podemos ver nos trechos que destacamos.

Nessa mesma linha interpretativa, Schupp destaca a atuação de Genuíno Sampaio, afirmando que essa se deu a partir do momento em que as atividades do grupo liderado por Jacobina no Ferrabraz foram associadas a verdadeiros atos de barbárie. Como aponta em sua narrativa, o Ferrabraz havia se transformado num cenário de horror, no que se realizava, por iniciativa de Jacobina, uma *feira de sangue*²⁸⁴, disseminando um ambiente de *orgia de sangue nas picadas*²⁸⁵.

Genuíno Sampaio representava o grande salvador da população do Ferrabraz, que vivia sob o domínio de Jacobina. Para tanto, Schupp recriou o ambiente de rivalidade existente entre os dois personagens para, em seguida, construir a imagem de Genuíno Sampaio:

O comando da força foi confiado, pelo Presidente, ao Coronel Genuíno. De **estatura meã, organização robusta**, e, posto que não fosse moço, era Genuíno ainda **vigoroso e cheio de energia militar**. A sua fisionomia denunciava um ânimo **corajoso e resoluto**, e, com efeito, ambas as qualidades ele as possuía em grau elevado. As fadigas, durante a guerra do Paraguai, haviam-no curtido, e o concerto das balas inimigas o tornaram **destemido**, familiarizando-o com o perigo²⁸⁶.

Como podemos perceber no trecho acima, Genuíno foi representado com características que evidenciam suas qualidades físicas e morais. Schupp procurou apresentar o personagem dotado de virtudes que, neste caso, serviram de contraponto à representação de Jacobina em sua obra. Termos como *vigoroso, corajoso e resoluto* tornam compreensíveis os objetivos de sua narrativa, que procurava construir a imagem do *salvador*, daquele que mesmo podendo recusar tal empreendimento, agiu em nome de sua honra militar para livrar os colonos do domínio de Jacobina, como evidenciado na seguinte passagem:

Mas bem podia o coronel escusar tal recomendação. Com efeito, as **fisionomias pálidas e desfiguradas pelo pânico**, que por toda a parte se lhe deparavam; a **ansiedade e excitação** que se manifestava em todas as classes; a **miséria** a que haviam ficado reduzidas as vítimas das atrocidades dos Muckers – em

²⁸⁴ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3ª ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d. p. 217.

²⁸⁵ *Ibidem*, p. 221.

²⁸⁶ *Ibidem*, p. 246. (grifos nossos)

tudo parecia bradar-lhe: - **Apressa-te, sê o nosso salvador, e, podes contar com as bênçãos de milhares de corações agradecidos**²⁸⁷.

As descrições do ambiente foram empregadas como um recurso narrativo para dar a sensação de realidade e enfatizar o grau de medo e miséria em que se encontravam os colonos do Ferrabraz. Cabe destacar o fato de que, em nosso entendimento, a incitação do medo foi um recurso retórico bastante empregado por Schupp em sua construção narrativa. Mesmo após o desfecho do conflito, o autor procurou recriar o ambiente de hostilidade existente na colônia. Além disso, Jacobina era a personagem eleita em sua obra para dar ênfase às cenas de horror vivenciadas no Ferrabraz.

Nesse sentido, sua obra desempenhou um papel fundamental na construção de uma imagem positiva de Genuíno, ao mesmo tempo em que se valeu de sua rival, Jacobina, para justificar as ações de Genuíno. O ambiente de medo recriado por Schupp serviu, neste caso, para tornar sua narrativa o mais verossímil possível.

A ênfase dada à atuação de Genuíno favoreceu a construção de uma imagem de salvador, que foi reconhecida pela população, que atribuiu a ele a condição de verdadeiro herói. Paralelamente ao destaque dado à atuação de Genuíno Sampaio, Schupp destaca um outro personagem, Pedro Schmidt, chamado pelo autor de Pedro Serrano, como era conhecido em toda região. Serrano participou ativamente do combate contra os Mucker, servindo especialmente de guia para as tropas do exército, que desconheciam a geografia da região. Essa atuação ao lado das tropas oficiais foi assim descrita:

Aquele **homem de bem fez tudo quanto pode fazer um destemido filho da Serra**. Em Hamburgerberg cansara o animal que montava, mas, dirigindo-se ao colono mais próximo, conseguira trocá-lo por outro e pusera-se de novo a caminho. Chegado a São Leopoldo, **facilmente as suas informações encontraram crédito**. Com efeito, **as casas em chamas, para s bandas do Ferrabrás, ali estavam a confirmar, com o seu fulgor sinistro**, as novas aterradoras do Serrano. O chefe de polícia não hesitou em dar-lhe o auxílio pedido e, conseguindo este, **voltou o Serrano, à pressa, para o teatro do crime**²⁸⁸.

Como fica evidenciado, Serrano é apresentado como um homem de bem, preocupado com a segurança da colônia, que, em razão disso, lutou ao lado das autoridades contra os

²⁸⁷ Ibidem, p. 246. (grifos nossos)

²⁸⁸ Ibidem, p. 241. (grifos nossos)

Mucker. O autor construiu a imagem de um personagem que, deixando de lado seus próprios afazeres, juntou-se às autoridades no combate contra os Mucker.

De acordo com Schupp, as narrações sobre o *teatro do crime* e as cenas que foram relatadas por Serrano tiveram o crédito da população e das autoridades de São Leopoldo, que aceitaram sua versão, dadas as evidências de fumaça que vinham do Ferrabraz. A população e as autoridades de São Leopoldo reconheceram, dessa forma, Serrano como um personagem que praticou atos heróicos, assim como Genuíno Sampaio.

A identificação da população da colônia com as ações de Genuíno Sampaio foi tanta que muitos colonos se ofereceram para ajudá-lo no combate aos Mucker. O ambiente de hostilidade ganha destaque na narrativa de Schupp, ao informar que *os fanáticos não vacilam, mas guardam o passo, amparando a investida. Aos brados de: - Abaixo os miseráveis! Morram os assassinos! – os soldados avançam sempre*²⁸⁹.

O ataque que o acampamento das tropas imperiais sofreu teria sido provocado, segundo ele, pelo sentimento de vingança dos Mucker, despertado pelas ações realizadas por Genuíno Sampaio. Cabe lembrar que foi em consequência desse ataque dos Mucker que Genuíno veio a falecer. Sua morte foi interpretada por Schupp como mais uma demonstração da violência e do fanatismo dos Mucker. A notícia da morte do coronel é descrita a partir do profundo sentimento de consternação e de comoção que provocou:

A chegada do cadáver de Genuíno veio a confirmar a nova de sua morte. No trem da tarde foram transportados para a capital o cadáver e os feridos. Se **profundo tinha sido o abalo que produziu em S. Leopoldo** a chegada do corpo de Genuíno, não menos aterradora foi a impressão que causou em Porto Alegre: aqui, nem sequer se suspeitava a triste ocorrência. Um **frêmito de dor derivou pelas ruas, indo repercutir em todos os lares, quer ricos quer pobres**. No dia imediato – 21 de julho – via-se desfilar um interminável préstilo fúnebre, como talvez **jamais se viu igual em Porto Alegre**, e, à frente do cortejo, um caixão mortuário, ricamente coberto de crepe, **era conduzido, à mão, por oficiais das mais altas patentes do exército**.

Era o ataúde do Coronel Genuíno²⁹⁰.

O falecimento de Genuíno vem reforçar a imagem heróica do personagem, já que a mesma se deu em combate. Sua atuação corajosa no combate contra Jacobina e seus adeptos

²⁸⁹ Ibidem, p. 262.

²⁹⁰ Ibidem, p. 273. (grifos nossos)

acabou sendo legitimada através do ritual, que envolveu o sepultamento, realizado em Porto Alegre. Na passagem abaixo, Schupp procurou enfatizar a simbologia presente no ritual de sepultamento:

Imediatamente após, **acompanhado de todo o clero, vinha o bispo da diocese; seguindo-se a oficialidade, os corpos das diversas armas, e os altos funcionários públicos, e, fechando a procissão fúnebre, representantes das diversas corporações civis, negociantes, operários, e, por fim, uma multidão compacta de populares.** Chegados ao cemitério, à beira da sepultura que devia guardar os despojos mortais do malogrado militar, entoou o Bispo o “De profundis”. Um **estremecimento de dor percorreu toda aquela multidão**, e a muitos, sentindo o coração apertado pelos mais negros pressentimentos, **marejaram as lágrimas**²⁹¹.

Fica evidente a intenção do narrador ao descrever o ritual de sepultamento do coronel: a de ressaltar a participação de diversas autoridades e da população da capital que, segundo ele, estavam comovidas e sensibilizadas com a morte de Genuíno. Na descrição que faz do sepultamento, Schupp enfatiza o sentimento de dor, a comoção e as lágrimas derramadas pelos presentes.

Diferentemente das versões apresentadas até aqui, Leopoldo Petry lançou um novo olhar ao tentar compreender a personagem dentro de seu contexto. Para Petry, foram três os principais protagonistas do conflito, João Jorge Maurer, sua mulher Jacobina Mentz Maurer e seu concunhado João Jorge Klein. A partir dessa percepção, Petry procurou analisar as ações dos três personagens que, de acordo com seu entendimento, foram responsáveis pela organização dos Mucker.

O casal Maurer foi descrito pelo autor como trabalhador, já que dentre os moradores do Ferrabraz, possuía as plantações e a moradia melhor organizadas. Maurer foi descrito como alguém de *traquejo social* e que teria agido de boa-fé no tratamento de doentes que atendia em sua própria residência no Ferrabraz, apontando as fofocas entre vizinhos como causadoras de boatos que procuravam difamar a reputação de Maurer.

Ainda, segundo Petry, paralelamente à manipulação de ervas medicinais, ofício aprendido com o curandeiro Buchorn, Maurer contava com a ajuda de sua mulher Jacobina, apresentada por Petry como uma mulher trabalhadora e colaboradora nas atividades desenvolvidas pelo marido.

²⁹¹ Ibidem, p. 273. (grifos nossos)

A Jacobina de Petry é apresentada como uma mulher que pertencia à *classe das mulheres trabalhadoras*, que ajudava o marido nas atividades agrícolas e também em sua nova profissão. A imagem de boa dona de casa e de colaboradora do marido foram enfatizadas pelo autor, na medida em que esse procurou destacar suas virtudes.

Além dessas qualidades, o caráter religioso de Jacobina também foi enfatizado. Para tanto, Petry recorre às suas raízes familiares, afirmando que a família de Jacobina já havia trazido fortes convicções religiosas da Alemanha, razão pela qual procurava sempre respeitar e praticar os princípios de sua igreja:

Jacobina pertencia à classe das mulheres trabalhadoras, ajudava nas lides da roça o marido e agora, em sua nova profissão, procurava tornar-se-lhe **útil**, esforçando-se em tratar bem e alimentar convenientemente os clientes que apareciam.

Além de **boa dona de casa**, a mulher de João Jorge Maurer era **muito devota**. Descendente de uma família evangélica, que lá na Alemanha se mostrara **intransigente na defesa de suas convicções religiosas**, procurava praticar, em todas as ocasiões, os mandamentos de sua igreja²⁹².

A essa descrição da personagem, Petry acrescenta que foram os ataques epiléticos que ela sofria desde a infância que acabaram despertando a curiosidade de muitas pessoas, que os interpretavam como manifestações sobrenaturais. Esses elementos, aliados à sua inclinação religiosa, acabaram criando e difundindo a imagem de uma mulher que não se assemelhava às demais mulheres da colônia.

Ao se depararem com os desmaios e com o sono profundo de Jacobina, as pessoas se espantavam, não conseguindo explicar o que de fato acontecia com ela. De acordo com Petry, essas notícias, muitas vezes fantasiosas, acabaram repercutindo negativamente na região, contribuindo de forma direta para a construção de um imaginário fantasioso sobre Jacobina.

Os cultos que Jacobina ministrava no Ferrabraz e as práticas de curandeirismo de João Jorge Maurer acabaram atraindo cada vez mais pessoas para o local, fato que desencadeia, segundo a versão de Petry, a participação do cunhado de Jacobina, João Jorge Klein, no movimento.

²⁹² PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz: os mucker*. 2ª ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966. p. 44. (grifos nossos)

Na narrativa de Petry, João Jorge Klein foi apresentado como o responsável pelas Comunidades de Picada 48 e Sapiroanga, até o momento em que começam a chegar os pastores com formação religiosa. A partir daquele momento, Klein teria sido obrigado a abandonar seu ofício de pastor, o que o teria desagradado. Para descrever Klein, o autor recorreu a testemunhos de pessoas que o haviam conhecido:

Pessoas que o conheciam, pintavam-no como homem muito **erudito, mas rancoroso, introvertido e de poucas palavras**. Aparentemente não se sentia bem no ambiente em que vivia, ambiente rude e simples, onde uma pessoa culta encontrava poucos pontos de contato²⁹³.

Logo em seguida, Petry procurou justificar os meios empregados por João Jorge Klein para chegar à liderança interna do grupo, embora Jacobina e João Jorge Maurer continuassem a ser as lideranças reconhecidas tanto pelos adeptos quanto pela população local.

Para o autor, Klein teria tido interesses pessoais que o motivaram a buscar a liderança do grupo, como a busca de enriquecimento e de melhores condições de vida. Sendo o mais erudito de todos, Klein teria se aproveitado da inocência do casal Maurer para assumir o controle e tomar as decisões pelo grupo:

Observando a repercussão das curas realizadas por seu cunhado e da aceitação, por parte do povo, das preleções religiosas de Jacobina, **nasceu nele o desejo muito natural de aproveitar as circunstâncias aparentemente favoráveis para tentar a sorte**, fundar uma comunidade religiosa de que seria o chefe e o casal Maurer seus acólitos.

Chegou-se, pois, ao casal Maurer e pôs seus conhecimentos à serviço do curandeiro e de sua esposa.

A proposta foi aceita e **Klein passou a servir de secretário do casal e de seu portavoz** perante as autoridades e pessoas categorizadas.

A esta altura dos acontecimentos nem o casal Maurer, nem Klein imaginava, que sua atuação iria redundar numa catástrofe; **seu intuito era cuidar de seus interesses, de juntar algumas economias**; tudo ainda não passava de um drama corriqueiro na luta cotidiana pela vida²⁹⁴.

Para Petry, Jacobina era a representação da mulher dona de casa, que aliava suas atividades domésticas às de líder religiosa dos Mucker, que, ao lado do marido - que praticava

²⁹³ Ibidem, p. 48. (grifo nosso)

²⁹⁴ Ibidem, p. 48. (grifos nossos)

o curandeirismo - , preocupava-se em amparar espiritualmente os adeptos que a procuravam em sua casa no Ferrabraz.

Em sua versão do conflito, teria sido João Jorge Klein, seu próprio cunhado, o responsável pelos acontecimentos que levaram à destruição do grupo e à morte de Jacobina em 02 de agosto de 1874. Considerado como o verdadeiro culpado da destruição dos Mucker por tê-los enganado e manipulado. Klein sobrepôs-se a Jacobina na obra de Petry.

Para descrever o personagem Genuíno Sampaio, Leopoldo Petry recorreu às memórias de seus familiares. Segundo Petry, ele cresceu ouvindo seus pais falarem a respeito do conflito e dos personagens que se envolveram no episódio:

Conforme esclareci em outro capítulo deste trabalho, **na casa de meus progenitores muitíssimas vezes se falou a respeito do episódio do Ferrabraz** e mais duma vez ouvi dizer, nessas ocasiões, que o citado **oficial fora morto por uma bala perdida de um tiro disparado pelos próprios soldados** do Exército²⁹⁵.

Numa visão bastante geral, constatamos que Petry apresenta Genuíno como um dos principais responsáveis pelo massacre ocorrido em 1874 no Ferrabraz. Apesar disso, não encontramos evidências que apontem para a condenação moral de Genuíno, na medida em que o autor o apresenta como alguém que desempenhou seu papel, defendendo os interesses do Estado.

Chamamos a atenção de que na passagem acima Petry nos traz a versão de que Genuíno não teria morrido em decorrência de uma bala disparada pelos Mucker. Para ele, a morte de Genuíno foi provocada por uma bala disparada por um soldado comandado por ele próprio. Vale adiantar que, nessa descrição, o autor defende a inocência dos Mucker no episódio.

Para construir sua narrativa, Petry valeu-se de testemunhos que, segundo ele, confirmavam essa versão ouvida desde os tempos de infância. Fundamental, nesse sentido, foi

²⁹⁵ PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz: os mucker*. 2ª ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966. p. 90. (grifos nossos)

o testemunho de Christiano Fischer²⁹⁶, sobrevivente do campo de batalha e que lutou ao lado de Genuíno Sampaio, e que confirma sua versão, assinando o depoimento:

Referindo-se à morte deste, declarou: que **esteve no acampamento, na ocasião do tiroteio** estabelecido na madrugada de 20 de julho, e que **a bala que vitimou o Coronel, proveio de um tiro disparado por um dos soldados** das forças legais nas imediações da casa onde se encontravam as prisioneiras, isto é, no flanco direito; que **os disparos vindos do mato não podiam ter atingido o comandante** das forças, devido à distância em que este se encontrava do ponto donde partiam; que naturalmente **não foi possível distinguir a identidade dos atiradores, pois era noite escura** e, portanto, impossível verificar quem atirava, ainda mais quando os autores dos tiros estavam no mato.

Deixou ainda o senhor Fischer uma declaração assinada, confirmando suas afirmativas²⁹⁷.

Cabe notar que a escuridão do ambiente foi trazida como um elemento que pode indicar a imprecisão da autoria do disparo que vitimou Genuíno. Petry, através do testemunho de Fischer, questiona a versão oficial de que o coronel Genuíno teria sido assassinado pelos Mucker, procurando desconstruir a sua imagem de assassinos.

Ao mesmo tempo em que procurou inocentar os Mucker, o autor não deixou de empregar expressões que evidenciavam o caráter de Genuíno, apresentado como *bravo militar* e *valeroso*²⁹⁸. Essa opção leva-nos a acreditar na possibilidade de que Petry não quisesse difundir uma imagem negativa de Genuíno, mas sim situá-lo como um militar que desempenhou decisivo papel na defesa dos interesses do governo imperial. Nesse sentido, a bravura e o caráter valeroso de Genuíno não poderiam ser desconsiderados em sua obra.

Em outro trecho de sua narrativa, Petry apresentou-nos uma outra possibilidade para explicar a morte de Genuíno Sampaio. Dessa vez, ele recorreu a um testemunho de um *veterano da campanha dos “mucker”*²⁹⁹ que teria lhe afirmado que os tiros disparados na ocasião da morte do coronel teriam sido dados pelos próprios soldados, que, pensando se tratar de um ataque dos Mucker ao acampamento, confundiram os próprios colegas com seus

²⁹⁶ Christiano Fischer nasceu em 1852, na Alemanha. Lutou na guerra franco-prussiana, nos anos de 1870 e 1871, tendo emigrado para o Brasil em 1872. Foi apontado por Leopoldo Petry como o último sobrevivente do combate. Fischer residia no município de Dom Pedrito – RS.

²⁹⁷ Ibidem, p. 91. (grifos nossos)

²⁹⁸ Ibidem, p. 90.

²⁹⁹ Ibidem, p. 94.

inimigos. Como resultado dessa confusão, em que os soldados acabaram se atacando mutuamente, Genuíno teria sido ferido.

De acordo com a opinião do veterano, o tiro teria sido disparado por um dos soldados, que, querendo matar um animal da mata para servir de alimento, acabou despertando a atenção dos soldados. Observa-se aqui, mais uma vez, o quão importantes foram as condições da região do Ferrabraz, ao ponto de serem utilizadas pelo autor para enfatizar o ambiente de medo e mistério que envolveu o assassinato de Genuíno Sampaio:

Nas florestas virgens, tais ruídos são comuns: **galhos** desprendidos dos troncos, **animais** à procura de **caça** ou fugindo de seus **perseguidores**, aves assustadas mudando de pouso, **pedras rolando** pelas encostas dos morros e outras causas seguidamente **perturbam o silêncio nesses lugares ermos** e, nas caladas das noites, as pessoas pouco acostumadas a tais fenômenos naturalmente se assustam³⁰⁰.

Constata-se que a natureza do Ferrabraz foi empregada como recurso narrativo para enfatizar o ambiente misterioso no qual se deu a morte de Genuíno. Esse mistério, por sua vez, acabou por envolver e marcar as diferentes versões sobre a morte de Genuíno. Isso não impediu que Petry finalizasse sua narrativa, posicionando-se da seguinte forma: *Pelo exposto não nos parece fundamentada a afirmação de ter sido obra dos “mucker” a morte do bravo militar*³⁰¹.

Ao publicar sua obra em 1977, Moacyr Domingues considerou os estudos realizados até aquele momento, dedicando-se, sobretudo, a apresentar as diferentes interpretações construídas sobre a personagem Jacobina. Domingues valeu-se, principalmente, dos estudos realizados por Koseritz e dos relatos de Hillebrand e do próprio João Jorge Klein, apontado por Petry como mentor intelectual dos Mucker. O autor ressaltou que, ao apresentar as diferentes interpretações sobre a personagem, tinha a intenção de lançar um olhar desprovido de preconceitos e que procurava avaliar o papel desempenhado por Jacobina em uma versão que não a apresentava como “anormal”.

O autor inicia as apresentações sobre Jacobina transcrevendo um trecho escrito por João Jorge Klein³⁰², no qual se evidencia a tentativa de sua desqualificação:

³⁰⁰ Ibidem, p. 94. (grifos nossos)

³⁰¹ Ibidem, p. 96.

A protagonista de tantas desgraças para numerosas famílias chamava-se Jacobina Mentz, casada posteriormente com João Jorge Maurer. Poderia ser comparada a feiticeira Circe que, à maneira das sereias, **atraía as pessoas para transformá-las em animais**. Ninguém ainda se deu ao trabalho de realizar um estudo acurado sobre esta **enigmática criatura** com suas manifestações anormais e com isto revelar sua individualidade própria. Só assim o povo iludido e arrastado ao sofrimento poderia ser reconduzido ao caminho reto³⁰³.

Na descrição feita por Klein, sua cunhada Jacobina podia ser comparada a uma *feiticeira* ou *sereia*, que enganava e levava as pessoas para o caminho do desconhecido em função de seus interesses pessoais. A personagem teria sido, ainda, responsável pela degradação moral dos moradores da colônia que, ao adotarem seus ensinamentos religiosos, teriam se transformado em *animais*.

Domingues transcreveu mais um trecho do relato de Klein, no qual se evidenciavam as características físicas de Jacobina:

A conformação craniana de Jacobina Maurer e de muitos parentes seus pelo lado materno, denotava, desde a mais tenra infância, disposição para o cretinismo e idiotismo (leia-se idiotia). Essas duas anormalidades manifestam-se em tantos graus e variações como os indivíduos que delas são atacados. A predisposição para as mesmas é inata. A caixa craniana de Jacobina e de grande número de seus parentes era relativamente de pequenas dimensões e as fontanelas se fechavam prematuramente na mais tenra idade. **O crânio, demasiadamente reduzido e suas dimensões, comprime a massa encefálica sempre irritada e em agitação**, causando certas moléstias parecidas com convulsões, epilepsia e moléstias nervosas que despertam no paciente desejos de suicídio³⁰⁴.

Segundo Klein, as características físicas anormais de Jacobina, especialmente a conformação craniana, eram as causadoras dos ataques que sofria. Klein também apresentou a cunhada como uma *criatura tarada*, o que nos leva a concluir que sua intenção era de fato a de desqualificá-la, ao mesmo tempo em que procurava inocentar-se das acusações que recaíram sobre ele.

³⁰² KLEIN, João Jorge Klein. Sobre a história dos “Mucker” nos anos de 1872 e 1874. In: PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz: os mucker*. 2ª ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966. p.121-151. Tradução de Leopoldo Petry. O mesmo artigo de Klein foi publicado, em língua alemã, no Anuário da Editora Rotermund em 1913.

³⁰³ KLEIN, João Jorge *apud* DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos muckers*. São Leopoldo: Rotermund, 1977. p. 39. (grifos nossos)

³⁰⁴ *Ibidem*, p. 39. (grifos nossos)

Domingues afirmou que a única imagem existente de Jacobina era a de seu casamento³⁰⁵. Porém, o fato de não termos outras imagens sobre Jacobina torna-a ainda mais enigmática, uma vez que não temos sua verdadeira imagem materializada em fotografia ou pintura. Dando continuidade à exposição biográfica sobre Jacobina, Domingues valeu-se dos escritos de Carlos von Koseritz, abertamente contrário aos Mucker.

Conforme já analisamos na primeira parte do capítulo, Koseritz procurou representar Jacobina de forma negativa, enfatizando suas ações como resultado de sua doença e de seu fanatismo religioso, que, somado ao ambiente de ignorância, teria produzido o grupo do Ferrabraz. Contrapondo-se a essa opinião, Domingues oferece-nos a versão apresentada por Hillebrand, para quem Jacobina era uma paciente de difícil diagnóstico, embora afirmasse com convicção a *boa fé de Jacobina*.

Finalmente o autor faz as suas considerações sobre a personagem. Para ele, Jacobina não podia ser caracterizada como paranormal, já que muitas de suas atitudes eram fruto de sua própria mente:

Por necessidade, aprendeu – sem ter disso consciência – **a auto-hipnotizar-se ou auto-sugestionar-se**: foi o coroamento de constante exercício de autodomínio, que ademais, deve ter contribuído poderosamente para fortalecer seu estoicismo e **força de vontade**, de que daria extraordinárias provas mais tarde. E parece-nos indubitável que **nem ela própria, nem outro contemporâneo qualquer, chegou a se dar conta de que era a verdadeira causa de seus “ataques”**³⁰⁶.

Bastante significativa para a análise que estamos fazendo é a publicação em anexo das memórias de Miguel Noé, na obra de Domingues. Na versão apresentada por Miguel Noé, são apresentados novos elementos para sua condição de maior responsável pelo conflito. Para ele, a construção da imagem de Jacobina como fanática religiosa resultou da rede de intrigas existente na colônia naquele momento.

Segundo seu depoimento, a rivalidade e o ódio instalado entre os moradores de São Leopoldo chegou a tal ponto que:

³⁰⁵ A autenticidade da fotografia citada por Domingues é questionável, uma vez que não possuímos subsídios para identificar com certeza se a imagem é de Jacobina e João Jorge Maurer.

³⁰⁶ DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos muckers*. São Leopoldo: Rotermund, 1977. p. 44. (grifos nossos)

A campanha difamatória atingiu o ponto culminante. A agitação já havia atingido as crianças. Elas ouviam tudo de seus pais. Quando elas eram portadoras de uma faca, diziam orgulhosas: “- **Com esta faca queremos fazer lingüiça de Jacobina!**”³⁰⁷

Segundo Miguel Noé, o clima de difamação de Jacobina havia tomado proporções impressionantes à época do conflito. No entanto, devemos pensar nas conseqüências que esse fato exerceu sobre a construção dos imaginários sociais sobre Jacobina após o desfecho do conflito. Aquelas crianças do tempo do conflito – entre as quais se achava o próprio Miguel Noé - mais tarde, quando adultas, acabaram reproduzindo grande parte da imagem que tinham de Jacobina quando crianças. Esse aspecto agiu de forma preponderante na construção das representações sobre a personagem ao longo do tempo e perceptíveis nos diferentes veículos de representação analisados.

Concluindo suas reflexões sobre a biografia da personagem, Domingues afirma:

Creemos que assim se **explicam racionalmente a síndrome e o comportamento de Jacobina**; desvenda-se o mais desconcertante enigma do episódio; reconstitui-se o mecanismo mental que a arrastou para seu trágico fim.

(...)

Por ignorância, má-fé, intolerância, levantaram-se na época as acusações mais torpes contra ela, no geral infundadas. Evitemos, nós outros, incidir no mesmo pecado: procuremos encarar os fatos objetivamente, sem preconceitos³⁰⁸.

A posição assumida por Domingues quando se referiu à Jacobina deixou clara sua intenção de lançar um olhar mais crítico que aqueles observados até então. Cabe ressaltar que sua obra insere-se no contexto da década de 1970, quando ocorre a publicação da Tese de Doutorado de Janaína Amado³⁰⁹ e do lançamento do primeiro filme sobre os Mucker, que promoveram novas interpretações sobre o conflito.

³⁰⁷ História do ano de 1874. O que meu pai João Daniel Noé gravou do ano de 1874 e do que eu mesmo ainda me lembro. Apontamentos de Miguel Noé. (Tradução de Heonore Érika Weber). In: DOMIGUES, Moacyr. *A nova face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermund, 1977. p. 391. (grifo nosso)

³⁰⁸ Ibidem, p. 44. (grifos nossos)

³⁰⁹ Reafirmamos a importância da publicação da Tese de Doutorado de Janaína Amado como um divisor de águas. Antes de 1978, possuímos apenas estudos realizados por pesquisadores não ligados diretamente à academia, e que, em muitos casos, resultavam em análises pouco elucidativas, recorrendo tanto à defesa quanto ao ataque dos Mucker. Após o período inaugurado por Amado, surgiram novos estudos de caráter acadêmico, como são os de Maria Amélia Dickie e João Guilherme Biehl, que apresentaram análises sob diferentes perspectivas.

Conforme já afirmamos anteriormente, a obra de Domingues se insere em um contexto – o da década de 1970 – no qual novas questões e abordagens estavam sendo lançadas sobre o tema Mucker. Considerando a divulgação do estudo de Janaina Amado e do filme de Gauer e Bodansky, nesse período, a versão apresentada por Domingues procurou mostrar o uso de novas fontes, que procuraram elucidar vários pontos ainda obscuros sobre a história do conflito Mucker.

Domingues optou por evidenciar a atuação de Genuíno Sampaio, apresentando-o a partir de sua capacidade de dirigir os soldados e colonos que compunham seu efetivo militar. Essa habilidade de organização é ressaltada através da composição do grupo que combateu os Mucker e que se encontrava sob o comando de Genuíno:

A força de Genuíno se compunha do 12º Batalhão de Infantaria, uma ala do 3º batalhão da mesma arma, uma bateria de artilharia, um Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional e “um sem-número de paisanos armados, que se haviam oferecido para auxiliares, como conhecedores do terreno”.

“Era considerável e mesmo excessiva a força para a quantidade de inimigos a combater” – pondera o capitão Dantas em sua parte oficial de 22/7 – “não o era porém para aprender homens que tentassem fugir por cavernas e desfiladeiros só deles conhecidos”.

Desde o dia 17, a força de linha (Exército) se estendera desde a casa de Pedro Serrano, ao longo da estrada do Mundo Novo (Taquara), até a última casa do Sapiranga, junto ao cemitério, onde existia um descampado que conduzia à picada reconhecida pelo Capitão Dantas a 15. **O cemitério ainda hoje existe e está situado no lugar conhecido como Ratzenberg por moradores antigos de Sapiranga, hoje Amaral Ribeiro**³¹⁰.

O trecho acima torna evidente o fato de que o grupo combatente era numeroso e forte diante da pequena força representada pelos Mucker. A capacidade do coronel Genuíno é destacada no cerco feito ao Ferrabraz, para posterior ataque aos Mucker instalados no morro.

Para situar o leitor em relação ao espaço geográfico do Ferrabraz, Domingues tomou como referencial o cemitério do bairro Amaral Ribeiro, local onde atualmente encontramos uma sepultura que guarda os corpos de quatro colonos mortos em combate. O cemitério já era conhecido dos moradores à época do conflito e existe até os dias atuais. Sobre ele trataremos no capítulo 3 da Tese.

³¹⁰ DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermond, 1977. p. 325. (grifos nossos)

Domingues procurou construir a representação de Genuíno como militar valente e digno da admiração de todos. Suas qualidades militares são enfatizadas pelo autor no momento em que se refere a ele da seguinte maneira: **‘O coronel Genuíno, que era sem dúvida homem valente, digno de toda a nossa admiração,** ‘na linha de fogo dirigia o movimento debaixo de fogo incessante do inimigo, que disputava o terreno’”.³¹¹

Quanto à morte do coronel, Domingues valeu-se das pesquisas realizadas por Petry, rerepresentando e reafirmando a versão do autor. Domingues contestou também a versão que, segundo ele, corria de forma sussurrada entre a população de que em decorrência da prisão de algumas mulheres Mucker, Genuíno teria aproveitado a situação e promovido uma *verdadeira orgia com elas, com bebidas e churrasco*³¹²: **‘Francamente, ficamos com a versão da época: verdadeira fatalidade vitimou o bravo coronel.** Ademais: que importância tem, dentro do contexto do episódio dos muckers, saber-se se Genuíno morreu por esta ou aquela razão?’³¹³

Como podemos ver, Domingues mantém a condição de herói do personagem, apresentando-o como um militar cujas qualidades morais eram inabaláveis. Valentia, coragem e honra foram qualidades que atestavam a relevância do personagem no conflito.

2.3 OS PERSONAGENS NA IMPRENSA SAPIRANGUENSE

O Jornal sapiranguense *O FERRABRAZ*, fundado em 1949, trazia o nome do morro onde havia ocorrido o conflito Mucker. Cabe lembrar que a denominação procurou recuperar o cenário de prosperidade anterior ao episódio, vinculando-o ao novo tempo que se iniciava no final da década de 1940.

Durante as décadas de 1950 e 1960, foram inúmeras as edições do jornal em que foram publicados artigos que retratavam a história do conflito Mucker. Nesses artigos,

³¹¹ Ibidem, p. 327. (grifos nossos)

³¹² Ibidem, p. 344.

³¹³ Ibidem, p. 345. (grifo nosso)

tornaram-se evidentes não apenas a descrição do morro Ferrabraz como espaço de devoção e fervor religioso, mas também a ênfase dada às características e às ações de Jacobina Maurer.

Na primeira edição comemorativa do jornal, foi publicado o artigo *O FERRABRAZ*, que explicava aos leitores os motivos para a escolha do nome para o jornal. Já na edição do dia 25 de dezembro de 1949, foi publicado o artigo *Fatos que a História não relatou*. Nele, Jacobina aparece como personagem de destaque, sendo mais uma vez alvo de severas críticas e adjetivações:

Assim, passo a passo, subia o prestígio de Jacobina, que **não sabia ler, e apenas soletrando, explicava e interpretava a Bíblia, com verdadeira veneração** de quantos a ouviam.

E tanto isso **foi verdade** que, **quando incendiada a fortaleza dos “Muckers”, lá esteve Jacobina com a Sagrada Escritura aberta, sobre os joelhos**, fazendo a sua interpretação, pois se dizia, no momento rodeada pelos seus **doze apóstolos** que outra coisa não eram, senão, como se diria hoje em dia, seus **doze fans**³¹⁴.

Na opinião do jornal sapiranguense, Jacobina foi alguém de capacidade intelectual limitada, que sabia apenas soletrar as palavras escritas na Bíblia, mas que, mesmo nessas condições, as interpretava para os fiéis. No cenário envolto em chamas, descrito pelo articulista, a personagem aparece como alguém fora de si, que, mesmo com a casa incendiada e o morro assolado pelas forças oficiais, teria se ajoelhado e rezado fervorosamente. A posição assumida pelos seus seguidores, denominados de apóstolos, foi ridicularizada pelo jornal, que os apresentava como admiradores de Jacobina, seus *fans* (fãs).

A versão do jornal foi referendada pelo testemunho de Carlos Kauer Sênior, que teria conhecido Jacobina e presenciado a cena descrita acima. Kauer Sênior teria inclusive recolhido da cena a Bíblia de Jacobina, entregando-a posteriormente ao prefeito de São Leopoldo, Theodomiro Porto da Fonseca, que, por sua vez, teria ficado encarregado de entregá-la ao Museu do Estado.

Em 1950, a personagem Jacobina retorna às manchetes em um artigo que chama a atenção do leitor pelo título empregado: *Um pouco de humor na tragédia*. Nele foi narrada a seguinte cena:

³¹⁴ Fatos que a História não relatou. *O FERRABRAZ*. 25 dez. 1949. n. 02. Capa. (grifos nossos)

Quando, certa vez a **Jacobina, a chefe do bando**, foi conduzida pelos policiais, a esta cidade, ao ser desembarcada da Barca que fazia a travessia do Rio dos Sinos, porque, então não existia ainda a ponte, um alfaiate, cujo nome também hoje não referimos, então indignado e valente, jogou meio tijolo contra **aquela que se dizia enviada especial de Deus**. Intervieram os policiais, mas ele “impávido” responde que, **se ela fosse mesmo enviada por Deus, nada lhe poderia causar de mal aquela pedrada**³¹⁵.

Como fica evidente na passagem acima, Jacobina foi constantemente ridicularizada pela imprensa, o que acabou reforçando a imagem que parte da população já tinha a seu respeito. As descrições das cenas que envolveram a personagem foram utilizadas para reforçar sua imagem de *chefe de um bando*, que procurava se passar por enviada de Deus e que, ao ser atacada, não revelou dom especial algum.

Isso não impediu, no entanto, que Jacobina fosse apresentada também como personagem *exótica*, colocada à prova da população:

Conduzida a Jacobina ao Palacio do Poço, estava este fechado, devido o expediente que já se encerrara. Por isso foi a Jacobina levada à casa de comércio da família Huhnfleisch, que ficava ali defronte. **Os curiosos se avolumavam em torno da exótica prisioneira**. Esta, como costumava acontecer, também nesse dia caiu em extasis. **Ficava absorta, enlevada, mística, como um querubim**. Um da população, fazendo sua blague, espetou um alfinete no corpo da “extasiada”, dizendo que se mesmo estivesse ela em extasis, nada sentiria, porém, para gáudio dos presentes, **entre estrondosas risadas, encolheu-se a vidente e com agudo grito de dor, proferiu umas estridentes palavrinhas, melhor chamadas de impropérios, injurias ou pornografia**³¹⁶.

Conforme podemos observar, Jacobina foi desqualificada pela imprensa sapiranguense, que aferiu à sua pessoa características detratórias expressas nos termos como *absorta, enlevada, mística, vidente* sendo também comparada a um *querubim* (anjo). Jacobina foi acusada também de proferir palavras impróprias aos presentes no local, os quais teriam ficado chocados com o que ouviram. Consta-se que em nenhum momento foi questionada a ação das pessoas que atacaram Jacobina, assim como o silêncio das autoridades policiais diante dos ataques praticados pela população.

³¹⁵ Um pouco de humor na tragédia. *O FERRABRAZ*. 31 jan. 1950. n. 03. p. 01-03. (grifos nossos)

³¹⁶ *Ibidem*, p.03.

O ambiente de adversidade entre os Mucker e parte da população de São Leopoldo foi trazido à tona na descrição de um fato curioso, narrado por Guilherme Schneiders, entrevistado do jornal:

Relembrando o entrevistado, passagens que de início já nos referia, fez ele questão de repisar aquela **passagem hilariante da alfinetada dada em Jacobina**, quando ela, presa, fingira ter cahido em estase. Essa alfinetada foi **dada pela Sra. Panitz**, que queria certificar-se do estado de Jacobina, mas esta, não se fez de rogada e entre uma emprecação, disse: **“serás frita na tua própria banha (a senhora Panitz era corpulenta) e não terás perdão, porque Deus assim me ordenou e mandou”**³¹⁷.

O fato ocorrido foi interpretado pela imprensa como uma *passagem hilariante*, como uma passagem humorística. A ação de Jacobina foi condenada pelo jornal, enquanto que a ação cometida pela senhora Panitz não foi questionada em nenhum momento. Esse elemento leva-nos a pensar de que lado estava o jornal, no momento em que transforma esse fato violento acontecido entre os dois lados numa *passagem hilariante* da história. Contudo, o artigo encerrou afirmando que a profecia de Jacobina não havia se concretizado e que a senhora Panitz viveu ainda muitos anos após a morte daquela que a havia condenado à morte.

A representação de Jacobina como assassina foi enfatizada no artigo *A Guerra dos Muckers*, de 31 de outubro de 1950. Ao descrever a *guerra* ocorrida no Ferrabraz, a imprensa procurou ressaltar os inúmeros acordos de paz tentados pelo governo, mas que de nada valeram, devido ao clima de violência que existia no Ferrabraz. Como exemplo dessas iniciativas fracassadas, o jornal afirmou que:

O governo mandara por diversas vezes seus agentes entender-se com os **chefes do bando**. O Snr. Schreiner, então delegado de Polícia do município, obteve deles a assinatura de termos de “bem viver”, comprometendo-se os Muckers, a terminar com suas chacinas, porém, enquanto as autoridades desciam dos altos do Ferrabraz, já atrás deles **vinham os Jacobinos com novos crimes**.

Foram mandados contingentes de Força Pública para combate-los, mas, dadas as circunstancias favoráveis do terreno, **os Muckers levavam sempre a melhor**³¹⁸.

Os Mucker foram identificados pelo jornal *O FERRABRAZ* como *jacobinos*, numa referência direta à sua líder Jacobina. Esta, por sua vez foi apontada como fonte das discórdias e da falta de acordo entre o *bando* e as autoridades policiais. Com isso, Jacobina

³¹⁷ Jacobina, profetisa. *O FERRABRAZ*, 31 jan. 1951. n.15. (grifos nossos)

³¹⁸ A Guerra dos Muckers. *O FERRABRAZ*. 31 jan. 1950. n. 12. Capa. (grifos nossos)

tomou uma dimensão de propagadora da desordem e do banditismo, uma vez que seus adeptos eram apresentados como um bando de revoltosos, alheios às leis do Estado.

Continuando sua narrativa sobre a *guerra*, o jornal analisou as conseqüências das atitudes de Jacobina para a colônia. Entre os fatos narrados, destaca-se a acusação de que ela teria assassinado seu próprio filho, num ato desesperado que a teria remetido a um universo marcado pela desordem e selvageria.

Somou-se a esse contexto de assassinatos o triste final que tiveram os corpos dos Mucker enterrados no Ferrabraz. O cenário descrito levava o leitor a pensar em uma cena de horror, em que os cadáveres estavam sendo devorados por animais do local. Da mesma forma, a atitude de Jacobina, ao assassinar seu próprio filho, é empregada para dar veracidade à descrição da personagem. A cena descrita pelo articulista favorece a comparação do conflito Mucker ao de Canudos³¹⁹, ocorrido anos mais tarde na Bahia:

Jacobina, refugiada num covil, vendo-se perdida, matou um filho que trazia ao colo, sepultando-o no próprio local.

Para os locais o prejuízo foi de catorze pessoas as quais foram sepultadas todos na mesma cova e tão apressada foi o sepultamento daqueles cadáveres que **um deles ficou com uma mão para fora da terra**. Antes que os homens pudessem chegar, depois no local, já os cães haviam chegado ao local e procuravam consumir com os restos da batalha, inclusive sobras humanas.

Foi sem dúvida uma das cenas mais dantescas só comparável com aquela que anos mais tarde se verificou em Canudos, com o celebre Antonio Conselheiro, que, segundo refere a História, sepultado ainda teve a cabeça decepada por um soldado³²⁰.

A atuação de Jacobina como religiosa foi o alvo das críticas veiculadas na edição do jornal de 31 de julho de 1951. Nessa edição, tornou-se evidente o objetivo de caracterizar os cultos presididos por Jacobina como um verdadeiro teatro, que tinha o objetivo de enganar os adeptos. Para comprovar a versão apresentada, o jornal destacou a realização de um culto que teria sido presidido certo dia em sua casa. Nesse dia, cuja data não foi mencionada, Jacobina preparava-se para presidir o culto de domingo, que seria oferecido na sala da casa, contando com muitos que aguardavam por sua entrada.

³¹⁹ Observamos que a imprensa sapiranguense procurava informar seus leitores a respeito de diferentes assuntos. Nesse sentido, a comparação do conflito Mucker com o de Canudos revela precisamente esta intenção, de remeter o leitor a pensar na importância dos Mucker, no contexto da história do Brasil.

³²⁰ Ibidem, Capa. (grifos nossos)

Porém, segundo o jornal, Jacobina gostava de impressionar seus adeptos, revelando eventos que estariam prestes a acontecer. Segundo a narrativa, Jacobina teria observado que dois cavaleiros se aproximavam da casa, sem que os demais tivessem percebido suas aproximações. O artigo enfatiza a face teatral de Jacobina:

Então, **Jacobina, tôda nervosa e alterada, entra, imponentemente na sala.** Alcança o seu olhar para todos os cantos da sala, como que a procura de alguém. Todos se entreolham. **Quem procuraria a profetisa?** Ninguém, entretanto, ousa levantar a voz para interrogá-la. Jacobina, por sua vez, se dá grande importância, sem todavia, dar o motivo de sua procura.

Então, em tom solene e grave, diz profeticamente: **Não estão todos os irmãos ainda aqui, todos reunidos, mas não tardarão a chegar mais dois cavaleiros** e esses são nossos amigos, declinando a seguir os seus nomes.

Ora, **ela Jacobina os vira pela fresta:** a assistência não os percebera, porque, entretidos e desprevenidos, no interior da casa, não os poderiam mesmo ter visto, devido as curvas e rampas da estrada³²¹.

Como se verifica no trecho acima, o caráter de Jacobina é questionado na referência à prática de enganar seus adeptos, fazendo-os pensar que ela previa o futuro. Além da representação de Jacobina como alguém que enganava seus adeptos, o articulista ainda procurou evidenciar o teatro que era montado para a celebração dos cultos. Estes, segundo o jornal, eram marcados por muita música, que procurava tocar os sentimentos dos participantes, criando um clima de verdadeira devoção e fervor religioso.

Dentre as diferentes ênfases dadas pela imprensa sapiranguense à personagem central do episódio dos Muckers, destacamos a preocupação em identificá-la como causadora do clima de insegurança e de medo que havia se instalado na colônia:

As manobras de Jacobina vinham açulando o descontentamento entre a população, outrora tão pacífica, ordeira e trabalhadora.

Como era natural, os de um lado, vigiavam os do outro lado, e de tal modo que a desconfiança chegou ao auge.

(...)

Os Muckers, constantemente eram motivo de grajejos, devido ao ridículo de suas ações; os que se deixavam imbuir por eles, viam-se apupados; mordazes dichotes eram proferidos contra os visitantes do Ferrabraz, mas, isso tudo de nada valia, porque, os tenazes Muckers, quando não podiam defender-se de uma forma diferente, davam de ombros, sem porém se esquecerem do que haviam dito seus adversários. E podiam contar com certeza com um revide, mais ou menos feroz.

Quando porém se percebeu que a profetiza visava, realmente perturbar o socego (sic) e a paz da colônia, quando se presentiu a verdadeira finalidade daqueles que pontificavam nos altos do Ferrabraz; quando se conheceu que uma das finalidades precípua de Jacobina e seus súditos era a destruição da família, o rumo dos acontecimentos enveredou por outro lado³²².

³²¹ No Ferrabraz se pratica e religião. *O FERRABRAZ*, 31 jul. 1951. n.21. Capa. (grifos nossos)

³²² Muckers e Ímpios. *O FERRABRAZ*, set. 1952. n.35. Capa. (grifos nossos)

Jacobina foi apontada pela imprensa como a instigadora das ações violentas da população, que outrora fora *pacífica, ordeira e trabalhadora*. Nesse trecho do artigo, destacamos que a personagem e também seus adeptos são contrapostos ao resto da população, cujas qualidades eram desejáveis. Os Mucker foram apontados ainda como vingativos, já que não esqueciam das ofensas proferidas pelos seus inimigos. De acordo com o jornal, a resposta a essas ofensas veio na forma de atos de violência física perpetrados pelos Mucker sobre a população.

Com isso, Jacobina passou a ser apresentada pela imprensa como incitadora da violência, ao ordenar que seus adeptos revidassem as ofensas verbais feitas pelos seus adversários. Nesse caso, a representação de Jacobina estava ligada diretamente ao sentimento de vingança e aos atos de violência praticados no Ferrabraz.

A representação da líder dos Mucker como incentivadora da prática de atos criminosos torna-se mais evidente no trecho abaixo, no qual Jacobina é retratada como uma mulher *endiabrada*, que, mesmo estando em combate contra os soldados, demonstrava seu fanatismo religioso, lendo passagens da Bíblia. O articulista enfatiza que isso incitava ainda mais seus adeptos a defenderem seus ideais:

Os mensageiros iam e vinham do campo da luta e do reduto de Jacobina com incrível rapidez e seguimento e, quando levaram à **endiabrada Jacobina** a notícia de que o tiroteio, por falta de cartuchos afrouxara, **Jacobina mais os incitou a combater, porque, dizia ela, referindo textos sagrados**, os sitiados não ganhariam a parada³²³.

Como podemos constatar, a imprensa sapiranguense transforma Jacobina em alvo de severas críticas, identificando-a como culpada pelos fatos ocorridos no Ferrabraz. Em nenhum momento o jornal manifestou a intenção de contribuir para uma análise crítica de sua atuação, reforçando a imagem construída ao final do século XIX.

A análise que realizamos dos editoriais do Ferrabraz revelou que Jacobina foi tema de destaque das edições publicadas entre 1949 e 1952. Após esse período inicial de

³²³ A Filmagem do Episódio dos “Muckers”. *O FERRABRAZ*, 18 maio. 1956. n. 82. Capa. (grifos nossos)

funcionamento do jornal, a personagem passa a ocupar um papel secundário³²⁴, coadjuvante até. Nas edições que se seguiram a 1952, procurou-se difundir uma memória sobre o evento, através de testemunhos orais de pessoas que viveram a época do conflito.

Deve-se ressaltar, no entanto, que os testemunhos orais utilizados como fonte para os artigos reforçavam a versão dos “vencedores”, ou seja, do lado oposto ao dos Mucker. Procurando dar respaldo a essas versões apresentadas, o jornal valeu-se de uma retórica que procurava tocar os sentimentos do leitor, imprimindo nestes a sensação de estar revivendo os tempos passados. Essa percepção torna-se compreensível se considerarmos o seguinte trecho:

A testemunha que nos referiu esse fato, entre muitos outros, **chorava de emoção** ao referir estes casos, tanto mais que **um dos que tombaram fôra amigo de sua família e deixava na orfandade diversos filhos e na viuvez uma senhora moça, mas de pouca saúde**, e que se viu a braços com as maiores dificuldades na educação de seus filhos.

E tudo isso por que? Somente por **mal orientada por uma vidente que não passava de uma falsa profetisa, que outra coisa não visava senão o seu endeusamento**³²⁵.

A difusão de idéias contrárias aos Mucker assumidas pela imprensa sapiranguense não se fez apenas através da narrativa textual. Um outro recurso utilizado para tal finalidade foi a fotografia, empregada pelo jornal para mostrar a imagem de um dos adeptos dos Mucker, identificado pelo nome de João Clement. Essa foi a única fotografia dos Mucker a ser veiculada pela imprensa sapiranguense, tendo sido publicada na edição de março de 1960³²⁶.

³²⁴ Neste segundo período, observamos que a atuação de João Jorge Maurer e João Jorge Klein começam a tomar vulto cada vez maior, na medida em que a personagem Jacobina Mentz Maurer não é mais explorada da mesma forma pelos editoriais.

³²⁵ A Filmagem do Episódio dos “Muckers”. *O FERRABRAZ*, 18 mai.1956. n.82. Capa. (grifos nossos)

³²⁶ *O FERRABRAZ*, 01 mar. 1960, n.129. p.5.



O FERRABRAZ, 01 mar, n.129.p.5.

Sobre a vida de João Clement nada sabemos. Através do levantamento documental e bibliográfico, não conseguimos identificar sua origem nem sobre sua atuação no conflito. O jornal, ao publicar a fotografia, não se preocupou em esclarecer os leitores a respeito da biografia de Clement. Pelo que consta na edição, essa fotografia teria sido fornecida por alguém cuja identificação não é informada.

Embora não possamos atestar que se trate realmente de João Clement, bem como a origem da fotografia, podemos avaliar o impacto que a veiculação dessa imagem deve ter causado na população. Ao analisarmos a imagem, percebemos a intenção do jornal de associar o personagem com os Mucker.

Acreditamos que a divulgação da fotografia de Clement não se deu de forma inocente e muito menos inconsciente. Pelo contrário, a fotografia se inseriu no esforço de representar os Mucker como os únicos culpados pelo conflito. A imagem procurava, antes de tudo, reforçar o imaginário social dos sapiranguenses³²⁷ sobre os Mucker, ao apresentá-los como

³²⁷ Sobre essa questão, Lilia Moritz Schwarcz afirma que: *a criação de símbolos, por sua vez, não é gratuita e arbitrária; não se faz no vazio social. Ao contrário, os símbolos são reelaborados em razão do contexto cultural em que se inserem, além de que o maior ou menor sucesso de sua manipulação encontra-se diretamente vinculado a uma "comunidade de sentidos". Portanto, para compreendermos por que em momentos de mudança certos símbolos vingam e outros não, devemos atentar não só para a emissão como também para a*

símbolos da barbárie. Da mesma forma, a imagem procurava tocar os sentimentos dos leitores, que poderiam perceber, através da fotografia, a rusticidade do adepto da causa de Jacobina.

Exercendo um papel de fundamental importância no processo de construção da identidade do município recém -criado, o jornal procurou, nos anos 60, associar os Mucker aos erros cometidos no passado. As representações construídas sobre os Mucker deveriam ter um efeito pedagógico sobre os moradores de Sapiranga, para que os “erros” cometidos no passado não se repetissem.

A fotografia de Clement procurou ressaltar, além do seu caráter hostil, também a índole dos Mucker, o que fica evidenciado nos seus cabelos longos e mal cuidados, na barba longa que encobria parte da face e nas roupas largas e escuras, próprias para guerrear. Clement aparece ainda montado em seu cavalo, portando uma espada em suas mãos, que remete à belicosidade dos Mucker.

Diferentemente dessas representações difundidas sobre os Mucker, e de forma especial sobre Jacobina, na imprensa sapiranguense, encontramos aquelas que procuraram retratar o coronel Genuíno Sampaio. A construção das representações construídas sobre ele e publicadas na imprensa local, entre os anos de 1949 e 1960, permitiu-nos compreender como se difundiram determinadas imagens sobre Genuíno Sampaio. Através da publicação de artigos que contavam a história dos Mucker, o jornal *O FERRABRAZ* foi responsável pela publicação de discursos que tornaram públicos a forma como a redação do jornal interpretou a atuação de Genuíno no conflito Mucker.

Foi através desses artigos que a imprensa procurou difundir a imagem gloriosa de Genuíno que, naquele contexto, se contrapunha à imagem negativa construída, por ela também, de Jacobina. Esses dois personagens encontravam-se no mesmo veículo de informação, embora situados em campos opostos, representados de forma antagônica. Genuíno foi eleito pela imprensa sapiranguense como herói dos moradores, enquanto que Jacobina era apontada como responsável pelo conflito.

recepção e divulgação, ou seja, para o consumo desses mesmos símbolos, que não é em si aleatório nem mero objeto de manipulação. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 20.

O medo, por sua vez, foi um recurso bastante recorrente nas narrativas sobre os Mucker na imprensa, evidenciando o aspecto de mistério que os envolvia, apresentados como fanáticos. Os artigos deixam clara a intenção do jornal que, em nenhum momento, levou seus leitores a realizarem uma reflexão crítica sobre os fatos apresentados.

Exemplo dessa representação de Genuíno Sampaio como herói no combate contra os Mucker pode ser encontrada na edição de 31 de março de 1950, que trazia o seguinte título como manchete: *O MONUMENTO AO GAL. GENUÍNO SAMPAIO NO MORRO FERRABRAZ*³²⁸. No artigo publicado naquela ocasião, procurou-se explicar aos leitores a importância do monumento erguido em homenagem a Genuíno Sampaio, que havia dado sua vida para salvar a população e livrá-la da violência praticada pelos Mucker.

A iniciativa de Reinaldo Scherer, morador do Ferrabraz e autor do monumento em homenagem ao coronel Genuíno Sampaio, foi tomada nessa edição do jornal como um exemplo de honra e cidadania. Através do artigo, podemos reconstruir esse ato simbólico bem como todo o ritual de inauguração realizado em 1932:

Conforme noticiamos, em número anterior, publicamos nas colunas do “O Ferrabraz” da edição de hoje, um clichê, que tem seu valor incontestado, frente ao acontecimento histórico, que se chama “**A Guerra dos Mucker**”.

Esse evento, que **custou muitas vidas preciosas de laboriosos agricultores**; que ceifou a vida de inúmeros soldados defensores da Ordem, entre cujos cumpridores de seus deveres vários oficiais distintos também entregaram sua vida por causa de ideologia salsinada e profundamente errada; que custou aos cofres públicos somas fabulosas, as quais se pudessem ter sido empregadas em outros setores teriam trazido para os mesmos **fanáticos**, resultados enormes, devia ser perpetuado numa lapide, como já o fora num livro da autoria do ilustre Jasuita Rvmo. Padre Ambrósio Schupp, cujos restos mortais descansam, no Cemitério da Ordem, em São Leopoldo.

Ninguém se atrevera, até então, esculpir um monumento, ou cinzelar uma pedra, para deixar, indelevelmente, gravado na retina um símbolo, de louvor, de agradecimento e de admiração, por aqueles que, sacrificando a própria vida, defenderam a dos outros.

Eis que, senão quando surge, no próprio local, um moço de apoucados conhecimentos estéticos, mas de abundante vontade de **fazer alguma coisa em memória dos que tão heroicamente tombaram pela defesa da Legalidade**³²⁹.

De acordo com a narrativa, a ereção do monumento em homenagem ao Coronel Genuíno Sampaio, no ano de 1932, simbolizava um ato de cidadania praticado pelo morador

³²⁸ O MONUMENTO AO GAL. GENUÍNO SAMPAIO NO MORRO FERRABRAZ. *O FERRABRAZ*. mar. 1950. n.5. Capa.

³²⁹ *Ibidem*, Capa. (grifos nossos).

da localidade. Ao mesmo tempo, esse ato individualizado representava o sentimento da coletividade que, ao tomar conhecimento da obra realizada, prontamente reconheceu seu valor.

Em 1950, a imprensa sapiranguense considerou que esse monumento materializava os sentimentos coletivos da população local, ao mesmo tempo em que preenchia uma lacuna existente na comunidade³³⁰, a falta de um símbolo material que fizesse referência aos atos heróicos que haviam combatido os Mucker. Foi nesse contexto que se deu a valorização da construção do monumento que datava de 1931. Tomado como uma homenagem ao Coronel que havia lutado contra os Mucker, o monumento é o exemplo concreto da legalidade dos atos e das virtudes dos combatentes. Por extensão, são exaltadas as virtudes do autor do monumento e de sua família, que são qualificados como “felizes” e honrados”:

Um filho do feliz casal Scherer, honrados lavradores, desde cedo começou a mostrar pendores pela pintura e escultura. Desenhou e depois também pintou, com bastante perfeição, retratos de diversas personalidades da época e por fim, dedicou-se à escultura, e ideou um monumento ao **Gel. Genuíno Sampaio, que com raro tino militar dirigiu os últimos combates à fortaleza de Jacobina, derrotando-os completamente**, mas, depois de uma brilhante vitória, encontrou sua morte, longe do arraial da pugna, num acampamento, quando já se achava a caminho de regresso. **Esse monumento que ilustra nossa edição de hoje, pelo clichê que acima publicamos, foi solenemente inaugurado, no ano 1932, mais ou menos na data comemorativa da derrota dos Muckers**³³¹.

Além da exaltação das qualidades de Reinaldo Scherer, o editorial fez referência à data em que foi realizada a inauguração do monumento³³², que contou com a participação de diversas autoridades. Entre as autoridades presentes, a imprensa destacou o comparecimento do prefeito municipal de São Leopoldo, o Coronel Theodomiro Porto da Fonseca, o Tenente Bina Machado, representando o Exército Nacional, e ainda o Tenente da Brigada Militar, Nestor da Costa e Silva. Representando-as como autoridades locais, estiveram presentes Frederico Otto Guilherme Kunz, subprefeito de Sapiranga, Rodolfo Leidner, engenheiro

³³⁰ De acordo com Peter Burke, *devemos olhar para estátuas reais ou “retratos de estado” não como imagens ilusionistas de indivíduos como pareciam na época, mas como teatro, como representações públicas de um eu idealizado*. BURKE, Peter. *Testemunha ocular. História e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004. p. 85.

³³¹ *Ibidem*, Capa (grifos nossos).

³³² Não há informação sobre a data precisa em que aconteceu a inauguração do monumento. O artigo publicado na imprensa sapiranguense apenas relata que a data foi próxima a do desfecho do conflito. Cabe salientar que não existem outras fontes que registraram este ato público de inauguração do monumento.

municipal, e Carlos Kauer, sobrevivente do conflito, juntamente com seu filho, Carlos Kauer Filho, representando a Liga da União Colonial.

O ato de inauguração pode ser reconstituído através da fotografia que ilustra a página abaixo³³³. Através dela, podemos observar que o ato de inauguração do monumento contou com a participação de diversas pessoas da comunidade sapiranguense, além das autoridades anteriormente nomeadas.



Acervo Museu Municipal de Saporanga

Leopoldo Sefrin teve participação especial nesse evento de inauguração, atuando como orador oficial da cerimônia, que contou com a execução do Hino Nacional e descerramento das Bandeiras Nacional e Estadual, que cobriam então o monumento. De acordo com o jornal, esse foi, de fato, um momento cujo simbolismo representou o consenso da população em torno da atuação heróica do Coronel Genuíno Sampaio e, conseqüentemente, em torno da visão negativa sobre os Mucker, apresentados como a antítese da ação apaziguadora de Genuíno Sampaio.

³³³ A fotografia de inauguração do monumento em homenagem ao Coronel Genuíno Sampaio foi publicada na mesma edição que tratava do ato de inauguração. Além da publicação da fotografia no Jornal, encontramos essa mesma fotografia na Coleção de livros de Leopoldo Sefrin, doada ao Museu Municipal de Saporanga. Lembramos que era Leopoldo Sefrin o autor dos editoriais sobre os Mucker, publicados no Jornal *O Ferrabraz*. Esse fato nos leva a acreditar que a fotografia utilizada para publicação na imprensa seja a mesma de posse de Sefrin.

Concomitante ao ato de inauguração do monumento³³⁴, o artigo registrou que foi entregue a alguém, cujo nome não foi mencionado, mas que acreditamos se tratar de um vereador da Câmara de Vereadores de São Leopoldo³³⁵, a Bíblia que Jacobina supostamente utilizava em suas pregações religiosas. Destacamos o significado desse ato, que confiava às autoridades a guarda de um dos símbolos das crenças praticadas pelos Mucker, impedindo, dessa forma, que o fanatismo fosse retomado.

A reafirmação da representação negativa dos Mucker fica evidente no artigo publicado no mês de julho de 1953³³⁶. Com o título *Combate Infrutífero*, o artigo se propunha a retratar mais um capítulo da história dos Mucker, caracterizada como *uma campanha de ingloria, baseada em falsas ideologias e animada por sórdidos propósitos*³³⁷, e que contou com a atuação decisiva do coronel Genuíno Sampaio, apresentado como um *grande soldado*.

O ambiente de rivalidade e hostilidade existente entre ambos os lados do conflito foi a tônica daquela edição. Nela os Mucker foram, mais uma vez, apresentados como violentos e responsáveis pelo clima de animosidade na colônia que, segundo o articulista, era a versão apresentada pelas obras que tratavam do tema, e também pelos moradores de São Leopoldo:

Sabe-se, através de obras que tratam do assunto, como também pela tradição oral, que ali **no Ferrabraz se praticavam as mais exóticas cenas, mescladas de devoção e de corrupção.**

(...)

Entretanto, havia o governo mandado uma expedição militar, sob o comando do **grande soldado que foi Genuíno Sampaio**, para dar combate e fim aos Mucker³³⁸.

Conforme podemos verificar no trecho acima, o Ferrabraz é apresentado como espaço de devoção e corrupção – estando essas expressões associadas aos Mucker – enquanto que a personalidade de Genuíno é associada à figura de um grande soldado. Nesse caso, a imagem

³³⁴ O significado desse ato de construção e inauguração do monumento em homenagem ao coronel Genuíno Sampaio serão retomados no capítulo 3, quando procuraremos discuti-lo dentro do processo de construção dos lugares de memória dos Mucker.

³³⁵ O artigo menciona essa pessoa como sendo o “edil de São Leopoldo”. Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, “edil” pode significar antigo magistrado romano que se incumbia da inspeção e conservação dos edifícios públicos ou então vereador.

³³⁶ *Combate Infrutífero*. O FERRABRAZ, jul. 1953. n. 45. Capa.

³³⁷ *Ibidem*, Capa.

³³⁸ *Ibidem*, Capa. (grifos nossos)

construída para os Mucker se contrapunha à imagem construída para Genuíno Sampaio. Acreditamos que esse era um recurso empregado no discurso da imprensa para justificar o massacre dos Mucker, realizado cerca de oitenta anos atrás.

A representação de Genuíno Sampaio como herói do conflito reapareceu na edição publicada em maio de 1956³³⁹, trazendo como destaque o título *A Filmagem do Episódio dos “Muckers”*. Preocupada em informar o leitor sobre os preparativos do filme que seria produzido para contar a história do conflito, a imprensa sapiranguense enfatizou a gravação das cenas que iriam mostrar as batalhas travadas entre os Mucker e os comandados de Genuíno Sampaio.

Segundo o artigo, esse seria um dos momentos mais importantes do filme, que colocaria em destaque a atuação de Genuíno Sampaio como chefe combatente dos Mucker:

Para a filmagem ser completa é preciso montar **um equipamento muito grande, e um guarda-roupa todo especial se fará mister.**

Porém o que mais empolgará a filmagem sem dúvida será **a grande batalha travada entre os Muckers e os comandados pelo Cel. Genuíno Sampaio**, cujos lances principais, tomamos a liberdade de aqui referir, contados por pessoa que ao tempo era mocinho e que há pouco faleceu nesta cidade³⁴⁰.

De acordo com o articulista, a recriação do ambiente de época era um elemento indispensável para a qualidade do filme, que mostraria de forma especial a atuação do coronel Genuíno Sampaio. Fica bastante claro o lado assumido em relação ao conflito, que aponta os Mucker como culpados. Isso pode ser compreendido na medida em que acompanhamos a narração dos fatos que seriam filmados e que colocariam Genuíno na posição de herói, responsável pelo apaziguamento da colônia.

O narrador enfatizou que o filme serviria de instrumento de elucidação dos fatos que marcaram a história do conflito, o que ainda não havia sido possível através da leitura das obras publicadas sobre o tema até aquele momento. Com esse objetivo, o narrador afirmou que: **“Deixarão na retina** de quantos irão assistir o filme, **uma impressão muito mais viva** do que a que fica pela leitura de um episódio como este”³⁴¹.

³³⁹ A Filmagem do Episódio dos “Muckers”. *O FERRABRAZ*, mai. 1956. n.82. Capa.

³⁴⁰ *Ibidem*, Capa. (grifos nossos)

Já finalizando o artigo, o narrador questionou-se sobre as causas do conflito e, em resposta à sua própria indagação, afirmou: ‘É tudo por que? Somente por mal orientada por **uma vidente que não passava de uma falsa profetisa**, que outra coisa não visava senão o **seu endeusamento**’³⁴².

Diante do questionamento realizado pelo narrador, podemos perceber a versão apresentada pela imprensa sapiranguense no que se refere ao conflito Mucker. De acordo com nossa análise, ficou bastante evidente a posição assumida pelo jornal, que contribuiu de forma decisiva para a construção da representação de Genuíno Sampaio como herói do conflito. Ao mesmo tempo, Jacobina também foi colocada em posição de destaque, porém no lado oposto ao de Genuíno. Podemos afirmar que a construção da imagem gloriosa de Genuíno na imprensa sapiranguense se deu a partir do contraponto realizado com Jacobina.

Naquele contexto, Genuíno era a representação do herói, cujas qualidades foram enfatizadas para enaltecer sua biografia, enquanto que Jacobina foi desqualificada e apontada como maior responsável pelo conflito. Localizadas num ambiente de agitação política, em razão das campanhas emancipacionistas em Sapiranga, Genuíno foi eleito pela imprensa como o personagem cujas características morais serviram de exemplo para a defesa dos novos ideais políticos.

Acreditamos que aquele ambiente de agitação política, que culminaria na emancipação política na década de 1950, ajuda-nos a compreender o contexto em que se construíram essas representações heróicas para Genuíno Sampaio. Servindo de exemplo para os sapiranguenses naquele momento, Genuíno era identificado por eles como um guerreiro, que havia dado sua própria vida em nome de seus ideais. Naquele momento, seus exemplos de bravura e coragem na defesa de seus ideais deveriam servir de exemplo para os sapiranguenses.

A imprensa exerceu, sem dúvida, um importante papel de difusora das representações idealizadas sobre Genuíno Sampaio. A imagem de herói combatente dos Mucker foi difundida entre a população, que acabou reafirmando a versão apresentada pela imprensa. Genuíno

³⁴¹ Ibidem, Capa. (grifos nossos)

³⁴² Ibidem, Capa. (grifos nossos)

transformou-se no verdadeiro herói do conflito, enquanto Jacobina se difundiu no imaginário social daquela época como a única culpada.

Consideramos que o jornal *O FERRABRAZ*, enquanto divulgador de visões detratoras dos Mucker, desempenhou um papel de fundamental importância ao reforçar o imaginário social construído pela população, especialmente em relação à personagem Jacobina Mentz Maurer, identificada como a causadora do conflito.

2.4 OS PERSONAGENS NA LITERATURA

Na obra de Luiz Antonio de Assis Brasil, publicada em 1990, encontramos a representação da personagem Jacobina de forma bastante diferente daquelas apresentadas até o momento. Essas diferenças devem ser compreendidas a partir das características do texto de Assis Brasil, que não se propôs a recontar a história dos Mucker. Trata-se de uma obra de literatura, em que os personagens, ainda que baseados em fatos reais, não têm o compromisso de estar de acordo com aquilo que de fato aconteceu.

A análise que faremos da obra *Videiras de Cristal* levará em conta a descrição física e psicológica feita de Jacobina, visando analisar a recepção da representação de Jacobina, construída por Assis Brasil numa obra que teve grande repercussão na década de 90.

Na obra em questão, Jacobina é inicialmente apresentada a partir do diálogo travado entre seu marido João Jorge Maurer, descrito pelo autor como alguém analfabeto e de pouca inteligência, e Ana Maria Hofstätter, personagem que acompanhara Jacobina ao longo da história. Ana Maria questiona Maurer sobre como era sua esposa. Maurer imediatamente responde, de forma curta e direta: *Tem seu gênio, mas é uma boa mulher. Você logo se acostumará*³⁴³.

Considerando a resposta de Maurer, deduz-se que o temperamento de Jacobina era difícil, o que tornava as expectativas de Ana Maria ainda maiores, pois a visão do Ferrabraz

³⁴³ ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Videiras de Cristal. O Romance dos Muckers*. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. p. 20.

para ela já era algo que assustava. Chegando à casa de Maurer, no Ferrabraz, Ana descobre que o local mais se parecia com uma enfermaria, devido ao número de doentes que lá estavam. Em seguida, é apresentada à sua nova patroa, Jacobina. Nesse momento, o narrador descreve Jacobina: ‘Frau Maurer tinha um **perfil suave e pálido** e estava deitada sobre a cama ao centro do quarto, os **braços caídos** sobre o lençol, os **olhos fixos no teto.**’³⁴⁴

Jacobina teve algumas de suas características físicas e de seu comportamento destacadas neste trecho, sobretudo as que evidenciam seu perfil suave, embora pálido, característica de quem estava adoentada e passava a maior parte dentro de casa. O aspecto de doente foi enfatizado na medida em que o relato dizia que Jacobina foi encontrada com os braços caídos e olhando fixamente para o teto da casa, como se estivesse em transe. Apesar dessas características iniciais, logo em seguida o narrador ressalta a força do seu olhar: ‘Frau Maurer trazia os **cabelos aparados** muito baixos, em caracóis dourados que se colavam ao crânio e às têmporas. A lividez do rosto não esmaecia a **força dos olhos, brilhantes, azuis e temerários.**’³⁴⁵

A força e o brilho dos olhos de Jacobina representavam a força interna da personagem que, embora frágil fisicamente, mostrava-se forte em seus princípios. Também são ressaltadas suas condições psicológicas, evidenciadas no tratamento dispensado ao filho:

Jacobina acolheu ternamente o filho, e a cama se transformou naquele momento em um ninho onde cabiam apenas aquela estranha ave e seu filhote voraz. **João Jorge levantou-se, foi até o berço ao lado da janela, arrumou-o, afofou o travesseiro**³⁴⁶.

Jacobina é apresentada como uma boa mãe, que contava com o carinho de seu marido João Jorge Maurer, sempre preocupado com o bem-estar da esposa adoentada. A forma como cuidava do filho, em idade de amamentação, deixava claro o quanto era uma mãe dedicada.

³⁴⁴ Ibidem, p. 24. (grifos nossos)

³⁴⁵ Ibidem, p. 24. (grifos nossos)

³⁴⁶ Ibidem, p. 24. (grifos nossos)

Em outro trecho da obra, no entanto, Jacobina é representada como *essa mulher tão estranha, com ataques desde criança*³⁴⁷, sobre a qual recaía a herança familiar, de transe e êxtases religiosos que assolavam a família Mentz.

A ênfase dada à religiosidade da personagem fica evidente na descrição feita sobre sua aparição durante as festividades realizadas no Ferrabraz. Em um ambiente festivo, Jacobina surge da seguinte maneira:

... voltaram-se para a porta da casa, onde **Jacobina surgia, vestindo uma camisola branca, os cabelos congidos por flores, dando o braço a Rodolfo Sehn.** Por instinto todos dobraram os joelhos. Robinson o Ruivo foi até ela e, ajoelhando-se nos degraus da porta **beijou os pés** desnudos³⁴⁸.

O autor associou a personagem à imagem de uma líder religiosa que se parecia com Jesus Cristo. Na obra, são recorrentes as narrativas que demonstram que os adeptos de Jacobina identificavam-na com a imagem do próprio Cristo. Recriava-se o ambiente de devoção e fervor religioso, com cenas em que todos os presentes se ajoelhavam, em sinal de respeito e adoração à sua líder espiritual.

Cabe ressaltar que Jacobina não aparece sozinha na cena que mencionamos acima. Ela aparece aos seus adeptos na companhia de Rodolfo Sehn, que lhe segurava o braço. A simbologia da cena leva-nos a refletir sobre seu significado, já que remete à ausência do marido João Jorge Maurer e a sua substituição pelo personagem Rodolfo, amante de Jacobina.

Na continuação da história, teria ocorrido o desentendimento com a família Kassel, que se retirou do grupo, em meio a acusações que teriam levado Rodolfo a defender Jacobina. Os presentes foram tomados de surpresa pelo que ocorreu depois:

Jacobina caminhou até Rodolfo, curvou-se, ergueu-lhe ternamente o rosto e **beijou-o na boca** Dirigiu-se ao povo:
- **Que este beijo se transmita a todos vocês.** E que seus ouvidos **sejam surdos a todas as mentiras.** Que o espírito Natural desça sobre vocês.
Primeiro Rodolfo Sehn, depois o Mutilado, mais além os restantes homens e mulheres, todos começaram a chorar³⁴⁹.

³⁴⁷ Ibidem, p. 30.

³⁴⁸ Ibidem, p. 311. (grifos nossos)

³⁴⁹ Ibidem, p. 314. (grifos nossos)

A cena do beijo, dado por Jacobina em Rodolfo, é apresentada pelo narrador para expressar o sentimento de fraternidade existente entre os Mucker. Jacobina é também apresentada por Assis Brasil como a líder dos Mucker que, preocupada com os acontecimentos, tentava acalmar os ânimos no Ferrabraz.

À personagem são atribuídas a persistência e a força nas horas mais difíceis da história, especialmente nas cenas de desfecho da trama. Na obra de Assis Brasil, a personagem Jacobina não esmoreceu nem mesmo nas horas mais difíceis, em que os soldados atacaram violentamente o Ferrabraz e incendiaram sua casa, localizada ao pé do morro. Em decorrência desse ato, Jacobina e parte de seus adeptos refugiaram-se na subida do morro, onde procuraram se esconder dos inimigos e encontrar abrigo para sobreviverem ao ambiente hostil, somado ao frio do inverno.

Diante das atitudes e das dificuldades que levaram o grupo a fraquejar, Jacobina teria se mantido firme, confortando seus fiéis, que não a tinham abandonado:

Na encosta do morro a floresta era tão espessa que os diferentes pontos de vigia não se enxergavam uns aos outros. A comunicação com a choupana de Jacobina dava-se através de trilhas abertas a facão e serrote. O chão úmido não era firme o suficiente, e era preciso agarrar-se aos troncos das árvores para vencer a forte inclinação do terreno.

Apenas a Mutter os confortava. Envolta no capote de Rodolfo Sehn, percorria os pontos de guarda como um **anjo da esperança**, só voltando para a choupana depois de **encorajar com o ósculo da paz** a cada um dos homens trespassados de frio. Mais de uma vez ela os substituiu em tempos de vigília. Viram-na então imóvel, o olhar fixo no emaranhado vegetal da floresta, a espingarda pronta. Nada dizia, e quase juravam que não respirava. Se chegassem perto, ela fazia um peremptório sinal de que estava bem, podiam deixá-la³⁵⁰.

Como podemos observar, a *Mutter*, como era chamada pelos seus adeptos, desempenhou papel comparado ao de um *anjo da esperança*, que, através da prática do ósculo (beijo), incentivou o grupo a seguir em frente, na luta pela defesa de seus ideais. Também o caráter guerreiro da personagem foi destacado na obra, uma vez que Jacobina precisava ser forte para suportar os ataques de seus inimigos. Sensibilidade e força são duas das características enfatizadas por Assis Brasil nesse trecho da obra.

³⁵⁰ Ibidem, p. 518. (grifos nossos)

Na descrição do desfecho do conflito, mais uma vez o autor remete à ausência do marido Maurer e ao apoio dado por Rodolfo Sehn, cujo *capote* protegia Jacobina do frio e da chuva do Ferrabraz:

Se a Mutter era esta **presença iluminada**, assegurando que apesar das sombrias previsões ela ainda era deles e que com eles compartilharia os dias futuros, **o nome do Wunderdoktor nunca mais fora pronunciado**, tornando-se uma sombra de existência incerta, perdida nos desvãos do passado³⁵¹.

As representações de Jacobina, veiculadas pela obra de Assis Brasil, não a “incriminam” nem a seu grupo. Pelo contrário, o perfil biográfico construído pelo escritor para a personagem evidencia sua pretensão de lançar um novo olhar, não apenas sobre o tema, mas principalmente sobre Jacobina, cuja imagem era predominantemente negativa até a publicação de sua obra na década de 90.

A atuação de Genuíno Sampaio como chefe das operações militares contra os Mucker também foi destacada pela narrativa de Assis Brasil. Nela, o narrador procurou caracterizar o personagem do ponto de vista psicológico e principalmente de sua atuação como militar no combate aos Mucker. Nesse sentido, observamos a preocupação do narrador em enfatizar as origens e a trajetória percorrida por Genuíno até chegar no Ferrabraz em 1874. Para tanto, destacou o fato deste ser, em sua época, um militar bastante conhecido, cuja fama lhe conferia o título de um nobre militar. Segundo o narrador:

O Coronel Genuíno Sampaio não era apenas ele, mas também a sua fama. Adquirira-a de modo gradual, percorrendo os postos da carreira como quem galga uma elevação dotada aqui e ali de alguns degraus inesperados. Ao sabor da política do Império esses degraus tornaram-se freqüentes, materializando-se em guerras externas e revoluções nacionais: **Genuíno estivera sim nas famigeradas lutas contra os paraguaios e contra o ditador Rosas, mas somou a estas o conflito de Pernambuco e o farroupilha, no Rio Grande do Sul.** A bem da verdade, nunca admirou esses excessos, sempre os entendeu como acidentes mínimos que ocorrem a quem escolhe uma profissão de tal qualidade. Era conhecido como **audacioso em combate**, embora isso não o distinguisse de uma legião de oficiais cujos nomes constavam no *Diário do Governo* na época das promoções; **todos eram bravos, todos audaciosos e em algum momento haviam praticado o seu ato heróico**³⁵².

³⁵¹ Ibidem, p. 518. (grifos nossos)

³⁵² Ibidem, p. 398-399. (grifos nossos)

Após discorrer sobre as participações de Genuíno em conflitos nacionais e internacionais, o narrador procurou enfatizar seu caráter único, que o distinguia dos demais oficiais de sua época afirmando que:

Assim Genuíno chegou ao coronelato com o renome burocrático que qualquer militar, se não fosse um frouxo, poderia desfrutar. **Algo o fazia diferente, mas não único – um tapa-olho negro na vista esquerda, marca visível de sua bravura. Esta característica, somada à figura seca e trigueira, tornou-o lendário mesmo entre os camaradas.** Considerava a Infantaria a mais nobre das armas e votava nos conservadores³⁵³.

Como podemos acompanhar, a narrativa de Assis Brasil atribuiu qualidades morais à Genuíno Sampaio, que foi representado na obra como um bravo militar. Entre as suas características, estava o fato de ser bravo e audacioso em combate, o que havia o transformado em herói. O narrador apresentou ainda uma breve descrição física do personagem, que usava um tapa-olho no lado esquerdo. Esse elemento foi empregado pelo autor para demonstrar a bravura de Genuíno em combate, cujo ferimento no olho servia de prova dos seus atos heróicos.

A representação da figura heróica ficou bastante evidente na forma como o personagem foi apresentado na obra de ficção. Essa representação contribuiu para a formação de um imaginário que coloca Genuíno no lugar de herói do conflito, tendo exercido um papel preponderante no extermínio dos Mucker. Para tal empreendimento, as atitudes tomadas pelo personagem revelavam sua audácia e coragem. Em combate, Genuíno acabava revelando sua face belicosa que, diante do inimigo, tomava decisões que muitas vezes faziam seus colegas estremecerem.

Esse aspecto pode ser exemplificado se tomarmos a passagem em que ele ordenou atear fogo na casa de Jacobina. Naquele momento, Genuíno foi representado como um militar cuja ação desconsiderava qualquer sentimento de complacência. Diante da presença do inimigo, Genuíno ordenou: **‘Que torrem!’** – diz Genuíno. – **‘Que torrem!’** – repete, já um

³⁵³ Ibidem, p. 398-399. (grifos nossos)

pouco assustado com a dimensão de sua proposta. – **Somos humanos, mas não podemos ser complacentes com a obstinação suicida.**”³⁵⁴

De acordo com a narrativa acima, podemos perceber que o caráter militar de Genuíno foi enfatizado, na medida em suas ordens deveriam ser cumpridas pelos seus comandados. Genuíno era, naquele momento, a autoridade máxima no campo de batalha e, portanto, responsável pelo extermínio dos Mucker.

Entretanto, a bravura de Genuíno encerrou-se no momento em que ele, desconsiderando os possíveis ataques inesperados do inimigo, acabou se ferindo em meio ao tiroteio instalado em seu acampamento. Em decorrência de uma bala perdida, o personagem acabou perdendo a vida e sendo substituído no campo de batalha.

As incursões militares realizadas por Genuíno Sampaio no Ferrabraz foram o foco narrativo presente no momento em que Assis Brasil descreveu o personagem. Suas virtudes e sua capacidade de liderança em meio ao conflito instalado no Ferrabraz foram destacadas e utilizadas como prova de sua bravura e heroísmo.

Ao mesmo tempo, a morte de Genuíno Sampaio, em consequência da bala perdida, serviu, naquele momento, de prova de sua bravura, levando Genuíno a ser reconhecido pelas autoridades como herói, que tombou em combate em defesa dos interesses da população de São Leopoldo. Suas decisões, que geravam polêmica até mesmo entre os combatentes, não foram utilizadas pelo narrador para desqualificar o personagem. Ao contrário, as decisões tomadas por Genuíno serviram para demonstrar, através do romance ficcional, sua forte personalidade.

2.5 OS PERSONAGENS NO CINEMA

As narrativas fílmicas produzidas sobre os Mucker foram responsáveis, em grande parte, pela difusão e vulgarização da imagem de Jacobina Mentz Maurer. O cinema, atraindo um número considerável de espectadores contribuiu decisivamente para isso, na medida em

³⁵⁴ Ibidem, p. 489-490. (grifos nossos)

que difundiu várias e consagradas versões sobre os fatos e personagens que viveram a história dos Mucker.

Considerando esse processo de construção e difusão pelo cinema de representações sociais sobre os Mucker, privilegiaremos as representações construídas sobre a personagem Jacobina. Como já referido anteriormente, analisaremos dois filmes produzidos sobre o tema, sendo que o primeiro foi lançado em 1979 e o segundo em 2002. Filmados em contextos bastante distintos, essas duas narrativas fílmicas apresentaram interpretações diferentes sobre a personagem Jacobina, embora a tenham como personagem central. São essas interpretações, visíveis através das características físicas e psicológicas e também das ações da personagem, que tornam possível a análise das representações construídas pelo cinema sobre Jacobina.

A primeira representação construída sobre Jacobina no cinema que analisaremos encontra-se num filme - *Os Muckers* - de 1979 e que teve sua primeira sessão pública durante o Festival de Gramado. Marlise Saueressig, natural de Sapiranga, interpretou a personagem principal Jacobina, o que lhe conferiu o prêmio de melhor atriz do Festival de Cinema daquele ano.

A análise do filme implica reconhecer a simplicidade das condições técnicas e os escassos recursos financeiros existentes à época de sua produção. Além disso, os atores, entre eles a atriz que interpretava Jacobina, não eram profissionais, constituindo-se, em sua maioria, de moradores das proximidades. A intérprete de Jacobina, Marlise Saueressig, tornou-se bastante conhecida pela população de Sapiranga, que muitas vezes a confundia com a própria personagem. Como já referimos, não se conhecia o rosto de Jacobina, razão pela qual a personagem assumiu ares enigmáticos e misteriosos.

O filme de 1979 mostrou pela primeira vez aos espectadores uma versão materializada da personagem, que, interpretada por Marlise, apresentava-se como uma mulher branca, de cabelos pretos, semblante sério e que usava roupas bastante recatadas até mesmo para sua época. A construção da imagem do imigrante alemão como alguém sério e pouco sorridente foi materializada em Jacobina, assim como na maioria dos personagens da narrativa. A personagem foi colocada num ambiente marcado pela tranqüilidade, que, gradativamente, cedeu espaço à miséria e à desigualdade social, tornando o lugar propenso a conflitos.

É diante dessas questões de caráter socioeconômico que Jacobina aparece como “salvadora” dos colonos do Ferrabraz. Sua imagem, em vários momentos, está associada à de uma mulher que parecia ter visões e que se prostrava diante de seus adeptos, parecendo receber revelações. Nesse caso, acreditamos que a narrativa fílmica procurou evidenciar a vocação religiosa de Jacobina, que não teria sido bem entendida pelo restante da população de São Leopoldo, que a identificou como enganadora.

Quanto a essa questão, observamos que o filme procurou destacar, em várias cenas, a atuação da população e das autoridades de São Leopoldo, apontadas como causadoras do clima de deboche e de perseguição à Jacobina e seu grupo. O filme apresenta Jacobina como líder daqueles que se encontravam oprimidos e que buscaram resolver seus problemas. Como resposta à liderança por ela exercida sobre os colonos, os demais moradores da colônia a teriam condenado moral e religiosamente.

Para dar veracidade a essa versão, o filme procurou evidenciar a maneira simples de viver dos colonos do Ferrabraz. O perfil étnico dos moradores foi também enfatizado na narrativa, procurando conferir maior credibilidade às cenas (plantações e criação de animais) e aos personagens.

Alheia ao ambiente de hostilidade existente na colônia à época, Jacobina procurava seguir firmemente suas convicções religiosas, o que se evidenciou no filme através dos cultos e pregações por ela presididos em alemão. Nele Jacobina é identificada como Cristo, evidenciando-se o caráter sagrado da personagem, ao mesmo tempo em que colocava em questão a construção da personagem, que teria se autodenominado a reencarnação de Cristo. Esse aspecto é reafirmado através dos ataques histéricos de uma participante de um culto presidido por Jacobina, apresentando o morro Ferrabraz como um lugar de devoção e fervor religioso, e que Jacobina realizava práticas consideradas impróprias como a realização de casamentos e proibia que seus fiéis ingerissem bebidas alcoólicas.

Por outro lado, foram mostradas as arbitrariedades das autoridades, que agem por conveniência e, obviamente, são contrárias aos Mucker. Em resposta a essas arbitrariedades cometidas, os Mucker teriam reagido, na tentativa de se defenderem. Portanto, o ambiente de hostilidade e agressão entre os dois lados tornou-se um elemento recorrente no filme, sendo que os Mucker são apresentados como vítimas dessas ações.

Já o personagem Genuíno Sampaio foi representado como um dos principais combatentes dos Mucker. Porém, na narrativa fílmica apresentada em 1979, verificamos que Genuíno Sampaio não apareceu como um dos personagens de destaque, do lado contrário aos Mucker, sendo esse papel assumido pelo capitão Dantas, cujo personagem representava a liderança da força oficial contra os Mucker.

Sobre essa narrativa, um elemento de grande relevância foi que o intérprete de Genuíno Sampaio no filme foi o sapiranguense Ivo Roque Sefrin, filho de Leopoldo Sefrin e autor dos artigos publicados sobre os Mucker no jornal *O FERRABRAZ*. É interessante observar o fato de que o pai foi um dos grandes responsáveis pela difusão de representações contrárias aos Mucker na imprensa nas décadas de 1940 a 1960 e que, anos mais tarde, o seu filho, Ivo Sefrin, interpretaria o papel do coronel Genuíno Sampaio no primeiro filme produzido sobre o tema.

Tanto o pai quanto o filho desempenharam papéis semelhantes no contexto da construção das representações sociais sobre os Mucker, perfilando-se do lado daqueles que procuram responsabilizar os Mucker pelo conflito. Esse aspecto nos leva a acreditar que as idéias defendidas pelo pai, Leopoldo Sefrin, influenciaram decisivamente a opinião do filho a respeito do conflito.

Como afirmamos, Genuíno Sampaio não mereceu grande atenção por parte da narrativa fílmica, que o representa de forma breve, já na fase final da história. Usando roupas do exército brasileiro e sempre com olhar sério e desafiador, Genuíno foi descrito como um militar desempenhando sua função de guerrear e apaziguar a pátria, a quem devia obediência.

Naquele contexto, Dantas assumia a frente de combate, estando Genuíno em posição secundária. A morte do coronel foi mostrada de forma rápida, como resultado de um disparo de um de seus próprios soldados. Esse elemento nos mostrou a tentativa dos narradores de inocentar os Mucker do assassinato de Genuíno, embora essa tenha sido a versão mais aceita sobre sua morte.

A representação de Genuíno Sampaio na primeira narrativa deixou clara a intenção, por parte dos narradores, de enfatizar a história do conflito mostrando o ambiente vivenciado

pelos Mucker. A atuação das forças oficiais foi representada como resultado da incapacidade das autoridades de compreender os objetivos do grupo. Esses, segundo a narrativa fílmica, procuraram apenas superar as inúmeras dificuldades enfrentadas na colônia, o que não foi respeitado pelos moradores da colônia nem pelas autoridades. Como resultado desses desentendimentos entre os dois lados, deu-se o assassinato de Genuíno Sampaio.

Em 2002, com o lançamento de *A paixão de Jacobina*, é lançada uma nova representação de Jacobina. Nessa nova versão, o ambiente natural do Ferrabraz é apresentado de forma desvinculada da realidade da colônia à época do conflito. Tanto o ambiente quanto os personagens receberam um tratamento por parte da equipe técnica, que resultou na criação de um ambiente marcado pela artificialidade e pela preocupação com a estética.

Caracterizando-se por ser uma grande produção cinematográfica, *A paixão de Jacobina* mostrou uma nova versão dos Mucker, que se distanciava da realidade dos fatos e dos personagens envolvidos no conflito. Trata-se de uma obra de ficção onde cenário, personagens e enredo não tinham compromisso com a veracidade dos fatos. Essas considerações, já discutidas no primeiro capítulo, tornam-se visíveis também quando analisamos a personagem principal do filme, interpretada por Letícia Spiller, atriz de cinema e de novelas da Rede Globo de Televisão.

Jacobina, interpretada pela atriz global, apresenta-se como uma mulher branca, de cabelos loiros compridos, de aspecto adoentado, com uma pele extremamente branca, sinalizando que ela permanecia dentro de casa em razão de sua incapacidade para o trabalho braçal. De estatura razoavelmente alta, pouco usual para sua época, a personagem contou ainda com a construção da imagem cuja face revelava características anormais.

As cenas revelam que, em vários momentos, Jacobina estava com olhar distante, como se estivesse paralisada, recebendo alguma revelação, quase em transe. Jacobina aparece como uma mulher com características psicológicas abaladas, estando emocionalmente transtornada, em decorrência de sua inclinação religiosa, como no caso da imagem utilizada na capa da edição do filme e do folder produzido para o seu lançamento.

PlayArte
PICTURES
APRESENTA

A PAIXÃO DE JACOBINA

Provincia do Rio Grande do Sul, 1871. Em torno da cidade de São Leopoldo, numa lindíssima região montanhosa coberta de matas, desencaideia-se a história de Jacobina Mentz (Leticia Spiller), bela e jovem mulher de ascendência germânica.

Líder da seita dos Mucker - santo falso - , formada por dissidentes do Protestantismo, Jacobina cura os males do corpo e defende a salvação da alma por meio da eterna busca pela felicidade e igualdade entre os seres humanos. Suas pregações, porém, que incluem a prática do ósculo (beijo praticado entre os apóstolos), acabam gerando reações de intolerância junto à população local.

Enquanto multiplica o amor e o ódio na mesma proporção, Jacobina prega que, no Dia de Pentecostes, uma luz brilhará no céu e o mundo será consumido por chamas purificadoras. Perplexos diante do poder conquistado por Jacobina, os líderes da sociedade local – o delegado João Lehn (Caco Ciocler), o Pastor Boeber (Antônio Calloni) e o médico Hillebrandt (Werner Schunemann) pedem ajuda de Franz (Thiago Lacerda), primo de Jacobina e sua antiga paixão, para afastá-la da cidade.

No Dia de Pentecostes, porém, a profecia de Jacobina se concretiza. A partir deste momento, os Mucker somados a um reforço inesperado, sabem que não têm mais nada a perder e resolvem lutar até o fim, escrevendo o capítulo mais controverso da história da colonização alemã no Rio Grande do Sul.

"A Paixão de Jacobina" tem a direção de Fábio Barreto, mesmo diretor de "O Quatrilho", filme indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 1996, que levou mais de 1 milhão e 200 mil espectadores aos cinemas de todo país.

Com orçamento de R\$ 8 milhões e 500 mil, o filme contou com 156 personagens, 2.500 figurantes e o trabalho de 103 técnicos. As filmagens foram realizadas nos principais centros da colônia alemã – Vale dos Sinos e Vale do Taquari onde a história de Jacobina aconteceu.

Baseado no livro "Videiras de Cristal" do escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil, A Paixão de Jacobina tem roteiro de Leopoldo Serran, parceiro habitual de Fábio Barreto, que contou com a colaboração de José Almino e Ana Maria Miranda, e revisão final de Marcelo Santiago e Fábio Barreto.

FICHA ARTÍSTICA

Leticia Spiller	Jacobina
Thiago Lacerda	Franz
Alexandra Paternost	Maurer
Antonio Calloni	Pastor Boeber
Caco Ciocler	John Lehn
Leon Góes	Jacó Mula
Talita Castro	Elizabeth Carolina
Felipe Kannenberg	Robison
Felipe Camargo	Coronel Genuino
Werner Schunemann	Dr. Hillebrandt
Therese Mascarenhas	Maria (mãe de Jacobina)
José Vitor Castiel	Nadler
Evandro Soldatelli	Francisco

FICHA TÉCNICA

Direção	Fábio Barreto
Produção	Lucy Barreto e Luiz Carlos Barreto
Roteiro	Leopoldo Serran
Fotografia	Felix Monti
Direção de Arte	Héllo Eichbauer
Figurinos	Diana Eichbauer
Direção Musical	Jaques Morelenbaum

BRASIL - 2002 / 100 MINUTOS - SRD - PLANO

PlayArte Pictures Ltda.
Departamento de Marketing: Maria Eliete Moraes - eliete@playarte.com.br
Departamento de Programação: Jairo Nogueira - jairo@playarte.com.br
Assessoria de imprensa: Madalena Martins - imprensa@playarte.com.br
Promoções: Mônica Curan - monica@playarte.com.br
Av. República do Líbano, 2155 CEP 04501-003 São Paulo SP - Tel: (0xx11) 5051-6996

LIC Lei de Incentivo Cultural
Estado do Rio Grande do Sul

www.apaixaodejacobina.com.br

PlayArte
PICTURES

Verso do folder produzido para o lançamento do filme em 2002.

Percebemos já no início do filme a preocupação em construir a história da personagem desde sua infância, buscando nas raízes familiares e mais diretamente na influência exercida pela mãe, com sua inclinação para a religiosidade. Como exemplo disso, observamos, na cena

inicial do filme, que Jacobina foi educada segundo rígidos padrões morais, o que a teria impedido de saciar a fome na panela de feijão encontrada abandonada no campo. Todavia, nessa mesma cena, a personagem, ainda criança, não se absteve de recolher uma pequena cruz, que viria a acompanhá-la até a fase adulta. Era essa a indicação de sua inclinação religiosa.

Essa descrição da personagem em sua infância serviu de ponto de partida para a introdução do espectador na trama e também para justificar seu perfil psicológico já na fase adulta. Cabe ressaltar que a seqüência dos fatos apresentada no filme não foi a mesma da história do conflito.

Um exemplo disso pode ser percebido na forma como se relata o encontro entre Jacobina e João Jorge Maurer. Os dois teriam se conhecido no Ferrabraz, quando a mãe de Jacobina a teria levado para ser atendida pelo *Doutor Maravilhoso*. Outro elemento ficcional aparece no momento em que Jacobina é mostrada como apaixonada pelo primo Franz, com quem acaba fazendo sexo numa cena na cachoeira do Ferrabraz.

Esse apelo à sensualidade aparece novamente no filme quando Jacobina recebe as revelações divinas e se despe diante da luz que a iluminava, misturando sensualidade e religiosidade numa mesma cena. A partir daquele momento, ela passou a usar apenas uma túnica branca. Esse recurso foi empregado para dar destaque à construção da imagem da personagem como Cristo-mulher.

Jacobina também foi construída a partir de um ambiente em que o Ferrabraz se mostrava como o paraíso para ela, num local onde não haveria maldade e todos os excluídos teriam seu lugar assegurado. Como recursos visuais para imprimir no espectador essa sensação, os narradores se valem da utilização de flores na cabeça da personagem, denotando sua religiosidade, ao mesmo tempo em que mistura sensualidade.

A representação de Jacobina como uma paranormal³⁵⁵ ficou evidente no filme, quando é enfatizada a imagem de uma mulher alienada aos acontecimentos do local. Seu olhar perdido na paisagem do Ferrabraz ajudou a construir a imagem de uma mulher mentalmente

³⁵⁵ Na sinopse da versão do filme, editada em DVD, há uma breve explicação em que se afirma que o filme aborda a história de uma paranormal que falava com Deus.

desequilibrada. Da mesma forma, Jacobina mostrava-se despreocupada com as rivalidades e ataques que recebia de seus inimigos, como se estivesse certa de sua missão e de que, quando necessário, Deus a protegeria. Esse aspecto de irracionalidade e alienação da personagem nos parece ser um fator preponderante na construção da personagem neste filme de 2002.

Esse perfil da personagem pode ser contemplado no momento em que nos deparamos com a cena em que Jacobina se deita sobre o caixão de um dos seus adeptos. Misturou-se, naquela cena, um certo grau de fanatismo religioso, mostrado através de suas palavras e de sensualidade, em que seu corpo se evidenciou coberto pela túnica quase transparente.

A representação de Jacobina construída nessa produção cinematográfica procurou colocar em evidência a imagem de uma mulher fanatizada e alheia à realidade. O filme retratou a história de uma paranormal, que foi deslocada do contexto da colônia alemã e inserida num universo ficcional marcado pela paranormalidade. Essa representação, de uma mulher que falava com Deus, contribuiu de forma decisiva para a reafirmação de um imaginário no qual Jacobina é identificada com o mundo sobrenatural, desvinculada do meio colonial do final do século XIX.

Observamos que os dois filmes, inseridos em contextos bastante distintos, foram responsáveis pela construção e difusão de representações que apontaram Jacobina como a personagem principal do conflito Mucker. Do papel de líder religiosa, preocupada com os problemas cotidianos do Ferrabraz, na versão de 1979, Jacobina foi apresentada como alienada e paranormal na versão de 2002.

Nessa segunda narrativa fílmica, o coronel Genuíno Sampaio aparece como herói que deu sua vida em nome da defesa dos interesses da população de São Leopoldo. Diferentemente da primeira versão, que contou com atores locais, o intérprete de Genuíno dessa vez foi o ator da Rede Globo Felipe Camargo.

A heroização do personagem tornou-se evidente na obra, que o apresentou ao expectador como alguém de forte personalidade, dotado de astúcia militar e confiante na vitória. Esse aspecto de superioridade do coronel em relação aos Mucker tornou-se perceptível no momento em que, sendo alertado sobre os perigos que envolveriam sua ação no Ferrabraz, Genuíno Sampaio afirmou estar curioso para conhecer *o presépio da santinha*. O

tom irônico demonstrado pelo personagem nessa afirmação apontava para sua intenção de desqualificar os Mucker e, em especial, Jacobina. O fato dos Mucker terem sido liderados por uma mulher foi interpretado pelo personagem como fator desmerecedor de maiores cuidados no momento de ataque ao Ferrabraz.

Em outra cena do filme, Genuíno Sampaio apareceu, acompanhado de seus soldados, chegando a Sapiranga. No momento de sua chegada, apareceram crianças, cantando em roda uma música cuja letra dizia que iriam fazer salsicha de Jacobina. Mais uma vez, a narrativa recorreu a expressões de forte significado para compor a cena em que Genuíno entrou triunfante em Sapiranga. Naquele momento, o coronel representava a ordem e o progresso.

O caráter valente e corajoso do personagem foi reafirmado no momento em que as tropas chegaram ao Ferrabraz, e Genuíno ordenou que um de seus comandados se dirigisse a Robinson, apontado como líder da resistência armada dos Mucker e chamado por Genuíno de *velho demônio*. Diante da negativa de paz, as tropas entraram em combate, tendo à frente o próprio coronel, que acabou sendo assassinado por Robinson.

Nessa construção da figura heróica do personagem, observamos que a imagem construída para Robinson se contrapôs à de Genuíno. No caso de Genuíno, esse foi representado com seu uniforme do exército, montado em seu cavalo e mostrando-se confiante na vitória. Já em relação ao personagem Robinson, observamos que ele foi representado de forma diferente, com roupas simples e sujas – em função das lutas pela defesa dos ideais do grupo –, barba mal cuidada e cabelos descuidados, ao mesmo tempo em que seu olhar demonstrava sua bravura e o seu caráter destemido diante do inimigo.

Percebemos que a contraposição desses dois personagens no campo de batalha serviu de instrumento para a construção das representações de Genuíno, identificado como herói, e dos Mucker, representados como fanáticos. Nesse sentido, tanto a imagem construída sobre Jacobina quanto à de seu amante Robinson serviram para imprimir no expectador a sensação de fanatismo e promiscuidade, ao mesmo tempo em que revelava a persistência dos Mucker diante dos ideais religiosos.

2.6 ALGUMAS APROXIMAÇÕES ENTRE OS PERSONAGENS

A análise que realizamos sobre os dois personagens centrais do conflito permitiu que percebessemos como, em diferentes momentos e através de diferentes meios, difundiram-se diversas representações de Jacobina Maurer e de Genuíno Sampaio. Elas, no entanto, reafirmaram o antagonismo existente entre os dois personagens principais do conflito.

A maioria das representações construídas sobre os dois personagens contribuiu para a construção da imagem de Jacobina como responsável pelas atrocidades cometidas pelos Mucker. Pode-se dizer que a personagem Jacobina sobressaiu-se nas narrativas sobre o conflito, tornando-se mais importante que ele. Isso pode ser comprovado na evidência dada a ela nas diferentes fontes que analisamos.

Também o personagem Genuíno foi alvo de diferentes interpretações. Sobre seu personagem recaíram os louros da vitória, e sua imagem foi apresentada, na maioria das vezes, como a daquele que deu sua própria vida em defesa dos interesses dos moradores de São Leopoldo e da pátria brasileira. Esse caráter cívico foi amplamente enfatizado, destacando-se sua origem militar e seus feitos.

Defendemos a idéia de que Jacobina Maurer e Genuíno Sampaio encontravam-se em campos opostos, não apenas por sua condição de inimigos. Essa oposição se deu também após a morte dos dois, em 1874, momento inaugural das representações construídas sobre eles. À medida que se construía uma imagem gloriosa para Genuíno, Jacobina teve sua atuação diminuída, transformada em vilã. Cabe destacar, novamente, a vitalidade da imagem gloriosa de Genuíno, que mais facilmente se difundiu entre os sapiranguenses.

O olhar crítico que lançamos sobre as fontes analisadas teve como objetivo avaliar as transformações ocorridas no processo de construção das representações sociais sobre os dois personagens. Enfatizamos que nossa intenção não foi a de julgar, mas sim a de compreender como se deram as construções narrativas de que foram alvo os personagens, inserindo-as em seu contexto de sua produção.

A análise que fizemos das representações construídas e difundidas ao longo de mais de um século sobre os dois personagens – Jacobina e Genuíno – revelou, ainda, que ambos serão

alvo de manipulações por parte da comunidade sapiranguense, num amplo processo de ressignificação dessas representações, visível na construção dos símbolos e dos lugares de memória da cidade.

As relações que se estabeleceram entre as representações construídas sobre os Mucker no período analisado e a eleição dos símbolos do município de Sapiranga e dos lugares de memória sobre os Mucker serão analisadas no próximo capítulo.

3 PERSONAGENS E ESPAÇOS: JACOBINA, GENUÍNO E OS LUGARES DE MEMÓRIA

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças³⁵⁶.

Halbwachs mostra-nos como os lugares desempenham um papel fundamental na construção da memória coletiva. Para ele, os lugares que percorremos nos fazem lembrar de fatos ocorridos no passado e, assim, contribuem para a construção da memória coletiva. A construção de monumentos, a denominação de lugares e a preocupação com a valorização de personagens do passado estão diretamente associadas a uma memória coletiva. Quando uma comunidade elege seus lugares de memória e também seus símbolos e heróis - que passam a representá-la – pode-se perceber os condicionantes que estiveram envolvidos nesse processo de construção das representações.

É a partir desse pensamento que iniciamos nossa análise do processo de construção e de significação dos lugares de memória sobre os Mucker em Sapiroanga. Neste capítulo, procuramos investigar como os Mucker passaram por um processo de (res)significação, que se iniciou com sua condenação moral, no final do século XIX, e que se conclui com sua naturalização no início do século XXI.

³⁵⁶ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004. p.150.

A partir dos pressupostos teóricos apresentados por Halbwachs, analisamos o processo que envolveu a construção dos lugares de memória sobre os Mucker. Entendemos que esses lugares passaram a ser identificados com o passado de Sapiranga e tinham a função de remeter aos Mucker. Como exemplos desse processo, tivemos a ereção de monumentos, a nomeação de ruas, praças e instituições e, ainda, a transformação do Morro Ferrabraz em local turístico.

Ao analisarmos os condicionantes que envolveram a construção desses lugares de memória sobre os Mucker, intentamos desvelar o significado que cada um deles teve no contexto de sua criação. Constatamos que a construção dos diferentes lugares ocorreu em diferentes épocas, observando a ideologia e os interesses dos grupos envolvidos no processo.

As várias interpretações sobre os Mucker acabaram difundindo diferentes versões e, especialmente, definindo os “heróis” e os “culpados” do conflito. Favoreceram e justificaram também a construção de diferentes lugares de memória dos Mucker, que materializaram a interpretação prevalecente e a sensibilidade presente à época de sua construção. Difundindo uma determinada imagem sobre o conflito e seus personagens principais, esses lugares de memória promoveram o reconhecimento, por parte da comunidade sapiranguense, de uma visão sobre os Mucker e sobre seu passado.

Em seu estudo sobre a difusão de imagens construídas sobre as mulheres do sul do Brasil, Joana Maria Pedro³⁵⁷ mostra-nos como é praticamente impossível mensurarmos a apropriação de representações sociais. Para ela, pode-se tentar compreender e avaliar o impacto que as idéias difundidas causaram no meio social, embora seja impossível mensurar o grau de aceitação e da conseqüente internalização das idéias difundidas.

Embora reconheçamos que é praticamente impossível saber a proporção dos moradores de Sapiranga que de fato concordavam com as idéias difundidas sobre os Mucker, acreditamos que a maioria dos sapiranguenses compartilhava de um sentimento contrário aos Mucker.

³⁵⁷ PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: DEL PRIORI, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 283.

Essa afirmação se confirma se observamos o período compreendido entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, no qual não foi produzida nenhuma representação positiva dos Mucker. O que observamos, nesse período, é a intenção de difundir uma imagem bastante negativa dos Mucker.

Coerentes com essa visão e sentimento predominantes, os lugares de memória terão uma função importante na difusão e na consagração das imagens negativas sobre os Mucker. Para Michel Pollack, os lugares de memória somente se constituem em espaço de preservação de uma memória se assim a comunidade os reconhece. Acrescente-se a isso a constatação de que, no caso de Sapiranga, os lugares de memória sobre os Mucker foram construídos no momento em que seus líderes políticos sentiram a necessidade de materializar uma versão sobre o episódio e de utilizá-la estrategicamente.

Nessa perspectiva, os lugares de memória sobre o conflito Mucker não somente terão seu significado reconhecido pelos moradores de Sapiranga como impedirão que eles o esqueçam, forçando-os a se posicionarem tanto em relação ao passado quanto em relação ao futuro almejado pela comunidade.

O historiador José Murilo de Carvalho³⁵⁸ refere-se à associação existente entre construção dos imaginários sociais e a criação de diferentes símbolos para reforçar uma determinada visão sobre o passado. Para ele, a manipulação dos símbolos, das alegorias e até mesmo dos mitos criados sobre os personagens históricos nos ajuda a compreender a dinâmica que envolve a construção dos imaginários sociais.

Para esse autor, os imaginários não são resultado de um trabalho inconsciente, dissociado do contexto e das aspirações ideológicas de sua época. Ao contrário, os imaginários sociais são, sem dúvida, resultado da manipulação de determinadas versões sobre o passado, que procuram dar veracidade através da veiculação de símbolos e de diferentes narrativas ou imagens sobre um determinado fato do passado. Considerando a argumentação do historiador, observamos que a manipulação dos símbolos que envolveu a construção dos

³⁵⁸ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 13.

diferentes lugares de memória sobre os Mucker em Sapiranga³⁵⁹ ocorreu de acordo com esses condicionantes.

Com relação à dinâmica que envolve a análise das representações sociais e à construção dos lugares de memória, resgatamos aquilo que Sandra Pesavento chama de *ressementização do tempo e do espaço*³⁶⁰. Para ela, é preciso considerar as transformações de caráter econômico, político, social e cultural, para que se torne possível a realização de uma leitura das representações sociais construídas num determinado contexto. Nesse sentido, a época e o espaço no qual ocorreram essas construções devem ser levados em consideração para que as representações se tornem parte integrante da coletividade da qual fazem parte.

Ainda de acordo com Pesavento, precisamos considerar o fato de que as representações são produzidas social e historicamente, não sendo *anacrônicas, deslocadas ou necessariamente falsas, pois traduzem formas de sentir, pensar e ver a realidade*³⁶¹.

Entendemos, portanto, que a construção das representações sociais sobre os Mucker – e que foram materializadas naquilo que chamamos de lugares de memória – estiveram diretamente vinculadas ao contexto da época de seu surgimento. A partir da compreensão das condições e dos interesses que estiveram presentes em cada época é que podemos analisar os diferentes lugares de memória sobre os Mucker construídos em Sapiranga.

Nossa análise parte do entendimento de que a constituição dos lugares de memória ocorreu, num primeiro momento, como manifestação do sentimento de condenação e de rejeição aos Mucker e que se fazia presente em parte da população de Sapiranga. Defendemos a idéia de que a construção dos lugares de memória sobre os Mucker fazia parte do processo coletivo de reelaboração da memória coletiva, no qual os Mucker eram apresentados como os únicos responsáveis pelo conflito e, em razão disso, precisavam ser condenados publicamente.

³⁵⁹ Vale ressaltar que nosso recorte temporal iniciou-se em 1874 e se estende até os dias atuais. Por se tratar de um período longo, precisamos considerar em nossa análise as transformações que ocorreram no contexto das diferentes épocas.

³⁶⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 162.

³⁶¹ *Ibidem*, p. 162.

Exemplo dos efeitos dessa condenação foi a celebração de Genuíno Sampaio como herói do conflito e a homenagem que lhe foi prestada através da denominação dada a vários lugares em Sapiranga.

Cabe ressaltar que, nesse processo de construção das representações sobre os Mucker, foram *evocados sentidos, vivências e valores*³⁶² que deveriam ter significado para a comunidade. Nesse sentido, os Mucker foram apresentados como uma “mancha do passado”, que devia ser lembrada como contraponto às aspirações da nova sociedade que se reorganizava após o desfecho do conflito e que tinha os Mucker como exemplo a não ser seguido.

A lembrança que tinham de Jacobina e de seus seguidores remetia-os também para o ambiente de horror que teria tomado conta do Ferrabraz. Essa identificação negativa explica o movimento feito pela comunidade para dar uma nova identidade para o morro, um lugar de paz e tranquilidade onde os colonos poderiam reconstruir suas vidas.

Como já referido no primeiro capítulo, o Ferrabraz – apresentado, inicialmente, como o cenário do conflito – passou por vários processos de (re)significação. Se ao tempo dos Mucker o morro foi tido como o espaço marcado pela barbárie e pelo fanatismo religioso, após o desfecho do conflito, passou a ser apresentado como local de moradia dos colonos sobreviventes. Nesse sentido, o desfecho do conflito foi tomado como o momento da refundação da comunidade e de reinício da vida social dos colonos do Ferrabraz.

Num outro contexto, o das últimas décadas do século XX, o morro Ferrabraz passará a ser conhecido como um lugar turístico que atrai curiosos interessados em conhecer o cenário onde ocorreu o conflito. Em função do incremento da prática do vôo-livre, o morro Ferrabraz passou por um novo e inegável processo de (res)significação, que o distancia, mais uma vez, daquela imagem negativa construída no século XIX e que o apresentava como cenário de barbárie e de assassinatos.

Em relação à primeira etapa do processo de significação do Ferrabraz, pode-se afirmar que está associada a dois momentos fundadores: o da colocação da Cruz de Jacobina e o da

³⁶² Ibidem, p. 16.

ereção do monumento em homenagem à Genuíno Sampaio. A colocação da cruz que identificava o local do assassinato de Jacobina Maurer e a ereção do monumento em homenagem à Genuíno Sampaio são fundamentais nesse processo de construção das representações, que procurou manter vivo o episódio dos Mucker na memória da população.

A exaltação das qualidades morais de Genuíno e a condenação da conduta da líder Jacobina serviram, sobretudo, para justificar o massacre ocorrido no Ferrabraz, na medida em que ela e seus liderados, os Mucker, haviam espalhado o terror e o fanatismo religioso por toda a colônia³⁶³.

A eleição desses dois personagens – como representantes dos dois lados do conflito – remete-nos à análise feita por José Murilo de Carvalho, para quem o processo de “heroificação” inclui necessariamente *a transmutação da figura real, a fim de torná-la arquétipo de valores ou aspirações coletivas*³⁶⁴. Carvalho nos chama também a atenção que *por ser parte real, parte construído, por ser fruto de um processo de elaboração coletiva, o herói nos diz menos sobre si mesmo do que sobre a sociedade que o produz*³⁶⁵.

No processo de significação do conflito Mucker, Jacobina Maurer e Genuíno são apresentados como personagens rivais, cabendo a Genuíno a imagem de herói e à Jacobina, a de anti-herói. Vale destacar que a moral e a conduta de Jacobina acabaram servindo de instrumento de legitimação do herói Genuíno Sampaio, reforçando uma moral e uma conduta almeçadas e justificando o lugar de destaque que lhe foi dado em Sapiranga.

De acordo com Maurice Halbwachs, nossas lembranças *permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos*³⁶⁶.

³⁶³ Essa percepção tornou-se bastante evidente a partir da análise feita sobre Jacobina no capítulo 2 da Tese, no qual a personagem é descrita por parte das fontes como a principal responsável pelas atrocidades praticadas pelos Mucker. Essas versões apresentadas sobre ela serviram, sem dúvida, para fundamentar e reforçar o imaginário negativo que se construiu sobre Jacobina.

³⁶⁴ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 14.

³⁶⁵ *Ibidem*. p. 14.

³⁶⁶ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 30.

Em outras palavras, Halbwachs mostra-nos como a memória não é resultado de um trabalho individual, mas sim resultado do trabalho coletivo. Para o autor, a memória, inserida no meio social, é construída coletivamente. Com isso, mesmo que um indivíduo, portador de uma memória individual sobre o passado venha a faltar, sua memória será transmitida pelo grupo, que compartilha das mesmas lembranças.

Esse é o caso da memória construída sobre os Mucker em Sapiranga. Analisando os diferentes meios de difusão de representações sociais sobre os Mucker, percebemos que estes tiveram, muitas vezes, como base as memórias de sobreviventes do conflito e, em outros casos, a memória de descendentes destes, que traziam consigo as lembranças. No caso dos sobreviventes, essas lembranças se manifestaram a partir das próprias vivências do tempo do conflito. Por sua vez, as lembranças foram transmitidas para seus filhos, que as consagraram, anos mais tarde, através de seus testemunhos.

Além do papel desempenhado pelos testemunhos na construção de representações sobre os Mucker, deve-se ressaltar a importância – atribuída por Halbwachs – da constituição dos lugares de memória e sua significação. Segundo ele, as formas materiais através das quais as sociedades procuram representar um fato ocorrido no passado exercem papel fundamental nesse processo. Segundo o autor, apesar de estarem dispostos como *uma sociedade muda e imóvel*³⁶⁷ e de não falarem, essas formas tornam-se compreensíveis pelo e no meio em que estão inseridos.

Tomando essas considerações como referência para nossa investigação, passamos a analisar os condicionantes envolvidos na construção dos lugares de memória dos Mucker em Sapiranga. Para tanto, descrevemos o contexto que envolveu o projeto de criação desses lugares de memória sobre os Mucker e o processo de difusão das versões presentes na sua aceitação e consagração pela comunidade de Sapiranga.

³⁶⁷ Ibidem, p.138.

3.1 O CEMITÉRIO, A CRUZ E A ESTÁTUA: ESPAÇOS DE CELEBRAÇÃO DA DERROTA

Fundamental para a análise do processo de construção dos lugares de memória sobre os Mucker é considerarmos o significado que esses diferentes lugares apresentam. É nesse sentido que destacamos a criação dos diferentes lugares de memória (monumentos, praças, instituições, etc.) e os vinculamos ao processo de (res)significação dos Mucker, uma vez que os tomamos como evidência das visões e dos sentimentos coletivos que se faziam presentes na época de sua criação³⁶⁸. Embasamos nossa análise sobre os monumentos alusivos ao episódio dos Mucker construídos em Sapiranga a partir dos estudos realizados por Françoise Choay³⁶⁹.

De acordo com essa autora, o sentido original do termo “monumento” é do latim *monumentum*. Este, por sua vez, deriva de *monere*, que significa advertir ou lembrar. Para a autora, o monumento tem como propósito essencial não apenas o de apresentar ou dar uma informação neutra. Ao contrário, o monumento tem, segundo Choay, a intenção de tocar uma memória viva pela emoção. Para a autora:

(...) chamar-se-à monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar³⁷⁰.

Considerando que os monumentos construídos pela comunidade não estão dispostos de forma inocente ou desprovidos de significação, estando diretamente relacionados com a história da comunidade que os erigiu, assim como com os interesses de seus “construtores”,

³⁶⁸ Consideramos a afirmação apresentada por Meneses bastante esclarecedora na análise que propomos realizar sobre os lugares de memória dos Mucker em Sapiranga. Para ele *a cidade é mais que espaço físico; é mais que materialidade. Ela é o locus continuum de cultura, onde natureza, construção material, símbolos, significados e representações se constroem em diversidade e em harmonia.* MENESES, José Newton Coelho. *História e Turismo Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 87.

³⁶⁹ CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p.17-18.

³⁷⁰ *Ibidem*, p. 18.

pode-se acrescentar que: ‘Para aqueles que edificam, assim como para os destinatários das lembranças que veiculam, o monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança. O monumento assegura, acalma, tranqüiliza, conjurando o ser do tempo’³⁷¹.

Dessa forma, evidencia-se a eficácia simbólica exercida pelos monumentos. Localizados estrategicamente no espaço social das cidades, os monumentos representam formas de pensar, sentir e expressar os valores coletivos. Transpondo essas considerações para o nosso estudo, a comunidade local de Sapiroanga também erigiu monumentos como forma de expressar seus sentimentos coletivos³⁷². Esses monumentos revelam diferentes *discursos* sobre o conflito Mucker, apontando para as posições assumidas pela comunidade em relação ao seu passado.

Por serem dotados de significação simbólica e por traduzirem vontades e sentimentos da comunidade, não nos limitaremos a apenas descrever esses monumentos, mas a desvendar seus significados para o processo de (re) significação do conflito Mucker. Em um primeiro momento, deter-nos-emos no túmulo localizado no Cemitério do Bairro Amaral Ribeiro, bastante próximo ao morro Ferrabraz.

³⁷¹ Ibidem, p. 18.

³⁷² Dando continuidade a sua exposição, quanto à questão que envolve os conceitos de monumento, a autora afirma que *sua relação com o tempo vivido e com a memória, ou dito de outra forma, sua função antropológica, constitui a essência do monumento*. Ibidem, p.18.



Construída em 1874, a sepultura tem um destaque visual no Cemitério Amaral Ribeiro e guarda os corpos de quatro moradores de Sapiranga que morreram em combate contra os Mucker. A sepultura foi, ainda, a primeira representação construída pela comunidade para homenagear aqueles que haviam dado sua vida no combate aos Mucker. Esse monumento localizado no cemitério do Amaral Ribeiro procura enaltecer a ação dos colonos mortos em combate, ao mesmo tempo em que aponta os Mucker como seus assassinos.

Na lápide da sepultura, encontramos a seguinte passagem, escrita em língua alemã, e que procura retratar os sentimentos da população em 1874:

Hier ruhen die vier Deutschen
 Theodor Meinhard
 Heinrich Hoffmann
 Heinrich Linn und
 Phillip Kirsch
 Welche am 26 Juli
 1874 im Kampfe
 gegen die Mucker
 gefallen sind.
 R. I. P.
 Als Andenken vonden

Bewohnern
 Der Colonie São Leopoldo
 Jacob Schmitt
 Steinheuer.

A tradução da mensagem inscrita na sepultura é: *Aqui descansam os quatro alemães: Theodor Mainhard, Heinrich Hoffmann, Heinrich Linn e Phillip Kirsch, que morreram em 26 de julho de 1874 no combate contra os Mucker. R.I.P. Lembrança dos moradores da Colônia de São Leopoldo. Jacob Schmitt. Escultor.*

A homenagem prestada aos homens que morreram em virtude dos supostos ataques dos Mucker permite-nos perceber como estes últimos eram vistos pela comunidade.

A sepultura reveste-se de uma demonstração simbólica do sentimento de orgulho dos moradores da Colônia de São Leopoldo em relação aos colonos que lutaram contra os Mucker. Agregou-se a isso o fato do símbolo encontrar-se em solo sagrado, uma vez que se tratava de um cemitério, conferindo a essa forma de representação social um caráter especial, na acepção dada por Jacques Le Goff.

Para este autor, os cemitérios desempenharam um papel fundamental na história das sociedades³⁷³, por se constituírem também num *lugar de sociabilidade*, no qual as pessoas se encontravam e trocavam idéias.

Partindo dessa concepção, podemos pensar no papel desempenhado pela sepultura localizada no Cemitério Amaral Ribeiro. O cemitério está situado no ponto mais alto do bairro, tendo como paisagem, ao fundo, o próprio morro Ferrabraz. Com isso, os visitantes, ao observarem a sepultura e ao se fixarem na lápide com a mensagem inscrita, observam automaticamente o Ferrabraz ao fundo. Vale dizer ainda que, na época do conflito, o lugar onde hoje encontramos o cemitério era local de passagem da população que residia nas imediações do Ferrabraz.

³⁷³ De acordo com Le Goff, *os gregos e os romanos impeliram o morto impuro para fora da cidade, o mais das vezes, sobretudo para as pessoas ricas ou importantes, ao longo das principais vias que partiam da cidade. O cristianismo urbaniza os mortos, e a cidade torna-se também a cidade dos mortos; o cemitério, um lugar de sociabilidade, alheio a todo respeito religioso: ele somente terá um estatuto exclusivamente religioso tardiamente, a partir do século XIII. Até então, é um lugar de encontro e de diversão.* LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: UNESP, 1998, p.11-12.

Cabe aqui destacar a prática costumeira entre os moradores de Sapiranga de, por ocasião do sepultamento de algum conhecido, visitar a sepultura dos combatentes mortos pelos Mucker. Esta, em função de sua posição de destaque no cemitério, acabava, naturalmente, sendo motivo de comentários entre os presentes.

Esses dois importantes símbolos – a sepultura e o morro Ferrabraz – apresentam-se aos visitantes do cemitério como uma única paisagem. A sepultura não somente materializava o discurso condenatório dos Mucker, vigente no ano de 1874, como perpetuava essa visão através do tempo, uma vez que os moradores de Sapiranga lembravam, ao visitá-la, os acontecimentos do passado obscuro e fanatizado do Ferrabraz.

O cemitério e a sepultura em homenagem aos quatro moradores da Colônia Alemã de São Leopoldo constituem, na atualidade, um importante espaço de sociabilidade e de lembrança para a comunidade. Integrando o roteiro turístico conhecido como *Caminhos de Jacobina*, o cemitério é um dos pontos obrigatórios de passagem dos visitantes que querem conhecer os *lugares de memória* dos Mucker. Durante a visita ao cemitério, é possível observar a sepultura e ler a inscrição presente em sua lápide, que conta atualmente com uma placa que traz a tradução em português da inscrição.

Resultado de interesses coletivos, a sepultura permite avaliar historicamente o processo de construção do imaginário social sobre os Mucker, inserindo-se no processo de construção das representações sociais sobre os Mucker e na evocação de sentimentos e emoções coletivas.

Considerado como “campo santo”, o cemitério de Amaral Ribeiro, assim como outros, tem sua função social e religiosa ao homenagear os mortos através da observância de rituais cristãos. Desse espaço, os Mucker não deveriam fazer parte.

Essa atitude, segundo os princípios que norteavam a comunidade sapiranguense à época, desrespeitaria o próprio significado que o cemitério tinha para eles, ou seja, para um campo santo apenas os cristãos (leia-se seguidores das tradicionais igrejas evangélica e católica) poderiam ser levados depois de mortos. Por outro lado, temos que considerar a informação de que os Mucker preferiram enterrar seus mortos em suas próprias terras, já que

havam se desligado das suas igrejas, não vendo sentido em enterrar seus entes queridos nos cemitérios da região, onde estavam sendo enterrados muitos de seus inimigos.

Deve-se considerar, no entanto, que apesar de muitos adeptos dos Mucker terem sido enterrados em “valas comuns” pelos campos nas imediações do morro Ferrabraz, também houve, logo após o desfecho do conflito em 02 de agosto de 1874, o enterro de muitos Mucker em uma grande “vala comum”. Dentre as pessoas enterradas no local³⁷⁴, estaria a própria Jacobina, assassinada em 02 de agosto de 1874.

Tal foi o descaso das autoridades em relação a esse acontecimento que atualmente se desconhece o local exato em que teriam sido enterrados os cadáveres. Ao que tudo indica, estariam enterrados bem próximos ao monumento erguido em homenagem à Genuíno Sampaio.

Esse sepultamento coletivo reveste-se de um profundo simbolismo, na medida em que evidencia concretamente o pensamento condenatório e o desprezo em relação aos Mucker na forma como os cadáveres foram enterrados³⁷⁵. Para os adeptos dos Mucker, mesmo terminado o conflito, não foi reservado um lugar digno para o enterro de seus restos mortais, que foram simplesmente enterrados em uma vala comum, sem nenhuma identificação ou ritual de sepultamento.

Como contraponto, remetemos ao sepultamento de Genuíno Sampaio, realizado, em 1874, em Porto Alegre. Enquanto o combatente dos Mucker teve um enterro digno de um herói, como foi percebido à época, Jacobina e seus adeptos foram simplesmente enterrados em uma vala nas imediações do Ferrabraz.

A sepultura localizada no Cemitério do Amaral Ribeiro pode ser tomada como evidência da primeira representação construída pela comunidade sobre os Mucker. Embora tenha sido construída para homenagear os quatro colonos que morreram lutando contra os

³⁷⁴ Um estudo arqueológico no local poderia trazer à tona novas evidências sobre os Mucker e sobre a dinâmica do conflito. Os relatos de época contam-nos sobre o ambiente de terror que havia se instalado naquele local, onde muitos cadáveres haviam ficado por partes de seus membros desenterrados. Em decorrência disso, os animais das imediações teriam mexido nos cadáveres, que estariam causando um problema de saúde pública, chamando a atenção das autoridades de São Leopoldo.

³⁷⁵ As autoridades tiveram o cuidado de colocar uma camada de cal virgem sobre os cadáveres enterrados no Ferrabraz, para que seus corpos se decompussem mais rapidamente.

Mucker, a sepultura servirá para que a comunidade mantenha viva uma imagem negativa e condenatória dos Mucker. Nesse sentido, o cemitério (que já existia antes do conflito) constitui-se em lugar de memória, ao contribuir para que o episódio não seja esquecido pela comunidade sapiranguense.

Além da sepultura, que é o primeiro lugar de memória construído sobre os Mucker, temos a “Cruz de Jacobina” e o “Monumento alusivo ao Coronel Genuíno Sampaio”, ambos localizados ao pé do morro Ferrabraz. A análise que faremos desses dois marcos simbólicos nos permitirá avaliar o contexto em que se inseriram e os fatores que estiveram envolvidos na construção desses dois lugares de memória, que têm Jacobina Maurer e Genuíno Sampaio como personagens centrais.

Sobre a eleição de personagens que devem ser lembrados ou esquecidos, Lúcia Lippi Oliveira³⁷⁶ afirma que as transformações sociais envolvem a constituição de uma memória coletiva. Essas transformações, por sua vez, envolvem uma série de “batalhas simbólicas” pela apropriação de eventos do passado, que devem ser lembrados ou esquecidos. Segundo a autora, o mesmo acontece em relação aos personagens que devem ser lembrados pela sociedade e assim identificados como heróis. Dessa forma, segundo a autora:

Cada época constrói sua memória e seus heróis que, muitas vezes, se contrapõem ao tempo histórico imediatamente anterior. A história republicana, por exemplo, precisou reler toda a história do país e selecionou no passado o que deveria ser lembrado e o que deveria ser esquecido. Foi assim que Tiradentes foi entronizado na galeria dos grandes heróis nacionais³⁷⁷.

Considerando esse aspecto apontado pela socióloga, um fato nos chama a atenção em relação à construção das representações sociais sobre os Mucker. Referimos-nos à ereção do monumento que tinha como finalidade homenagear o Coronel Genuíno Sampaio, líder das tropas contrárias aos Mucker e que havia tombado em combate em 21 de julho de 1874³⁷⁸.

³⁷⁶ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e hoje. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História cultural. Experiências de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

³⁷⁷ *Ibidem*, p. 68.

³⁷⁸ A morte do Coronel Genuíno Sampaio ainda é um tema controverso. Existem diferentes versões sobre sua morte. Alguns defendem a tese de que Genuíno teria morrido em virtude de um tiro, que teria lhe acertado a perna no ataque noturno praticado pelos Mucker na noite de 20 de julho de 1874. Outra versão é que Genuíno teria morrido em função de uma bala perdida lançada por um próprio soldado em combate.

O monumento, construído em 1931 e inaugurado em 1932, resultou da iniciativa de um morador de Sapiroanga, Reinaldo Scherer, um jovem morador das proximidades do Ferrabraz, que, através do seu gesto, transformaria Genuíno Sampaio num herói para a comunidade sapiranguense.



A reconstrução do ato de inauguração do monumento ocorrido em 1932 pode ser feita através do artigo *O monumento ao Gal. Genuíno Sampaio no Morro Ferrabraz* veiculado pelo *Jornal O Ferrabraz*, em 1950:

Conforme noticiamos, em número anterior, publicamos nas colunas do “O Ferrabraz” da edição de hoje, um clichê, que tem seu valor incontestado, frente ao acontecimento histórico, que se chama “**A Guerra dos Mucker**”.

Esse evento, que **custou muitas vidas preciosas de laboriosos agricultores**; que ceifou a vida de inumeros soldados defensores da Ordem, entre cujos cumpridores de seus deveres vários oficiaes distintos também entregaram sua vida por causa de ideologia salsinada e profundamente errada; que custou aos cofres públicos somas fabulosas, as quaes se pudessem ter sido empregadas em outros setores teriam trazido para os mesmos **fanáticos**, resultados enormes, devia ser perpetuado numa lapide, como já o fora num livro da autoria do ilustre Jasuita Rvmo. Padre Ambrósio Schupp, cujos restos mortaes descansam, no Cemiterio da Ordem, em São Leopoldo.

Ninguém se atrevera, até então, esculpir um monumento, ou cinzelar uma pedra, para deixar, indelevelmente, gravado na retina um símbolo, de louvor, de agradecimento e de admiração, por aqueles que, sacrificando a própria vida, defenderam a dos outros.

Eis que, senão quando surge, no próprio local, um moço de apoucados conhecimentos estéticos, mas de abundante vontade de **fazer alguma coisa em memória dos que tão heroicamente tombaram pela defesa da Legalidade**³⁷⁹.

Segundo a imprensa sapiranguense³⁸⁰, esse monumento materializava os sentimentos coletivos da população local, ao mesmo tempo em que preenchia uma lacuna³⁸¹, a ausência de um símbolo que fizesse referência ao heroísmo dos que haviam combatido os Mucker.

A imprensa incumbiu-se também de exaltar as virtudes do autor do monumento e de sua família, que são qualificados como *felizes e honrados*:

Um filho do feliz casal Scherer, honrados lavradores, desde cedo começou a mostrar pendores pela pintura e escultura. Desenhou e depois também pintou, com bastante perfeição, retratos de diversas personalidades da época e por fim, dedicou-se à escultura, e ideou um monumento ao Gel. Genuíno Sampaio, que com raro tino militar dirigiu os últimos combates à fortaleza de Jacobina, derrotando-os completamente, mas, depois de uma brilhante vitória, encontrou sua morte, longe do arraial da pugna, num acampamento, quando já se achava a caminho de regresso. Esse monumento que ilustra nossa edição de hoje, pelo clichê que acima publicamos, foi solenemente inaugurado, no ano 1932, mais ou menos na data comemorativa da derrota dos Muckers³⁸².

O editorial dessa edição do ano de 1950, além de fazer referência à inauguração do monumento³⁸³, refere-se à participação de diversas autoridades, destacando o comparecimento do prefeito municipal de São Leopoldo, o Coronel Theodomiro Porto da Fonseca, do Tenente Bina Machado, representando o Exército Nacional, e ainda do Tenente da Brigada Militar, Nestor da Costa e Silva.

³⁷⁹ O FERRABRAZ, 31 mar. 1950, n. 5. Capa (grifos nossos).

³⁸⁰ A única referência em relação à construção e à inauguração do monumento é encontrada na imprensa sapiranguense em 1950. Valemo-nos de suas informações, uma vez que Leopoldo Sefrin foi o autor deste artigo e também o mestre de cerimônia do ato de inauguração do monumento. Em seu artigo publicado, Sefrin deu seu próprio testemunho em relação aos condicionantes que levaram a criação deste símbolo.

³⁸¹ De acordo com Peter Burke, *devemos olhar para estátuas reais ou “retratos de estado” não como imagens ilusionistas de indivíduos como pareciam na época, mas como teatro, como representações públicas de um eu idealizado*. BURKE, Peter. *Testemunha ocular. História e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004. p. 85.

³⁸² Ibidem, Capa (grifos nossos).

³⁸³ Não há informação sobre a data precisa em que aconteceu a inauguração do monumento. O artigo publicado na imprensa sapiranguense apenas relata que a data foi próxima a do desfecho do conflito. Cabe salientar que não existem outras fontes que registraram este ato público de inauguração do monumento.

Representando as autoridades locais, fizeram-se presentes Frederico Otto Guilherme Kunz, subprefeito de Sapiranga, Rodolfo Leidner, engenheiro municipal, e Carlos Kauer, sobrevivente do conflito, juntamente com seu filho Carlos Kauer Filho, representando a Liga da União Colonial³⁸⁴.

O registro fotográfico abaixo³⁸⁵ confirma a presença das autoridades nomeadas no Editorial.



ACERVO MUSEU MUNICIPAL DE SAPIRANGA

O Sr. Leopoldo Sefrin teve participação destacada no evento de inauguração, atuando como orador oficial da cerimônia, que contou com a execução do Hino Nacional e descerramento das Bandeiras Nacional e Estadual, que cobriam o monumento. Segundo o mesmo editorial, o monumento contou com a total aprovação da população, devido ao

³⁸⁴ Existiram duas Ligas Coloniais, sendo uma católica e a outra evangélica. Foram formadas na forma de Katholikentage e de Evangelische Bauertage (Dia de Católicos e dia do Agricultor Evangélico). Tinham por finalidade congregar os agricultores e discutir as questões que lhes diziam respeito.

³⁸⁵ A fotografia de inauguração do monumento em homenagem ao Coronel Genuíno Sampaio, já apresentada no segundo capítulo da Tese, foi publicada na mesma edição que tratava do ato de inauguração. Além da publicação da fotografia no Jornal, encontramos essa mesma fotografia na Coleção de livros de Leopoldo Sefrin, doada ao Museu Municipal de Sapiranga. Lembramos que era Leopoldo Sefrin o autor dos editoriais sobre os Mucker, publicados no Jornal *O Ferrabraz*. Esse fato nos leva a acreditar que a fotografia utilizada para publicação na imprensa seja a mesma de posse de Sefrin.

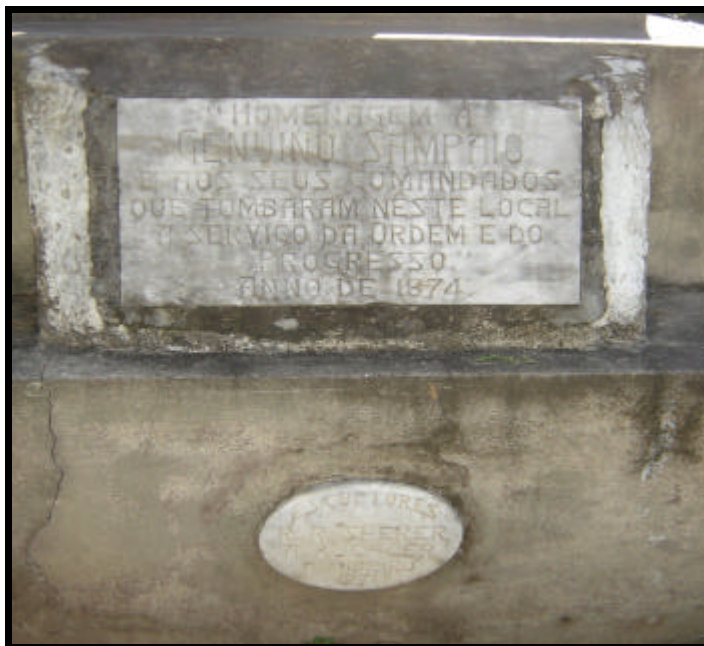
consenso existente em relação à atuação heróica do Coronel Genuíno Sampaio e, conseqüentemente, em relação à condenação do comportamento dos Mucker.

Concomitantemente ao ato de inauguração do monumento, o editorial registra que foi entregue a alguém, cujo nome não é mencionado, mas que acreditamos se tratar de um vereador da Câmara de Vereadores de São Leopoldo³⁸⁶, a Bíblia que supostamente Jacobina utilizava em suas pregações religiosas. Destacamos o simbolismo que reveste esse ato, que confiava às autoridades a guarda de um dos símbolos das crenças praticadas pelos Mucker, impedindo, dessa forma, que o fanatismo fosse retomado.

O monumento foi erguido – como já referido anteriormente – no local onde supostamente Jacobina e João Jorge Maurer teriam residido e onde teriam realizado os cultos e as práticas de curandeirismo. Com isso, o lugar assumirá, através da solenidade, um novo papel, o de lugar de memória, de uma memória oficial que se impôs sobre a possibilidade de esquecimento.

O local e o próprio monumento passavam a simbolizar o triunfo do esforço de uma coletividade em identificar o Coronel Genuíno Sampaio com a ordem e o progresso almejados. A inscrição feita, com letras maiúsculas, na base do monumento confirma isso: “HOMENAGEM A GENUÍNO SAMPAIO E SEUS COMANDADOS QUE TOMBARAM NESTE LOCAL A SERVIÇO DA ORDEM E DO PROGRESSO. ANNO DE 1874.”

³⁸⁶ O editorial menciona esta pessoa como sendo o “edil de São Leopoldo”. Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, “edil” pode significar antigo magistrado romano que se incumbia da inspeção e conservação dos edifícios públicos ou então vereador.



Ainda, segundo a imprensa sapiranguense:

Representa ele um soldado em posição de sentido. Ao pé do monumento, está pintada, com cores muito vivas, a fortaleza dos Muckers, em chamas, no momento de ser ela tomada pelas forças. **O pedestal do mesmo está construído sobre restos de pedras saídas do fortim**, e ao lado da pintura estão embutidas varias balas de canhão, encontradas nas imediações. O escultor **aproveitou ainda fragmentos de pedras, de telhas e o que pode achar dos restos da malfadada casa, para ornamentar o seu monumento**, que diga-se de passagem, não oferece nada de artístico dada a nenhuma escola que o artista teve mas, por isso mesmo se torna de muito maior valor, porque nada conhecendo de arte, **pouco sabendo de História, o seu autor teve a grandiosa idéia de gravar numa pedra, testemunha presencial do acontecimento**, aquilo que nenhum outro artista tivera a concepção de fazer³⁸⁷.

Esse ato simbólico, cuja data precisa, infelizmente, não temos como informar,³⁸⁸ representou, efetivamente, um marco histórico para a comunidade sapiranguense, já que, passados muitos anos, prestava homenagem àquele que, segundo o imaginário coletivo, havia garantido a paz e, sobretudo, a ordem e o progresso para a Sapiranga.

Enquanto a construção e a inauguração do monumento do Coronel Genuíno Sampaio constituíram-se em ato oficial realizado pela comunidade e legitimado pelas autoridades

³⁸⁷ Ibidem, Capa (grifos nossos).

³⁸⁸ Um aspecto que chama a atenção é o fato de que a inauguração do monumento foi um ato oficial, que contou com a participação de diversas autoridades. Porém, a data do evento não foi registrada e acabou se perdendo no tempo. Segundo a imprensa sapiranguense, esse acontecimento teria ocorrido próximo à data do desfecho do conflito, residindo aí mais uma simbologia a qual devemos observar.

presentes, a colocação de uma cruz no local em que Jacobina Maurer foi assassinada não ocorreu da mesma forma.

Ao que tudo indica, a colocação de uma cruz de madeira no local onde Jacobina e mais 16 adeptos foram encontrados mortos no dia 02 de agosto de 1874 deu-se apenas na década de 1910³⁸⁹. A execução dessa obra, no entanto, não foi registrada através de fotografia, nem em documento escrito pelas autoridades ou por membros da comunidade.



Segundo testemunhos da comunidade, por volta de 1910, o colono Miguel Carlos Kauer, conhecedor das imediações do morro Ferrabraz, teria mostrado onde Jacobina teria sido assassinada. No local identificado, foi colocada uma cruz como forma de representar simbolicamente o lugar onde as forças oficiais teriam derrotado a líder dos Mucker.

Enquanto a inauguração do monumento a Genuíno Sampaio contou com festividades no ato de sua inauguração, a colocação da Cruz da Jacobina foi um ato que não foi solenizado

³⁸⁹ Não podemos afirmar com exatidão a data em que ocorreu a colocação da primeira cruz que indicava o local da morte de Jacobina Mentz Maurer. Acredita-se que esta teria sido colocada no local na década de 1910, data que é confirmada pelos testemunhos da própria comunidade. Assim, não é possível estabelecer uma data precisa para a execução deste ato simbólico, embora possamos inseri-lo no contexto do início do século XX.

e acabou caindo no esquecimento. Mostra desse “esquecimento” ou da tentativa de “esquecimento” é a inexistência de fontes documentais que se refiram a esse acontecimento.

O “silêncio” das fontes em relação à colocação da cruz de Jacobina revela a intenção, no início do século XX, de não chamar a atenção da comunidade para sua personagem. Jacobina deveria ser esquecida, enquanto que a imagem e a conduta de Genuíno deveriam ser lembradas por todos, como exemplo a ser seguido.

A Cruz, localizada em meio à vegetação natural do Ferrabraz, encontrava-se praticamente escondida para os visitantes do morro Ferrabraz³⁹⁰. Por outro lado, o monumento do Coronel Genuíno Sampaio localizava-se num local de destaque, em meio a um campo aberto, visível para todos os visitantes que se dirigissem ao local.

Cabe ressaltar que, na década de 1930, estava presente o objetivo de construir um imaginário social ligado ao heroísmo daqueles que haviam lutado contra os Mucker, o que será reforçado com a denominação dada à principal escola pública do então 5º distrito, hoje Instituto Estadual Coronel Genuíno Sampaio³⁹¹.

Tomados como *símbolos espaciais*³⁹², tanto a cruz de Jacobina quanto o monumento alusivo ao Coronel Genuíno Sampaio foram erguidos pela comunidade local no cenário onde havia ocorrido o conflito, possuindo nítidos significados antagônicos. É justamente esse antagonismo que torna possível pensarmos os dois monumentos sob a perspectiva da construção de alteridades históricas.

³⁹⁰ A maioria da comunidade sapiranguense tomou conhecimento da existência da “Cruz da Jacobina” apenas no início do século XXI, quando esse local foi identificado através de placas indicativas, que compõem o atual “Sítio Histórico dos Mucker”. Até então, essa cruz era desconhecida da grande maioria dos sapiranguenses, que conheciam apenas o “Monumento do Coronel Genuíno Sampaio”.

³⁹¹ Criada em 10 de fevereiro de 1934, como Grupo Escolar de Sapiranga, foi rebatizada de Grupo Escolar Coronel Genuíno Sampaio em 27 de agosto de 1937. A nomeação da escola representa, de forma evidente, o propósito de enaltecer e reafirmar o compromisso que o Coronel havia firmado com os colonos, que era de protegê-los contra os supostos ataques mucker.

³⁹² Luiz de Oliveira chama de *símbolos espaciais* as representações construídas sobre o passado e que podem ser percebidas pelo olhar. Assim, ele identifica como símbolos espaciais as construções materiais realizadas pelo homem para representar o seu passado. OLIVEIRA, Luiz Antônio de. O teatro da memória e da história: Alguns problemas de alteridade nas representações do passado presentes no culto aos mártires de Canhaú – RN. In: *Revista de Humanidades*. v. 4. n. 8, abr/set 2003. p. 09.

Isto é, o valor simbólico atribuído pela comunidade sapiranguense ao monumento alusivo a Genuíno Sampaio se difundia e se consagrava, enquanto a Cruz de Jacobina sofria processo inverso, sendo reduzido a um simples marco escondido em meio à vegetação fechada do Ferrabraz.

O antropólogo Luiz Antônio de Oliveira³⁹³, em seu importante estudo sobre “os mártires de Canhaú”³⁹⁴, mostrou como o relato histórico é elaborado, constituindo uma trama histórico-religiosa, na qual *o passado é teatralizado*. Oliveira destaca que os locais em que ocorrem conflitos de caráter religioso tornam-se *bem-aventurados*, em contraste com as ações antagônicas dos seus personagens, fabricando aquilo que ele chama de *alteridades históricas*.

Esse aspecto também pode ser evidenciado em nosso estudo, uma vez que a instalação da cruz e do monumento permitem que a história do próprio conflito seja teatralizada, passando por um processo que Oliveira chama de *atualização da história*³⁹⁵, através do qual o conflito Mucker não somente é associado a um erro como também passa a representar uma mancha na história da comunidade.

Segundo o antropólogo, uma comunidade procura sempre “atualizar” sua história, para, a partir dos supostos erros do passado, construir uma nova identidade para o local. Tomando-se em consideração o episódio do Ferrabraz, essa identidade se construiu a partir da definição do que deveria ser lembrado e do que deveria ser esquecido. Os Mucker não deveriam ser esquecidos. Sua lembrança teria um evidente sentido pedagógico para a comunidade sapiranguense. Jacobina deveria ser lembrada como a representação do mal, da imoralidade e do atraso. Genuíno Sampaio, em contrapartida, deveria ter sua imagem associada à representação do bem, da virtude e do progresso. Ele também não poderia ser esquecido.

³⁹³ OLIVEIRA, Luiz Antônio de. O teatro da memória e da história: Alguns problemas de alteridade nas representações do passado presentes no culto aos mártires de Canhaú – RN. In: *Revista de Humanidades*. v. 4. n. 8, abr/set 2003.

³⁹⁴ Seu estudo parte da análise do culto aos mártires de Canhaú no Rio Grande do Norte, mortos na primeira metade do século XVII e beatificados em 2000 pela Igreja Católica.

³⁹⁵ OLIVEIRA, Luiz Antônio de. O teatro da memória e da história: Alguns problemas de alteridade nas representações do passado, presentes no culto aos mártires de Canhaú – RN. In: *Revista de Humanidades*. v. 4. n. 8, abr/set 2003. p. 07.

Nessa perspectiva de análise, as representações sobre Jacobina e sobre Genuíno antagonizam-se, produzindo *alteridades históricas*. Genuíno Sampaio passa por um processo de consagração, ao ser associado aos valores cívicos e morais almejados e ao representar os princípios e os projetos da comunidade no início do século XX. Contrapondo-se a esse processo de valorização, constata-se que cenas e personagens do passado serão “esquecidas”, evidenciando o que Oliveira denomina de *celebração da história*, processo em que fatos do passado – percebidos como *bens simbólicos* – são submetidos ao *inventário dos interesses presentes*, como constatado em Sapiranga no início do século XX. Em razão disso, a história local – sobretudo aquela transmitida oralmente pelas sucessivas gerações –, elegeu Jacobina como representação do passado a ser negado, e Genuíno como representação do passado a ser lembrado.

Cabe aqui lembrar um outro privilegiado espaço de *fabricação de alteridade*, a literatura³⁹⁶, que apresentará os Mucker como assassinos perigosos, enquanto seus contrários serão identificados como vítimas pacíficas. Essas visões polarizadas, entre “o bem e o mal”, serão responsáveis, em grande medida, pela construção do imaginário social sobre os Mucker, que se assentará sobre sua desqualificação social. Verificamos, nesse caso, o estabelecimento de um *diálogo entre passado e presente*³⁹⁷, em que o passado serve de elemento essencial para justificar as ações do presente.

Nas primeiras décadas do século XX, a rememoração do conflito Mucker pela comunidade sapiranguense constituiu-se em importante elemento identitário, a partir do qual se legitimariam suas ações e projetos. O diálogo estabelecido entre o passado, a época do conflito Mucker, e o presente, vivenciado no início do século XXI, produziu um “discurso” sobre o passado. Um discurso – é preciso lembrar – circunstanciado pelos diferentes contextos e pelas múltiplas interlocuções, dependente diretamente da ótica de quem o estava “lendo”.

³⁹⁶ Neste caso, entendemos por literatura toda e qualquer produção bibliográfica que tenha feito referência aos Mucker e não apenas obras de cunho historiográfico.

³⁹⁷ De acordo com Irllys Alencar F. Barreira, em seu estudo sobre a cidade de Fortaleza – CE, *o conjunto de intervenções, discursos e depoimentos formadores de opinião sobre os processos urbanos contemporâneos em Fortaleza caracterizam o que denomino de “diálogo entre passado e presente”*. Trata-se de uma metáfora que visa apontar as diferentes formas de evocar o passado, visto sob a ótica de um tempo mítico e sem retorno como na perspectiva de um tempo inventado e vivido em continuidade com os usos contemporâneos do espaço urbano. BARREIRA, Irllys Alencar F. A cidade no fluxo do tempo: invenção do passado e patrimônio. In: *Sociologias*. Porto Alegre, ano 5, nº 9, jan/jun 2003. p. 315.

Roger Chartier³⁹⁸ refere-se às inúmeras possibilidades de *leitura de um símbolo*, afirmando que este nunca é “lido” de uma única maneira. Segundo Chartier, existem diferentes formas de interpretação de um símbolo, sendo que sua leitura está diretamente vinculada ao contexto no qual o observador está inserido, bem como ao olhar que este lança sobre o objeto em questão. Daí, a origem das múltiplas interpretações que dão significados diferentes a esses símbolos. Nessa perspectiva, pode-se dizer que os símbolos construídos sobre os Mucker tiveram a finalidade de “educar” os olhares da comunidade sapiranguense.

Acreditamos ser válido agregar a essa discussão em torno dos símbolos e sua difusão no meio social, a questão que envolve as rupturas e a construção de novas “tradições” pelas sociedades em momentos de transformações rápidas. Para tanto, resgatamos a afirmação do historiador Eric Hobsbawn, a qual acreditamos que contribuiu para a reflexão que propomos:

... a sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta³⁹⁹.

Partindo de uma proposta de periodização, constatamos que, num primeiro momento – que poderíamos identificar como sendo de 1874 até aproximadamente a primeira metade do século XX –, verifica-se a importância dada à construção de novos símbolos associados à “ordem e progresso”⁴⁰⁰ e à superação do passado identificado com o fanatismo, a desordem e a ignorância.

³⁹⁸ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

³⁹⁹ HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 12-13.

⁴⁰⁰ O lema positivista da ordem e do progresso tornou-se presente a partir da instalação da República, em 1889. A partir de então, o lema defendido pelo novo governo da República Velha no Rio Grande do Sul e que teve como principais representantes Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, orientou também parte do pensamento dos moradores de Sapiranga. Inseridos neste contexto político e ideológico é que iremos acompanhar a modernização do espaço urbano de Sapiranga e o aumento da sua população urbana, em detrimento crescente da população rural. As primeiras décadas do século XX acompanharam uma nova fase de desenvolvimento, na qual o ideal positivista da ordem e do progresso orientava a busca pelo crescimento econômico e social. Sobre esta questão que envolve a presença do pensamento positivista no Rio Grande do Sul, destacamos a obra de Mozart Pereira Soares, na qual o autor discute os impactos e desdobramentos do positivismo no estado. SOARES, Mozart Pereira. *O Positivismo no Brasil. 200 anos de Augusto Comte*. Porto Alegre: AGE Editora/UFRGS, 1998. p.126-177.

Num segundo momento – a partir do final do século XX –, no entanto, esses símbolos construídos sofrerão grandes transformações, em decorrência de novas abordagens propostas para o tema. Isso pode ser constatado especialmente em relação à Jacobina, que teve seu nome dado a alguns lugares da cidade, apontando não só para a sua valorização enquanto personagem ligada ao conflito Mucker como para um processo de naturalização do movimento anteriormente condenado pela comunidade.

O monumento erguido na praça⁴⁰¹, localizada na Avenida João Corrêa, num dos acessos principais da cidade e construído em 2006, por iniciativa do vice-prefeito municipal Fernando da Cunha, para homenagear Jacobina Mentz Maurer, comprova a afirmação que fizemos acima.



⁴⁰¹ A praça na qual se encontra o monumento construído em homenagem à Jacobina não tem nome, sendo conhecida atualmente pelos moradores de Sapiranga como a “praça da Jacobina.”

O perfil idealizado para Jacobina por Fernando Cunha⁴⁰², e que foi executado pela empresa porto-alegrense contratada, é o de uma mulher de estatura mediana, com cabelos longos e presos, e com uma expressão bastante séria. Usando um vestido longo e de manga comprida, Jacobina é retratada segurando uma Bíblia com as duas mãos. Embora reconheçamos a importância do monumento para a difusão de uma imagem mais positiva de Jacobina, não podemos deixar de registrar a preocupação em vincular sua imagem à de uma religiosa. Segundo o vice-prefeito, Fernando Cunha, houve a preocupação em associar Jacobina à mulher colona do século XIX, devotada à vida religiosa.⁴⁰³



⁴⁰² Fernando Cunha foi vice-prefeito de Sapiiranga no período de 2005 a 2006.

⁴⁰³ De acordo com o vice-prefeito municipal, Fernando Cunha, “a cidade devia esta homenagem à Jacobina”, já que Sapiiranga possuía apenas um monumento alusivo ao episódio dos Mucker que homenageava o Coronel Genuíno Sampaio. Segundo ele, Jacobina representava os verdadeiros ideais de que os sapiiranguenses deveriam se orgulhar, tais como a religiosidade e a preocupação com a coletividade.

Na base do monumento, encontramos uma inscrição com um breve perfil biográfico⁴⁰⁴ de Jacobina:

Filha de imigrantes alemães, Jacobina Mentz Maurer nasceu em Hamburgo Velho, em junho de 1842. Desde criança recebeu forte educação religiosa por parte dos pais André Mentz e Maria Elisabeth Muller.

Jacobina casou-se com João Jorge Maurer no ano de 1866, fixando residência um ano mais tarde nas terras localizadas ao pé do morro Ferrabraz (atual campo de pouso das asas-deltas), onde tiveram seis filhos. A partir de 1868 o casal Maurer passou a receber, em sua casa, pessoas que buscavam ajuda.

Ao lado do marido João Jorge Maurer, que tratava das pessoas dentes, Jacobina desempenhou seu papel de pregadora das palavras da Bíblia, lida em alemão. Porém, seu papel de orientadora religiosa, despertou a atenção dos moradores e das autoridades, que entenderam suas práticas religiosas como ameaçadoras.

Como resultado da perseguição ao seu grupo, denominado de “Mucker”, Jacobina foi morta em 02 de agosto nas matas do Ferrabraz, no local indicado atualmente pela “Cruz de Jacobina”.

Acreditamos que o monumento construído em homenagem à Jacobina Mentz Maurer, em 2006, insere-se num novo contexto, no qual os Mucker e o episódio do Ferrabraz foram alvos de uma reavaliação, considerada necessária para a promoção do turismo local. Inserindo-se também nesse momento, destacamos o lançamento do filme *A Paixão de Jacobina*, ocorrido em 2002, que sinaliza para esta reorientação da *celebração da história* até então vigente.

Localizado num lugar de destaque à entrada da cidade, o monumento construído em homenagem à Jacobina representa a intenção da administração municipal de difusão de uma imagem positiva de Jacobina. A Jacobina do passado – que foi alvo de críticas e de condenação – ressurgiu na atualidade como um dos símbolos mais representativos do município, servindo de exemplo a orientar os sapiranguenses.

Monumento idealizado e executado pela administração municipal, ele se propunha a apresentar Jacobina como exemplo de luta pelas causas sociais e exemplo de mulher⁴⁰⁵. No

⁴⁰⁴ O perfil biográfico que consta na inscrição da base do monumento foi redigido pelo autor da Tese, que foi convidado pela administração municipal para fazê-lo. Cabe observar que o monumento não foi oficialmente inaugurado, devido à cassação do mandato do prefeito e do vice-prefeito no final de 2006.

⁴⁰⁵ A eleição, em 1988, da prefeita municipal Marlene dos Santos Wingert – que foi a primeira prefeita eleita do Brasil – corrobora essa afirmação. Em função do ineditismo da situação, Sapiranga ganhou repercussão nacional na mídia. Os sapiranguenses estabeleceram, de imediato, uma associação entre a prefeita Marlene Wingert e Jacobina Maurer. Produziu-se e difundiu-se, estrategicamente, um discurso que, ao comparar as atuações dessas duas mulheres em épocas distintas, transformou-as em ícones da história do município, na medida em que ambas defendiam a construção de uma sociedade mais igualitária.

início do século XXI, constata-se que Jacobina transformou-se em personagem de destaque na e para a cidade. E, mais do que isso, em possibilidade de projeção do município no cenário nacional, garantindo o desenvolvimento econômico de Sapiranga, através do incremento do turismo, aspecto observado na criação dos *Caminhos de Jacobina*.

O imaginário, vale lembrar, tem como um de seus pontos de referência – e de lembrança – os *lugares de memória*, na expressão de Pierre Nora, para quem *a memória pendura-se em lugares assim como a história em acontecimentos*⁴⁰⁶. Acreditamos que a sepultura do Cemitério do Amaral Ribeiro, a cruz e o monumento de Jacobina, assim como o monumento de Genuíno Sampaio desempenham, enquanto *lugares de memória*, papel fundamental no processo de construção do imaginário sobre os Mucker.

O historiador José Newton Coelho Meneses, referindo-se ao papel desempenhado pelos monumentos, ressalta que *busca[m] tornar viva a memória de algo importante e identitário socialmente. Nesse caso, ele[s] tem, necessariamente, como mediadores a memória construída e a história*⁴⁰⁷.

Os lugares de memória sobre os Mucker – espalhados pela cidade de Sapiranga e arredores – constituem-se, dessa forma, em materializações dos sentimentos e dos interesses predominantes em cada época. Sentimentos e interesses que acabaram por determinar a condenação ou a celebração, a memória ou o esquecimento do episódio e de seus personagens.

3.2 A ESCOLA, O CLUBE E O CTG: ESPAÇOS SOCIAIS DE FORMAÇÃO E DE DIFUSÃO DE UMA MEMÓRIA

A situação em que se encontrava Sapiranga no início do século XX contrastava com aquela vivida logo após o desfecho do conflito, no final do século XIX. Como já referido

⁴⁰⁶ NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n°10, dez. 1993. [Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Departamento de História PUCSP] p. 25.

⁴⁰⁷ MENESES, José Newton Coelho. *História e Turismo Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 31.

anteriormente, o trem – símbolo da modernidade para Sapiranga⁴⁰⁸ – veio transformar radicalmente a situação de isolamento até então existente.

Deve-se ressaltar, no entanto, que não foi o isolamento geográfico, mas o de caráter social⁴⁰⁹ que causou o conflito no final do século XIX, provocando a preocupação das autoridades políticas e policiais da região. Nas primeiras décadas do século XX, contudo, os moradores de Sapiranga estavam preocupados com a urbanização e a diversificação das suas atividades econômicas.

Sapiranga vivenciou um processo intenso de transformações nas primeiras três décadas do século XX, em função da urbanização e da introdução de formas de sociabilidade tipicamente urbanas, tais como os passeios na praça, o comparecimento aos cultos e missas aos domingos e a participação nos clubes sociais.

A esse contexto de urbanização e de transformações da vida social dos sapiranguenses somaram-se as transformações políticas do cenário nacional⁴¹⁰ que repercutiram de forma significativa em Sapiranga. Os valores nacionais, entendidos por muitos de seus moradores como “valores dos brasileiros”⁴¹¹, foram rejeitados. Isso não impediu, no entanto, que se

⁴⁰⁸ Quando nos referimos a Sapiranga no final do século XIX e início do século XX, não desconsideramos o fato de que a localidade ainda estava vinculada politicamente a São Leopoldo. A emancipação política se concretizaria somente em 1955.

⁴⁰⁹ Esta tese é defendida pela historiadora Janaína Amado, que afirma que uma das principais causas do conflito Mucker foi o isolamento social em que se encontravam os colonos do Ferrabraz e não a distância geográfica que os separava dos moradores do centro da Colônia Alemã de São Leopoldo. AMADO, Janaina. *Conflito Social no Brasil: A Revolta dos Mucker*. São Paulo: Símbolo, 1978.

⁴¹⁰ As décadas de 1930 e 1940 foram bastante tumultuadas em nível nacional. Com a Revolução de 1930 e a subida de Getúlio Vargas ao poder presidencial, uma série de mudanças ocorreram. Dentro desse processo, destacamos a nacionalização instituída pelo Estado Novo (1937-1945), através do qual se deu início a um forte controle sobre as populações imigrantes no Brasil. Mais precisamente no sul do Brasil, na área de imigração alemã observamos o rígido controle sobre as pessoas que falavam a língua alemã e que cultuavam suas tradições culturais imigrantes.

⁴¹¹ Empregamos essa expressão para identificar a forma como muitos moradores de Sapiranga, com ascendência alemã, referiam-se à cultura nacional. Para estes, sua cultura estava diretamente relacionada com a cultura trazida pelos imigrantes alemães. Suas manifestações culturais englobavam desde as danças, música, comidas típicas e também a fala da língua alemã. Sobre essa questão da nacionalidade, Lúcia Lippi Oliveira afirma que: “No Brasil, as mudanças acontecidas na chamada Era Vargas cuidaram de organizar os trabalhadores e procuraram fazê-los participar da sociedade a partir do mundo do trabalho, da carteira profissional, da organização sindical, do Ministério do Trabalho. Por outro lado, foi nesse tempo que se criou uma identidade simbólica/cultural através de festas cívicas, de feriados, assim como do rádio, do cinema, da propaganda e de biografias do líder maior, Getúlio Vargas”. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e hoje. In: PESA VENTO, Sandra Jatahy (org.). *História cultural. Experiências de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 67-68.

observasse em Sapiranga uma mudança significativa na denominação de instituições, bem como no controle exercido por parte das autoridades policiais, sobre as manifestações culturais e sobre os próprios hábitos cotidianos da população.

Inserida no contexto nacional de transformações políticas (em especial, a campanha da nacionalização de Getúlio Vargas da década de 1930), a comunidade sapiranguense elegeu o Coronel Genuíno Sampaio como símbolo de manifestação de seu patriotismo.

A campanha de nacionalização teve maior impacto nas áreas de imigração, como é o caso de Sapiranga, percebida como uma “ameaça” à cultura nacional pela presença expressiva de descendentes de imigrantes alemães, que se viram obrigados a incorporar em suas tradições a cultura entendida como nacional. A comunidade, então, procurou valorizar os símbolos da nação, em detrimento da cultura local, herdada de seus antepassados.

Dentre os mais destacáveis efeitos da campanha de nacionalização, temos a proibição da expressão em língua alemã, bem como a incineração dos livros em língua alemã, muitos deles encontrados na Biblioteca da Sociedade de Canto⁴¹² que, nesse momento, sofreria a forte atuação do Estado. Dada a necessidade de construção de uma nova identidade cultural para Sapiranga, a comunidade procurou exemplos de cidadania e patriotismo na sua própria história.

Nesse ambiente, no qual identificamos muitas transformações, observamos a lenta reorganização da vida social. Cabe lembrar que o associativismo em Sapiranga se deu de forma muito mais lenta do que em outras áreas da região, fato atribuído por muitos ao conflito Mucker, que teria provocado o imobilismo social pelo medo e pânico provocados na comunidade.

Nessa interpretação, a vida social em Sapiranga havia sido interrompida pelo conflito, sendo retomada somente na passagem do século XIX para o século XX, por intermédio de

⁴¹² *Gesangverein Sangerkranz* era a denominação original da Sociedade de Canto. Porém, com a instalação do Estado Novo, em 1937, o Estado proibiu a utilização do nome estrangeiro para o clube, que passou a se chamar Clube 19 de Julho em alusão à data de sua inauguração. O nome encontrado na fachada do prédio, localizado na Avenida João Corrêa, a principal de Sapiranga, teve que ser trocado pelo nome em português.

Wilhelm Rotermund e da publicação dos *Kalender* (almanaques)⁴¹³. No início do século XX, imbuídos de novos ideais e influenciados pelo clima de prosperidade econômica, os sapiranguenses procuraram se organizar em sociedades de cunho sócio-cultural, voltadas para as atividades culturais, especialmente, o canto em alemão e as atividades festivas e esportivas.

É nesse contexto do final do século XIX e início do século XX que surge, em 1901, a Sociedade de Canto “Coroa de Cantores”, o *Gesangverein Sangerkranz*, atual Clube 19 de Julho.

Chamamos a atenção para a data em que foi fundado o *Gesangverein Sangerkranz*, dia 19 de julho de 1901, dia e mães em que a casa de Jacobina e de João Jorge Maurer foi destruída pelas forças imperiais no Ferrabraz. Cremos existir aí bem mais que uma simples coincidência, já que esta data era bastante significativa para a comunidade, por representar a data em que a “fortaleza do Ferrabraz” foi destruída.

Embora não tenhamos fontes documentais ou testemunhos orais para corroborar nossa hipótese, impõe-se a possibilidade de vincularmos as duas datas do dia 19 de julho, a de 1874 e a de 1901. Não seria essa segunda data uma forma simbólica de rememorar a primeira? Cabe lembrar que a idéia de refundação da comunidade fazia-se muito presente no momento e a ocasião poderia ter servido para marc-la simbolicamente.⁴¹⁴

O *Gesangverein Sangerkranz* motivou os moradores de Sapiranga a criarem, em 1905, a Sociedade Ginástica e, em 1910, a organizarem a biblioteca do *Sangerkranz*. Já em 1915, seria aberto o departamento de teatro vinculado à Sociedade, coroando um período de intensas mudanças no plano sociocultural. A vida comunitária ganhava um novo ânimo, através de bailes, festas de igreja, apresentações artísticas e campeonatos de esportes.

⁴¹³ Destacamos a importância desses almanaques, que eram vendidos por preços mdicos nas comunidades e assim se transformaram num veículo de cultura entre as populações da região colonial alemã.

⁴¹⁴ Chamou-nos a atenção, também, que na Ata de Fundação da Sociedade de Canto consta o nome de João Lehn (possivelmente, o filho do chefe de quarteirão João Lehn que tinha o mesmo nome do pai). Essa informação relativiza a hipótese de que o Clube contava entre seus membros, quase que exclusivamente, pessoas não simpatizantes dos Mucker.

Nessa nova sociedade, de feição nitidamente urbana, foram mantidos, no entanto, rígidos padrões de comportamento social. Fernandes Magalhães descreve a organização das festas promovidas pela Sociedade de Canto:

Havia a comissão de ordem que cuidava para que todos se portassem adequadamente no salão, formada pelos membros da diretoria. **Para aqueles comportamentos indecorosos, os membros da comissão circulavam pelo salão com cartões de advertência no bolso.** Havia uma tolerância de dois cartões e no terceiro o rapaz era convidado a se retirar. O cartão colocado no bolso do moço dizia: 1º cartão: cuidado, você está se portando mal!; 2º cartão: na próxima vez você será chamado à secretária; 3º cartão: favor comparecer à secretaria.

(...)

Entre os casos de retirada de jovens do salão foram lembrados **quatro rapazes de Novo Hamburgo que vieram a um baile e convidaram apenas mulheres casadas para dançar. A comissão tolerou, porém como continuavam a insistir, retiraram os quatro do salão, deram uma surra na rua, colocaram num carro e os levaram até a divisa com Campo Bom.** Enquanto isso, intimidaram os quatro a não retornarem porque não seriam tolerados e receberiam uma nova surra. Outro caso lembrado foi aquele em que o **Senhor Alfredo Sperb suspendeu o namorado da filha por trinta dias por ter dado um beijo na moça dentro do salão**.⁴¹⁵

Na descrição acima, observamos como havia, de parte da comunidade, a preocupação em manter a ordem e a observância dos bons costumes. Os responsáveis pela organização das festas previam que qualquer tipo de desregramento deveria ser combatido e punido de forma exemplar. Vale ressaltar que os códigos de comportamento definidos pelos festeiros, mais do que revelar os padrões existentes à época, revelam-nos quais eram os desvios morais e de comportamento mais frequentes nesta sociedade.

No início do século XX, o passado Mucker parecia tornar-se algo cada vez mais distante da realidade vivida pelos moradores de Sapiranga. Por outro lado, os que haviam vivido aquela época pareciam não querer apagar os Mucker de sua memória.

O distanciamento em relação ao passado e à imagem negativa do Mucker foi acompanhado de uma série de iniciativas da comunidade. Dentre elas, destacamos a instalação da primeira escola de Sapiranga. Nascida ainda nos primórdios da colonização alemã em Sapiranga, a escola se mantém em funcionamento atualmente com a denominação de “Centro Sinodal de Ensino Médio de Sapiranga”⁴¹⁶.

⁴¹⁵ MAGALHÃES, Dóris Rejane Fernandes. *Reconstruindo a história do Clube 19 de Julho*. Porto Alegre: Edições Renascença. s/d, p. 45 (grifos nossos).

⁴¹⁶ Atualmente o “Centro Sinodal de Ensino Médio de Sapiranga” é formado por duas Unidades de Ensino: “Unidade de Ensino Duque de Caxias” e “Unidade de Educação Infantil”. A “Unidade de Ensino Duque de

Segundo o relatório de 1º de janeiro de 1850, do diretor da Colônia Alemã de São Leopoldo, Dr. Johann Daniel Hillebrand, funcionava, então, em Sapiranga, uma escola que contava com apenas um professor e 31 alunos. Este foi o início dos trabalhos da escola, cujo ano letivo iniciou em data imprecisa, no ano de 1850. O primeiro professor de quem se tem informação foi João Jorge Klein, cunhado de Jacobina Mentz Maurer, a suposta líder dos Mucker. Ao que tudo indica, Klein teria desempenhado as atividades de professor, além das de pastor-colono, em virtude da inexistência de pastores com formação teológica para atuar na região colonial⁴¹⁷.

Como seu sucessor, teria assumido, em data imprecisa, o pastor Friedrich Wilhelm Fürchtegott Boeber⁴¹⁸, comumente chamado de pastor Boeber. Este teria passado a exercer a função de pastor e professor da escola local, quando Klein foi preso pelo seu envolvimento com os Mucker.

Esta foi também a escola freqüentada pelos filhos dos adeptos de Jacobina. As crianças, porém, foram retiradas da escola, assim que se iniciaram os ataques e as perseguições às famílias adeptas de Jacobina. Outra razão para seu afastamento foi a de terem passado a ser alvo de perseguição e deboche por parte de seus colegas dos pais que eram contrários às práticas de culto e de cura de Jacobina Maurer.

Boeber foi o primeiro professor com formação em magistério que atuou em Sapiranga. Acumulando atividades, Boeber precisou contar com o auxílio de vários professores durante

Caxias” ainda funciona no prédio construído por volta de 1880, contando atualmente com várias ampliações e melhorias.

⁴¹⁷ A existência de pastores-colonos e professores-colonos era comum na área de imigração alemã, em decorrência da inexistência de pessoas com formação teológica ou de magistério. Na maioria dos casos, o pastor e o professor eram a mesma pessoa, agregando ambas as atividades na comunidade.

⁴¹⁸ É atribuído ao pastor Boeber a difusão do termo “Mucker” (com significado de beatos e fanáticos religiosos). Este teria sido empregado por Boeber para se referir às reuniões lideradas por Jacobina no Ferrabraz. Boeber é também considerado um dos principais responsáveis pelo sentimento de rejeição da comunidade em relação aos Mucker. Segundo Leopoldo Petry este utiliza seus cultos para fazer propaganda contrária ao grupo que se encontrava no Ferrabraz.

esse período⁴¹⁹. Com sua saída, em março de 1873, o pastor de Dois Irmãos, Pastor Brutschin, assumiu a comunidade interinamente.

Após o desfecho do conflito Mucker, o pastor Caspar Schmierer assumiu como pároco da Comunidade Evangélica e também como diretor da escola. Durante sua administração foi construído, por volta de 1880, o prédio da escola que está localizado na atual Avenida João Corrêa, no centro da cidade. Após esse período, vários pastores assumiram a paróquia e, conseqüentemente, as atividades na escola⁴²⁰.

Em agosto de 1924, assumiu a paróquia o pastor Wilhelm Bartelt⁴²¹, ficando no cargo apenas até 15 de agosto de 1925. Nesse mesmo ano da chegada do novo pastor, comemorou-se no Rio Grande do Sul o Centenário da Imigração alemã. Os festejos em Sapiranga parecem ter se revestido de um outro significado, que fica evidenciado na descrição abaixo:

O centenário da Imigração Alemã, 25 de julho de 1924, foi festejado em todo o Estado por iniciativa e recomendação do Sínodo Rio-Grandense, e começou com o repicar dos sinos nas igrejas evangélicas. Os festejos realizaram-se, em virtude de condições climáticas, mas favoráveis, somente em setembro. **As festividades em Sapiranga aconteceram no dia 27 de setembro e obedeceram, em geral, ao programa do Centenário da Independência, com a única diferença que a característica germânica foi colocada em evidência.** O local dos festejos foi instalado na praça de esportes no lote do Sr. Balduino Hinkel. Após a passeata, apesar do mau tempo, pelas principais ruas da vila, escolas, Sociedades de Canto, e a população reuniu-se na praça de esportes para a celebração de um culto oficiado pelo pastor Wilhelm Bartelt. **Seguiram-se diversões populares, apresentações artísticas musicais por alunos e Sociedades de Canto e discursos em português e alemão.** Os festejos encerraram-se com a demonstração de fogos de artifício. **O centenário da Imigração Alemã coincidiu também com o cinquentenário do término da revolta dos Mucker (02/08/1874)**⁴²².

As comemorações do centenário da Imigração alemã realizadas em Sapiranga contaram com o empenho de toda a comunidade. De acordo com Fleck, as atividades realizadas seguiram a programação das comemorações realizadas no Centenário da

⁴¹⁹ Não temos informações sobre os professores que desempenharam suas atividades em Sapiranga nesse período. Sabemos, no entanto, que a troca destes era freqüente, em função de suas transferências para outros locais.

⁴²⁰ Entre os pastores que desempenharam suas funções na escola, destacamos a presença de Theophil Dietschi, Wilhelm Bartelt, Hugo Heinrich Freisslich e Johann Georg Holder.

⁴²¹ Através das “Crônicas da Comunidade Evangélica”, escritas pelo pastor Wilhelm Bartelt, temos acesso a vários acontecimentos ocorridos durante sua atuação em Sapiranga, bem como a própria forma como este entendia o conflito Mucker e seus envolvidos. Ele aponta o conflito como resultado da ignorância e da falta de esclarecimento das pessoas que teriam se deixado enganar por Jacobina e seu grupo.

⁴²² FLECK, Lucio. *Sereis minhas testemunhas*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2001. p. 114.

Independência, celebrado em 1922, o que parece apontar para a preocupação da comunidade em se mostrar parte integrante da nação brasileira. Estes eram, etnicamente alemães, porém, acima de tudo, cidadãos brasileiros.

Interessa-nos, especialmente, explorar a coincidência mencionada por Fleck e desvendar a possível relação entre as festividades realizadas para comemorar o centenário da imigração e o cinquentenário do conflito Mucker. Afinal, o conflito havia marcado de forma decisiva a história da imigração em Sapiranga e, vale lembrar, os Mucker eram tidos como uma mancha no passado de Sapiranga nesse período.

Passados 50 anos do final do conflito, era chegado o momento de comemorar o seu desfecho e mostrar para a comunidade a superação daquele período de tanto fanatismo e atrocidades. A imagem negativa sobre os Mucker continuava bastante presente entre os moradores de Sapiranga nas primeiras décadas do século XX.

As comemorações realizadas em 1924 possuíram, em função disso, um grande significado. Ao mesmo tempo em que se buscava celebrar o Centenário da Imigração alemã, rememorava-se o conflito Mucker. Enquanto a celebração da imigração alemã reforçava o sentimento de orgulho étnico dos sapiranguenses, o episódio dos Mucker era lembrado a partir da derrota imposta por Genuíno Sampaio aos fanáticos do Ferrabraz.

Em 1925, o primeiro professor leigo foi contratado para atuar na escola, o Sr. Homero Dias Cardoso, formado pelo “Evangelisches Lehrerseminar” (Seminário Evangélico de Professores de Taquari)⁴²³ e que dominava os idiomas português e alemão⁴²⁴.

As relações da comunidade tipicamente alemã com os luso-brasileiros estreitavam-se cada vez mais, em razão da diversificação das atividades econômicas que se desenvolviam com as cidades da região. Por essa razão, o professor Homero Dias Cardoso teve a tarefa de

⁴²³ Atualmente, essa escola funciona no município de Ivoti - RS, com a denominação de IEI – Instituto de Educação Ivoti.

⁴²⁴ Observamos que até então as aulas na escola eram ministradas apenas em língua alemã. A partir de 1925, os professores que lecionavam na *Deutsche Evangelische Vereinsschule Sapyranga* precisavam, necessariamente, dominar tanto o idioma português quanto o alemão.

ensinar aos alunos a língua portuguesa, para que assim pudessem se integrar na sociedade em transformação do início do século XX em Sapiranga⁴²⁵.

Os anos se passaram e muitos outros professores assumiram a tarefa de ensinar na comunidade, bem como vários outros pastores chegaram a Sapiranga com a tarefa de administrar a escola. Como parte das transformações, observamos a mudança do nome da escola, que antes se chamava “Deutsch Evangelische Vereinsschule de Sapiranga”. Em virtude da implantação do Estado Novo, durante o governo Vargas, a escola precisou alterar sua antiga denominação e passou a se chamar “Escola Duque de Caxias”⁴²⁶.

Deve-se ressaltar que a Escola Duque de Caxias desempenhou um importante papel na comunidade sapiranguense, especialmente no período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX, quando era a única instituição de ensino de Sapiranga. Além de sua função primordial, a escola transmitia, também, através de seus professores valores religiosos e formas de comportamento social.

Uma vez que as sociedades de canto e as escolas se constituem em espaços da vida em comunidade, consideramos importante avaliar de que forma contribuíram para a construção e difusão de representações sociais sobre os Mucker. Foi também na década de 1930 que se deu a criação e a inauguração do atual Instituto Estadual Coronel Genuíno Sampaio, localizado na área central de Sapiranga, que desempenha até os dias atuais importante papel educacional na cidade. Foi também nessa escola que muitas das personalidades que marcaram presença na vida pública de Sapiranga estudaram.

O Instituto Coronel Genuíno Sampaio tem sua criação em 10 de fevereiro de 1934 como Grupo Escolar de Sapiranga. Porém, em 27 de agosto de 1937, a escola foi batizada de Grupo Escolar Coronel Genuíno Sampaio. A nova denominação da principal escola pública

⁴²⁵ É importante lembrar que Getúlio Vargas promulgou, em 1938, a lei que limitava o ensino da língua alemã a apenas uma hora/aula por dia. No ano seguinte, seria promulgada a lei que proibia terminantemente o ensino da língua alemã no país. Com isso, as escolas passaram por todo um processo de reformulação, proibindo que estrangeiros assumissem a direção das escolas.

⁴²⁶ Digna de menção foi a atuação do professor Lucio Fleck como professor e diretor da escola durante 33 anos. Entre 1951 e 1983, Fleck acompanhou uma série de transformações na escola, que por sua vez refletiam as mudanças que a sociedade sapiranguense também passava.

de Sapiranga foi realizada através do Decreto nº 6702 de 27 de agosto de 1937, assinado por José Antônio Flores da Cunha⁴²⁷:

Dá denominação ao Grupo Escolar de Sapyranga, município de São Leopoldo.

O governador do Estado do Rio Grande do Sul:

Considerando a conveniência de dar denominação aos estabelecimentos públicos de ensino:

Considerando que taes denominações devem, de preferência, perpetuar nomes de personalidades ligadas ao desenvolvimento histórico ou educacional do Rio Grande.

Considerando finalmente que o Cel. Genuíno Sampaio, bravo oficial do Exército, prestou relevantes serviços à Pátria, pela qual succumbia (sic) em combate, resolve, no uso das suas atribuições, que lhe são conferidas pela Constituição. Artigo 62. nº 3, dar ao Grupo Escolar de Sapyranga, município de São Leopoldo, a denominação de Grupo Escolar “Coronel Genuíno Sampaio”.

Facem-se (sic) as necessárias comunicações.

Palácio do Governo, em Porto Alegre, 27 de agosto de 1937.

José Antônio Flores da Cunha.

O decreto de 1937 oficializava a denominação da escola, que se tornava, dessa forma, mais um importante, diretamente associado aos Mucker. A denominação dada à escola, que perpetuava a memória de Genuíno Sampaio, cumpria o papel de consagrar o coronel Genuíno como herói do conflito.

Os próprios termos empregados no decreto revelam os objetivos que se faziam presentes. Procurava-se homenagear o coronel Genuíno Sampaio em função de seus atos de bravura no combate aos Mucker e exaltar suas qualidades morais e seus serviços prestados à pátria. Fato que merece ser lembrado é o de que o autor do decreto de nomeação da escola foi um militar, Flores da Cunha, que através do ato oficial procurou destacar as ações dos militares em defesa da ordem pública.

⁴²⁷ O General Honorário Dr. José Antônio Flores da Cunha governou o Rio Grande do Sul interinamente. De acordo com Amyr Borges Fortes, Flores da Cunha contrariava os interesses do presidente Getúlio Vargas, sendo inclusive ameaçado de impedimento pela Assembléia Legislativa do Estado, o que o levou à renúncia em 19 de outubro de 1937. FORTES, Amyr Borges. *Compêndio de História do Rio Grande do Sul*. 6ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1981. p. 166.



Valendo-nos de uma coleção de documentos referentes à criação desse estabelecimento de ensino, procuramos desvendar a vinculação existente entre a denominação e a história do conflito Mucker. Não restam dúvidas quanto aos interesses presentes na década de 1930, que acabaram sendo responsáveis pela denominação dada à escola.

Associado ao ato oficial assinado pelo governador Flores da Cunha, há o contexto local, em que as idéias contrárias aos Mucker faziam-se ainda bastante presentes. Embora não tenhamos fontes que confirmem essa afirmação, acreditamos que o decreto foi, em grande parte, uma resposta aos interesses da comunidade sapiranguense, que tinha Genuíno Sampaio como herói do conflito. Aventamos ainda a hipótese de Flores da Cunha ter sido influenciado por moradores da comunidade, que poderiam ter indicado Genuíno Sampaio como personalidade para a denominação a ser dada à escola.

Reforçando a idéia de que a comunidade, assim como as pessoas ligadas diretamente à escola, tinham Genuíno Sampaio como a representação do herói⁴²⁸ do conflito, encontramos nos documentos que constituem o arquivo da escola um breve histórico que afirma: “O

⁴²⁸ Através da referência feita na fachada da escola, no logotipo da escola, que está impresso em todos os documentos da escola e também no uniforme dos alunos – que é de uso obrigatório – Genuíno Sampaio tem seu nome destacado e difundido na comunidade sapiranguense.

patrono da Escola ‘Coronel Genuíno Sampaio’ foi um militar que tombou no combate aos Muckers em 1874. Sapiranga, prestando-lhe homenagem, deu à Escola seu nome’⁴²⁹.

Como fica evidenciado, o coronel Genuíno era, na compreensão da comunidade escolar, o responsável pelo apaziguamento da localidade, que havia sido abalada pelos Mucker. Desta forma, a escola foi entendida como uma forma de prestar uma homenagem ao heroísmo e um tributo de gratidão a Genuíno Sampaio pelos moradores de Sapiranga.

Essa afirmação é também respaldada por uma breve biografia⁴³⁰ do coronel, encontrada na escola e intitulada *Biografia – Genuíno Olympio Sampaio*. Nela é apresentada uma versão do conflito, que aponta Genuíno como responsável pela defesa dos interesses dos moradores de Sapiranga:

Como Plácido de Castro, que teve tanta ocasião gloriosa de morrer e foi também assassinado por meia dúzia de sicários, assim Genuíno Sampaio – cadete da Sabinada, alferes da Guerra dos Farrapos, tenente da Revolta Praieira, capitão da Guerra de Oribe e Rosas e tenente-coronel da Campanha do Paraguai – foi terminar seus dias ingloriosamente, no morro Ferrabrás, atingido por uma bala perdida, após ter esmagado a injustificável rebelião religiosa dos Muckers.⁴³¹

Nessa biografia de Genuíno, percebe-se a intenção da construção da representação do grande herói, que deu sua vida em nome da pátria, cujo civismo é reafirmado na seguinte passagem: *Perdera, realmente, a Pátria um grande cidadão e uma excelente servidor*⁴³².

As virtudes do coronel foram bastante exploradas pela comunidade escolar, que procurou enaltecer e legitimar, diante da comunidade sapiranguense, o caráter do coronel. A imagem de um Genuíno herói, construída no final do século XIX será atualizada na década de 1930. Tanto a inauguração do monumento em sua homenagem quanto a denominação da

⁴²⁹ O Histórico da Escola apresenta-se datilografado, não constando a data de sua realização. Pelas características do documento, cujas folhas se encontram já danificadas pela ação do tempo, acreditamos que o mesmo já deva ter várias décadas de existência, não tendo sido reescrito nos últimos anos. O Histórico da Escola não apresenta assinatura, identificando sua autoria, o que nos leva a acreditar que foi uma construção coletiva da comunidade escolar.

⁴³⁰ A biografia do Coronel Genuíno Sampaio está datilografada e constitui-se de 6 páginas de texto, não constando a data de sua elaboração. A biografia tem autor desconhecido, já que não há assinatura ou menção ao autor no exemplar.

⁴³¹ *Biografia - Genuíno Olympio Sampaio. s/d, p. 01.*

⁴³² *Biografia – Genuíno Olympio Sampaio. s/d., p.6.*

escola fizeram parte deste processo em curso na década de 1930 de responsabilizar os Mucker, exclusivamente, pelo conflito.

Interessante observar que a escola cumpriu e cumpre importante papel de difusão dessa percepção e da culpabilização dos Mucker pelo conflito e de seus efeitos sociais.⁴³³ O atual Instituto Estadual Coronel Genuíno Sampaio mantém-se, em razão disso, desempenhando a função de *lugar de memória* sobre os Mucker, ao remeter para o passado e para o desfecho do conflito.

A escola situa-se na área central da cidade e apresenta em sua fachada um mural, intitulado *O Episódio do Ferrabraz*⁴³⁴, que retrata o conflito Mucker, através de pinturas realizadas por vários artistas da própria comunidade. Dividido em vários pequenos painéis, o mural apresenta uma releitura do conflito, a partir dos diferentes olhares dos artistas que foram convidados pela escola a realizar este trabalho em 2001⁴³⁵.

⁴³³ Levanto essa questão tendo em vista que desempenhei atividades de docência nesta escola entre os anos de 1999 e 2001. Neste período, pude constatar, na vivência no ambiente escolar, o quanto essa versão – que apontava os Mucker como culpados – ainda se fazia presente em alguns colegas professores da escola. Para estes, Genuíno havia sido, de fato, o representante da ordem, enquanto os Mucker representavam a desordem.

⁴³⁴ O título dado ao mural realizado na escola é o mesmo da obra de Leopoldo Petry, publicada em 1957. Nela, Petry elabora uma versão que procurava inocentar os Mucker das acusações feitas por Ambrósio Schupp.

⁴³⁵ Em 2001, a escola também promoveu o Seminário *Mucker: Novas abordagens e reflexões*, que propôs a discussão sobre o conflito a partir de diferentes abordagens, e contou com a participação de vários estudiosos sobre o tema.



Se até 2001 encontrávamos, no espaço urbano de Sapiranga, apenas representações que contribuíram para a construção de uma imagem negativa dos Mucker, a partir de então se inicia uma nova fase, que procura retratar os Mucker e, de forma especial, a líder Jacobina, de forma positiva.



As pinturas feitas com tinta e pincel revelam-nos um novo olhar dos artistas locais sobre o episódio do Ferrabraz. Nelas, observa-se não só uma crítica à ação das autoridades como a valorização de Jacobina, a líder dos Mucker, em seu intento de ajudar os colonos da região a superarem suas dificuldades.



A releitura contribuiu de forma decisiva para a construção e difusão de uma nova imagem dos Mucker. Se até então os Mucker eram representados como culpados e vilões – através de monumentos e da denominação de lugares da cidade –, foi a partir desse projeto, idealizado pela escola e executado pelos artistas locais, que percebemos a primeira representação positiva dos Mucker em Sapiranga. Com ela se inauguraria uma nova fase, na qual os Mucker e o conflito seriam reavaliados, tendo em vista, principalmente, o fomento do turismo de caráter histórico-cultural.



Além do clube e da escola, encontramos em Sapiranga, um terceiro *lugar de memória* que também pode ser associado aos Mucker. É o Centro de Tradições Gaúchas – CTG Pedro Serrano –, cuja sede se localiza atualmente em Nova Hartz, município vizinho de Sapiranga.

O CTG foi fundado em 24 de junho de 1952 e teve como primeira sede o prédio localizado na Rua São Pedro, no centro de Sapiranga⁴³⁶.

O primeiro Centro de Tradições Gaúchas de Sapiranga foi denominado de CTG Cabana do Pai João, tendo como seu primeiro patrão o Sr. Odácio Monteiro. O nome dado ao CTG foi uma homenagem feita pelos fundadores da entidade ao morador de Sapiranga João Rodrigues, mas conhecido como Pai João⁴³⁷.

Cabe lembrar que à época, em 1961, havia a proibição da utilização do nome de pessoas vivas para denominar logradouros públicos e entidades. Na sessão da Assembléia Geral Extraordinária, realizada em 12 de abril de 1961, Leopoldo Sefrin se fez presente e explicou aos presentes sobre o novo Decreto promulgado pelo governo. Sefrin alertou os presentes sobre a necessidade de alteração do nome do CTG Cabana do Pai João⁴³⁸. Na mesma ocasião, Sefrin ressaltou que, além das circunstâncias legais que exigiam a alteração do nome do CTG, havia outras razões para a mudança da denominação. Dentre as destacadas por Sefrin, citamos: muitas pessoas confundiam o CTG *Cabana do Pai João* com um centro de macumba ou de espiritismo; a denominação de “cabana” não combinava com as tradições gaúchas, vinculando-se muito mais à tradição literária norte-americana.

Nessa mesma Assembléia do dia 12 de abril de 1961, foi votada e aprovada a mudança da denominação do CTG, tendo sido propostos três novos nomes que foram submetidos à votação: **Pai João, Coronel Genuíno Sampaio e Pedro Serrano**. De um total de 29 votos, Pedro Serrano recebeu 21 votos favoráveis, razão pela qual a entidade que passou a se chamar CTG Pedro Serrano a partir de 1961.

⁴³⁶ A primeira sede do CTG Pedro Serrano localizava-se na Rua São Pedro, a mesma em que se localiza o Instituto Estadual Coronel Genuíno Sampaio. A Rua São Pedro é umas das ruas perpendiculares à Avenida João Corrêa, a principal da cidade de Sapiranga. Portanto, esses dois lugares de memória dos Mucker estavam bastante próximos, na área central da cidade.

⁴³⁷ Lindolfo Dresch, um dos colaboradores e fundadores do CTG, possuía um peão que trabalhava em sua propriedade que se chamava João Rodrigues. Além do apelido de Pai João, era também conhecido como o “preto velho”. A homenagem feita pelos fundadores do CTG a sua pessoa se deu em razão de que Pai João era uma pessoa muito querida pela comunidade sapiranguense, além de ter desempenhado importante papel como colaborador das atividades do CTG.

⁴³⁸ Lembramos que Leopoldo Sefrin era um personagem de destaque no meio social sapiranguense, não apenas por ser responsável pela difusão de seu posicionamento contrário aos Mucker através da imprensa, mas por desempenhar atividade como advogado, prestando seus serviços a instituições e pessoas da cidade.

Chama-nos a atenção a proposição do nome do Coronel Genuíno Sampaio, o que pode atestar a presença de simpatizantes do pensamento contrário aos Mucker. Embora a proposição não tenha obtido os votos necessários para sua aprovação, constatamos que a vitória de Pedro Serrano não deixa de estar associada ao passado Mucker condenado por grande parcela da comunidade sapiranguense. Tanto Genuíno quanto Serrano haviam lutado juntos contra os Mucker e representavam o mesmo lado, o dos que haviam combatido e vencido os Mucker.

Compreendemos que o resgate da atuação e do personagem Pedro Serrano, materializada através da denominação dada ao CTG, significou, no contexto da década de 1960, mais um importante elemento na construção das representações sobre os Mucker⁴³⁹. O CTG Pedro Serrano pode ser entendido, ainda, como mais um *lugar de memória* sobre os Mucker, na medida em que seu nome faz os moradores de Sapiranga lembrarem sua atuação no episódio do Ferrabraz⁴⁴⁰.

Como fica claro na transcrição abaixo, a escolha de Pedro Serrano para denominar o CTG não se deu de forma aleatória ou desinteressada⁴⁴¹, devendo ser entendida como uma homenagem a ele prestada:

Por que o nome Pedro Serrano?
Pela década de 1800, havia se estabelecido em Sapiranga, um fazendeiro que veio da serra e que chamava-se Pedro Schmidt, vulgo Pedro Serrano.
Este homem possuía um armazém aqui em Sapiranga e era conhecido por todos, pois abastecia, com suas mercadorias, toda a comunidade e também os “Muckers”. Ele trazia gado de São Francisco de Paula, para o abate aqui em Sapiranga.

⁴³⁹ Nas décadas de 1950 e 1960, encontramos a construção e difusão das representações negativas sobre os Mucker na imprensa sapiranguense, o que, conforme já analisamos, contribuiu de forma significativa para a construção dos imaginários que apontavam os Mucker como culpados pelo conflito, ao mesmo tempo em que enalteciam a imagem de Genuíno Sampaio e Pedro Serrano como líderes que combateram os Mucker.

⁴⁴⁰ Pedro Schmidt, mais conhecido como Pedro Serrano, era morador de Sapiranga e possuía uma venda localizada em frente do local onde se estabeleceram as tropas comandadas pelo Coronel Genuíno Sampaio. Serrano era conhecido também como um grande tropeiro, que levava gado para os Campos de Cima da Serra, onde também possuía uma propriedade rural, no atual município de São José dos Ausentes. É apontado como um dos principais responsáveis pela vitória das forças imperiais contra os Mucker, uma vez que desempenhou a função de líder das tropas contrárias aos Mucker. Conforme pudemos observar e expor no capítulo 2, na maioria das vezes, Serrano foi representado como herói do conflito, tendo prestado importantes serviços à pátria.

⁴⁴¹ Fernanda Oliveira da Conceição – 1ª Prenda do CTG Pedro Serrano na gestão 1998/1999 – é autora de trabalho de referência sobre a história do CTG Pedro Serrano, tendo sido apresentado durante a VII Ronda Jovem da 30ª RT, no CTG Serigote, em Estância Velha - RS, no dia 19 de março de 1999. Importante ressaltar que o trabalho é distribuído pelo CTG como forma de divulgação da história da entidade.

No ano de 1870, já havia uma grande revolta entre os colonos e os Mucker, que eram seguidores da seita de Jacobina Maurer. Esta seita já havia separado muitos casais, os colonos estavam por demais aborrecidos com tudo aquilo, pois os que não seguiam a seita eram ameaçados e perseguidos.

Certo dia, Pedro Serrano vinha vindo de sua fazenda com uma tropa de gado, quando **viu que os Muckers estavam invadindo as casas dos colonos e colocando fogo nelas. Neste momento, ele largou o gado, saiu a avisar os colonos e, à cavalo, foi até São Leopoldo chamar o delegado** para que enviasse soldados para combater o ataque dos Muckers.

Assim, **muitas pessoas ficaram agraciadas com a atitude de Pedro Serrano, pois com sua ação, ele salvou muita gente de um grande ataque dos Muckers.**

Pedro Serrano tinha mania de usar bota e tamanco. Um certo dia era bota no pé direito, tamanco no pé esquerdo, e assim, vice-versa.

Dessa forma, **por causa da coragem e da virtude deste homem, que foi escolhido o seu nome como sendo o do CTG Pedro Serrano.**

O que não pode deixar de ser relatado, é que o emblema Pedro Serrano, o símbolo do nosso CTG não é exatamente o Pedro Serrano, mas sim uma junção do alemão Pedro Schmidt, com o negro Pai João⁴⁴².

Como evidenciado, Pedro Serrano foi a personalidade escolhida por seus atos de bravura no combate aos Mucker e por sua contribuição para o desenvolvimento de Sapiranga. O sentimento de gratidão da comunidade sapiranguense resultou na homenagem prestada pelo CTG e contribuiu para que seus feitos não caíssem no esquecimento.

Apesar de ter sido criado em 1952, o CTG teve seu primeiro Estatuto aprovado apenas em 21 de abril de 1961. Nele encontramos referência o ato de sua criação:

Art 1º - O Centro de Tradições Gaúchas Pedro Serrano, fundado em 24 de junho de 1952 com sede e foro na cidade de Sapiranga, Estado do Rio Grande do Sul, é uma entidade social que tem por finalidade fundamental:

1 – Cultuar as tradições do Rio Grande, suas lendas, músicas, canções, costumes, etc.

2 – Divulgar a sua ação tradicional pelos municípios e estados vizinhos (sic) e sempre que possível por todo o território nacional dentro dos mais legítimos princípios de brasilidade, propugnando assim por uma sempre maior evolução moral e cultural da terra gaúcha.

3 – Congregar em seu seio, elementos que estejam dispostos a cultivar e conservar com pendor, as tradições gauchescas, a fim de que sejam evidenciados de pessoas de bons costumes moral e social.

4 – Realizar na época do aniversário do CTG, em cada ano, mediante programação organizada previamente pela Diretoria, festas tipicamente regionalistas.

5 – Promover através de seu Departamento Artístico Cultural:

a) reuniões cívicas nas grandes datas nacionais, estaduais e municipais;

b) artístico-culturais quando oportuno e a critério da Diretoria.

6 – Cooperar com as autoridades em todos os movimentos de brasilidade.

7 – Respeitar as instituições federais, estaduais e a Lei Orgânica do município bem como as mais Leis vigentes no País.

⁴⁴² CONCEIÇÃO, Fernanda Oliveira da. *História do Centro de Tradições Gaúchas Pedro Serrano. 30ª Região Tradicionista*. Sapiranga, 1999. p. 5-7(mimeo). (grifos nossos)

O CTG Pedro Serrano, segundo seu Estatuto, era entidade que buscava a promoção de diversas atividades cívicas e artístico-culturais que valorizassem de forma especial a cultura gaúcha e a cultura nacional. Nele ficam também evidentes alguns outros aspectos relativos, especificamente, aos seus membros: “Art 2º - É proibida pelos presentes estatutos, qualquer atividade de caráter político-partidário e religioso, e mesmo discussão sobre quaisquer assuntos que envolvam preconceitos raciais, dentro do âmbito social.”

O Estatuto definia que o CTG não se constituía em lugar de discussões político-partidárias, raciais e religiosas, cabendo aos tradicionalistas o respeito aos princípios estabelecidos no primeiro artigo do Estatuto.⁴⁴³

O Estatuto previa ainda como seria o símbolo que identificaria o CTG Pedro Serrano. Chamou-nos a atenção que esse, de forma explícita, vincula a entidade ao passado Mucker, valendo-se do morro Ferrabraz para tanto:

O CTG Pedro Serrano passará a ter o seguinte emblema e estandarte:

a) A Bandeira será confeccionada em pano gorgurão de seda, com duas faces, contendo as cores verde, vermelho e amarelo;

b) No centro da Bandeira, será estampado o morro Ferrabraz, servindo de fundo, representando a tragédia dos Muckers, verificada neste município, na cor verde-cinza;

c) Ao pé do morro, será estampado um cavalo, seguro em suas rédeas por um cavaleiro, rusticamente trajado, calçando em um pé uma bota com a chilena e n'outro um tamanco, representando assim o característico trajar do Sr. Pedro Schmidt, conhecido por “Pedro Serrano”, hoje nosso Patrono, isto em cor preta e branca;

d) Dentro deste emblema, umas chaminés, representando a indústria atual do Município, em cor vermelha e amarela;

e) A denominação do Centro, constará, no estandarte, de maneira visível e de fácil interpretação, com os seguintes dizeres: “CTG Pedro Serrano”.⁴⁴⁴

Como podemos perceber, a representação do morro Ferrabraz na bandeira do CTG vincula efetivamente a história de seu patrono à história do conflito Mucker, apresentado como uma “tragédia” para os sapiranguenses, e celebra a versão que deprecia os Mucker.

Infelizmente não é possível mostrar a imagem da bandeira que representa a entidade. Segundo seus patronos, a bandeira foi perdida já há algum tempo, não se sabendo sobre seu paradeiro atual. No entanto, ainda de acordo com seus patronos, atualmente – em razão da

⁴⁴³ Considerando que a maioria dos moradores de Sapiranga era de descendência alemã, impõe-se a reflexão sobre como a presença de afro-descendentes era vista por esta maioria. Este artigo do Estatuto do CTG reforça nossa percepção de que o racismo era uma questão bastante presente na sociedade sapiranguense.

⁴⁴⁴ Estatuto do CTG Pedro Serrano (1961). p. 08. (grifos nossos)

falta da primeira, é utilizada outra bandeira – cuja origem não é registrada na documentação do CTG - (imagem abaixo) para representar a entidade nos diferentes encontros de que participa.



O CTG Pedro Serrano constitui-se, em nosso entendimento, em mais um *lugar de memória* sobre os Mucker, contribuindo para reforçar uma imagem negativa de seus personagens e de sua líder e para exaltar a de Pedro Serrano. Acreditamos que a nova denominação dada ao CTG, ocorrida na década de 1960, insere-se no processo de heroicização daqueles que haviam lutado ao lado das forças imperiais como Genuíno Sampaio e Pedro Serrano.

3.3 NOMEANDO LUGARES E INSTITUINDO SÍMBOLOS: PARA NÃO ESQUECER OS MUCKER

Nosso objetivo neste subcapítulo foi – a partir da constatação de que ruas, avenidas e praças sapiranguenses tinham sua denominação vinculada ao episódio do Ferrabraz – o de investigar como se deu e o que interferiu nessa nomeação. Agrega-se a esse objetivo o de desvendar como se deu a escolha dos símbolos municipais, como a bandeira e o hino, que se encontram, inevitavelmente, associados ao passado Mucker.

Entendemos que a criação dos lugares de memória, assim como a escolha dos símbolos do município, insere-se em um contexto no qual a comunidade sapiranguense procurou reavaliar o seu passado e projetar seu futuro. Foi em razão disso que surgiram múltiplas interpretações, que serviriam de ponto de partida para a construção da identidade do novo município de Sapiranga, emancipado de São Leopoldo em 1955.

A denominação desses lugares de memória dos Mucker em Sapiranga inicia-se logo após a instalação da primeira administração municipal, em 28 de fevereiro⁴⁴⁵ de 1955. Com a instalação do novo município e a conseqüente criação das primeiras leis municipais, houve a identificação e a nomeação de diferentes lugares, como ruas, avenidas e praças da cidade. Marco dessas decisões administrativas municipais será a Lei Municipal nº 088, assinada em 27 de dezembro de 1955⁴⁴⁶ pelo prefeito Edwin Kuwer, que denominará de “Coronel Genuíno Sampaio” uma das principais ruas do centro da cidade. Através desse ato oficial, o coronel teve sua imagem como herói reforçada e seu nome associado a um ponto de referência no espaço físico da cidade.

Entendemos essa rua também como um *lugar de memória*, que remete os moradores a lembrarem do seu passado e a vincularem Genuíno aos Mucker. Um *lugar de memória* que reconhece Genuíno como um herói.

No mesmo ano de 1955, deu-se a criação do brasão que deveria representar o município de Sapiranga. O projeto de elaboração foi feito por sapiranguenses e procurou representar o passado e o presente do município, como evidenciado no brasão, no qual aparecem em destaque o morro Ferrabraz e a zona rural do município. A zona rural é representada pelo arado e a terra. O presente e o progresso do município remetem à indústria, principal fonte de riqueza para o município.

⁴⁴⁵ Resgatamos a coincidência: no mesmo dia em que se comemora o aniversário de Sapiranga, comemora-se o aniversário de nascimento de João Jorge Maurer, marido de Jacobina, nascido a 28 de fevereiro de 1841.

⁴⁴⁶ A Lei Municipal nº 088 de 27 de fevereiro de 1955 denominava as principais ruas do centro da cidade. Dentre as principais personalidades e datas comemorativas escolhidas para identificar as ruas do espaço urbano de Sapiranga, encontravam-se personagens e acontecimentos nacionais, estaduais e locais. Como exemplo das personalidades, temos o nome de José Bonifácio, Tiradentes, Getúlio Vargas, Duque de Caxias, Padre Réus, Garibaldi e Carlos Biehl (considerado o pai da indústria em Sapiranga). Como datas cívicas, foram escolhidas a do dia 7 de setembro, 15 de novembro, 20 de setembro e 25 de julho (data em que se comemora a chegada dos primeiros imigrantes alemães em São Leopoldo) e 28 de fevereiro (aniversário de Sapiranga). Essa lei dava denominação a um total de 69 ruas da cidade.



Chama-nos a atenção o destaque dado no brasão ao morro Ferrabraz, que tem seu nome grafado com letras maiúsculas e exposto no centro do brasão, o que evidencia a importância que lhe é dada. A origem lusa do município é simbolicamente representada pela coroa encontrada na parte superior do brasão e que é adornada por rosas, a flor símbolo do município. Abaixo do brasão, é colocada a expressão “Cidade das Rosas”, título que Sapiranga ostenta até os dias atuais.

Como podemos notar, o brasão do município é mais um dos símbolos criados pela municipalidade e que está associado aos Mucker. O destaque dado ao Ferrabraz parece demonstrar a preocupação de enfatizar a história do município, tendo o morro como um marco que teria acompanhado a evolução de Sapiranga.

Já no período que encerra a primeira administração municipal do novo município, o prefeito Edwin Kuwer, com a intenção de fazer novas nomeações, aprovou a lei nº 339 de 30 de novembro de 1959. Essa lei determinava que a praça localizada em frente à Escola Duque de Caxias, na área central da cidade, passava a ter o mesmo nome da escola.⁴⁴⁷ Como já

⁴⁴⁷ A praça localizada em frente à Escola Duque de Caxias é atualmente denominada de Praça Arlindo Rudolpho Weber. A mudança de denominação foi feita através da Lei Municipal nº 2508 de 24 de fevereiro de 1999 e sancionada pelo prefeito Renato Delmar Molling. O ato consistiu em homenagem ao sócio-fundador da maior indústria de calçados de Sapiranga, a Paquetá S.A., uma das maiores fabricantes de calçados do Brasil.

referimos, nesse período havia a preocupação de valorizar e homenagear grandes personagens da história nacional e de estimular sentimentos de patriotismo.

Ainda na fase inicial de estruturação do município, encontramos mais uma importante lei que trata da denominação dos espaços públicos da cidade. A Lei Municipal nº 357 de 05 de julho de 1960, assinada pelo então prefeito municipal Helmuth Alfredo Graebin⁴⁴⁸, estabeleceu que Henrique Guilherme Gaelzer Netto⁴⁴⁹ teria seu nome dado a uma rua do espaço urbano da cidade, localizada no bairro Sete de Setembro. Consideramos bastante relevante essa atitude, pois ao homenagear o ex-prefeito de São Leopoldo, o prefeito trazia à tona o passado da cidade e envolvimento de Gaelzer Netto no conflito Mucker.

Na década de 1960, em função do golpe militar, tivemos mudanças significativas no cenário político nacional, e, em especial, na cultura, que foi bastante influenciada pela cultura dos Estados Unidos. Em Sapiranga, a denominação dada para a antiga Rua Passo da Cruz, que ligava o centro da cidade ao Rio dos Sinos e que, até o início do século XX servia de meio de escoamento da produção da zona rural até o Rio dos Sinos⁴⁵⁰ parece apontar para isso. Através da Lei Municipal nº 726 de 23 de outubro de 1967, assinada pelo prefeito Oscar Balduino Petry, a Rua Passo da Cruz passou a se chamar Rua Presidente Kennedy.

A homenagem prestada ao presidente americano, expressa na denominação dada a uma das mais importantes vias de circulação de Sapiranga, associava-se ao processo de construção da nova identidade sapiranguense, que não só implicava a ressignificação dos

⁴⁴⁸ Notamos que no início da década de 1960 a influência da cultura européia se fez bastante presente em Sapiranga. A Praça Paris, localizada na Avenida João Corrêa, na região central da cidade é um exemplo concreto disto. O modelo francês tornava-se perceptível pelo estilo do jardim construído na praça, que lembrava os jardins parisienses, com suas plantas moldadas através de podas regulares, apresentando formas geométricas. Já em 1962, a Praça Paris passaria a se chamar de Praça Presidente Vargas, simbolizando uma nova etapa, na qual os vultos nacionais ganhavam cada vez mais importância, como comprova a construção de um monumento em homenagem a Getúlio Vargas. A administração municipal, através do prefeito Helmuth Alfredo Graebin, procurou dar as praças da cidade nomes que lembrassem datas e cidades brasileiras, como é o caso da Praça Rio de Janeiro e a Praça da República.

⁴⁴⁹ Henrique Guilherme Gaelzer era filho de Henrique Guilherme Gaelzer e Maria Sehn. Foi intendente de São Leopoldo de 1902 a 1916, período em que fez várias melhorias para Sapiranga.

⁴⁵⁰ Lembramos que, a partir de 1903, com a chegada do trem a Sapiranga, o Rio dos Sinos deixou de ser a principal via de escoamento da produção da área de imigração alemã.

lugares da cidade⁴⁵¹ como também uma naturalização da história do episódio do Ferrabraz pela população.

A história da cidade de Sapiranga estava ligada, inconfundivelmente, à presença dos imigrantes alemães, o que levou a administração municipal a construir em 1974 um monumento em homenagem ao sesquicentenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul. O local escolhido para a execução do projeto ficava à margem da RS 239, de onde poderia ser avistado por aqueles que trafegassem pela rodovia.



O monumento foi construído pelo prefeito Remi Jorge Zimer (que administrou Sapiranga de 1973 a 1982) e quer representar a força do trabalho imigrante, que contribuiu para o desenvolvimento do município. O monumento pode ser entendido como uma forma simbólica da municipalidade homenagear seus antepassados alemães que foram responsáveis pela formação das primeiras famílias, aquelas que deram origem à cidade.

Anos mais tarde, em 1987, o prefeito Waldomiro dos Santos sancionou a Lei Municipal nº1400, estabelecendo que o morro Ferrabraz fazia parte do patrimônio natural do município e que era, também, uma área de interesse histórico e cultural. A lei insere-se dentro

⁴⁵¹ Notamos que, especialmente, durante a década de 1960 e 1970, diversas ruas e avenidas espalhadas pelo país com a denominação de Presidente Kennedy.

de uma nova realidade do município, na qual a área urbana passou a ser crescentemente ocupada, devido ao aumento populacional. Isso gerou preocupações para as autoridades, especialmente, em relação à possível degradação da região em torno do morro Ferrabraz. A lei determinou, ainda, que o lugar localizado ao pé do morro e que abrangia o monumento em homenagem ao Coronel Genuíno Sampaio, a cruz de Jacobina e a pista de pouso das asfaltadas deveria ser demarcado como o Sítio Histórico dos Mucker.⁴⁵²

O Ato oficial de 1987 é, sem dúvida, um dos mais significativos dos implementados pelas autoridades municipais sapiranguenses, na medida em que consagra o Morro Ferrabraz como *lugar de memória*, como patrimônio natural e de interesse histórico e cultural para o município. Especialmente a partir da década de 1980, o Morro Ferrabraz transformou-se em local de prática do vôo-livre⁴⁵³, em ponto de encontro de pessoas, que se dirigem até lá para praticarem ou simplesmente para prestigiarem o vôo-livre⁴⁵⁴.

Já a Lei Municipal nº 1939, assinada pelo prefeito municipal Waldomiro dos Santos e publicada em 30 de setembro de 1993, determinou que uma das principais ruas do centro da cidade se chamasse Leopoldo Sefrin. Através dessa lei, a comunidade sapiranguense prestava uma homenagem a uma das principais personalidades da vida pública de Sapiranga, tanto por sua atuação como vereador do município quanto por ter participado ativamente da campanha que levou à emancipação do município. Como já referido em outro momento, Sefrin atuou como advogado, jornalista e professor, além de membro atuante da comunidade católica de Sapiranga.

⁴⁵² A área que abrange o Sítio Histórico dos Mucker encontra-se localizada em terras particulares. Várias foram as tentativas de desapropriação dessas terras por parte da prefeitura municipal, embora isso não tenha se tornado possível até hoje. Além disso, o lugar onde se encontram o monumento e a cruz não recebeu qualquer tratamento paisagístico ou melhoria para receber os visitantes. Em 2000, no entanto, o então Diretor do Museu Municipal de Sapiranga e o responsável pela Secretaria de Planejamento Urbano do município elaboraram um projeto de revitalização do Sítio Histórico dos Mucker. Infelizmente, o projeto não foi executado por falta de verbas públicas.

⁴⁵³ No pé do morro Ferrabraz, bem próximo do monumento em homenagem ao Coronel Genuíno Sampaio, localiza-se a AGVL – Associação Gaúcha de Vôo-Livre. Ali está sediada uma escola de vôo-livre, que oferece aulas para os interessados em praticar o esporte no morro Ferrabraz.

⁴⁵⁴ Sapiranga já foi sede de inúmeros campeonatos estaduais e nacionais de vôo-livre, o que atrai, todos os anos, muitas pessoas ao morro Ferrabraz.

Ainda na administração do prefeito Waldomiro dos Santos, deu-se a alteração da denominação de um trecho da antiga rua Ferrabraz⁴⁵⁵, que a partir de 1995 passou a se chamar rua Vôo Livre. A mudança de nome foi oficializada pela Lei Municipal nº 2086 de 17 de maio de 1995⁴⁵⁶.

Acreditamos que a alteração feita na denominação da rua insere-se no contexto de mudança da imagem da cidade, que passava a ser conhecida como a capital do vôo livre. A rua, que é um dos acessos que leva as pessoas até o morro Ferrabraz, onde se pratica o vôo livre, é mais um *lugar de memória* que remete aos Mucker, já que levava as pessoas até o lugar onde moravam estes viviam, o Ferrabraz. Cabe registrar que, mesmo após a alteração da denominação, o acesso continua sendo conhecido como rua Ferrabraz.⁴⁵⁷

Ainda na década de 1990, deu-se a criação da Rua Jacobina, localizada no *Loteamento Ferrabraz*, no Bairro Amaral Ribeiro, próximo ao morro Ferrabraz. Na documentação existente na Prefeitura Municipal de Sapiranga, não encontramos nenhuma referência direta ao processo que envolveu a nomeação da rua, estando apenas referida no projeto de criação do loteamento.

Embora não tenhamos encontrado referência direta ou uma lei que estabeleça oficialmente o nome escolhido para a rua, entendemos que esse ato associa-se de forma evidente ao novo contexto, em que uma imagem positiva de Jacobina afirmava-se paulatinamente.

Essa mudança fica também evidente na alteração da denominação de uma das praças localizada no Bairro São Jacó (no caminho que leva até o Ferrabraz). Trata-se da antiga Praça Rio de Janeiro, que passou a se chamar Praça Jacobina Maurer. A Lei Municipal nº 3432 de 05 de julho de 2004 anulava a antiga Lei Municipal instituída através do nº 357 de 05 de julho de 1960, que a denominava Praça Rio de Janeiro.

⁴⁵⁵ A Rua Vôo Livre compreende o trecho localizado entre a Avenida Teutônio Vilela (ao oeste) até o Travessão do Ferrabraz (ao norte), no fim do perímetro urbano da cidade.

⁴⁵⁶ Entendemos que essa mudança tenha se dado porque, na década de 1990, Sapiranga se projetava no cenário nacional como cidade do vôo livre, sendo considerada inclusive como capital do vôo livre, título que carrega atualmente.

⁴⁵⁷ Especialmente os moradores mais antigos de Sapiranga mantêm a denominação “estrada do Ferrabraz” para essa via de acesso ao morro.

Cabe ressaltar que essa mudança resultou do trabalho desenvolvido por um grupo de alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Ruth Raymundo e coordenado pela professora de História Luísa Haag. O projeto foi apresentado pelos alunos ao prefeito municipal Renato Delmar Molling, que mostrou simpatia pela proposta. Daí seu encaminhamento à Câmara Municipal de Vereadores e sua posterior sanção pelo prefeito em 2004.

A mudança do nome da praça insere-se num novo momento, no qual os Mucker serão reavaliados, não apenas pela historiografia e pela literatura, mas também através do filme *A paixão de Jacobina*. Essa reavaliação se deveu, em grande medida, ao projeto de desenvolvimento do turismo no município e de projeção da cidade no cenário nacional.

Exemplo dessa nova imagem construída pela comunidade sobre os Mucker e que se materializava e projetava nos lugares de memória, pode ser observada na imprensa. Através do *Jornal Zero Hora*, do *Jornal NH* (de abrangência no Vale do Sinos) e do *Jornal JS* (de circulação no município) foram veiculados vários artigos enfocando as reações do poder municipal e dos moradores de Sapiranga à realização das filmagens de *A Paixão de Jacobina*. Neles, noticiou-se, de forma especial, a alteração da rotina da comunidade sapiranguense devido às gravações do filme. Um deles faz referência à preocupação das autoridades com o desenvolvimento do município, valendo-se da repercussão da história dos Mucker. Destacamos um trecho do artigo que foi divulgado pelo *Jornal JS*:

O prefeito Renato Delmar Molling esteve reunido com o secretário de turismo do Estado, Milton Zuanazzi a fim de apresentar o projeto turístico “Caminhos de Jacobina”, que deve ser implantado oficialmente em abril de 2002 com o lançamento do filme “A Paixão de Jacobina”, de Fábio Barreto. O diretor do Departamento Municipal de Turismo, Luiz Roberto Prezzi, e a responsável técnica, Vânia Molleto, acompanharam o prefeito⁴⁵⁸.

Através de outro artigo, divulgado pelo *Jornal NH*, podemos acompanhar a repercussão das filmagens em Sapiranga. O artigo dá destaque à presença do autor da obra *Videiras de Cristal*⁴⁵⁹, Luiz Antônio de Assis Brasil, na Colônia Jacobina, lugar em que

⁴⁵⁸ Prefeito busca apoio para “Caminhos de Jacobina”. *Jornal JS*, 01 novembro 2001, p. 03.

⁴⁵⁹ Destacamos a repercussão da obra de Assis Brasil no contexto da década de 1990. Sua obra teve grande repercussão na sociedade sapiranguense e, de forma especial, no contexto educacional. Nas escolas do município, a obra é, até os dias atuais, tema de debate por parte de alunos e professores. Vale ainda destacar que

estavam sendo feitas as filmagens. Sua presença foi considerada bastante significativa, uma vez que a obra serviu de base para a produção do filme:

Na sexta-feira à noite, o escritor gaúcho Luiz Antônio de Assis Brasil esteve em Sapiranga visitando o set de filmagens do longa-metragem *A Paixão de Jacobina* (título provisório). Assis Brasil é o autor do romance *Videiras de Cristal*, uma ficção baseada em fatos reais que narra a saga dos mucker e sua líder, Jacobina Maurer. O filme, com a direção de Fábio Barreto, é uma adaptação do livro.

Assis Brasil chegou à Colônia Jacobina, como está sendo chamado o local de trabalho na Picada Schneider, por volta das 18 horas de sexta-feira, acompanhado da esposa, Valesca de Assis. O vice-governador do Estado, Miguel Rosseto, também era esperado, mas foi representado pelo deputado federal Roberto Argenta. Os visitantes puderam assistir à gravação da cena em que Jacobina, que está sendo interpretada por Leticia Spiller, rejeita o marido e se entrega a Deus, despindo-se de suas roupas, em um momento de intenso misticismo. De acordo com a equipe de produção do filme, apesar de ressaltar que assim que terminara o livro já não sentia-se (SIC) mais dono dele. “É como um filho adulto que vai ao mundo” teria dito o escritor, que permaneceu no set até por volta das 21 horas⁴⁶⁰.

As filmagens de *A Paixão de Jacobina*, filme inspirado na obra de Assis Brasil, despertaram de forma muito significativa o interesse da comunidade, que se sentiu motivada a participar na condição de figurantes:

Nele são apresentadas várias pessoas da comunidade e que participaram como figurantes do filme. São apresentados homens e mulheres de diferentes atividades profissionais que se aventuraram na atuação como personagens do filme. Para eles foi um orgulho terem tido a oportunidade de participarem do filme. Participaram moradores de Sapiranga, como também de Novo Hamburgo, São Leopoldo, Estância Velha e outros municípios da região⁴⁶¹.

A preocupação, por parte das autoridades municipais, em aproveitar o momento das filmagens – que estavam sendo feitas no morro Ferrabraz – para promover o turismo do município também foi registrada pela imprensa no período. Isso fica evidente na notícia que localizamos sobre um encontro promovido pela administração municipal com o tema *Cinema e Comunidade*:

Videiras de Cristal é leitura obrigatória no Curso de Magistério do Instituto Estadual de Educação de Sapiranga, que forma os professores que atuam da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental da região. A história dos Mucker faz parte do currículo obrigatória da 3ª série do Ensino Fundamental, além de ser tema de discussão das aulas de Literatura no Ensino Médio das escolas de toda região do Vale do Sinos. Outro elemento que se associa ao contexto de difusão da obra de Assis Brasil na comunidade são as várias palestras realizadas, especialmente na década de 1990, pelo autor e dirigidas a alunos e professores da comunidade sapiranguense.

⁴⁶⁰ Assis Brasil acompanha filmagem. *Jornal NH*, 24 setembro 2001, p. 29.

⁴⁶¹ Figurantes vivem a magia do cinema. *Jornal NH*, Caderno de Lazer e Cultura, 23 setembro 2001, p.1.

O município, profundamente marcado pelos acontecimentos envolvendo a seita liderada por Jacobina Maurer, está buscando alternativas turísticas, aproveitando a divulgação da localidade proporcionada pela produção da família Barreto.

O incremento ao turismo em Sapiranga foi tema do encontro Cinema e Comunidade, realizado na última terça-feira à noite no Centro de Cultura Lúcio Fleck. A prefeitura de Sapiranga concluiu na semana passada a primeira etapa – e de pesquisa junto aos domicílios do interior do município – de um projeto iniciado em agosto de 2000 para promover o turismo rural. A proposta, segundo o diretor do Departamento do Turismo de Sapiranga, Luiz Roberto Prezzi, é aproveitar o potencial da cidade das rosas em três áreas: as belezas naturais, representadas pelas diversas cascatas e vistas exuberantes; a história, tendo como pano de fundo a saga dos Mucker; e os esportes radicais (vôo livre e paraquedismo). “Sapiranga tem um potencial enorme nessa área que poderá ser ampliado pela atividade cinematográfica”, disse Prezzi, se referindo às filmagens⁴⁶².

Já em 2002, ano do lançamento do filme⁴⁶³, a imprensa mais uma vez se preocupou em divulgar *A Paixão de Jacobina*, recorrendo a uma chamada de impacto para atrair a atenção de seus leitores. Esse é o caso da matéria publicada no *Jornal Zero Hora*:

Em breve, Cristo voltará em forma de mulher. É o que promete o *teaser* (um *trailer* reduzido, com 50 segundos) do filme *A Paixão de Jacobina*, que, a partir do dia 19, vai complementar a programação de 750 cinemas do Brasil – ou seja, metade das salas do país.⁴⁶⁴

⁴⁶² Cinema abre as portas ao turismo. *Jornal NH*, 06 de setembro 2001, p. 47. Na mesma página é publicado um artigo que trata do encontro *MUCKER: Novas abordagens e reflexões*, realizado no dia 05 de setembro de 2001 pelo Instituto Estadual Coronel Genuíno Sampaio e no qual compareceram vários estudiosos do conflito, além de cerca de 500 expectadores.

⁴⁶³ A imprensa sapiranguense, através do *Jornal JS*, publicou várias notícias sobre o lançamento do filme, enfatizando, sobremaneira, seu lançamento em Sapiranga. Segundo ela, até meados de setembro mais de 5000 estudantes já haviam assistido ao filme desde o dia 30 de agosto, estando reservados mais de 3500 ingressos para as escolas que ainda não haviam assistido. Os funcionários públicos da prefeitura foram convidados a assistirem gratuitamente o filme. Nos cinemas da região, o número de escolas que tinham comparecido para assistir ao filme também foi referido como considerável.

⁴⁶⁴ O retorno do Cristo-mulher. *Jornal Zero Hora*, 06 abril 2002. Segundo Caderno, Capa. Outros exemplos de notícias veiculadas pela imprensa e que demonstram o impacto do filme na região são encontrados especialmente do *Jornal NH*, que se dedicou em várias edições a este tema: *Confirmado para o próximo domingo a pré-estréia do longa metragem A Paixão de Jacobina. Letícia Spiller, Caco Ciocler, Felipe Camargo, Felipe Kannenberg, Antonio Calloni, Talita Castro e Thiago Lacerda estarão na cidade graças ao Hotel Suarez Internacional, que gentilmente ofereceu a hospedagem. O coquetel para imprensa, artistas, patrocinadores e prefeitos do Vale dos Sinos ocorre no Centro Municipal de Cultura Lúcio Fleck, às 16 horas. Logo após, às 17 horas, as lideranças da comunidade poderão conferir a exibição do filme. A data para exibição em nível nacional será dia 30. A pré-estréia de Jacobina. Jornal NH*, 13 agosto 2003. p 17. *O filme de Fábio Barreto, A Paixão de Jacobina, terá uma exibição especial na Academia de Ciências e Arte de Hollywood, em Los Angeles, nos Estados Unidos, sexta-feira. Em plena campanha rumo ao Oscar, deverão estar na platéia Jodie Foster, Michele Pfeifer e Harrison Ford.. Na região A paixão de Jacobina tem feito boas bilheterias. Jacobina terá sessão especial nos EUA. Jornal NH*, 03 de setembro 2002. *O professor de cinema hamburguense Carlos Hugo Geib se encontrou na manhã de sábado, dia 21, para debater com a comunidade de Sapiranga A Semiótica na Imagem para a Compreensão do Filme, no Centro Municipal Lúcio Fleck, em Sapiranga. O filme de Fábio Barreto A Paixão de Jacobina foi o centro da análise. A professora Daiane da Silva, 25 anos, gostou muito da atividade “porque esclareceu muitas dúvidas sobre o tema do filme e sua verdadeira história. Especialista analisou A Paixão de Jacobina. Jornal NH*, 23 setembro 2002, p. 33.

Evidenciando a preocupação com o resgate da história do município e dos Mucker realizou-se, ainda, em 2001, a I Mostra *Reconstruindo a História dos Mucker*. O evento, realizado no Centro Municipal de Cultura, foi uma iniciativa da Prefeitura Municipal de Sapiranga, mobilizando os artistas da comunidade para que retratassem artisticamente *a saga de Jacobina*. A mostra foi aberta no dia 02 de agosto, uma data simbólica, por marcar o aniversário da morte de Jacobina, ocorrida em 1874.

A análise dos artigos veiculados pela imprensa possibilitou que reforçássemos nossa percepção de que *Videiras de Cristal* e *A Paixão de Jacobina* promoveram uma reavaliação do conflito e de seus personagens pela comunidade sapiranguense. A partir de 1990, com a obra de Assis Brasil e, principalmente, a partir de 2002, com o lançamento do filme, a comunidade passou a ver positivamente a história dos Mucker, nela identificando uma possibilidade de desenvolvimento do município.

O início do século XXI será marcado por uma série de atos da administração municipal, que procuraram (res)significar os Mucker e que envolveram a nomeação de lugares da cidade e uma homenagem tardia a outro personagem do conflito Mucker. Através da Lei Municipal nº 3508 de 24 de novembro de 2004, a Praça localizada no setor 03, entre a Avenida 20 de Setembro e a Rua São José, passou a se chamar Praça Guilherme Gaelzer Neto, sobre quem já tratamos neste mesmo capítulo.

Também na zona rural do município encontramos lugares cuja história está e continua a ser associada aos Mucker. Um exemplo disso pode ser observado no lugar onde se localizava a casa de Jacobina e João Jorge Maurer, ao pé do morro Ferrabraz. Desde a época do conflito, o lugar é conhecido como *Mucker Eck* (canto dos Mucker) pelos moradores de Sapiranga. Essa denominação, que tem sua origem na época dos Mucker, continua viva na memória dos moradores da cidade, especialmente entre os moradores da zona rural de Sapiranga, que identificam o lugar – onde atualmente se localiza a pista de pouso das asas-deltas⁴⁶⁵ – da mesma forma como no final do século XIX.

⁴⁶⁵ No local conhecido como *Mucker Eck*, localizam-se atualmente, além das já referidas pista de pouso das asas-delta e a sede da AGVL – Associação Gaúcha de Vôo-livre, criada em 1978, o Albergue da Juventude Evangélica da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

A associação desse lugar com os Mucker mantém-se de forma muito marcante entre os moradores de Sapiranga. Muitas histórias contadas pelos sapiranguenses referem fatos sobrenaturais que se sucedem no local, especialmente à noite. O clima de mistério, favorecido pela vegetação fechada do Ferrabraz, contribui para que pessoas afirmem ter visto Jacobina vestida de branco andando pela mata do Ferrabraz.

Se, no passado, os Mucker foram alvo de perseguição e as representações construídas sobre eles concentravam-se na sua negação e/ou condenação, a partir do final do século XX e, principalmente, a partir do início do século XXI os Mucker foram transformados em personagens importantes não só para a história como para o futuro do município.

A última década do século XX foi marcada, ainda, pelo aparecimento de novas interpretações sobre o conflito na própria cidade, as quais foram responsáveis, em grande parte, pela mudança nas representações construídas e difundidas sobre os Mucker. Inserido nesse processo, destacamos a criação de mais um dos símbolos de Sapiranga. Em 1996, por iniciativa da Prefeitura Municipal, ocorreu um concurso para o Hino Municipal, vencido por Elzo Juarez de Souza, morador de Sapiranga. Transcrevemos a letra do hino para analisá-lo posteriormente:

Um rio, um vale, uma terra ditosa
Na região extremo austral do Brasil.
Eu **vôo livre** na **Cidade das Rosas**:
É Sapiranga, venha ver quem não viu!

O Rio dos Sinos, bosques, parques e lagos,
Temos colinas com belas cachoeiras.
Em suas **florestas**, vicejantes regatos,
Na primavera, temos flores montesas.

Que bela é nossa cidade !
Aqui tem uma brisa que vem lá da montanha.
E esta gente capaz, que desperta
Bem cedo, constrói Sapiranga.

O **morro é o Ferrabraz**, que já foi
O **Cenário dos Muckers**, outrora :
Por **Jacobina, a guerreira sagaz**
Que virou lenda na Cidade das Rosas.

A **odisséia dos teus imigrantes**,
Pelos meandros da Serra Geral,
Foi o prelúdio de um povo triunfante,
Que Sapiranga veio a nós revelar.

Desbravadores, **audaciosos alemães**,

Tenazes homens de uma terra distante,
 Que nos legaram **tradições** e foram
 Os precursores desta **indústria pujante** !

Estrilho:
A grande história fazemos agora
 Perpetuar a grande obra divina,
 Lapidar nesta garbosa oficina,
 A imponente **Cidade das Rosas** !

Pavimentar os caminhos do Futuro,
Sem esquecer as veredas do passado :
 É escrever um **mito**, com muito orgulho,
 Por atributos que nos foram legados !

A letra do hino de Sapiranga evidencia o esforço do autor em enfatizar o caráter desbravador dos imigrantes e em vincular a sua história e o seu futuro a essa ascendência alemã.

O morro Ferrabraz, por sua vez, é retratado não só como o cenário no qual se deu o conflito Mucker, mas também como local bucólico de onde sopra a brisa que torna o clima da cidade agradável. Jacobina é apresentada como *guerreira e sagaz*, reforçando a visão positiva do imigrante alemão, *desbravador e audacioso* e responsável por uma verdadeira *odisséia*.

O desenvolvimento econômico da *cidade das Rosas* é percebido como resultado do esforço coletivo de sua comunidade que soube conciliar a tradição com o empreendedorismo, não esquecendo as veredas do passado. A mensagem do Hino parece sinalizar para o processo de releitura do episódio do Ferrabraz em curso no final do século XX, cuja proposta pode ser resumida à máxima “lembrar para valorizar”.

3.4 A LÍDER DOS MUCKER COMO GUIA DO TURISMO

De acordo com o historiador José Newton Coelho de Meneses, *a História e o Turismo Cultural, em seus limites interpretativos, monumentalizam eventos e musealizam existências*⁴⁶⁶. É nessa perspectiva⁴⁶⁷ que entendemos que os Mucker e Jacobina foram alvo de um amplo processo de ressignificação, em decorrência do projeto de desenvolvimento do turismo local, desencadeado no final do século XX e início do século XXI. Ao discutir os condicionantes que envolvem a construção dos pontos turísticos – de caráter histórico – em uma cidade, Meneses afirma:

Houve um tempo em que apenas heróis e figuras do Estado foram seres históricos dignos de percepção pelos intérpretes da construção histórica. A memória construída por esses historiadores a serviço ou não de estados e de governos ou de suas próprias ideologias políticas, religiosas ou morais, elegeu pontos do passado a iluminar e outros tantos a deixar no escuro. Aos incluídos, glória e honra (ou, às vezes, o contraponto disso, visto que a tradição do discurso descritivo exige, também o anti-herói). Aos excluídos, o esquecimento⁴⁶⁸.

A transcrição acima torna claros os condicionantes envolvidos no processo de construção de *lugares de memória* que procuram destacar determinados personagens históricos. Fica evidente a exaltação dos personagens tidos como heróis, sua valorização através da materialização em monumentos e museus, da nomeação de lugares e até mesmo da criação de roteiros turísticos. Essa mesma situação descrita por Meneses pode ser encontrada em Saporanga, especialmente no período do final do século XX e início do século XXI.

Se até meados do século XX a líder dos Mucker era identificada como uma mística fanática, de conduta moral condenável, a partir do final do século XX, Jacobina passará a ser associada ao cotidiano de dificuldades e de desigualdade social vivido pelos imigrantes alemães na colônia de São Leopoldo.

⁴⁶⁶ MENESES, José Newton Coelho. *História e Turismo Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 21.

⁴⁶⁷ O autor defende sua idéia utilizando como exemplo a cidade de Diamantina, em Minas Gerais. Segundo a análise feita pelo autor, o desenvolvimento do turismo na cidade fez com que a Igreja do Carmo se transformasse num monumento (e não mais num lugar de oração), da mesma forma como a vida de Nossa Senhora do Carmo transformou-se numa peça/cenário de interesse apenas comercial e turístico.

⁴⁶⁸ *Ibidem*, p. 14.

Suas qualidades morais e virtudes foram enfatizadas à medida que os Mucker eram reavaliados e não mais apontados como os únicos culpados pelo conflito. Isso tornou possível perceber os Mucker e o conflito como resultantes de uma série de fatores que envolveram a realidade da colônia alemã ao final do século XIX. A partir disso, os Mucker e sua líder passaram a ser apresentados nem como vítimas, nem como culpados, mas como um grupo que procurou lutar pela sobrevivência.

O filme produzido em 2002 desempenhou, nesse sentido, papel preponderante na construção de uma nova imagem dos Mucker. Se, na década de 1990, a obra de Assis Brasil já havia provocado uma interpretação mais positiva sobre os Mucker, o filme *A Paixão de Jacobina* transformou os Mucker em heróis, por terem lutado para defenderem seus ideais. Essa avaliação mais generosa não somente tornou os Mucker mais conhecidos como fez com que Sapiranga fosse conhecida regional e nacionalmente.

O próprio Assis Brasil, ao final do livro *Videiras de Cristal*, refere-se às obras que consultou, tecendo comentários sobre as interpretações que difundiram sobre o conflito dos Mucker:

Sempre persegui a idéia de escrever um romance sobre os muckers, um romance que, com maior ou menor fidelidade dos fatos, narrasse a trajetória pessoal de algumas personagens – reais ou fictícias – que tiveram parte de suas vidas ligada ao episódio do Ferrabrás. Nunca me passou pela cabeça escrever um romance histórico, muito menos uma “história romanceada”. Assim, os puristas de plantão devem esquecer o propósito de conferir datas, nomes e eventos; talvez os encontrem subvertidos ou mascarados pela fantasia – não tão feérica – do autor.

Para escrever *Videiras de Cristal* utilizei algumas fontes primárias e outras secundárias. Entre as últimas, destaca-se a obra *A nova face dos muckers*, de Moacyr Domingues; com sua precisão factual e sua honestidade, foi mais do que tudo, um fascinante roteiro. Depois, houve outras obras: *Conflito social no Brasil*, de Janaína Amado, muito útil por sua perspectiva ideológica sobre o movimento; *Os muckers*, do padre jesuíta Ambrósio Schupp, obra clássica e parcial; *O Episódio do Ferrabrás*, de Leopoldo Petry, que procurou repor algumas verdades; *O messianismo no Brasil e no mundo*, de Maria Isaura de Queirós, e ainda os artigos de Klaus Becker e Carlos H. Hunsche.⁴⁶⁹

Assis Brasil deixa claro que procurou fazer uma *história romanceada*, mas que não descuidou de fazer uma criteriosa revisão bibliográfica e das fontes documentais. Isso permitiu que ele deixasse de esboçar – neste comentário – sua crítica em relação à obra de Ambrósio Schupp, por ele qualificada como *clássica e parcial*, e de destacar positivamente as

⁴⁶⁹ ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de. *Videiras de Cristal. O Romance dos Muckers*. 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto. p. 541.

obras de Moacyr Domingues e Janaína Amado, que serviram de base para a construção do enredo de sua obra.

O cenário que descrevemos e analisamos no primeiro capítulo da Tese pode também ser encontrado nas descrições que Assis Brasil faz do morro Ferrabraz. Na obra, mantém-se a descrição de um lugar misterioso e de mata fechada, que dificultava a circulação das pessoas e o acesso até a casa de Jacobina. Acreditamos que a manutenção dessa descrição que privilegia a natureza selvagem do lugar deve ser compreendida como um recurso empregado pelo autor para despertar o imaginário do leitor e de envolvê-lo no ambiente natural do Ferrabraz e de suas belezas naturais.

Nesse sentido, tanto *Videiras de Cristal* quanto *A Paixão de Jacobina* valeram-se dessas primeiras descrições feitas do Ferrabraz, que ressaltam seu ambiente natural, associado ao mistério e marcado por belezas, que acabaram, inevitavelmente, despertando a curiosidade dos leitores e espectadores. Sem dúvida, esse aspecto foi bem mais explorado no filme, que trouxe cenas da área colonial do Ferrabraz, em que aparecem a mata nativa e as cachoeiras da região.

O filme *A Paixão de Jacobina* contou com a participação de atores globais, que acabaram atraindo curiosos durante as filmagens e, posteriormente, de interessados em conhecer os lugares nos quais os artistas da Rede Globo de TV haviam gravado as cenas do filme. As belezas naturais do lugar associadas ao *glamour* dos artistas globais acabaram atraindo muitas pessoas ao morro Ferrabraz e arredores. Assim, tanto a literatura quanto o cinema contribuíram de forma decisiva para a difusão da imagem do morro Ferrabraz como um lugar de muitas belezas ainda não exploradas.

Como já afirmamos a literatura e o cinema tornaram-se responsáveis pela difusão de representações sobre o Ferrabraz e também sobre os Mucker. Deve-se, no entanto, ressaltar que se Assis Brasil procurou que o leitor fizesse uma “releitura” do conflito, o mesmo já não se pode afirmar sobre o filme de 2002. Se ambos descreveram o morro como um lugar belo e misterioso, o filme manteve e consagrou uma imagem fanatizada dos Mucker, como se constata nas cenas dos cultos e das pregações e, sobretudo, nas cenas em que Jacobina se despe e se entrega a Cristo e em que se deita, em meio à chuva, sobre o caixão de um dos seus adeptos.

Deve-se, contudo, reconhecer que, apesar de reforçar representações negativas dos Mucker e de apresentar o Coronel Genuíno Sampaio como herói, o filme tem Jacobina como a personagem principal, além de contribuir para a divulgação do conflito e da região dos Mucker que passaram a ser (re)conhecidos regional e nacionalmente.

Conhecidos em função da obra e do filme, os Mucker passaram a assumir uma nova representação, uma vez que poderiam servir aos interesses do município de projetar-se no roteiro turístico nacional, através da criação dos *Caminhos de Jacobina*, o que efetivamente ocorreu em 2001⁴⁷⁰. Esse projeto, que procurou desenvolver o turismo histórico-cultural⁴⁷¹, resultou da parceria entre o Departamento de Turismo da Prefeitura Municipal de Sapiranga e o SEBRAE/RS e contempla diferentes *lugares de memória* sobre os Mucker.

A idéia defendida pelo então Diretor do Departamento de Turismo da Prefeitura Municipal de Sapiranga, Sr. Luiz Roberto Prezzi, era “de ajudar as pessoas a conhecer mais sobre o episódio dos Mucker. Episódio esse que inspirou o autor Luiz Carlos Barreto no filme *A Paixão de Jacobina*”⁴⁷².

No *site Caminhos de Jacobina* encontramos, além da apresentação dos objetivos que levaram à criação desse roteiro de interesse histórico e cultural, os pontos turísticos a serem visitados na cidade:

- Cemitério Amaral Ribeiro - Mantém os túmulos de quatro moradores de Sapiranga, mortos no conflito com os Mucker, na década de 1870. A arte funerária e as inscrições nas lápides do século XIX mostram traços culturais e religiosos da comunidade.

⁴⁷⁰ O projeto nasceu da idéia do Diretor do Depto. De Turismo, Sr. Luiz Roberto Prezzi, durante a administração do prefeito Renato Delmar Molling e tornou-se realidade a partir de 1999, quando se deu a parceria entre a Prefeitura Municipal de Sapiranga e o SEBRAE/RS. Em 2001, ocorreu a confecção e a colocação das placas projetadas para identificarem os pontos turísticos da cidade. Vale ressaltar que a execução do projeto se deu concomitantemente às filmagens de *A Paixão de Jacobina*.

⁴⁷¹ *A questão da memória, da busca identitária e da apreensão do passado como patrimônio memorialístico apresenta-se como uma rica fronteira entre a História e o Turismo. A construção/invenção do passado como atrativo para quem viaja, parte de interpretações que são instrumentalmente inseridas no método da História, mas, também, por construções de caráter popular, lendário e mitológico.* MENESES, José Newton Coelho. *História e Turismo Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 15.

⁴⁷² Esse objetivo encontra-se publicado no *site* oficial da Prefeitura Municipal de Sapiranga (www.sapiranga.rs.gov.br) no link *Caminhos de Jacobina* e também no folder produzido para divulgar o turismo da cidade. Acessado em 10.01.2007.

- Estátua do Cel. Genuíno Sampaio - (local do futuro memorial Mucker) - Estátua erguida por colonos próximo à residência de Jacobina. Em 1874, nesse local, travaram-se duas batalhas entre os soldados do Coronel Genuíno Sampaio e o grupo de Jacobina.
- Cruz de Jacobina - Neste local, Jacobina e alguns do seu grupo se abrigaram para fugir do confronto com seus perseguidores. A cruz foi colocada no início do século XX, depois da visita de um dos remanescentes do confronto. Acredita-se que neste local Jacobina tenha sido assassinada.
- Locação "A Paixão de Jacobina" - A propriedade serviu como locação para o filme "A Paixão de Jacobina". Possui uma casa em estilo enxaimel, com mais de cem anos e reproduções dos personagens do filme, uma cozinha em estilo enxaimel, um galpão onde foi filmada a cena final e a trilha das Três Quedas com acesso a cascatas onde se pode tomar banho.

Além da apresentação dos quatro pontos turísticos que constituem os *Caminhos de Jacobina*, é oferecida uma breve explicação sobre os locais a serem percorridos. Constatase, no entanto, que a página editada pela prefeitura municipal não oferece maiores informações sobre a história do conflito, restringindo-se a um breve resumo:

O Episódio dos Mucker tratou-se de um conflito entre os colonos alemães, que ocorreu no século XIX, no Morro Ferrabraz.

Jacobina e João Jorge Mauer se conheceram em Hamburgo Velho, na metade do século XIX. Casaram-se e mudaram-se para Leoner-Hof (como era denominada Sapiranga). Jacobina sofria de ataques epiléticos, desde criança, o que fazia com que ela fosse vista como vítima de um transtorno do sistema nervoso, agravados por leituras de natureza religiosa.

Além disso, Jacobina auxiliava o marido no curandeirismo. Naquela época, os médicos eram escassos. Então, as pessoas apelavam para os curandeiros. Aos poucos, Jacobina misturava a religião com o atendimento aos doentes, através de leituras de passagens bíblicas para os pacientes. Logo, ela tornava-se famosa por suas meditações milagrosas.

Os adversários de Jacobina, preocupados com os acontecimentos no Ferrabraz, realizaram um abaixo-assinado, levando a imprensa da época a tomar partido contra Jacobina.

Iniciou-se então a guerra. Formaram pequenos grupos e saíram para incendiar casas comerciais, gerando mortes de crianças e adultos. O combate final ocorreu em dois de agosto de 1874.

Outro meio de divulgação dos *Caminhos de Jacobina* é um material elaborado pelas prefeituras dos municípios do Vale do Sinos em parceria com o SEBRAE. A idéia surgiu no início desta década, quando os municípios da região descobriram seu potencial turístico. Daí nasceu a necessidade de se organizar um material que divulgasse os atrativos dos municípios da região de imigração alemã.

O folder produzido foi intitulado *Caminhos do Vale: Rota turística* e está organizado de forma que cada um dos seis municípios envolvidos no projeto mostre sua história e os

principais pontos turísticos. Na parte intitulada *Conheça Saporanga*, encontramos, na introdução, o subtítulo *Caminhos de Jacobina*, em que é apresentada uma breve síntese:

Saporanga é um espaço atraente, procurado por muitas pessoas que desejam manter o contato com a natureza próxima dos centros urbanos e visitar o **roteiro Caminhos de Jacobina. Este roteiro pode ajudar você a conhecer mais sobre o episódio dos Mucker.** (grifos nossos)

Logo abaixo do texto da apresentação, são identificados os pontos turísticos dos *Caminhos de Jacobina*, da mesma forma como os encontramos no *site* citado anteriormente.

Faz parte do folder a apresentação de um roteiro turístico que prevê a visitação a vários lugares da cidade. Através dele, os visitantes podem conhecer a Casa do Turista, a casa construída em 1845 em estilo enxaimel, a praça das rosas, o museu municipal, o morro Ferrabraz, a casa do produtor, o monumento ao imigrante construído em 1974 para marcar o sesquicentenário da imigração alemã, o Centro Municipal de Cultura Lúcio Fleck, as igrejas do centro da cidade e a praça da Bandeira. São apresentados, ainda, campings e balneários localizados na zona rural, além de cafés e restaurantes que podem ser desfrutados pelos turistas.

Um elemento que merece ser destacado na apresentação do roteiro turístico de Saporanga é a justificativa dada para enaltecer o desenvolvimento do município. De forma muito evidente, estabelece uma associação entre progresso econômico e imigração alemã, ao destacar que:

O **vigor da colonização alemã sempre rendeu as melhores histórias** e serviu para fundamentar a cultura de Saporanga. Imagine um lugar que reúne grandes áreas nativas, história preservada e uma **forte cultura germânica** Saporanga atrai aqueles que desejam descansar em sítios de lazer, cavalgar, conhecer as antigas edificações dos colonizadores da região, apreciadas durante o *city tour*. (grifos nossos)

Outro aspecto que nos chama a atenção é o logotipo criado para identificar os *Caminhos de Jacobina*. Este tem como imagem o busto de Jacobina vista de perfil, ao qual é justaposto o título *Caminhos de Jacobina*. Chama-nos a atenção a evidência dada à líder dos Mucker. Sua imagem estilizada é empregada simbolicamente para fomentar o turismo da região, e seu nome é transformado em ícone para atrair a atenção dos visitantes.



A representação da mulher guerreira e sagaz é trazida como justificativa para esse enaltecimento. Curiosamente, enquanto Jacobina é enaltecida pelos moradores de Sapiranga, Genuíno é gradativamente condenado a uma participação coadjuvante. Se até o final do século XX (especialmente até 1990, com a publicação da obra literária de Assis Brasil) Genuíno ocupava o lugar de destaque, na atualidade esse lugar é ocupado por Jacobina, cujas qualidades morais são enfatizadas.

Cabe observar, no entanto, que mesmo após essa valorização de Jacobina, e que deu origem ao roteiro turístico, ela continuou sendo apresentada como alguém que liderou um *grupo de fanáticos religiosos* e que teria se autodenominado *reencarnação de Cristo*, conforme podemos verificar no texto impresso na última página do folder *Conheça Sapiranga*:

A cidade de Sapiranga foi cenário de uma importante parte da história do Rio Grande do Sul. No episódio dos Mucker, em 1872, **Jacobina Maurer, a líder de um grupo de fanáticos religiosos enfrentou a resistência dos imigrantes católicos e protestantes que viviam na região, ao se julgar a “reencarnação de**

Cristo". Ocorrida no Morro Ferrabraz, o ponto mais alto da cidade, a revolta precisou de intervenção militar, o que resultou na morte de dezenas de pessoas. Para que esse capítulo da história do município seja conhecido por todos, foi organizado o roteiro **Caminhos de Jacobina, uma verdadeira viagem no tempo que passa pelos principais locais que serviram de cenário para a batalha**. Entre eles estão: o cemitério onde foram enterradas quatro vítimas e a Cruz de Jacobina, local onde a líder da seita dos Mucker teria sido assassinada.

O roteiro inclui as casas onde foram feitas algumas das filmagens de "A Paixão de Jacobina", do diretor Fábio Barreto, que apresentou a história na tela do cinema. O passeio pela cidade, além de museus, igrejas e monumentos que retratam a colonização alemã, vai até o Morro Ferrabraz, onde vivia a líder. **O palco da sangrenta batalha agora é referência de liberdade, por ser utilizado para a prática do vôo-livre**. O morro, visto de todos os pontos da cidade, atrai adeptos do país e do exterior para saltos com parapentes e asa-delta. A vista do alto é inesquecível, com o contraste entre o céu e a mata nativa da região.

Permitir que estes importantes recantos gaúchos fossem conhecidos por todos foi o objetivo do trabalho desenvolvido pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul (SEBRAE/RS). Juntamente com a Prefeitura Municipal de Sapiranga, foi possível estruturar a região para a visitação e os espaços de lazer, assim como as belezas naturais, antes apreciadas apenas pela comunidade local, que já podem ser compartilhadas a partir do desenvolvimento do projeto Caminhos do Vale e do Roteiro Turístico Caminhos de Jacobina. (grifos nossos)

Vale ressaltar que a síntese histórica elaborada pela equipe do SEBRAE não contou com a participação de nenhum historiador que tivesse estudado de forma mais aprofundada o tema. Isso fica evidente na imprecisão das informações veiculadas na síntese acima transcrita.

Mesmo voltado para a promoção do turismo, o folder reafirma que Jacobina teria sido a reencarnação de Cristo e os Mucker um grupo de fanáticos religiosos⁴⁷³. Embora não aponte os Mucker como responsáveis pelo conflito, as palavras utilizadas continuam contribuindo para a difusão da imagem de Jacobina associada ao fanatismo e ao fervor religioso.

Em função do projeto desenvolvido pelo SEBRAE/RS e pela Prefeitura Municipal de Sapiranga, foram colocadas placas indicativas em vários pontos da cidade, cuja finalidade é orientar os turistas em seu percurso pelos *lugares de memória* sobre os Mucker.

⁴⁷³ Essas idéias confrontam-se com uma série de estudos que já foram e ainda vêm sendo realizados, que procuram entender o conflito sob outras perspectivas que não a do fanatismo religioso. Vimos que desde o estudo realizado por Janaína Amado, na década de 1970, novos estudos procuraram analisar o conflito buscando compreender os vários condicionantes envolvidos na eclosão do conflito do Ferrabraz.



Como podemos observar nessas imagens, as placas indicativas colocadas pela prefeitura servem de guia para os visitantes do município, que, dessa forma, podem percorrer os pontos turísticos localizados tanto na zona urbana do município quanto os da zona rural. Além de indicar os *lugares de memória* sobre os Mucker (que constituem os *Caminhos de Jacobina*), as placas apontam a direção de outros pontos turísticos⁴⁷⁴ da cidade, como praças, museu, campings, parques, cemitérios e as diferentes localidades do morro Ferrabraz, conhecidas como “picadas”⁴⁷⁵.

⁴⁷⁴ Nas placas que indicam o caminho para se chegar até os diferentes lugares turísticos do município e que não se associam diretamente aos Mucker, foram utilizadas imagens estilizadas do morro Ferrabraz ou então a asadelta.

⁴⁷⁵ Exemplos dessas localidades são a Picada Cachorro, a Picada dos Nabos, a Picada São Jacó, a Picada Schneider, a Picada Verão, entre outras distribuídas na zona rural de Sapiranga.



Ao percorrermos os *Caminhos de Jacobina*, observamos que a colocação das placas obedeceu a uma identificação de quais seriam esses *lugares de memória* sobre os Mucker para integrarem o roteiro turístico. Junto a cada um desses lugares, deparamo-nos com um pequeno texto explicativo sobre o significado do lugar e como este se insere no contexto do conflito dos Mucker.

Assim como o material produzido para divulgar o turismo local, o texto reproduzido nas placas também foi escrito pela equipe do SEBRAE/RS, sem o auxílio de uma equipe ou historiador especialista na história do conflito.



Nos *Caminhos de Jacobina*, ressaltamos a importância do Museu Municipal de Sapiranga⁴⁷⁶, inaugurado em 1996. O museu localiza-se na área central da cidade, no prédio da antiga estação férrea, inaugurada em 1903 e desativada em 1964. Nele encontramos parte da cultura material e imaterial⁴⁷⁷ dos sapiranguenses, que remonta à época dos imigrantes alemães (e dos Mucker). Mantido pela Prefeitura Municipal, o museu é um *lugar de memória* para os sapiranguenses e possui um importante acervo, constituído por móveis, utensílios diversos, vestimentas, livros, revistas, jornais, documentos e um rico acervo fotográfico.

O museu consiste em lugar de referência para os visitantes que buscam conhecer a cultura e as tradições herdadas dos imigrantes alemães, contando com significativo acervo

⁴⁷⁶ Para o historiador José Newton Coelho Meneses, o museu é um lugar que toma como base três valores indissociáveis: O valor identitário (que considera o patrimônio como gerador constante de construção de imagens, significados e identidades), o valor econômico (que toma o patrimônio como gerador de oportunidades econômicas) e o valor social (que defende que os projetos interpretativos devem gerar a melhoria da qualidade de vida da comunidade que administra esse patrimônio). MENESES, José Newton Coelho. *História e Turismo Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 75.

⁴⁷⁷ O conceito de cultura material e imaterial empregado na Tese está de acordo também com os estudos realizados por José Newton Coelho Meneses. Para ele: *Têm-se colocado como distintos no conceito de patrimônio material e o que se configuraria como um patrimônio imaterial. O primeiro seria o conjunto das construções físicas do homem na sua relação com o meio ambiente para o atendimento de suas necessidades práticas. O segundo conjunto agruparia as construções mentais e os valores culturais configurados em signos e significados diversos. Essa dicotomia não se sustenta nem didaticamente, posto que a inteligibilidade de uma manifestação cultural só tem sentido se percebida em conjunto. O universo material media sentidos, valores, significados. Separá-los em sua compreensão, buscando uma compartimentação irreal da vida, seria destruir a possibilidade de apreensão da construção de uma cultura.* Ibidem, p. 24.

bibliográfico⁴⁷⁸ sobre os Mucker. O museu, no entanto, não possui nenhum outro acervo associado aos Mucker, o que causa, muitas vezes, surpresa aos visitantes⁴⁷⁹.



Observamos, na imagem acima, a placa colocada em frente ao Museu Municipal de Sapiroanga. Nela encontramos a informação sobre a direção de vários lugares turísticos. Isso se dá em razão de que o museu serve, na maioria das vezes, de ponto de chegada dos turistas na cidade e de ponto de partida para o roteiro turístico dos *Caminhos de Jacobina*. Partindo do museu e seguindo pela Avenida Vinte de Setembro (antiga estrada de ferro), os visitantes seguem até o cemitério do Amaral Ribeiro, para conhecer a sepultura construída em 1874 para guardar os restos mortais de quatro colonos que foram assassinados durante os combates contra os Mucker.

⁴⁷⁸ Encontram-se no Museu reunidas as principais obras publicadas sobre os Mucker, além dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos por vários pesquisadores. Soma-se a esse acervo bibliográfico a coleção de jornais *O Ferrabraz*, nos quais foram publicados os artigos sobre os Mucker.

⁴⁷⁹ São constantes os questionamentos feitos pelos visitantes do Museu sobre a inexistência de armas, de bíblias, de roupas ou de utensílios utilizados pelos Mucker no Museu.



Logo na entrada do cemitério, visualizamos a placa que aponta para o local onde se encontra a sepultura dos quatro moradores da colônia. O significado deste *lugar de memória* está evidentemente associado à materialização de um sentimento de condenação em relação aos Mucker. A sepultura representa, ainda que de forma simbólica, as mortes causadas pelos Mucker na Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo.

Ao lado da sepultura, cujo significado já analisamos no início deste capítulo, encontramos uma placa⁴⁸⁰, na qual o visitante encontra a tradução da inscrição feita em alemão na lápide. Além disso, encontramos uma breve explicação do significado do lugar. Segundo a inscrição, *nas comunidades de origem alemã os cemitérios têm grande significado, pois são considerados campo santo e um lugar sagrado, razão pela qual o respeito pelos antepassados é muito grande.*

⁴⁸⁰ Atualmente, os painéis colocados nos pontos turísticos que compõem os *Caminhos de Jacobina* se encontram bastante deterioradas. Em algumas, constatamos a falta de muitas letras por terem sido alvo de depredação. Lamentavelmente, parecem não ter recebido atenção da municipalidade nos últimos anos.



Além de destacar a importância desempenhada pelos cemitérios nas comunidades de origem alemã, a placa colocada ao lado da sepultura procura explicar como ocorreu a morte dos quatro colonos enterrados no local. Nela aparece:

No ataque à casa de Maurer ocorrido no dia 26 de julho de 1874 o subdelegado de polícia estava acompanhado por 150 voluntários civis. Alguns foram mortos em ação e posteriormente foi encaminhado ao ministro da justiça um pedido de proteção do governo estadual para suas famílias.

Na placa localizada no cemitério, os Mucker são descritos como responsáveis pela morte dos quatro colonos sepultados, apresentados como suas vítimas. Na verdade, a placa

preserva e consagra a homenagem prestada às famílias enlutadas do local que teriam, em reconhecimento por sua bravura, recebido auxílio do governo provincial⁴⁸¹.

Junto à Cruz de Jacobina encontramos uma placa, colocada à margem da estrada, que aponta a localização da cruz de Jacobina.



Ao lado da cruz de Jacobina, também encontramos uma placa que apresenta aos visitantes um breve resumo sobre o conflito e enfatiza o papel assumido por Jacobina na história do conflito.

⁴⁸¹ Como já afirmamos anteriormente, o projeto elaborado pelo SEBRAE/RS em parceria com a Prefeitura Municipal de Sapiranga apresenta alguns equívocos de caráter histórico. Um exemplo disso pode ser percebido na afirmação feita acima, que desconsidera o fato de que durante o período imperial o Brasil estava dividido em províncias. Conseqüentemente, a forma correta para nos referirmos ao governo daquele período seria “governo provincial” e não “governo estadual.”



O texto impresso na placa colocada ao lado da cruz de Jacobina chama a atenção dos visitantes por reconstituir um cenário marcado por armas de guerra, fogo e gritos, recriando o ambiente no qual Jacobina foi assassinada. Ao descrever Jacobina, ele a apresenta como líder de um *grupo de fanáticos religiosos* e como *reencarnação de Cristo*, o que torna perceptível a intenção de tomá-la como responsável pelo ambiente de fanatismo que teria se criado no morro Ferrabrás no final do século XIX.

Os Mucker são apresentados como *uma pequena comunidade de fanáticos religiosos que se formou ao pé do morro Ferrabrás*, reafirmando uma visão que os desqualifica e fanatiza, parecendo justificar a repressão e a perseguição que sofreram. Para tanto, o ambiente de mistério que envolvia o morro Ferrabrás⁴⁸² é recriado através de expressões como *gritos*

⁴⁸² Na análise feita no primeiro capítulo, percebemos como o morro Ferrabrás foi alvo de inúmeras interpretações, que reforçaram a imagem de um lugar associado ao mistério, à natureza selvagem e também como o lugar dos Mucker. A representação do morro como um lugar desconhecido contribuiu para a construção da imagem do lugar como o reduto no qual os Mucker procuraram se refugiar, escondendo-se das autoridades da época.

terríveis, triste episódio, profundo espírito religioso e fanáticos religiosos, reforçando, ainda, a associação entre mistério e fanatismo e o ambiente físico⁴⁸³ caracterizado pela mata fechada.

Como já observado, Jacobina Maurer e Genuíno Sampaio são tomados como os dois personagens centrais do conflito, representando os dois lados do conflito. Enquanto o texto da placa encontrada ao lado da cruz de Jacobina procura desqualificá-la, o texto da placa posta no monumento construído em homenagem ao coronel Genuíno Sampaio apresenta uma versão bastante distinta, que exalta suas qualidades.



No monumento inaugurado em 1932 para homenagear o coronel Genuíno Sampaio, encontramos duas placas indicativas. A primeira pode ser observada acima e traz a localização do monumento, que se situa ao pé do morro Ferrabraz, no local em que se encontrava a casa do casal Maurer. Já a segunda placa consta de uma breve biografia do coronel que lutou contra os Mucker.

⁴⁸³ Um fato curioso presente no imaginário coletivo dos moradores de Sapiranga é aquele que associa a pedreira municipal, desativada pela Prefeitura Municipal de Sapiranga na década de 1980, localizada próxima à cruz de Jacobina, à época dos Mucker. Nesse imaginário, as águas represadas pela pedreira seriam da época dos Mucker e teriam servido de local de banho para Jacobina e seus adeptos. O lugar é conhecido por muitos sapiranguenses como “Piscina da Jacobina”. Outro fato que merece ser mencionado é que, durante os anos de 2001 e 2002, período em que os Mucker tornaram-se bastante conhecidos em decorrência da produção e lançamento de *A Paixão de Jacobina*, muitos visitantes se dirigiram ao Ferrabraz. Segundo consta, quando lá chegavam, encontravam um morador do local que afirmava ter encontrado armas e objetos pertencentes aos Mucker. Considerando que esses objetos jamais foram trazidos a público, podemos tomar essa informação como imprecisa e sensacionalista.

O texto que consta nesta segunda placa permite avaliar como Genuíno Sampaio é apresentado aos visitantes do lugar. Como podemos ver na imagem abaixo, Genuíno Sampaio é descrito como o chefe das operações militares que dizimaram os Mucker. Chama-nos a atenção a justificativa dada para o fato de este monumento se encontrar no mesmo lugar em que anteriormente se localizava a casa dos Maurer.



No texto, lê-se que o monumento e a casa estão “ironicamente” localizados no mesmo lugar. Acreditamos, contudo, que a ereção do monumento neste local foi intencional e se reveste de profundo simbolismo, uma vez que se impõe sobre o local onde, no passado, teriam ocorrido rituais religiosos e de cura pelos adeptos dos Mucker. Entendemos, ainda, que a escolha do local pelas autoridades sapiranguenses procurou reforçar a idéia, em curso na década de 1930, de que o futuro da cidade deveria ser traçado a partir de um projeto que era antítese do passado ligado aos Mucker.

Na inscrição, são apresentadas diferentes versões para a morte de Genuíno: a de ter sido assassinado com um tiro disparado acidentalmente por um de seus soldados, a de ter sido alvo da vingança de um dos seus comandados e, finalmente, a que aponta os Mucker como os responsáveis.

Fica evidente que, por prestar homenagem ao coronel Genuíno, o texto da inscrição evidencia sua bravura nas ações militares contra os Mucker. A placa apresenta um significativo equívoco histórico, ao informar que o coronel teria sido assassinado neste local, o que não procede.

Embora o monumento, localizado ao pé do morro Ferrabraz, tenha se transformado num *lugar de memória* que mantém vivo na memória dos sapiranguenses o papel desempenhado por Genuíno Sampaio, o local em que este faleceu se localiza no centro da cidade, onde atualmente encontramos o Banco Banrisul⁴⁸⁴. Portanto, o lugar representa apenas simbolicamente aquele onde Genuíno foi assassinado em 1874.

Além desses *lugares de memória* sobre os Mucker, temos ainda a *Colônia de Jacobina*, um dos pontos turísticos mais explorados do roteiro dos *Caminhos de Jacobina*. O lugar, que serviu de cenário para as filmagens do filme *Paixão de Jacobina*, está situado no alto do morro Ferrabraz, na localidade de Picada Schneider, zona rural de Sapiranga.

A *Colônia de Jacobina* é uma propriedade particular, cujos proprietários, moradores de Sapiranga, aproveitam o cenário construído pela equipe de filmagens para receber os visitantes interessados em conhecer o local em que foram produzidas parte das cenas exibidas no filme. Através do material de divulgação produzido pela Prefeitura Municipal de Sapiranga, constatamos que a Colônia Jacobina é assim apresentada:

Um dos pontos da rota turística é a Colônia de Jacobina, na Picada Schneider, que serviu de locação para o filme A Paixão de Jacobina. A propriedade possui uma casa centenária, em estilo enxaimel. Com móveis originais e utensílios domésticos e decorativos conservados, a residência preserva sala, quarto, cozinha e escritório, exatamente como foram vistos nas telas de cinema.

⁴⁸⁴ O Banco Banrisul está localizado na esquina da Avenida João Corrêa com a Rua Tiradentes, na área central da cidade. Em frente a esse local, que serviu de acampamento para as tropas comandadas pelo coronel Genuíno Sampaio, encontrava-se a residência e a venda de Pedro Schmidt, conhecido como Pedro Serrano. Atualmente, não encontramos nenhuma identificação sobre o conflito neste local, tendo sido a área ocupada por prédios públicos e residências.

O galpão, construído pela equipe cinematográfica para representar o templo dos Mucker e incendiado no final das filmagens, foi mantido em perfeitas condições e ainda com as marcas do fogo. Ao lado da construção, um cemitério cênico completa a atmosfera onde ocorreu o romance.

O texto de divulgação revela a forte vinculação do lugar com as filmagens realizadas em 2002 pela equipe dirigida por Fábio Barreto, não negando seu caráter cênico. Foi a partir do filme que a *Colônia Jacobina* tornou-se conhecida, não apenas pela comunidade sapiranguense, mas do público em geral, transformando-a num lugar turístico.

As construções feitas pela equipe, como o galpão e o cemitério, somadas a casa em estilo enxaimel já existente na propriedade, procuraram recriar o ambiente em que teriam vivido os Mucker. Cabe, no entanto, esclarecer que o local onde se encontra a *Colônia de Jacobina* fica bastante distante do lugar – o pé do morro Ferrabraz – onde se localizava a residência de Jacobina e João Jorge Maurer. Esse elemento, embora evidente, é, muitas vezes, motivo de confusão, já que algumas pessoas acreditam que os Mucker reuniam-se na atual *Colônia de Jacobina* e não no lugar localizado ao pé do morro Ferrabraz⁴⁸⁵.

No material de divulgação da Colônia de Jacobina, encontramos um breve resumo que conta a história da região e enfatiza o episódio dos Mucker:

A Colônia de Jacobina é o passeio perfeito para pessoas de todas as idades que procuram esportes, lazer, história e descanso num cenário esculpido pela natureza.

Localizada aos pés do morro Ferrabraz, a antiga colônia germânica do Padre Eterno, hoje Sapiranga, foi palco de um dos episódios mais fascinantes da história do Brasil. Entre os anos de 1872 e 1874, Jacobina Maurer liderou uma legião de colonos alemães revoltados contra as instituições da época, enfrentando até o exército imperial. Jacobina, que tinha sua imagem confundida com o próprio Cristo, fazia previsões do fim do mundo e confortava os deserdados com promessas do paraíso.

Os Mucker, seguidores de Jacobina, viveram momentos de epopéia e paixão. Seus opositores sabiam que tinham à frente um inimigo que não apenas conhecia muito bem o terreno, mas era imbuído de um ideal messiânico que ultrapassava a compreensão dos estreitos limites de seu tempo.

Comparado à Guerra de Canudos, o acontecimento serviu de inspiração para o livro de Videiras de Cristal (1990), de Luiz Antonio de Assis Brasil, e para a sua adaptação cinematográfica realizada pelo diretor Fábio Barreto, intitulada *A Paixão de Jacobina* (2002), com Letícia Spiller, Thiago Lacerda e grande elenco. (grifos do autor)

⁴⁸⁵ Lembramos que o lugar onde atualmente encontramos o monumento construído em homenagem ao Coronel Genuíno Sampaio é o mesmo onde se localizava a residência de Jacobina e João Jorge Maurer.

A Colônia cenográfica é apresentada pelo material de divulgação como um lugar onde as pessoas podem conhecer a história de um dos mais importantes episódios da história do Brasil. Com a intenção de informar os turistas, o texto retrata o conflito a partir da discórdia entre dois grupos, o dos Mucker e de seus combatentes. O texto destaca a atuação de Jacobina, apontada como líder do grupo que teria se revoltado contra as instituições de sua época.

O texto compara o conflito dos Mucker ao de Canudos, justificando sua importância e o interesse demonstrado através da produção de duas obras de referência sobre o tema, uma de autoria de Assis Brasil e outra de Fábio Barreto. Atualmente, a Colônia de Jacobina recebe turistas apenas com agendamento prévio e apenas para grupos de visitantes⁴⁸⁶. Por ocasião da visita, são oferecidos aos turistas pratos típicos da culinária alemã, que resgatam parte das tradições cultivadas até os dias atuais pelos moradores da zona rural de Sapiranga. O lançamento do filme *A Paixão de Jacobina*, em 2002, provocou um impacto positivo sobre o desenvolvimento do turismo em Sapiranga. A partir de então, a cidade ganhou projeção nacional, sendo conhecida por pessoas de diversas regiões⁴⁸⁷.



⁴⁸⁶ Com a criação dos *Caminhos de Jacobina*, a zona rural, onde também se encontra a Colônia de Jacobina, passou a ser explorada pelo turismo rural. Várias propriedades da zona rural de Sapiranga transformaram-se em sítios de lazer e campings, para onde, especialmente nos finais de semana, muitas pessoas se dirigem. A partir desta nova realidade, em que o turismo rural se desenvolveu, muitas famílias viram também a oportunidade de ampliar seus negócios, vendendo vários produtos produzidos em suas propriedades, gerando assim uma renda complementar aos pequenos produtores rurais de Sapiranga.

⁴⁸⁷ Consultando o Livro de Visitas do Museu Municipal, notamos como, a partir de 2002, ocorreu um aumento considerável no número de visitantes provenientes de outros estados brasileiros.

Entre os *lugares de memória* sobre os Mucker, encontramos ainda a *Pedra Branca de Jacobina*. Esse ponto turístico está localizado à margem da estrada que dá acesso ao topo do morro Ferrabraz, onde se pratica o vôo-livre. A *Pedra Branca de Jacobina* destaca-se na paisagem, atraindo um bom número de turistas e a atenção dos que sobem o morro para a prática do vôo livre.



A próxima imagem traz a placa que identifica a *Escadaria na Pedra Branca de Jacobina*. Nela encontramos duas inscrições bastante significativas e que procuram explicar aos visitantes o significado do lugar.



A caverna⁴⁸⁸ existente no morro Ferrabraz é constantemente associada pelos moradores de Sapiranga ao lugar em que os Mucker guardavam armas, mantimentos e escondiam-se em situações de ataque. Apesar de estar associada aos Mucker, não existem comprovações arqueológicas do uso da caverna pelos colonos adeptos de Jacobina.

Segundo a placa colocada junto ao início da escadaria de acesso à caverna, o lugar teria abrigado Jacobina e seus adeptos após o ataque sofrido em 19 de julho e do qual resultou o incêndio de sua casa. É preciso, contudo, esclarecer que essa informação não procede, já que o local escolhido pelos Mucker para se esconderem das forças imperiais foi aquele onde encontramos a cruz de Jacobina, e não a caverna como menciona a placa. Sendo assim, a caverna, denominada de *Pedra Branca de Jacobina*, não pode ser confundida como o lugar que serviu de esconderijo e também no qual Jacobina foi assassinada. A própria descrição que consta na placa confirma o equívoco, ao referir o local de execução de Jacobina como aquele nas proximidades da pedreira desativada e, portanto, nas imediações da cruz de Jacobina:

⁴⁸⁸ A caverna não é acessível aos visitantes que chegam até o local, sendo necessário o uso de cordas para se chegar até seu interior. Além disso, a entrada da caverna encontra-se praticamente fechada pela vegetação, o que torna praticamente impossível sua visualização à distância.

... sentindo que o ataque final seria um massacre, Rodolfo Sehn preparou antecipadamente, a uns 300 metros acima, numa pedreira dentro do mato, à direita de quem sobe, um esconderijo de emergência, como alternativa de fuga após a derrota que ele considerava certa. Havia ali algumas armas, remédios, víveres e água. Para lá, depois do incêndio do salão, dirigiu-se Jacobina, mais 16 fiéis sobreviventes. Antônio Mesquita Galvão e Vilma Guerra da Rocha. Mucker: fanáticos ou vítimas?⁴⁸⁹

Para reforçar a associação entre o lugar e os Mucker, a equipe responsável pelas placas colheu o depoimento do sapiranguense Bruno Waschburger⁴⁹⁰, cujos antepassados teriam se envolvido no conflito. A partir da versão contada por seus familiares, Waschburger informou que: ‘Segundo meu avô contava, o esconderijo que ela tinha era muito bem planejado. Era debaixo de um angico gigante, em um paredão e o angico era torto, cheio de cipó. Era tipo uma toca de urso.’”

A *Pedra Branca de Jacobina* é apresentada como mais um *lugar de memória* sobre os Mucker, recriando um ambiente de mistério reforçado pela mata nativa do Ferrabraz. Mesmo com a construção da escadaria de acesso, o lugar é de difícil acesso para os visitantes, tendo em vista a altitude em que a caverna se encontra. Além disso, ao longo da subida, o visitante tem contato com a densa vegetação da região, reforçando o mistério que envolve os Mucker.

Chegando à entrada da caverna, pode-se avistar uma extensa área em torno do morro e de onde, segundo consta, os Mucker podiam avistar a chegada dos seus inimigos. A caverna, segundo muitos moradores de Sapiranga, guardaria um verdadeiro tesouro escondido pelos Mucker, que teria sido saqueado pelos moradores das proximidades do Ferrabraz. É nesse sentido que a *Pedra Branca de Jacobina* pode ser compreendida como um *lugar de memória* sobre os Mucker, contribuindo para que eles se mantenham vivos na memória coletiva.

⁴⁸⁹ GALVÃO, Antônio Mesquita e ROCHA, Vilma Guerra da. *Mucker: fanáticos ou vítimas?* Porto Alegre: Edições EST, 1996. p. 87. Notamos que a placa localiza o esconderijo dos Mucker como sendo a cerca de 300 metros de uma pedreira. Todavia, verificamos que na obra, cuja transcrição é apresentada na placa está escrito “500 metros” e não “300 metros” como foi apresentado na placa.

⁴⁹⁰ Bruno Waschburger é bastante conhecido em Sapiranga, por sua dedicação ao cultivo de plantas frutíferas exóticas e pelas histórias que conta sobre os Mucker. Waschburger defende a idéia de que os Mucker enterraram um tesouro no Ferrabraz e que, possivelmente, este ainda estaria escondido em local desconhecido. Em depoimento dado à RBS TV para elaboração de documentário produzido sobre os Mucker, Waschburger afirmou que eles teriam sido responsáveis pela difusão de um ambiente de medo e perseguição, e Jacobina teria sido a grande responsável pelas atrocidades por eles praticadas naquela época. Segundo Waschburger, as terras de propriedade da família, localizadas ao pé do morro Ferrabraz, teriam sido alvo dos Mucker.

3.5 PERCORRENDO OS LUGARES DE MEMÓRIA DOS MUCKER

Ao identificarmos os diferentes *lugares de memória* sobre os Mucker em Sapiranga, chegamos a algumas constatações importantes e que apontam para as razões de sua criação em diferentes momentos da história do município.

Como pudemos constatar, Jacobina Maurer e Genuíno Sampaio foram os personagens eleitos pela comunidade para representarem, respectivamente, os Mucker e seus combatentes. Esses personagens, no entanto, foram alvo de diferentes interpretações, condicionadas aos interesses de diferentes grupos em diferentes épocas. Se, num primeiro momento, Jacobina é apresentada como a líder dos Mucker e associada a condutas condenáveis, Genuíno é tido como o herói, ao ter dado sua vida ao combatê-los. Já num segundo momento, especialmente a partir da década de 1990, Jacobina passa a ser apresentada como uma heroína, com características morais que a enalteciam, ao mesmo tempo em que Genuíno tem sua atuação reavaliada, sendo colocado como personagem coadjuvante.

Nessa fase, que se inicia na década de 1990, Jacobina é apresentada como a personagem de destaque na história do conflito e passa a representar os Mucker, apresentados a partir de então como pessoas que haviam lutado por seus ideais de justiça e igualdade, desprovidos do fanatismo que os identificava no passado.

Alguns dos *lugares de memória* como o Cemitério do Amaral Ribeiro, a Cruz da Jacobina e a Estátua do Coronel Genuíno Sampaio representaram a intenção da comunidade em materializar a sua versão sobre o conflito Mucker. A crítica e a condenação ao movimento ficam evidenciadas nesses lugares, que deveriam ter a função de lembrar a comunidade para que esta não se esquecesse do passado sombrio e dos efeitos produzidos pelo conflito. Através destes *lugares de memória*, a comunidade sapiranguense manteve viva na memória as lembranças da época dos Mucker.

Por ocasião da criação dos símbolos do município nas décadas de 1950 e 1960, as autoridades municipais viram-se forçadas a buscar no passado uma identidade para Sapiranga, o que implicou o resgate histórico do conflito Mucker. Constata-se que, entre 1950 e 1990, os Mucker foram apresentados de forma pejorativa e como exemplo a não ser seguido, enquanto

seus combatentes e opositores, representados por Genuíno Sampaio, eram apresentados como os defensores da comunidade. Isso pode ser observado nos símbolos municipais, na nomeação de ruas, praças e instituições como a Sociedade de Canto, a Escola estadual e o Centro de Tradições Gaúchas – CTG.

As últimas décadas do século XX e o início do século XXI trouxeram um novo olhar sobre estes cenários, personagens e lugares de memória. Marcos significativos dessas novas abordagens são, sem dúvida, o apelo comercial e turístico de que foram alvo esses *lugares de memória* e a produção literária e cinematográfica que muito contribuíram para que Jacobina fosse alçada à condição de protagonista e líder social e, especialmente, desempenhasse a função de guia turística pelos *Caminhos de Jacobina*.

Como nos ensina Roger Chartier, as representações se constroem à medida que vários elementos contribuem para a criação de determinados símbolos que, por sua vez, são significados e ressignificados pela coletividade. Amparados teoricamente no historiador francês, pudemos constatar que as representações sobre os Mucker em Saporanga foram criadas em diferentes contextos, produzindo imagens sobre o conflito e seus personagens que foram difundidas especialmente através da historiografia, da literatura, da imprensa e do cinema.

As diferentes categorias de representações devem ser compreendidas de forma conjunta, uma vez que estas não se encontram de forma isolada. Ao contrário, as primeiras sempre acabam influenciando o processo de construção das demais, na medida em que passam por um processo de releitura e ressignificação. Com isso, as diferentes representações construídas sobre os Mucker, encontradas ao longo do período analisado (1874-2007), passaram por este processo de atualização e ressignificação, de acordo com o contexto e os interesses dos grupos envolvidos nesta construção.

Jacobina e Genuíno foram não só os personagens eleitos para representar os dois lados do conflito como foram alvos de múltiplas interpretações. Serviram, inclusive, de instrumento de legitimação das práticas sociais da comunidade, como, por exemplo, no processo de emancipação de Saporanga ocorrido no contexto da década de 1950. Naquele período, as representações construídas sobre os Mucker foram manipuladas de acordo com os interesses

do grupo envolvido na construção e consolidação do novo município e, assim, os Mucker foram empregados para fundamentar determinadas idéias e posicionamentos políticos.

No processo que envolveu a construção da identidade sapiranguense, a comunidade tomou os Mucker como uma espécie de “mito fundador”, uma vez que estes foram lembrados na história do município como uma *mancha do passado*, mas que não deveria ser apagada, já que seus erros serviriam de exemplo a não ser seguido. Esses elementos tornaram-se bastante evidentes quando da eleição dos símbolos e da nomeação de determinados lugares públicos da cidade de Sapiranga.

Passados mais de quarenta anos da emancipação política do município, a comunidade procurou reavaliar os Mucker. Isso se deu, especialmente, a partir das novas abordagens divulgadas pelo cinema e pela literatura que contribuíram para a rediscussão do conflito e para que este não fosse mais entendido como motivo de “vergonha” para e pela comunidade. Embora não seja possível mensurarmos o número de sapiranguenses que tinham uma imagem negativa dos Mucker, constatamos que, até o início da década de 1990, essa era a mais evidente e representativa. Já a partir da nova imagem dos Mucker, e especialmente de sua líder Jacobina, difundida pela obra de Assis Brasil, a comunidade passou por um processo visível de ressignificação dos Mucker. Se, no passado, Jacobina tinha sua imagem associada a um ambiente sombrio e fanatizado, a partir desse momento ela passou a ser identificada como uma heroína, que havia lutado pelos interesses da própria comunidade.

Essa *representação positiva de Jacobina* será reafirmada pelo cinema em 2002, na medida em que o filme *A Paixão de Jacobina* apresentará a personagem como uma líder religiosa, preocupada em defender os interesses da coletividade. Esse será o elemento central que sustentará a “nova imagem” de Jacobina, identificada com as causas sociais de seu tempo e com a oferta de amparo religioso.

Inserida num outro contexto, o do início do século XX, a representação positiva da líder dos Mucker desempenhará um papel de máxima importância na reavaliação – pela comunidade – das representações sobre os Mucker. Jacobina será percebida como fundamental para a própria história da comunidade, sendo retirada da marginalidade simbólica à qual outros tempos a condenaram, passando à condição de símbolo de um passado habilmente resgatado pelo turismo histórico-cultural.

Foi essa constatação que nos levou ao título que demos a este último capítulo, já que entendemos que a Jacobina, *líder dos Mucker* da década de setenta do século XIX, acabaria, na década de noventa do século XX, tornando-se a mais requisitada *guia de turismo* de Saporanga. Se, no passado, a líder dos Mucker era associada pela comunidade a uma mancha que *borrava* a imagem do município, a partir de então, ela será compreendida como a mulher que motiva o *orgulho* dos sapiranguenses.

O cenário do conflito, o *Morro Ferrabraz*, e os personagens *Jacobina e Genuíno* constituem-se, na atualidade, em símbolos representativos da Cidade das Rosas. O *Ferrabraz* foi alvo de ressignificação, transformando-se em *lugar de memória* e em lugar da prática do vôo-livre. É nesse mesmo *lugar* que a *Jacobina* – antes fanática religiosa – se transformará em *guia do turismo local*. E é neste contexto de intensa dinâmica das representações que *Genuíno*, tido como herói no passado por ter apaziguado a colônia em tempos de guerra, terá sua imagem confrontada com a de Jacobina, transformando-se em um personagem *secundário*. Diante disso, é possível afirmar que, no início do século XXI, Jacobina saiu vitoriosa na luta pelas representações, sendo celebrada pelos e nos *Caminhos de Jacobina*.

Percorrendo os *lugares de memória* construídos sobre os Mucker em Saporanga, podemos observar como a história do conflito sofreu, efetivamente, um significativo processo de ressignificação. Através dele, os Mucker foram reavaliados e tiveram sua imagem associada à de *lutadores*. Se, até pouco tempo atrás, o imaginário sobre os Mucker os remetia a um ambiente de fanatismo e rebeldia, nos dias atuais, eles são tidos como verdadeiros precursores na *luta* e defesa dos interesses da comunidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa investigação teve como recorte espacial o município de Saporanga, cenário do conflito Mucker ocorrido ao final do século XIX. Para a realização desse estudo sobre a evolução das representações construídas sobre os Mucker, consideramos a peculiar dinâmica que caracterizou três etapas distintas do processo histórico do município. Inicialmente, detivemo-nos no processo de (re)construção do então distrito de São Leopoldo, imediatamente após o desfecho do conflito; após, no momento que antecedeu e se sucedeu à emancipação política comunidade; e, ainda, no momento que antecedeu a mobilização da comunidade pela proposta de desenvolvimento do turismo na região.

O morro Ferrabraz, cenário do conflito Mucker, e seus principais personagens, Jacobina Maurer e Genuíno Sampaio, foram alvos, em diferentes épocas e contextos, de diferentes representações construídas de acordo com os interesses dos diferentes grupos sociais envolvidos no processo.

Se, num primeiro momento, Jacobina teve sua imagem associada ao ambiente sombrio e fanatizado do morro Ferrabraz, para que pudesse ser justificado o massacre dos seus seguidores, o coronel Genuíno foi associado à ação civilizadora do Estado e à defesa dos interesses da pátria, que o transformaram numa espécie de herói para a população sapiranguense. Essa situação, entretanto, alterar-se-ia significativamente no início do século XXI.

Personagens e cenário foram conhecidos pelo público, em especial pela população sapiranguense, através da publicação de obras de cunho historiográfico e literário, que foram decisivas na construção de um imaginário sobre os Mucker. A primeira obra, a do jesuíta Ambrósio Schupp, foi escrita ainda no final do século XIX, e nela os Mucker foram

apresentados como fanáticos religiosos e responsabilizados pelos acontecimentos. Já a obra do escritor Antônio de Assis Brasil, lançada no início década de 1990, propôs que o conflito fosse reavaliado a partir dos seus condicionantes históricos, tornando-se fundamental para a reversão da visão detratadora dos Mucker.

Desse processo desencadeado, em grande medida, pela obra *Videiras de Cristal*, resultou um curioso investimento no enaltecimento da líder dos Mucker, que transformou Jacobina em personagem de destaque, relegando o até então herói, coronel Genuíno Sampaio, a uma posição secundária. Nesse novo embate entre heróis e representações, Jacobina surgirá como aquela cuja imagem poderia projetar Sapiranga no cenário nacional, atendendo aos propósitos da administração municipal e da própria população.

A imprensa sapiranguense desempenhou, igualmente, um papel decisivo para a difusão de representações sobre os Mucker. Nos artigos veiculados pelo Jornal *O Ferrabraz* constatamos a reafirmação de uma imagem detratadora dos Mucker, que são apresentados como culpados, sendo também associados a toda espécie de problemas vividos pela cidade de Sapiranga ao final do século XIX e início do XX.

Sobressaem-se os artigos produzidos por Leopoldo Seffrin, nos quais os adeptos dos Mucker são caracterizados como integrantes de um grupo de fanáticos que, liderados por Jacobina, pregavam falsas idéias e promoviam a desorganização da vida comunitária existente até então na área colonial alemã do Vale do Sinos.

A imprensa sapiranguense, enquanto importante veículo de difusão de representações sobre os Mucker, contribuiu, decisivamente, nas décadas de 1950 e 1960, para a campanha de emancipação do município, que se daria em 1955. Tornou-se evidente a preocupação de setores da população sapiranguense em não vincular o futuro município ao passado pouco glorioso em que os Mucker e, especialmente Jacobina, tinham despertado negativamente a atenção regional e nacional. O resgate histórico do conflito e de seus personagens feito através da imprensa sapiranguense nas décadas de 1950 e 1960 constitui-se de um “exercício pedagógico controlado” da lembrança do passado, na medida em que foram definidos aspectos que deveriam ser reforçados e outros que deveriam ser solenemente esquecidos. A visão negativa sobre os Mucker foi revitalizada, propondo-se a adoção de determinadas condutas sociais pela população, bastante distantes da desordem e da ignorância associadas

aos Mucker. Concomitantemente, as administrações municipais que se sucederam nessas décadas investiram na construção de monumentos e no simbolismo de que se revestiria a nomeação de instituições e de avenidas, ruas e praças da cidade ao homenagearem os personagens que combateram heroicamente os “colonos do Ferrabraz”.

Pode-se afirmar que, até a década de 1990, os Mucker foram compreendidos e apresentados como uma *mancha do passado*, que deveria servir como contraponto para a ordem e para o progresso almejados para a cidade de Sapiranga. É, em razão disso, que o coronel Genuíno será escolhido para personificar os valores e o espírito comunitário que deveriam nortear o município após sua emancipação. Se o coronel serviu de guia para a consolidação dos anseios políticos da década de 1950, Jacobina representou o que não deveria ser seguido, ao remeter para o atraso e para o ambiente de fanatismo religioso vivido no Ferrabraz na década de 1870.

Essa *mancha do passado* estendeu-se ao morro Ferrabraz, apresentado como lugar “incivilizado” e atrasado, *lugar dos Mucker e de Jacobina*, de atraso econômico e de ligação com a agricultura familiar. Constata-se aí a oposição que será explorada a partir da emancipação política, a de que o progresso se concentrava na região urbana, dada a instalação de indústrias em Sapiranga e ao surgimento de uma nova camada social com aspirações progressistas.

Se no passado – e de forma mais evidente até a emancipação política - o morro Ferrabraz era tido como um lugar que lembrava os Mucker, a partir do início da década de 1990 esse mesmo lugar passou a promover o desenvolvimento econômico de Sapiranga. Isso ocorreu também em decorrência da prática do vôo-livre, que atraiu muitos praticantes e observadores de diversas partes do Brasil. Através da prática desse esporte radical, Sapiranga conquistou reconhecimento nacional e passou a sediar competições de nível nacional.

A transformação do morro Ferrabraz em lugar turístico ocorreu, em grande parte, a partir da repercussão da obra do escritor gaúcho Assis Brasil que (re)apresentou o morro à população sapiranguense e ao país, agora não mais como um lugar de selvageria e barbárie, mas como uma área tipicamente colonial e plenamente inserida no contexto político, econômico e social do final do século XIX. Também o filme *A Paixão de Jacobina*, lançado em 2002, contribuiu nesse sentido, ao apresentar o morro como um lugar misterioso,

caracterizado por belezas naturais, o que despertou a curiosidade dos espectadores e atraiu turistas. Foi essa nova visão do Ferrabraz e dos Mucker que fez surgir a proposta de desenvolvimento do turismo histórico-cultural no município.

O mesmo morro que, no passado, era tido pela comunidade como o *lugar dos Mucker* e que era associado a um período sombrio da história do município, será visto de forma bastante diferente a partir do final do século XX. A geografia acidentada do local que, no passado, era sinônimo de isolamento e de refúgio para os Mucker, no final do século XX passará a ser motivo de orgulho para a comunidade, ao propiciar a prática de vôo-livre e de para-glíder e favorecer o turismo histórico-cultural.

Vale lembrar que, após o massacre de 1874, muitos dos sobreviventes adeptos dos Mucker optaram pelo silêncio, mudando-se para lugares distantes do Ferrabraz, para assim poderem reconstruir suas vidas abaladas pelo conflito, o que equivale dizer que o morro se “esvaziou” da presença Mucker ao final do século XIX. Na cidade, concentraram-se aqueles que os haviam combatido e os haviam vencido, constituindo-se em fonte única e inesgotável de versões sobre batalhas e vitórias das forças imperiais sobre os Mucker.

Foi somente a partir da publicação da obra de Leopoldo Petry, em 1957, que os Mucker foram apresentados de forma menos negativa, a partir de uma leitura crítica da versão apresentada por A. Schupp. Nessa perspectiva, Petry pode ser considerado um precursor do revisionismo sobre o conflito Mucker, o que o tornou alvo de inúmeras críticas de parte de setores da população sapiranguense, que chegaram a acusá-lo de defender a causa da absolvição da família Mentz. Esse comportamento é compreensível, na medida em que, ao final de década de 1950, ainda prevaleciam as representações difundidas por Schupp, e o imaginário coletivo encontrava respaldo nos *lugares de memória* sobre os Mucker espalhados na cidade.

Esse processo de reavaliação será retomado com a publicação, em 1978, do primeiro trabalho acadêmico sobre o tema, produzido pela historiadora Janaína Amado, que contribuiu de forma significativa para que uma nova versão do conflito fosse apresentada. Ainda na década de 1970, houve o lançamento do primeiro filme sobre os Mucker, produzido por Wolf Gauer e Jorge Bodansky. Rodado sob a forma de documentário, o filme, apesar de criticar a ação violenta das forças imperiais, retrata Jacobina como uma personagem histórica,

envolvida pelo ambiente de fanatismo religioso do Ferrabraz, reafirmando a visão detratora dos Mucker construída ao final do século XIX. Apesar das novas visões oferecidas e defendidas nas obras de Petry (1957), Domingues (1977) e Amado (1978), constata-se a vitalidade – entre a população sapiranguense – da visão que associava os Mucker ao fanatismo religioso e ao período de atraso e de ignorância. À força desse imaginário pode-se associar ainda uma profusão de sentimentos que a sustentam como *tristeza, ódio, rancor e medo*, experimentados por aqueles que tiveram familiares envolvidos nos dois lados do conflito. O ato de lembrar o conflito despertava em muitos, especialmente entre os moradores mais idosos, sentimentos controversos, que provocavam constrangimento e vergonha, levando-os ao silenciamento.

Foi com a publicação da obra de Assis Brasil, em 1990, que, aparentemente, os Mucker deixaram de ser um tema sobre o qual não se falava. Isso, contudo, não impede que, para muitos, os Mucker continuem sendo fanáticos e Jacobina a mulher responsável pela discórdia e pelo massacre na região. Uma parcela significativa da população, no entanto, empenhou-se em atribuir um novo significado para o conflito para a história do município, valorizando locais como o morro Ferrabraz e virtudes como o humanitarismo e a solidariedade de Jacobina.

Essa nova percepção sobre os Mucker pode ser evidenciada no trabalho desenvolvido pela artista sapiranguense Tânia Hanauer⁴⁹¹. Nas palestras e exposições que realiza nos municípios da região, a artista procura ressaltar uma nova imagem dos Mucker e de Jacobina, retratando-a como uma líder religiosa e também social, empenhada em atender as carências do seu grupo de adeptos.

Em quatro dos seus trabalhos, a artista empenhou-se em apresentar a sua visão do morro Ferrabraz e de Jacobina⁴⁹². Se até então a imagem de Jacobina a que tínhamos acesso

⁴⁹¹ Tânia Hanauer nasceu em 08 de setembro de 1959, em Novo Hamburgo, RS. Em seu currículo estão cursos de pintura realizados em São Paulo sob orientação de Renato Pinto e Miguel Lopes Pallas e também vários outros cursos realizados no Rio Grande do Sul. Participou de inúmeras exposições individuais e coletivas no Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, recebendo várias premiações nestas participações. Seu trabalho é bastante conhecido no Vale do Sinos e, principalmente, em Sapiranga, cidade onde reside atualmente. Seus trabalhos retratam temas relacionados à história da imigração alemã e ao desenvolvimento da indústria de calçados no Vale do Sinos.

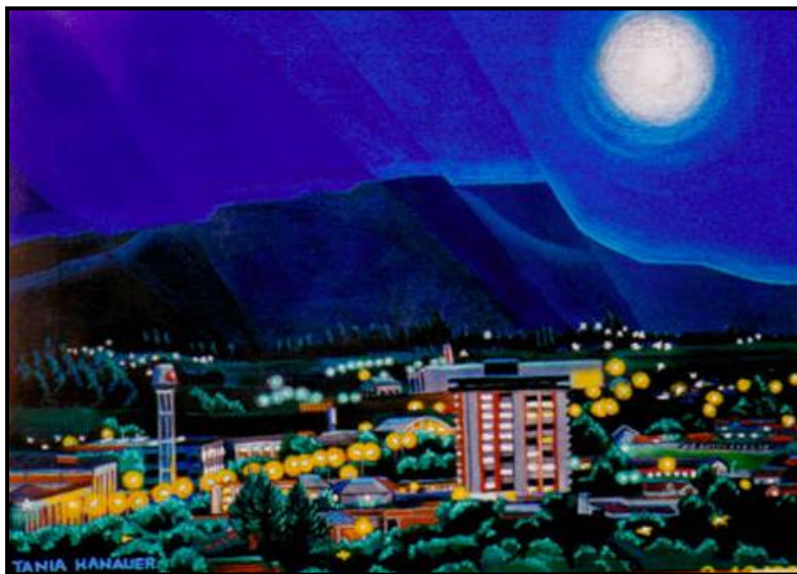
⁴⁹² No material produzido em cd-rom para divulgar seu trabalho, a autora apresenta uma leitura bastante pessoal da líder dos Mucker: *Jacobina Mentz Maurer, junho de 1841 ou 1842 – 1874. Colona, membro do Movimento Mucker no Ferrabraz, analfabeta e com desmaios. “No Ferrabraz já se achava uma regular multidão de fiéis.*

era a de uma fotografia⁴⁹³, a partir de 2000, ela será “livremente” retratada também através da pintura. É interessante observar a necessidade sentida pela população de Sapiranga, sobretudo do poder municipal, de – no contexto de transformações do início do século XXI – criar um “rosto” para a personagem.

Na percepção de Hanauer, o morro Ferrabraz integra-se harmoniosamente à paisagem da cidade de Sapiranga e é motivo de contemplação por seus moradores, dividindo as atenções com a torre de uma indústria, símbolo do progresso de Sapiranga. O Ferrabraz e a cidade formam um único conjunto, no qual o morro representa o passado – e a época dos Mucker – e a cidade o momento atual de desenvolvimento da vida urbana.

Quando se presumiu que ninguém mais viria, deu-se começo a função religiosa... Foi quando surgiu uma aparição que consistia em um vulto de mulher, vestida de branco com feições lívidas e uma capela de flores na cabeça, em estado de imobilidade... 19/05/1872”. A sombra atrás da figura de Jacobina, de cabelos compridos e com uma cruz na mão... Joana D’Arc, 1412-1431, heroína francesa da Guerra dos Cem Anos, camponesa, analfabeta até os dezoito anos, visionária e fanaticamente religiosa. Tinha visões e ouvia vozes que a ordenavam a libertar a França dos ingleses. Capturada, foi julgada como herege por religiosos franceses que simpatizavam com a causa inglesa e condenada à morte na fogueira. Canonizada em 1920. Coincidência ou ... Mulheres a frente do seu tempo, tomadas como loucas por ousarem mudar o rumo da humanidade. Condenadas por um júri de interesses comerciais, políticos, religiosos, preconceituosos... coisas da natureza humana mesmo. Entre os colonos, os que ocupavam o Ferrabraz, se destacavam porque eram liderados por uma mulher, que se dizia o Cristo Mulher, e se encarregava dos ofícios religiosos e ainda conseguia fazer milagres e previsões com o que lia na bíblia... Seu nome, Jacobina Mentz Maurer. Com a chegada de padres e pastores, essa situação gerou um clima difícil na colônia. A questão da liderança feminina pura e simples, não seria caso para reações, porém, compará-la a Cristo, era imperdoável. A afirmação, jamais comprovada, de que Jacobina era Cristo Mulher, uniu facções antagônicas, alimentadas pelas inverdades e por matérias jornalísticas, culminando no massacre dos colonos do Ferrabraz, Jacobina sobrevive no universo imaginário das últimas gerações, que já não têm mais vergonha de seus antepassados... 132 anos depois, um clima de mistério e curiosidade ronda o Ferrabraz, e hoje, no local do massacre, homens o sobrevoam livres. Qual será a verdade? Vilã ou heroína? Este trabalho foi elaborado a partir de entrevistas com antepassados de Jacobina e pesquisas que fiz de como seria o perfil de Jacobina, pois as fotos dos livros são atribuídas a ela, mas não há uma certeza de como ela realmente seria fisicamente. HANAUER, Tânia. Tânia Hanauer. cd-rom de divulgação.

⁴⁹³ Como já afirmamos em outro momento da Tese, a fotografia que usualmente é empregada pela imprensa para representar Jacobina é aquela que retrataria o casamento do casal Maurer, e cuja autenticidade é questionada.



LUAR SOBRE O FERRABRAZ
(pastel oleoso sobre tela – 50x70cm)

Sobre Jacobina, a artista produziu três obras, sendo que as duas primeiras pinturas são, atualmente, os dois únicos trabalhos artísticos registrados sobre a líder dos Mucker. O registro foi feito no MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul, que tem o direito sobre suas imagens.



JACOBINA
(óleo sobre tela com textura acrílica – 50x70cm)

Na primeira obra, Jacobina é representada como uma líder religiosa – imagem que se reproduz no monumento construído em 2006, na praça localizada na entrada da cidade – que segura em suas mãos a Bíblia Sagrada. Nessa pintura, Hanauer associa Jacobina à Joana D’Arc, pois as duas personagens acabaram perdendo sua vida em defesa de seus ideais.

Já em 2002, ano das gravações do filme *A Paixão de Jacobina*, Hanauer retratou pela segunda vez a líder dos Mucker. Dessa vez, sua intenção foi a de retratar uma mulher de ascendência alemã que tivesse os traços comuns dos colonos que habitavam o Ferrabraz. A artista valeu-se ainda da rosa, flor cultivada nos jardins e nos canteiros centrais das ruas da cidade e, o mais significativo, flor símbolo de Sapiroanga, associando-o à Jacobina.



ROSAS PARA JACOBINA
(óleo sobre tela - 50x70cm)

Uma terceira pintura com o tema Jacobina foi produzida pela artista em 2005. Nela Hanauer retoma o símbolo da cidade, associando-o, mais uma vez, à Jacobina. Suas obras de arte têm recebido o reconhecimento da comunidade sapiranguense, que lhe tem conferido vários prêmios em exposições e, o mais relevante, parece ter superando a visão detratadora em relação à Jacobina.



ROSAS PARA JACOBINA II
(óleo sobre tela – 80x80cm)

Constatamos, ainda, que foi através das diferentes representações construídas e difundidas sobre os Mucker e, especialmente, sobre Jacobina, que a comunidade sapiranguense procurou, ao longo de mais de um século, manter vivo o conflito Mucker na memória de seus moradores. O passado, em razão disso, jamais foi esquecido.

Nesse exercício constante de *lembrança* dos Mucker, foram empregados diferentes meios de difusão, que apresentaram, em diferentes contextos, versões sobre o mesmo cenário e sobre os mesmos personagens. Nessa perspectiva, a historiografia, a literatura, a imprensa, o cinema e também a arte desempenharam um papel de grande importância, na medida em que veicularam representações sobre os Mucker que acabaram sendo incorporadas ao discurso de interpretação do conflito pela população de Sapiranga. É desse permanente esforço de (re)interpretação dessas representações, em diferentes épocas, que resultou a nomeação dos *lugares de memória* e, mais contemporaneamente, a criação d’*Os Caminhos de Jacobina*.

O mesmo Ferrabraz, que no passado foi percebido como o *covil dos Mucker*, na atualidade é percebido como local que – pelas suas belezas naturais – potencializa e desenvolve o turismo histórico-cultural. Nesse novo cenário que se construiu no início do século XXI, Jacobina e Genuíno assumiram papéis bastante distintos dos que lhes foram conferidos ao final do século XIX. Especialmente Jacobina, a líder dos fanáticos Mucker, passou a desempenhar a função de guia do turismo histórico-cultural.

Atualmente, os Mucker são tema de seminários, de palestras e de discussões realizadas no âmbito da cidade. É inegável que o conflito mantém-se na condição de “marco” histórico de Sapiranga, delimitando o passado do presente. Nas escolas do município, o tema Mucker faz parte do currículo obrigatório, permitindo que os estudantes discutam em sala de aula a história dos Mucker. Não são mais eleitos *mocinhos* ou *bandidos*, buscando-se a compreensão do que representou de fato a luta travada entre os *colonos do Ferrabraz* e as forças imperiais no final do século XIX. Essa visão é resultado de uma nova concepção, cujo exemplo concreto pode ser encontrado na criação do *Clube de História*, projeto desenvolvido pelo Museu Municipal de Sapiranga durante os anos de 1999 e 2000 e que permitiu que estudantes do ensino fundamental do município se encontrassem para discutir a história do município e dos Mucker.

Em outros municípios do Vale do Sinos, também verificamos a importância que foi e vem sendo dada à história dos Mucker na construção e nomeação de lugares de memória. Em relação à primeira situação, referimos o caso do município de Estância Velha, que já se chamou Genuíno Sampaio. Especificamente em relação ao segundo aspecto, lembramos o município de Campo Bom, no qual localizamos um bairro da cidade chamado *Genuíno Sampaio* e uma escola municipal com o mesmo nome. Não havia, no entanto, nenhuma referência direta ou lugar de memória que celebrasse propriamente os Mucker fora de Sapiranga até 2006.

Em 20 de outubro de 2006, ocorreu a inauguração do *Centro Jacobina de Atendimento e Apoio à Mulher*, em São Leopoldo. O ato solene contou com a participação da ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Nilcéa Freire. A simbologia presente nesse ato de inauguração do centro é evidente, uma vez que Jacobina é utilizada como exemplo de luta pelas causas femininas. Jacobina, neste início do século XXI, terá sua imagem atualizada pela entidade, que emprega seu nome associando-o a exemplo de luta e de coragem.

É importante ressaltar que, nesse processo de construção e de difusão de representações sobre os Mucker, interferiram interesses de diferentes grupos sociais que, agindo na defesa de seus interesses, determinaram o que deveria ser lembrado e o que deveria ser esquecido sobre o episódio dos Mucker. *Lembranças e esquecimentos* que, conseqüentemente, puderam ser consagrados ou revertidos de acordo com as necessidades surgidas em cada momento analisado ao longo da Tese.

Essa constatação nos faz concordar, mais uma vez, com Chartier, que afirma que não existe *produção* ou *prática cultural* que não esteja diretamente associada à supervisão e à censura dos diferentes grupos de poder. Essas práticas fundamentam-se na criação de materiais impostos pela tradição que, por seu turno, reforçam as *palavras* e os *gestos* dos grupos que detêm esse poder.

Até aqui empreguei – na construção do texto – a 1ª pessoa do plural, não simplesmente como recurso de estilo, mas porque efetivamente acredito que esse estudo é resultado de “muitas mãos” estendidas e de muitas pessoas que caminharam comigo ao longo destes quatro anos. Peço, porém, licença para, a partir de agora, falar na primeira pessoa do singular, esclarecendo que esses últimos parágrafos da Tese são redigidos por um *autor* sapiranguense que, ao falar sobre sua cidade, precisou romper com muitas das *representações sobre os Mucker que trazia já internalizadas*.

Como já mencionado na Introdução, meus primeiros contatos com os Mucker se deram ainda quando criança. O *cenário* analisado na Tese foi, de certa forma, também o meu cenário, aquele em que nasci, cresci e em que me dei conta de que a vida também existia para além dos horizontes que o alto do morro me permitia observar. Durante minha infância e mocidade, os Mucker permaneceram vivos em minha memória, mas a curiosidade se manteve amortecida pelo medo que as histórias contadas me provocavam. A vida adulta, no entanto, reservou-me o desafio de estudar *mais a fundo* aquela história que me havia sido apresentada quando criança.

A Jacobina que aparecia nas histórias habitava meus pensamentos e, devo confessar, compartilhava com a maioria dos moradores de Sapiranga a imagem negativa que tinha dela. *Bruxa, feiticeira, prostituta e assassina*. Essa a primeira imagem que tive da líder dos Mucker. Bem diferente era a imagem que eu tinha do coronel Genuíno – *corajoso, herói e valente* –, a quem conheci não apenas através das histórias, mas também do monumento erguido no Ferrabraz.

Ao realizar o meu Trabalho de Conclusão do Curso de História e a minha Dissertação de Mestrado, tive a oportunidade de acessar e analisar fontes que me permitiram confrontar as versões que *condenavam* e as que *defendiam* os Mucker. Foi dessa trajetória acadêmica e

peçoal que nasceu minha Tese de Doutorado. Através dela foi possível perceber e evidenciar as múltiplas interpretações e manipulações de que os Mucker foram alvo desde o final do século XIX até os dias atuais e, sobretudo, perceber as ruas, as instituições e os monumentos – *lugares de memória* sobre os Mucker – sob uma outra perspectiva. Caminhar pela cidade, a partir dessa reflexão a que me propus, não somente adquiriu um novo sentido, como se constituiu em experiência concreta de superação das imagens inocentes da minha infância.

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia S. P.; OLIVEIRA, Denise C. de. *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB Editora, 1998.

AMADO, Janaína. *Conflito social no Brasil: a revolta dos “Mucker”*. São Paulo: Símbolo, 1978.

ANDERSON, Luis Vergara. Textos, inscripciones, mimesis y arquitetura: hacia una hermenêutica del habitar a partir de Paul Ricoer. In: *HISTÓRIA y grafia: espacios e história*. Huixquilucan: Univesidad Iberoamericana, julho, 2004.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004.

ARAÚJO, Maria M. B. de. *Cotidiano e imaginário: um olhar historiográfico*. Teresina, PI: EDUFPI/Instituto Dom Pedrito, 1997.

ARAVANIS, Evangelia. Movimento Mucker: a necessidade de novos estudos e novas abordagens. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. *Os alemães no sul do Brasil: cultura: etnicidade: história*. Canoas, RS: ULBRA, [19--].

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. Bauru: EDUSC, 2000.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Videiras de cristal: o romance dos Muckers*. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

BACZKO, Bronislaw. *Los imaginários sociales: memórias e esperanzas colectivas*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1984.

_____. Imaginação social. In: *ENCICLOPÉDIA Einaudi* (Anthropos-Homem). Portugal: Imprensa nacional/Casa da Moeda, [19--]. v. 5.

BANN, Stephen. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: UNESP, 1994.

BARREIRA, Irllys Alencar F. A cidade no fluxo do tempo: invenção do passado e patrimônio. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 5, n. 9, jan./jun. 2003.

BARRETO, Eneida Weigert Menna. *Demônios e santos no Ferrabrás: uma leitura de Videiras de Cristal*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e história*. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. Espaço e tempo: territórios do historiador. In: SANTOS, Cláudia Andrade dos, et al. (Org). *Espacialidades: espaço e cultura na história*. Vassouras: Universidade de Severino Sombra, 2004.

_____. *Campo da história: espacialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BERGER, Christa. Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica. In: MOUILLAND, Maurice; DAYRELL, Sérgio (Org.). *O jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

BIASE, Alesia de. Ficções arquitetônicas para a construção da identidade. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 7, n. 16, dez. 2001.

BIEHL, João Guilherme. *Jammerthal, o vale da lamentação: crítica à construção do messianismo Mucker*. 1991. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1991.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____. *A Economia das trocas lingüísticas*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998 .

_____. *La distinción: critério y bases sociales del gusto*. Madrid: Taurus, 2000.

_____. *O Poder simbólico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

_____. *A Produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2002.

BOUTIER, Jean ; JULIA, Dominique (Org.). *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998.

BRAGA, José Luiz. Questões metodológicas na leitura de um jornal. In: MOUILLAND, Maurice; DAYRELL, Sérgio (Org.). *O jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

BRANDÃO, Carlos A. L (Org). *As Cidades da cidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BRUM, Rosemary Fritsch. História e memória: a soldadura da imaginação. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 32, n. 1, jun. 2006.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *História e teoria social*. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. *A Fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____ (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades: um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMARGO, César S. Os Mucker: movimento messiânico protestante no Brasil. In: *Revista Teológica da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE)*, n. 33, dez. 1990.

CANANI, Aline Sapiezinskas K. B. Herança, sacralidade e poder: sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, jan./jun. 2005.

CANCLINI, Néstor García. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. *Opinião Pública*, Campinas, v. 8, n. 1, 2002.

_____. *Imaginários urbanos*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1997.

CANSTATT, Oscar. *Repertório crítico da literatura teuto-brasileira*. Rio de Janeiro: Presença, 1967.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru: EDUSC, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____ ; VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CARVALHO, Iracilda Pimentel. Brasília: imagens e representações. In: COSTA, Cléria B. da; MAGALHÃES, Nancy Alessio (Org.). *Contar história, fazer história: história, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15, 2001.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra J. (Org.) *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia da cidade: a produção do espaço urbano em Goiânia*. Goiânia: Alternativa, 2001.

CEM anos de germanidade no Rio Grande do Sul: 1824-1924. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *A Invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: AIRÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (Org.). *História da Vida Privada: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. O Mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 11, nov. 1991.

_____. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A Nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001.

CONCEIÇÃO, Fernanda Oliveira da. *História do Centro de Tradições Gaúchas Pedro Serrano: 30ª região tradicionalista*. Saporanga, 1999. (mimeografia)

COSTA, Cléria Botelho da. Memórias compartilhadas: os contadores de história. In: COSTA, Cléria B. da; MAGALHÃES, Nancy Alessio (Org.). *Contar história, fazer história: história, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15, 2001.

DECCA, Edgar Salvadori de. Literatura em ruínas ou as ruínas na literatura? In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004.

DELGADO, Andréa Ferreira. Goiás: a invenção da cidade “patrimônio da humanidade”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, jan./jun. 2005.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. *Afetos e circunstâncias: um estudo sobre os Mucker e seu tempo*. 1996. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 1996.

DOMINGUES, Moacyr. *A Nova face dos Mucker*. São Leopoldo: Rotermond, 1977.

ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELMIR, Cláudio Pereira. *A História devorada: no rastro dos crimes da rua do Arvoredo*. Porto Alegre: Escritos, 2004.

_____. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos de Estudos*, Porto Alegre, n. 13, dez. 1995.

ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do contestado. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, dez. 1998.

_____. “Uma poeira de acontecimentos minúsculos”: algumas considerações em torno das contribuições teórico-metodológicas da micro-história. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 10, n. 2, maio/ago. 2006.

FABRIS, Annateresa. Redefinido o conceito de imagem. *Revista Brasileira de História*, v. 18, n. 35, 1998.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: USP/Imprensa Oficial do Estado, 2002.

Félix, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo, RS: EDIUPF, 1998.

Félix, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio Pereira (Org.). *Mitos e heróis: a construção de imaginários*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

FENRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória social*. Lisboa: Teorema, 1992.

FERREIRA, Antonio Celso. Heróis e vanguardas, romance e história: os intelectuais modernistas de São Paulo e a construção de uma identidade regional. In: PESAVENTO, Sandra J. (Org.) *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru: EDUSC, 2004.

FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. (Org.). *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FLECK, Lúcio. *Sereis minhas testemunhas*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2001.

_____. *História de Sapiranga*. Santa Maria, RS: Pallotti, 1994.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. A Inconfidência mineira e Tiradentes vistos pela imprensa: a vitalização dos mitos (1930-1960). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

FORTES, Amyr Borges. *Compêndio de história do Rio Grande do Sul*. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 1981.

FUÃO, Juarez José Rodrigues. *Monumento-Túmulo ao General Bento Gonçalves da Silva: da fundamentação à materialização do mito na sociedade sul-rio-grandense*. 2003. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Universidade do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2003.

GALVÃO, Antônio Mesquita; ROCHA, Vilma Guerra da. *Mucker: fanáticos ou vítimas?* Porto Alegre: Edições EST, 1996.

GEVEHR, Daniel Luciano. *Fanáticos, violentos e ferozes liderados por Jacobina endiabrada: as representações anti-Mucker em “O Ferrabraz” (1949-1960)*. 2003. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas, UNISINOS. São Leopoldo, 2003.

GINER, Josepa Cuco. *Antropologia urbana*. Barcelona: Ariel, 2004.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GORELIK, Adrián. A produção da “cidade latino-americana”. *Tempo social*, São Paulo, v. 17, n. 1, jun. 2005.

GRÜTZMANN, Imgart. O almanaque (Kalender) na imigração alemã na Argentina, no Brasil e no Chile. In: DREHER, Martin et al. (Org.) *Imigração e imprensa*. Porto Alegre: EST/ São Leopoldo: IHSL, 2004.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. A cidade simbólica: inscrições no tempo e no espaço. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 32, n. 1, jun. 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HISTÓRIA do ano de 1874. O que meu pai João Daniel Noé gravou do ano de 1874 e do que em mesmo ainda me lembro : apontamentos de Miguel Noé. In: DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermund, 1977.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOOK, Sidney. *O Herói na história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNQUEIRA, Mary A. Representações políticas do território latino-americano na Revista Seleções. *Revista Brasileira de História*. Espaços da Política. São Paulo, v. 21, n. 42, 2001.

KANAREK, Célia Berkstein. La concepción simbólica de poder: el Palacio Legislativo Federal porfiriano. In: *HISTÓRIA y grafía: espacios e história*. Huixquilucan: Universidade Iberoamericana, julho, 2004.

KERSTEIN, Márcia Scholz de A. *Os Rituais do tombamento e a escrita da história: bens tombados no Paraná entre 1938-1990*. Curitiba: UFPR, 2002.

KLEIN, João Jorge. Sobre a história dos “Mucker” nos anos de 1872 e 1874. In: PETRY, Leopoldo. *O Episódio do Ferrabraz: os Mucker*. 2. ed. São Leopoldo: Rotermond, 1966. p. 121-151.

KUJAWA, Henrique Ainceto. *Cultura e religiosidade cabocla: movimento dos monges barbudos no Rio Grande do Sul – 1938*. Passo Fundo, RS: UPF, 2001. (Série Dissertações. História ; 5)

KUNZ, Marines Andrea. *Mosaico discursivo: a representação de Jacobina Maurer em textos históricos, literários e fílmicos*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2006.

LANDO, Aldair Marli et al (Org.) *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. (Série Documenta ; 4)

LE GOFF, Jacques ; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

_____. *História e memória*. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

_____. *Por amor às cidades*. São Paulo: UNESP, 1998.

LEENHARDT, Jacques. As Luzes da Cidade. Notas sobre uma metáfora urbana em Jorge Amado. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru: EDUSC, 2004.

LEIDENBERGER, Georg. Proximidad y diferenciación: el manejo del concepto del espacio en la historiografía urbana. In: *HISTÓRIA y grafía: espacios e historia*. Huixquilucan: Universidad Iberoamericana, julho, 2004.

LEVI, Giovanni. *A Herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

LIMA, Henrique Espada. *A Micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto história*, São Paulo, v. 17, nov. 1998.

MACIEL, Maria Eunice. Procurando o imaginário social: apontamentos para uma discussão. In: FELIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio P. *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

MAGALHÃES, Dóris Rejane Fernandes. *Reconstruindo a história do Clube 19 de Julho*. Porto Alegre: Renascença, [19--].

MARTINS, Ana Luíza. A Invenção e/ou eleição dos símbolos urbanos: história e memória da cidade paulista. In: BRESCIANI, Stella (Org.). *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1993.

MENESES, José Newton Coelho. *História & turismo cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MYERSON, Daniel. *Sangue e esplendor: a história dos piores tiranos da humanidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

MOEHLECKE, Germano Oscar. *O Vale do Sinos era assim*. São Leopoldo: Rotermond, 1978.

MONTEIRO, Charles. Duas leituras sobre as transformações da cultura urbana de Porto Alegre nos Anos 1970: entre memória e ficção. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 30, n. 2, dez. 2004.

_____. *Porto Alegre e suas escritas: histórias e memórias (1940 e 1972)*. 2001. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2001.

MONTEIRO, Hamilton de Mattos. Da república velha ao estado novo. Parte A: o aprofundamento do regionalismo e a crise do modelo liberal. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História geral do Brasil*. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.

MOREIRA, Antonia Solva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Feiticeiros, venenos e batuques: religiosidade negra no espaço urbano: Porto Alegre: século XIX. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et al. *Capítulos de história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

MORETTIN, Eduardo Victorino. Dimensões históricas do documentário brasileiro no período silencioso. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 49, jun. 2005.

MOUILLAUD, Maurice. O Nome do jornal. In: MOUILLAUD, Maurice; DAYRELL, Sérgio (orgs.). *O Jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

_____. O Título e os títulos. In: MOUILLAUD, Maurice; DAYRELL, Sérgio (Org.). *O Jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

_____. Posturas do leitor. In: MOUILLAUD, Maurice; DAYRELL, Sérgio (Org.). *O Jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, Maurice; DAYRELL, Sérgio (Org.). *O Jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

MOTTER, Maria Lourdes. História e imprensa. *Comunicações e Artes*, São Paulo, v. 15, n. 24, set./dez. 1990.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NATH, Denise Salete. *Memórias da viação férrea do Rio Grande do Sul: a Estação Sapyranga*. 2001. Trabalho de Conclusão, Curso de História, Centro de Ciências Humanas. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A Construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e hoje. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *História cultural: experiências de pesquisas*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

_____. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

OLIVEIRA, Luiz Antônio de. O Teatro da memória e da história: alguns problemas de alteridade nas representações do passado presentes no culto aos mártires Canhaú – RN. *Revista de Humanidades*, v. 4, n. 8, abr./set. 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e afeitos do trabalho simbólico*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. *As Formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. São Paulo: UNICAMP, 1977.

PEDRO, Joana Maria. As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevilla. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, jan./abr. 2005.

_____. Mulheres do sul. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Palavras para crer: imaginários de sentido que falam do passado. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, n. 6, 2006. Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/document1499.html>>. Acesso em 19 ago. 2006.

- _____. *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru: EDUSC, 2004.
- _____. A construção de uma Porto Alegre imaginária: uma cidade entre a memória e a história. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et al (Org.). *Capítulos de história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- _____. (Org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- _____. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- _____. *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- _____. Lugares malditos: a cidade de outro no Sul brasileiro: Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 19, n. 37, set. 1999.
- PETRY, Leopoldo. *O Episódio do Ferrabraz: os mucker*. 2. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966.
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- _____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- PONTUAL, Virgínia. Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanas. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 42, 2001.
- PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Est. Graf. S. Terezinha, 1934.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- REINHEIMER, Dalva Neraci. Colônias alemãs, rios e Porto Alegre: um processo de integração e desenvolvimento no século XIX. SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISADORES DA HISTÓRIA DAS COMUNIDADES TEUTO-BRASILEIRAS, 4. e 5., 2002, Lajeado. *Anais...* Lajeado: Associação Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-brasileiras, 2002.
- ROCHE, Jean. *A Colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.
- RIBEIRO, José Iran. O mato como local de (in)segurança. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 10, n. 2, maio/ago. 2006.
- RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: UFRGS, 1993.
- SANMARTIN, Olyntho. O Capitão Dantas e o episódio dos Muckers. CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE SÃO LEOPOLDO (1846-1946), 1., 1947, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947.

SANT'Ana, Elma. A carta que nunca chegou. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, v. 85, n. 140, dez. 2005.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEPTIÉN, Valentina Torres; SILÍ, Yles. De cerro a montana santa: la construcción del monumento a Cristo Rey (1919-1960). In: *HISTORIA y grafía: espacios e historia*. Huixquilucan: Univesidad Iberoamericana, julho, 2004.

SCHMIDT, Benito Bisso. Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre história e memória. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 32, n. 1, jun. 2006.

SCHUMANN, Alseno. *As relações do município de São Leopoldo com o governo federal no período de 1930 a 1945*. 2001. Trabalho de Conclusão, Curso de História, Centro de Ciências Humanas. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2001.

SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2. ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, [19--].

_____. *Os Muckers*. 3. ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, [19--].

SCHRÖDER, Ferdinand. *A imigração alemã para o sul do Brasil até o ano de 1859*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS / São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora34, 2005.

SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

SILVA, Luis Martins da. Imprensa, discurso e interatividade. In: *O JORNAL da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo15, 1997.

SILVA, Justino A. F. da. Morte e cemitérios na história social das cidades. 1998. Monografia de Conclusão, Especialização em História Social da Cidade, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 1998.

SILVEIRA, Flávio L. A. da; LIMA FILHO, Manuel F. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma nas coisas” e a coisificação do objeto. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, jan./jun. 2005.

SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL, 1., 1974. **Anais...** São Leopoldo: Rotermund, 1974.

SOARES, Mozart Pereira. *O Positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte*. Porto Alegre: AGE/UFRGS, 1998.

SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

SORGENTINI, Hernán. Reflexión sobre la memoria y autorreflexión de la historia. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, 2003.

SWAIN, Tânia Navarro. Você disse imaginário? In: SWAIN, Tânia Navarro (Org.). *História no plural*. Brasília: UNB, 1994.

TEDESCO, João Carlos (Org.). *Usos de memórias: política, educação e identidade*. Passo Fundo, RS: UPF, 2002.

THEODORO, Janice. Canudos 100 anos depois: da vida comunitária ao surgimento dos movimentos fundamentalistas. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamín; ALEXANDRE, Isabel (Org.). *Canudos: palavra de Deus sonho da terra*. São Paulo: SENAC/ Boitempo Editorial, 1997.

TRAMONTINI, Marcos Justo. *A organização social dos imigrantes: a colônia de São Leopoldo na fase pioneira 1824 – 1850*. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.

TRUDA, Francisco de Leonardo. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1930.

TORRES, Andréa Sanhudo. *Imprensa: política e cidadania*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história: os protagonistas anônimos da história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Cultura e poder político: uma configuração do campo intelectual. In: OLIVEIRA, Lúcia L.; VELLOSO, Mônica P.; CASTRO GOMES, Ângela M. *Estado novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

VON KOSERITZ, Carlos. *A Fraude Mucker na colônia alemã: uma contribuição para a história da cultura da germanidade daqui*. *Koseritz Kalender*.

WASSERMAN, Claudia. O Rio Grande do Sul e as elites gaúchas na Primeira República: guerra civil e crise no bloco do poder. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et al (Org.). *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

XAVIER, Roseane. Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis? *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, jul./dez. 2002.

ZANIRATO, Sílvia Helena. A documentação fotojornalística na pesquisa histórica. *Trajetos*, Fortaleza, v. 2, n. 4, nov. 2003.

FONTES PRIMÁRIAS

- ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL - AHRIS

Ligeira Notícia sobre as Operações Militares contra os Muckers na Província do Rio Grande do Sul. Francisco C. de Santiago Dantas. Rio de Janeiro, 1877. Maço 152.

- MUSEU HISTÓRICO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO

Jornal CORREIO DE SÃO LEOPOLDO.

- MUSEU MUNICIPAL DE SAPIRANGA - MMS

Conjunto de documentos sobre a emancipação política de Saporanga.

Biblioteca Particular de Leopoldo Seffrin.

Acervo fotográfico.

Jornal DO COMÉRCIO.

Jornal O FERRABRAZ:

- O FERRABRAZ, n. 1, 01 dez. 1949.
- O FERRABRAZ, n. 2, 01 dez. 1949.
- O FERRABRAZ, n. 3, 31 jan. 1950.
- O FERRABRAZ, n. 5, 31 mar. 1950.
- O FERRABRAZ, n. 8, 30 jun. 1950.
- O FERRABRAZ, n. 9, 31 jul. 1950.
- O FERRABRAZ, n. 10, 31 ago. 1950.
- O FERRABRAZ, n. 11, 30 set. 1950.
- O FERRABRAZ, n. 12, 31 out. 1950.
- O FERRABRAZ, n. 15, 31 jan. 1951.
- O FERRABRAZ, n. 20, 30 jun. 1951.
- O FERRABRAZ, n. 21, 31 jul. 1951.
- O FERRABRAZ, n. 25, 30 nov. 1951.
- O FERRABRAZ, n. 27, 31 jan. 1952.
- O FERRABRAZ, n. 28, fev. 1952.
- O FERRABRAZ, n. 30, abr. 1952.
- O FERRABRAZ, n. 31, maio 1952.
- O FERRABRAZ, n. 34, ago. 1952.
- O FERRABRAZ, n. 35, set. 1952.
- O FERRABRAZ, n. 36, out. 1952.
- O FERRABRAZ, n. 45, jul. 1953.
- O FERRABRAZ, n. 55, maio 1954.
- O FERRABRAZ, n. 62, dez. 1954.
- O FERRABRAZ, n. 82, 18 maio 1956.

O FERRABRAZ, n. 117, 28 fev. 1959.
O FERRABRAZ, n. 126, 01 dez. 1959.
O FERRABRAZ, n. 129, 01 mar. 1960.
O FERRABRAZ, n. 130, abr. 1960.
O FERRABRAZ, n. 134, 01 ago. 1960.
O FERRABRAZ, n. 167, 15 out. 1962.
O FERRABRAZ, n. 169, 15 nov. 1962.
O FERRABRAZ, n. 216, 15 mar. 1964.
O FERRABRAZ, n. 234, 12 mar. 1965.
O FERRABRAZ, n. 240, 30 set. 1965.
O FERRABRAZ, v. 32, 05 mar. 1984.

- INSTITUTO ESTADUAL CORONEL GENUÍNO SAMPAIO
Conjunto de documentos sobre a criação e nomeação da Instituição.

- CLUBE 19 DE JULHO
Documentos referentes à criação da Instituição.

- Centro de Tradições Gaúchas – CTG Pedro Serrano
Estatuto da Entidade.
Acervo documental e fotográfico.

- Biblioteca Municipal Edwin Kuwer (Sapiranga)
JORNAL ZERO HORA
JORNAL NH
JORNAL JS.

ANEXOS

1. Imagem da página 77: SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d. p. 373.
2. Imagem da página 79: SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d, p. 25.
3. Imagem da página 81: SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d, 329.
4. Imagem da página 109: DOMINGUES, Moacyr. *A Nova Face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermund, 1977. p. 7.
5. Imagem da página 124: SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d. p. 147.
6. Imagem da página 147: Jornal *O FERRABRAZ*, 01 mar, n.129,p.5.
7. Imagem da página 151: Acervo Museu Municipal de Sapiranga.
8. Imagem da página 166: Capa do folder produzido para o lançamento do filme *A Paixão de Jacobina* em 2002.
9. Imagem da página 167: Verso do folder produzido para o lançamento do filme *A Paixão de Jacobina* em 2002.
10. Imagem da página 182 e 187: Fotografias feitas pelo autor.
11. Imagem da página 189: Acervo Museu Municipal de Sapiranga.
12. Imagem da página 191 a 253: Fotografias feitas pelo autor.
13. Imagem da página 265: *LUAR SOBRE O FERRABRAZ* (pastel oleoso sobre tela – 50x70cm) de Tânia Hanauer.
14. Imagem da página 265: *JACOBINA* (óleo sobre tela com textura acrílica – 50x70cm) de Tânia Hanauer.

15. Imagem da Página 266: *ROSAS PARA JACOBINA* (óleo sobre tela - 50x70cm) de Tânia Hanauer.

16. Imagem da página 267: *ROSAS PARA JACOBINA II* (óleo sobre tela – 80x80cm) de Tânia Hanauer.